



JOHN GRISHAM

Caminhos da lei

Pereira

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



JOHN
GRISHAM

Caminhos da lei

Poco

JOHN
GRISHAM

Caminhos da lei

Contos

Tradução de
ANA DEIRÓ

Rocco

CAMINHOS DA LEI
JOHN GRISHAM
Contos
Tradução de Ana Deiró
Título original *Ford County*

Esta é uma obra de ficção.

Nomes, personagens, negócios, organizações, lugares, acontecimentos e incidentes

são produtos da imaginação do autor ou foram usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas, vivas ou não, acontecimentos ou localidades é mera coincidência.

Copyright © 2009 by Belfry Holdings, Inc.

Preparação de originais VILMA HOMERO

CIP-Brasil. Catalogação na fonte. Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

G888c

Grisham, John, 1955—

Caminhos da lei: contos / John Grisham; tradução de Ana Deiró. – Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

Tradução de: *Ford County*

ISBN 978-85-325-2588-8

1. Conto norte-americano. I. Cardoso, Ana Lúcia Deiró. II. Título.

10-2883

CDD-813

CDU-821.111(73)-3

Todos os direitos reservados.

Direitos para a língua portuguesa reservados

com exclusividade para o Brasil à

EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar 20030-021 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br www.rocco.com.br

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

Orelhas

Em seu primeiro livro de contos, o best-seller John Grisham volta à fictícia região de Ford, cenário de seu primeiro livro, *Tempo de matar*. Aqui, Grisham dá nova vida ao interior do Mississippi, onde passou a infância, em sete histórias sobre leis, tribunais, julgamentos, cadeias, pessoas comuns e dramas nada banais.

Temperados com suspense e ironia, os contos trazem personagens bem construídos em sua humanidade. Aquele vizinho do lado, cuja história nos surpreende, ou o funcionário da loja de departamento mais próxima. Homens e mulheres cuja vida mediana e o conservadorismo são postos em xeque por ambição, ciúme ou tédio.

O humor está presente em *A corrida do sangue*, quando três amigos saem de casa para doar sangue a um conterrâneo acidentado e acabam sucumbindo às tentações da cidade grande. *Em busca de Raymond* mostra o drama de uma mãe que vai visitar o filho no dia de sua execução. E o que dizer da euforia de um advogado falido, no conto *Os arquivos-peixe*, diante da grande chance de sua vida?

Do reencontro de velhos adversários nos tribunais a uma dívida inusitada a ser acertada nas mesas de *blackjack*, Grisham diversifica a forma, mantendo-se fiel ao conteúdo instigante de suas histórias e exibindo grande vigor literário.

O primeiro livro de JOHN GRISHAM, *Tempo de matar*, nasceu de um depoimento ouvido no tribunal. Com 20 livros publicados em mais de duas décadas de carreira, Grisham tornou-se escritor em tempo integral e é um dos autores mais lidos dos Estados Unidos. Seus livros *A firma*, *O dossiê Pelicano*, *O cliente* e *O homem que fazia chover*, todos publicados pela Rocco, ganharam as telas do cinema e foram sucesso de público.

Para Bobby Moak



Quando Tempo de matar (Time to kill) foi publicado, há vinte anos, eu logo aprendi a dolorosa lição de que vender livros era bem mais difícil do que escrevê-los. Comprei mil exemplares e tive dificuldade até para dá-los. Arrumei os livros na mala de meu carro e saí vendendo-os como um mascate em bibliotecas, clubes campestres, mercearias e armazéns, cafeterias e um punhado de livrarias. Com frequência, fui ajudado por meu querido amigo Bobby Moak.

Há histórias que nunca contaremos.

Sumário

A corrida do sangue
Em busca de Raymond
Os arquivos-peixe
Cassino
O quarto de Michael
Quiet Haven
Garoto estranho

A corrida do sangue



QUANDO A NOTÍCIA DO ACIDENTE de Bailey afinal se espalhou pelo povoado rural de Box Hill, havia várias versões de como havia acontecido. Alguém da companhia construtora telefonou para sua mãe e relatou que ele havia se ferido quando um andaime desmoronara no pátio de obras de um prédio no centro de Memphis e que ele estava sendo submetido a uma cirurgia, mas que seu estado era estável e que se esperava que sobrevivesse. A mãe dele, uma inválida que pesava mais de cento e oitenta quilos e que se sabia ser uma pessoa nervosa, não registrou alguns dos fatos quando começou a gritar e a se desesperar. Ela ligou para amigos e vizinhos, e, a cada novo relato da trágica notícia, vários detalhes foram alterados e aumentados. Ela se esqueceu de anotar o número do telefone da pessoa da companhia, de modo que não havia ninguém para quem ligar para confirmar ou negar os rumores que se multiplicavam a cada minuto.

Um dos colegas de trabalho de Bailey, um outro rapaz do condado de Ford, ligou para a namorada em Box Hill e fez um relato que era um tanto diferente: Bailey tinha sido atropelado por um bulldôzer, que estava ao lado do andaime em que trabalhava e encontrava-se praticamente morto. Os cirurgiões estavam lhe dando todos os cuidados possíveis, mas a situação era grave.

Então, o administrador de um hospital em Memphis telefonou para a casa de Bailey, pediu para falar com sua mãe e disseram-lhe que ela estava recolhida ao leito, em estado de choque, abalada demais para falar, e sem condições de atender ao telefone. O vizinho que atendeu fez perguntas ao administrador tentando obter alguns detalhes, mas não conseguiu lhe arrancar quase nada. Alguma coisa havia desmoronado no terreno de uma obra, talvez uma vala onde o rapaz estivera trabalhando, ou alguma coisa semelhante. Sim, ele estava sendo submetido a uma cirurgia, e o hospital precisava de informações básicas.

A pequena casinha de tijolos da mãe de Bailey rapidamente se tornou um local movimentado. Visitantes começaram a chegar no

final da tarde: amigos, parentes e vários pastores das minúsculas igrejas espalhadas ao redor de Box Hill. As mulheres se reuniram na cozinha e na sala e bisbilhotaram sem parar, enquanto o telefone tocava constantemente. Os homens se agruparam do lado de fora e fumaram cigarros. Caçarolas de ensopado de carne e bolos começaram a aparecer.

Com pouco o que fazer e com escassas informações sobre os ferimentos de Bailey, os visitantes se agarravam a cada minúsculo fato, analisavam-no, dissecavam-no, depois o passavam adiante para as mulheres dentro de casa ou para os homens do lado de fora. Uma perna estava mutilada e provavelmente seria amputada. Havia uma grave lesão cerebral. Bailey caíra quatro andares com o andaime, ou talvez fossem oito.

Seu tórax tinha sido esmagado. Alguns dos fatos e teorias eram simplesmente inventados na hora. Houve até algumas perguntas sombrias sobre providências para o funeral.

Bailey tinha dezenove anos e, em sua breve vida, nunca tivera tantos amigos e admiradores. A comunidade inteira o adorava cada vez mais à medida que as horas passavam. Ele era um bom garoto, bem-criado e educado, uma pessoa muito melhor que a triste figura de seu pai, um homem que ninguém via por anos.

A ex-namorada de Bailey apareceu e logo se tornou o centro das atenções. Ela estava aflita e consternada e chorava com facilidade, sobretudo quando falava sobre seu adorado Bailey. Contudo, quando a notícia chegou ao quarto e a mãe dele soube que a guriazinha vagabunda estava na casa, deu ordens para que se retirasse.

A guriazinha vagabunda então foi ficar com os homens do lado de fora, flertando e fumando. Afinal, ela foi embora, jurando que ia dirigir até Memphis e ver seu Bailey.

O primo de um vizinho morava em Memphis e este primo, relutantemente, concordou em ir ao hospital e monitorar as coisas. Seu primeiro telefonema trouxe a notícia de que o rapaz estava de fato sendo submetido a uma cirurgia devido a múltiplos ferimentos, mas seu estado parecia estável. Tinha perdido muito sangue. Na segunda chamada, o primo esclareceu alguns fatos. Ele tinha falado com o encarregado da obra e soubera que Bailey havia sido ferido quando um buldôzer se chocara contra o andaime, derrubando-o e fazendo o rapaz levar uma queda de quatro metros e meio, até o fundo de algum tipo de vala. Eles estavam pondo os tijolos em um prédio de escritórios de seis andares em Memphis, e Bailey trabalhava como auxiliar de pedreiro. O hospital não permitiria visitas por pelo menos vinte e quatro horas, mas precisava de doações de sangue.

Auxiliar de pedreiro? A mãe de Bailey havia se gabado de que ele tinha sido rapidamente promovido na companhia e que agora era ajudante de mestre de obras. Contudo, no espírito do momento, ninguém lhe fez perguntas sobre aquela discrepância.

Depois que anoiteceu, um homem de terno apareceu e explicou que era uma espécie de investigador. Foi conduzido a um tio, o irmão mais moço da mãe de Bailey, e, numa conversa particular no quintal da casa, entregou um cartão de visita de um advogado em Clanton.

— É o melhor advogado do condado — declarou. — E já estamos trabalhando no caso.

O tio ficou impressionado e prometeu rechaçar outros advogados — “um bando de abutres de porta de hospital” — e botar para correr qualquer perito de sinistro representando a seguradora que aparecesse. Afinal, falou-se em uma viagem a Memphis. Embora ficasse apenas a duas horas de carro, poderia ter ficado a cinco. Em Box Hill, ir à cidade grande significava dirigir uma hora até Tupelo, com cinquenta mil habitantes. Memphis ficava em outro estado, outro mundo, e, além disso, por lá o crime grassava. O índice de assassinatos era o mesmo de Detroit. Eles assistiam à carnificina toda noite no Canal 5.

A mãe de Bailey se tornava mais incapacitada a cada momento e, claramente, não tinha condições de viajar, quanto mais doar sangue. A irmã dela morava em Clanton, mas não podia deixar os filhos. O dia seguinte era sexta-feira, um dia útil, e a opinião geral era de que uma viagem como aquela de ida e volta a Memphis e mais a doação de sangue levariam muitas horas e, bem, ninguém sabia quando os doadores poderiam estar de volta ao condado de Ford.

Outra chamada de Memphis trouxe a notícia de que o rapaz saíra da cirurgia, ainda corria risco de vida e ainda precisava desesperadamente de sangue. Quando afinal esta informação chegou aos homens papeando na entrada, pareceu que o pobre Bailey poderia morrer a qualquer minuto a menos que seus parentes e amigos corressem para o hospital e abrissem as veias.

Um herói surgiu rapidamente. Seu nome era Wayne Agnor, que afirmava ser amigo íntimo de Bailey e que desde que nascera era conhecido como Aggie. Ele trabalhava numa oficina de lanternagem com o pai e, por causa disso, tinha um horário de trabalho flexível, o que lhe permitiria uma viagem rápida a Memphis. Também tinha uma picape, um Dodge modelo antigo, e afirmava conhecer Memphis como a palma da mão.

— Posso ir agora, neste instante — disse Aggie todo orgulhoso para o grupo, e espalhou-se a notícia pela casa de que uma viagem

estava em vias de se concretizar.

Uma das mulheres acalmou as coisas quando explicou que seriam necessários vários voluntários, uma vez que o hospital só extrairia meio litro de cada doador.

— Não se pode doar três litros — explicou ela. Muito poucos já haviam de fato doado sangue e a ideia de agulhas e tubos assustou vários. A casa e o quintal da frente ficaram muito silenciosos. Vizinhos preocupados que tinham sido tão íntimos de Bailey apenas momentos antes começaram a procurar se afastar.

— Eu também vou — disse outro rapaz finalmente e foi imediatamente parabenizado. O nome dele era Calvin Marr e seu horário de trabalho também era flexível, mas por motivos diferentes — Calvin tinha sido dispensado da fábrica de sapatos em Clanton e estava vivendo de seguro desemprego. Ele tinha um medo mortal de agulhas, mas sentia-se fascinado pela aventura de ver Memphis pela primeira vez. Ficaria honrado por doar sangue.

A ideia de ter um companheiro de viagem deixou Aggie encorajado e animado, e ele apresentou o desafio: — Mais alguém? Houve um murmúrio coletivo enquanto a maioria dos homens examinava os sapatos.

— Iremos na minha picape e eu pago a gasolina — prosseguiu Aggie.

— A que horas vamos sair? — perguntou Calvin.

— Agora mesmo — respondeu Aggie. — É uma emergência.

— Isso mesmo — acrescentou alguém.

— Vou mandar o Roger — ofereceu um senhor mais velho, e isso foi recebido com ceticismo. Roger, que não estava presente, não tinha emprego com que se preocupar porque não era capaz de durar num emprego. Tinha abandonado a escola no secundário e era dono de um histórico em que figurava ser viciado em álcool e drogas. Agulhas com certeza não o intimidariam.

Embora os homens em geral tivessem muito pouco conhecimento sobre transfusões, a simples ideia de uma vítima estar tão gravemente ferida a ponto de precisar do sangue de Roger era difícil de imaginar.

— Está tentando matar Bailey? — perguntou um deles.

— Roger vai — disse o pai com orgulho.

A grande questão era: “Ele estará sóbrio?” As batalhas de Roger contra seus demônios eram amplamente conhecidas e debatidas em Box Hill. A maioria das pessoas sabia de maneira geral quando ele andava bebendo e quando não andava.

— Ultimamente, ele está em boa forma — prosseguiu seu pai, embora com uma visível falta de convicção. Mas a urgência do momento superou qualquer dúvida.

Afinal, Aggie perguntou: — Onde está ele?

— Em casa.

É claro que ele estava em casa. Roger nunca saía de casa. Para onde iria?

Em poucos minutos, as senhoras prepararam uma grande caixa de sanduíches e outros acepipes. Aggie e Calvin foram abraçados, parabenizados e paparicados como se estivessem a ponto de marchar para defender o país. Quando saíram em velocidade para ir salvar a vida de Bailey, todo mundo estava na frente da casa, acenando para se despedir dos bravos rapazes.

Roger estava esperando junto da caixa de correio e, quando a picafe parou, ele se inclinou apoiado na janela do carona e perguntou: — Vamos passar a noite?

— Não estou planejando isso — respondeu Aggie.

— Ótimo.

Depois de algum debate, chegou-se a um acordo de que Roger, que era mais esguio de corpo, se sentaria no meio, entre Aggie e Calvin, que eram bem maiores e mais corpulentos. Puseram a caixa de comida em seu colo, e, antes de chegarem a mais de um quilômetro e meio de Box Hill, Roger já estava desembulhando um sanduíche de peru. Aos vinte e sete anos, ele era o mais velho dos três, mas a vida não havia sido gentil com ele. Já passara por dois divórcios e numerosos esforços sem sucesso para livrá-lo de seus vícios. Era magro e agitado e, tão logo acabou o primeiro sanduíche, desembulhou o segundo. Aggie, com cento e dez quilos, e Calvin, com cento e vinte, declinaram. Havia comido ensopado durante as últimas duas horas na casa da mãe de Bailey.

A primeira conversa foi sobre Bailey, um homem que Roger mal conhecia, mas de quem tanto Aggie quanto Calvin tinham sido colegas de escola. Uma vez que os três homens eram solteiros, a conversa rapidamente se desviou do vizinho acidentado e se encaminhou para sexo. Aggie tinha uma namorada e afirmava estar gozando de todos os benefícios de um bom caso de amor. Roger já tinha andado com mulheres de todos os tipos e sempre andava atrás de alguém dando sopa. Calvin, o tímido, ainda era virgem, embora jamais fosse admitir. Ele mentiu sobre um par de conquistas, sem entrar em muitos detalhes, e isso o manteve na conversa. Todos os três estavam exagerando e sabiam disso.

Quando entraram no condado de Polk, Roger disse: — Dê uma parada no Blue Dot. Preciso ir ao banheiro. — Aggie estacionou diante das bombas de gasolina de uma loja de conveniência e Roger entrou correndo.



— Acha que ele ainda está bebendo? — perguntou Calvin, enquanto esperavam.

— O pai dele disse que não.

— O pai dele também mente.

E não deu outra, Roger emergiu minutos depois com uma embalagem de seis latas de cerveja.

— Puxa vida — resmungou Aggie. Depois que se acomodaram de novo, a picape deixou o estacionamento de cascalho e ganhou velocidade.

Roger tirou uma lata e a ofereceu a Aggie, que declinou. — Não obrigado, estou dirigindo.

— Você não pode beber e dirigir?

— Não hoje.

— E você? — perguntou, oferecendo a lata a Calvin.

— Não, obrigado.

— Vocês estão no AA ou coisa parecida? — perguntou Roger, enquanto abria e engolia em um gole quase metade da lata.

— Pensei que você tivesse parado — falou Aggie.

— Eu parei. Eu sempre paro. Parar é fácil.

Calvin agora estava segurando a caixa de comida e, por falta do que fazer, começou a comer um cookie de aveia.

Roger acabou com a primeira lata, então a passou para Calvin e pediu:

— Jogue fora, por favor.

Calvin baixou o vidro da janela e atirou a lata vazia na caçamba da picape. Quando acabou de subir a janela, Roger estava abrindo outra.

Aggie e Calvin trocaram olhares nervosos.

— Você pode doar sangue se tiver bebido? — perguntou Aggie.

— É claro que pode — respondeu Roger. — Já fiz isso muitas vezes. Vocês nunca doaram sangue?

Aggie e Calvin admitiram com relutância que nunca, o que inspirou Roger a descrever o procedimento.

— Eles fazem você se deitar porque a maioria das pessoas desmaia. A droga da agulha é tão grande, que muita gente desmaia só de ver. Então, amarram uma tira grossa de borracha em volta de seu bíceps, depois a enfermeira apalpa a parte de dentro de seu antebraço em busca de uma veia bem grande e gorda. É melhor

olhar para o outro lado. Nove vezes em dez ela enfia a agulha e não acerta a veia... Dói como o diabo. Então, ela pede desculpas enquanto você xinga baixinho. Se você tiver sorte, ela acerta a veia da segunda vez e, quando acerta, o sangue sai jorrando por um tubo que entra em um pequeno saco. Tudo é transparente, de modo que você pode ver seu sangue. É incrível como é escuro, de uma cor meio marrom-escura. Leva uma vida para tirar meio litro, e, o tempo todo, ela está com a agulha na sua veia. — Ele tomou um gole da cerveja, satisfeito com o relato assustador do que esperava por eles.

Seguiram em silêncio por vários quilômetros. Quando a segunda lata ficou vazia, Calvin a atirou para trás e Roger abriu a terceira.

— Cerveja, na verdade, ajuda — disse Roger, enquanto estalava os lábios. — Afina o sangue e faz a coisa inteira andar mais depressa.

Estava começando a se tornar claro que ele planejava dar cabo das seis latas o mais rápido possível. Aggie estava pensando que talvez fosse indicado diluir um pouco do álcool. Tinha ouvido histórias sobre as tremendas bebedeiras de Roger.

— Vou tomar uma dessas — falou, e Roger rapidamente lhe passou uma cerveja.

— Acho que eu também — disse Calvin. — Agora vamos ficar numa boa — disse Roger. — Não gosto de beber sozinho. É o primeiro sintoma de um bêbado descontrolado.

Aggie e Calvin beberam responsavelmente enquanto Roger continuou a beber sem parar. Quando as seis latas acabaram, ele anunciou, com perfeita antecedência:

— Preciso ir ao banheiro. Dê uma parada ali na Cully's Barbecue. — Eles estavam nos arredores da cidadezinha de New Grove, e Aggie começava a se perguntar quanto tempo levaria a viagem. Roger desapareceu nos fundos da loja, aliviou-se, então deu uma entrada rápida e comprou mais duas embalagens de seis latas. Quando New Grove ficou para trás, eles abriram as latas e aceleraram pela estrada escura e estreita.

— Vocês já estiveram nos clubes de strip-tease de Memphis? — perguntou Roger.

— Nunca estive em Memphis — admitiu Calvin.

— Você está brincando.

— Não.

— E você?

— É, eu já estive num desses clubes — disse Aggie com orgulho.

— Qual?

— Não me lembro do nome. São todos iguais.

— Você está errado quanto a isso — corrigiu Roger e então

praticamente gargarejou mais uma enorme golada de cerveja. — Alguns têm umas garotas deslumbrantes com corpos maravilhosos; outros têm prostitutas comuns de beira de estrada que não sabem dançar.

Isso deu ensejo a um longo debate sobre a história do strip-tease legalizado em Memphis, ou, pelo menos, a versão de Roger da história. Nos primeiros tempos, as garotas podiam tirar tudo, cada fiapo, e então saltar sobre sua mesa para uma dança pulsante, requebrada, provocante, ao som de música alta, de luzes estroboscópicas e estrondosos aplausos dos rapazes. Então, as leis foram mudadas e biquínis fio dental tornaram-se obrigatórios, mas eram ignorados em certas boates. Dançar na mesa tinha cedido lugar à *lap dance*, que tinha criado um novo conjunto de leis sobre contato físico com as garotas. Quando acabou de contar a história, Roger recitou os nomes de meia dúzia de boates que afirmava conhecer bem, então ofereceu um sumário impressionante sobre as dançarinas. Fez isso numa linguagem detalhada e bastante descritiva e, quando finalmente terminou, os outros dois estavam precisados de mais uma cerveja.

Calvin, que tivera muito pouca experiência de tocar em corpos femininos, estava fascinado com a conversa. Ele também estava contando as latas que Roger estava consumindo, e, quando o número chegou a seis — em cerca de uma hora —, Calvin teve vontade de dizer alguma coisa, em vez disso, ficou ouvindo aquele camarada tão mais experiente, um homem que parecia ter um apetite inesgotável por cerveja e que conseguia bebê-la em grandes goladas enquanto descrevia garotas nuas com detalhes espantosos.

Por fim, a conversa retornou ao ponto original e Roger disse: — Provavelmente teremos tempo de dar uma passada no Desperado depois que acabarmos no hospital, sabem, só para tomar uns drinques e talvez assistir a uma ou duas danças.

Aggie dirigia com o punho direito frouxo sobre a direção e uma cerveja na mão esquerda. Ele examinou a estrada à sua frente e não respondeu à sugestão. Sua namorada teria um ataque, berraria com ele e lhe atiraria coisas se soubesse que tinha gastado dinheiro indo a uma boate para ver dançarinas tirarem as roupas. Calvin, contudo, ficou subitamente nervoso de expectativa.

— Parece boa ideia — disse.

— Claro — acrescentou Aggie, mas só por dizer. Um carro se aproximou da outra direção, e, pouco antes de passar por eles, Aggie sem querer permitiu que a roda esquerda da frente da picape tocasse na faixa amarela no centro da estrada. Então, corrigiu com um tranco. O outro carro se desviou rapidamente.

— Aquele era um carro de polícia! — berrou Aggie. Ele e Roger

viraram a cabeça para uma olhada rápida. O outro carro estava parando abruptamente, as luzes do freio todas acesas.

— Com certeza é — disse Roger.

— Polícia do condado. Vamos!

— Ele está vindo atrás de nós — disse Calvin em pânico.

— Luzes azuis! Luzes azuis! — gritou Roger com estridência. —

Ai merda!

Aggie instintivamente acelerou o motor e o grande Dodge rugiu ultrapassando uma colina.

— Você tem certeza de que é uma boa ideia? — perguntou.

— Apenas trate de dar o fora — berrou Roger.

— Temos latas de cerveja por todo lado — acrescentou Calvin.

— Mas eu não estou bêbado — insistiu Aggie. — Fugir só vai tornar as coisas piores.

— Nós já estamos fugindo — disse Roger. — Agora, a coisa importante é não sermos apanhados. — E, com isso, esvaziou mais uma lata como se pudesse ser a última.

A picape atingiu cento e trinta quilômetros por hora, depois cento e quarenta, à medida que voava sobre um trecho plano da estrada. — Ele está vindo depressa.

— Aggie olhou pelo espelho retrovisor, então de volta para a estrada adiante. — Luzes azuis piscando a toda.

Calvin baixou o vidro da janela e disse: — Vamos jogar fora a cerveja!

— Não! — gritou Roger. — Você está maluco? Ele não tem como nos alcançar. Mais depressa, mais depressa!

A picape voou sobre uma pequena elevação e quase decolou da estrada, então cantou pneu numa curva fechada e derrapou ligeiramente de traseira, o suficiente para Calvin dizer:

— A gente vai se matar.

— Cale a boca — ordenou Roger. — Procure uma entrada para carros. Vamos nos esconder.

— Ali adiante tem uma caixa de correio — disse Aggie e pisou no freio. O policial estava segundos atrás deles, mas fora de vista.

Eles viraram bruscamente à direita, e os faróis da picape iluminaram uma pequena casa de fazenda escondida atrás de enormes carvalhos.

— Apague os faróis — ordenou Roger, como se já tivesse estado naquela situação muitas vezes. Aggie desligou o motor, apagou os faróis e a picape avançou silenciosamente pela curta entrada de terra batida e foi parar ao lado da picape Ford de propriedade do Sr. Buford M. Gates, de Estrada 5, Owensville, Mississippi.

O carro da radiopatrulha passou voando por eles sem reduzir, as luzes azuis acesas e piscando, mas a sirene ainda desligada. Os três

doadores se abaixaram no banco; depois de as luzes terem desaparecido havia muito tempo, lentamente eles levantaram a cabeça.

A casa que haviam escolhido estava escura e silenciosa. Evidentemente não era protegida por cães. Até a luz da varanda da frente estava apagada.

— Bom trabalho — disse Roger baixinho quando eles começaram a respirar de novo.

— Nós demos sorte — sussurrou Aggie. Eles observaram a casa, ficaram ouvindo os sons da estrada e, depois de alguns minutos de maravilhoso silêncio, concordaram que de fato tinham tido muita sorte.

— Quanto tempo vamos esperar aqui? — perguntou finalmente Calvin.

— Não muito tempo — disse Aggie, enquanto olhava para as janelas da casa.

— Estou ouvindo um carro — disse Calvin, e as três cabeças se abaixaram e se esconderam de novo. Segundos se passaram e o policial passou em velocidade, vindo da direção oposta, as luzes piscando, mas ainda sem sirene.

— O filho da mãe está nos procurando — resmungou Roger.

— É claro que está — disse Aggie.

O som do carro da radiopatrulha desapareceu na distância, e as três cabeças lentamente se ergueram no Dodge, então Roger falou.

— Preciso mijar.

— Não aqui — objetou Calvin.

— Abra a porta — insistiu Roger.

— Você não pode esperar?

— Não.

Calvin lentamente abriu a porta do carona, saltou e observou enquanto Roger seguia até a lateral do Ford picape do Sr. Gates e começava a urinar na roda direita dianteira.

Ao contrário do marido, a Sra. Gates tinha o sono leve. Teve certeza de ter ouvido alguma coisa lá fora e, quando despertou por completo, ficou ainda mais convencida disso. Buford estivera roncando por uma hora, mas ela finalmente conseguiu tirá-lo de seu sono pesado. Ele enfiou a mão debaixo da cama e pegou a espingarda.

Roger ainda estava urinando quando uma luzinha se acendeu na cozinha. Os três viram a luz imediatamente.

— Corra! — sussurrou Aggie pela janela, então agarrou a chave e girou na ignição. Calvin saltou de volta para dentro da picape, resmungando.

— Vai, vai, vai! — enquanto Aggie passava a ré e enfiava o pé

no acelerador. Roger levantou as calças enquanto corria para o Dodge. Ele se atirou sobre a borda e aterrisou pesadamente na caçamba, em meio às latas de cerveja vazias, então se segurou, enquanto a picape saía voando pela entrada para carros de volta à estrada. A picape estava diante da caixa de correio quando a porta da frente se abriu silenciosamente e um velho empurrou a tela.

— Ele está armado — avisou Calvin.

— Que azar — disse Aggie enquanto enfiava a primeira e saía cantando pneu por quinze metros e eles conseguiam escapar. Um quilômetro e meio adiante, Aggie entrou numa estradinha secundária estreita e desligou o motor. Os três saltaram e esticaram os músculos e deram boas gargalhadas da escapada por um triz. Riram alto e nervosamente e se esforçaram para acreditar que não tinham ficado nem um pouco assustados. Teceram especulações sobre onde o policial poderia estar naquele momento. Limparam a caçamba da picape e deixaram as latas vazias numa vala. Dez minutos se passaram e não viram sinal do policial.

Aggie afinal abordou a questão básica.

— Temos que chegar a Memphis, companheiros.

Calvin, mais curioso com o Desperado do que com o hospital, acrescentou: — Temos mesmo. Está ficando tarde.

Roger se imobilizou no meio da estrada e disse: — Perdi minha carteira.

— O quê?

— Deixei cair minha carteira.

— Onde?

— Lá atrás. Deve ter caído quando eu estava mijando.

Havia uma grande chance de que a carteira de Roger não contivesse nada de valor — nenhum dinheiro, carteira de motorista, cartões de crédito, nem carteiras de sócio de nenhum tipo, talvez nada mais útil que uma camisinha. E Aggie quase perguntou: “O que tem dentro dela?”

Mas não perguntou porque sabia que Roger afirmaria que a carteira estava cheia de objetos de valor.

— Tenho que ir buscá-la.

— Tem certeza? — perguntou Calvin.

— Está com meu dinheiro, carteira de motorista, cartões de crédito, tudo.

— Mas o velho tinha uma arma.

— E, quando o sol nascer, o velho vai encontrar minha carteira, chamar o xerife, que vai ligar para o condado de Ford e estaremos fritos. Você é um bocado burro, sabe.

— Pelo menos, não perdi a carteira.

— Ele tem razão — disse Aggie. — Ele tem que ir buscá-la. —

Foi devidamente observado pelos outros dois que Aggie havia enfatizado o “ele” e não dissera nada sobre “nós”.

— Você não está com medo, está, tigrão? — Roger perguntou a Calvin.

— Não estou com medo, porque não vou voltar.

— Acho que você está com medo.

— Parem com isso — disse Aggie. — O que vamos fazer é o seguinte: vamos esperar até que o velho tenha tempo para voltar para a cama, então iremos devagarzinho pela estrada, chegaremos perto da casa, mas não muito perto, pararemos a picafe e então você pode se esgueirar de mansinho pela entrada para carros, encontrar sua carteira e daremos o fora.

— Aposto que não tem nada na carteira — falou Calvin.

— E eu aposto que tem mais dinheiro que a sua — rebateu Roger, enquanto enfiava a mão dentro da picafe para pegar outra cerveja.

— Parem com isso — disse Aggie de novo.

Eles ficaram parados ao lado da picafe, bebericando cerveja e observando a estrada deserta ao longe, e, depois de quinze minutos que pareceram uma hora, embarcaram na picafe, com Roger na caçamba. A quatrocentos metros da casa, Aggie estacionou a picafe num trecho plano da estrada.

Desligou o motor de modo que pudessem ouvir qualquer veículo que se aproximasse.

— Não dá para você chegar mais perto? — perguntou Roger, parado ao lado da porta do motorista.

— É logo depois daquela curva ali — disse Aggie. — Se chegar mais perto, ele pode ouvir.

Os três olharam fixamente para a estrada escura. Uma meia-lua saiu e se escondeu atrás das nuvens.

— Você tem uma arma? — perguntou Roger.

— Tenho uma arma — respondeu Aggie. — Mas você não vai botar as mãos nela. Trate apenas de ir de mansinho até a casa e voltar. Não é nada tão difícil. O velho já deve estar dormindo.

— Você não está com medo, está? — acrescentou Calvin para ajudar.

— Claro que não. — E, com isso, Roger desapareceu na escuridão. Aggie ligou o motor da picafe, com as luzes apagadas, e a manobrou de modo a deixá-la virada na direção de Memphis. Então, desligou o motor e, com as duas janelas abertas, eles ficaram esperando.

— Ele tomou oito cervejas — disse Calvin, baixinho. — Está bêbado como um gambá.

— Mas ele sabe beber.

- Ele teve muita prática. Talvez o velho o apanhe desta vez.
- Isso não me incomodaria, mas então nós seríamos apanhados.
- Por que, exatamente, ele por acaso foi convidado?
- Cale a boca. Temos que prestar atenção no ruído do tráfego.



Roger saiu da estrada quando a caixa de correio surgiu à vista. Pulou para dentro de uma vala e então seguiu agachado por uma plantação de feijão ao lado da casa. Se o velho ainda estivesse de vigia, os olhos dele estariam na entrada para carros, certo? Espertamente Roger decidiu que se esgueiraria pelos fundos. Todas as luzes estavam apagadas. A casinha estava tranquila e silenciosa. Nem uma criatura se movia. Em meio às sombras dos carvalhos, Roger avançou pela grama molhada até avistar a picate Ford. Ele se deteve atrás de um galpão de ferramentas, recuperou o fôlego e se deu conta de que precisava urinar de novo. *Não*, disse a si mesmo, *teria que esperar*. Ficou orgulhoso — tinha chegado até ali sem fazer nenhum ruído. Então, apavorou-se de novo — que diabo estava fazendo? Respirou fundo, então se agachou e continuou sua missão. Quando a picate estava entre ele e a casa, pôs-se de quatro e começou a avançar, Tateando o caminho sobre o cascalho fino até o final da entrada para carros.

Roger moveu-se devagar à medida que o cascalho rangia sob seu peso. Praguejou quando suas mãos ficaram molhadas perto do pneu dianteiro. Quando tocou em sua carteira, sorriu e a enfiou rapidamente no bolso de trás da calça jeans. Fez uma pausa, respirou fundo e começou sua retirada silenciosa.

Em meio ao sossego da noite, o Sr. Buford Gates ouviu todo tipo de ruídos, alguns reais, outros imaginários, conjurados pelas circunstâncias. Os gamos eram os donos do pedaço e ele pensou que talvez estivessem circulando por ali, em busca de relva para pastar e bagas para comer. Então, ouviu algo diferente. Lentamente saiu de seu esconderijo na varanda lateral, levantou a espingarda apontada para o céu e disparou dois tiros para a lua, só pelo prazer de atirar.

Na calma perfeita do meio da noite, os tiros troaram como morteiros — estrondos mortíferos que ecoaram num raio de quilômetros.

Mais abaixo na estrada, não muito longe, um súbito cantar de pneus se seguiu aos tiros e, pelo menos para Buford, o som de borracha queimada no asfalto pareceu igualzinho ao que tinha

ouvido apenas vinte minutos antes, diretamente em frente à casa.

Eles ainda estão por aqui, disse consigo mesmo. A Sra. Gates abriu a porta lateral e chamou: — Buford!

— Acho que eles ainda estão por aqui — falou, recarregando a Browning calibre 16.

— Você os viu?

— Talvez.

— Como assim, talvez? Em que você está atirando?

— Trate de entrar, está bem?

A porta bateu. Roger estava debaixo da picape Ford, prendendo a respiração, apertando a virilha, suando profusamente enquanto tentava decidir com urgência se devia se agarrar na engrenagem do carro apenas centímetros acima dele ou cavar uma saída em meio ao cascalho fino abaixo. Mas não se moveu. Os estrondos sônicos ainda faziam zunir seus ouvidos. O cantar de pneus dos amigos covardes o fez praguejar. Ele estava com medo de respirar.

Ouviu a porta se abrir de novo e a mulher dizer: — Tome aqui a lanterna. Talvez assim possa ver em que está atirando.

— Apenas trate de entrar, aproveite e ligue para o xerife.

A porta bateu novamente enquanto a mulher tagarelava. Mais ou menos um minuto depois, ela voltou.

— Liguei para o gabinete do xerife. Disseram que Dudley está fora, fazendo patrulha em algum lugar.

— Vá buscar as chaves da minha picape — disse o homem. — Vou dar uma olhada na estrada.

— Você não pode dirigir à noite.

— Vá buscar as malditas chaves, mulher.

A porta bateu mais uma vez. Roger tentou rastejar para trás, mas o cascalho fazia muito barulho. Tentou avançar na direção das vozes, mas de novo havia o som de farfalhar, atrito de pedras e estalos demais. De modo que decidiu esperar. Se a picape comesse a se mover de ré, ele esperaria até o último segundo possível, agarraria o para-choque dianteiro enquanto ela se movesse acima dele e seria arrastado por alguns metros até que pudesse escapar e fugir correndo em meio à escuridão. Se o velho o visse, levaria vários segundos para parar, pegar a arma, saltar e sair atrás dele. A esta altura, Roger estaria perdido no meio da mata. Era um plano e podia funcionar. Por outro lado, ele poderia ser esmagado pelos pneus, arrastado até a estrada ou simplesmente levar um tiro.

Buford saiu da varanda e começou a vasculhar a escuridão com a lanterna. Da porta, a Sra. Gates gritou: — Escondi suas chaves. Você não pode dirigir à noite.

Isso, boa garota, pensou Roger.

— É melhor você me trazer as malditas chaves.

— Eu escondi.

Buford estava resmungando na escuridão.



O Dodge seguiu correndo freneticamente por vários quilômetros antes que Aggie finalmente reduzisse um pouco a velocidade e dissesse:

— Você sabe que temos que voltar.

— Por quê?

— Se ele tiver levado um tiro, temos que explicar o que aconteceu e cuidar dos detalhes.

— Espero que ele tenha levado um tiro e, se tiver levado, que não possa falar. Se ele não puder falar, não vai poder nos dedurar. Vamos embora para Memphis.

— Não. — Aggie fez meia-volta e eles seguiram em silêncio até que alcançaram a mesma estradinha secundária onde tinham parado antes. Perto de uma cerca, se sentaram no capô e contemplaram o que fariam a seguir. Não demorou muito e ouviram uma sirene, então viram luzes azuis piscando passarem rapidamente pela estrada.

— Se a ambulância vier a seguir, então estaremos numa encrenca séria — disse Aggie.

— E Roger também.

Quando Roger ouviu a sirene, entrou em pânico. Mas, à medida que se aproximava, ele se deu conta de que ela encobriria parte do barulho que precisaria fazer para escapar. Encontrou uma pedra, arrastou-se até o lado da picape e a atirou na direção da casa. A pedra acertou alguma coisa, levando o Sr. Gates a dizer: — O que foi isso? — e correr de volta para a varanda lateral.

Roger rastejou como uma cobra debaixo da picape, em meio à urina que havia deixado antes, em meio à grama molhada, até um carvalho, justo no instante em que Dudley, o assistente do xerife, chegou ao local com o motor rugindo. Ele freou, virou violentamente na entrada para carros, levantando cascalho e poeira. A comoção salvou Roger. O Sr. e a Sra. Gates saíram correndo para receber Dudley, enquanto Roger se embrenhou na escuridão. Segundos depois, ele estava atrás de uma fileira de arbustos, depois tinha passado por um velho celeiro, e então estava perdido numa plantação de feijão. Meia hora se passou.

— Acho que devemos apenas ir até a casa e contar tudo a eles.

Assim saberemos se ele está bem. — Aggie disse: — Mas eles não vão nos acusar de resistir à prisão e provavelmente de dirigir embriagados para completar? — perguntou Calvin.

— Então, o que você sugere?

— O homem do xerife agora provavelmente já foi embora. Não ter aparecido ambulância significa que Roger está bem, seja lá onde estiver. Aposto que está escondido em algum lugar. Sugiro que a gente dê uma passada perto da casa, dê uma boa olhada e então siga para Memphis.

— Vale a pena tentar.

Eles encontraram Roger andando pelo acostamento da estrada, manquejando, em direção a Memphis. Depois de algumas palavras duras por parte dos três, decidiram seguir adiante. Roger ocupou sua posição no meio; Calvin ficou junto à porta. Viajaram por dez minutos antes que alguém dissesse uma palavra.

Todos os olhos estavam fixos, olhando para a frente. Todos os três estavam de cabeça quente, fulos da vida.

O rosto de Roger estava arranhado e coberto de sangue. Ele fedia a suor e urina, suas roupas estavam cobertas de terra e lama.

Depois de alguns quilômetros, Calvin baixou o vidro da janela; depois de mais alguns quilômetros, Roger disse: — Por que você não fecha esta janela?

— Precisamos de ar fresco — explicou Calvin.

Pararam para comprar mais um pacote de seis latas de cerveja para acalmar os nervos e, depois de alguns drinques, Calvin perguntou:

— Ele atirou em você?

— Não sei — respondeu Roger. — Em nenhum momento eu o vi.

— Soou como se fosse um canhão.

— Você devia ter ouvido de onde eu estava.

Diante disso, Aggie e Calvin acharam graça e desataram a rir. Roger, com os nervos acalmados, achou o riso deles contagiante e logo estavam todos três às gargalhadas, rindo do velho com a espingarda e da esposa que escondera as chaves da picape e provavelmente salvara a vida de Roger. E a ideia de Dudley, o assistente do xerife, ainda rodando a toda para lá e para cá pela estrada; com as luzes pisca-pisca acesas, os fez rir ainda mais gostosamente.

Aggie estava se mantendo nas estradas secundárias e, quando uma delas cruzou com a autoestrada 78, perto de Memphis, eles aceleraram para a rampa de entrada e se juntaram ao tráfego na estrada de quatro pistas.

— Tem um posto de parada de caminhões logo adiante — falou

Roger. — Preciso me lavar.

Lá, ele comprou uma camiseta Nascar e um boné, depois lavou e enxaguou o rosto e as mãos no banheiro masculino. Quando voltou para a picate, Aggie e Calvin ficaram impressionados com a mudança. Saíram rapidamente de novo, agora já próximos das luzes da cidade. Eram quase dez da noite.

Os outdoors se tornaram maiores, mais iluminados e mais próximos uns dos outros e, embora os rapazes não tivessem mencionado o Desperado em uma hora, subitamente se lembraram do lugar quando se viram confrontados com a imagem incandescente de uma moça pronta para explodir das poucas roupas que vestia. O nome dela era Tiffany, e ela sorria maliciosamente para o tráfego das alturas de um imenso outdoor que anunciava o Desperado, um clube de cavalheiros, com as strippers mais sensuais do Sul. O Dodge reduziu a velocidade para eles apreciarem.

As pernas da moça pareciam ter mais de um quilômetro de comprimento, estavam nuas, e seus trajes transparentes e minúsculos obviamente tinham sido concebidos para ser tirados em um minuto. Ela tinha cabelos louros eriçados, lábios vermelhos carnudos e olhos que pareciam arder e queimar. A simples possibilidade de que ela pudesse estar trabalhando a apenas alguns quilômetros mais adiante na estrada e de que eles pudessem parar por lá e vê-la em carne e osso era, bem, irresistível.

Por alguns minutos, não se disse uma palavra enquanto o Dodge recuperava a velocidade.

— Acho que é melhor irmos logo para o hospital. Bailey a esta altura pode estar morto — disse, por fim, Aggie.

— O hospital fica aberto a noite inteira — falou Roger. — Nunca fecha. O que você acha que eles fazem, fecham à noite e mandam todo mundo ir para casa?

Para demonstrar seu apoio, Calvin achou engraçado e o acompanhou numa estrondosa gargalhada.

— Então, vocês querem dar uma passada no Desperado? — perguntou Aggie, deixando-se levar pela maré.

— Por que não? — indagou Roger.

— Bem que podíamos — disse Calvin, enquanto bebericava uma cerveja e tentava imaginar Tiffany em ação no meio de seu número.

— A gente fica por uma hora e depois vai depressa para o hospital — sugeriu Roger. Depois de dez cervejas, ele se mostrava admiravelmente coerente.



O leão de chácara na porta os examinou com desconfiança. — Mostre sua identidade — rosnou para Calvin, que, embora tivesse vinte e um anos, parecia mais jovem.

Aggie aparentava ter a idade que tinha. Roger, aos vinte e sete, podia dizer que tinha quarenta. — Mississippi, hein? — observou o leão, com uma exibição de evidente preconceito contra pessoas daquele estado.

— É — respondeu Roger.

— São dez dólares de consumação mínima.

— Só porque somos do Mississippi? — perguntou Roger.

— Não, espertalhão, todo mundo paga consumação mínima. Se não lhe agrada, pode embarcar de volta em seu trator e voltar para casa.

— Você é gentil assim com todos os clientes? — perguntou Aggie.

— Sou.

Eles se afastaram, debateram a consumação mínima e se deviam ficar. Roger explicou que havia outro clube não muito longe, mas advertiu que provavelmente também cobraria um preço de entrada semelhante. Enquanto cochichavam e ponderavam a respeito das coisas, Calvin tentou espiar pela porta para um vislumbre rápido de Tiffany. Ele votou para que ficassem, e o voto, afinal, acabou sendo unânime.

Depois de entrarem, eles foram examinados por mais dois leões corpulentos e mal-encarados, então conduzidos ao salão principal, com um palco redondo no centro, e, naquele palco, naquele momento, estavam duas moças, uma branca e uma negra, ambas nuas e girando os quadris em todas as direções.

Calvin imobilizou-se ao vê-las. Os dez dólares de consumação mínima foram imediatamente esquecidos.

A mesa ficava a menos de seis metros do palco. A casa estava metade cheia, e o público era de jovens operários e trabalhadores braçais, de modo que eles não eram os únicos rapazes do interior na cidade para se divertir. A garçonete deles usava apenas um biquíni fio dental, e Calvin quase desmaiou quando ela veio à mesa.

— O que vão querer? O pedido mínimo é de três drinques — perguntou ela em tom brusco. Calvin nunca tinha visto tanta carne proibida.

— Três drinques? — perguntou Roger, tentando manter contato visual.

— É isso aí — respondeu ela.

— Quanto é uma cerveja?

— Cinco dólares.

— E temos que pedir três?

— Três por cabeça. É a regra da casa. Se não gostar, pode ir reclamar lá com os leões. — Ela espichou a cabeça para a porta, mas os olhos deles não se despregaram de seu peito.

Eles pediram três cervejas cada um e examinaram o local. No palco, agora havia três dançarinas, todas se requebrando ao som de um rap altíssimo que ricocheteava nas paredes. As garçonetes se moviam rapidamente entre as mesas como se pudessem acabar levando carícias indesejadas caso se demorassem. Muitos dos clientes estavam bêbados e turbulentos e não demorou para que uma dança sobre a mesa se iniciasse. Uma garçonete subiu numa mesa próxima e começou a apresentar seu número, enquanto um grupo de motoristas de caminhão enfiava dinheiro no elástico do fio dental. Pouco depois, a linha de sua cintura estava cheia de notas verdes.

Uma bandeja com nove copos altos e finos de cerveja chegou, a cerveja era mais fraca que a do tipo light e aguada a tal ponto, que mais parecia limonada diluída.

— São quarenta e cinco dólares — disse a garçonete, causando uma busca assustada e prolongada de bolsos e carteiras por parte dos três. Afinal, conseguiram apresentar o dinheiro.

— Vocês ainda fazem *lap dance*?

— Depende.

— Ele nunca viu uma — disse Roger, apontando para Calvin, cujo coração gelou.

— Vinte paus — ela respondeu.

Roger puxou uma nota de 20 dólares e passou para a moça e, segundos depois, Amber estava sentada no colo de Calvin que, com cento e vinte quilos, oferecia um colo de tamanho suficiente para acomodar uma pequena trupe de dançarinas. À medida que a música tocava alta e com ritmo marcado, Amber se requebrava sensualmente sobre Calvin, que apenas fechou os olhos e ficou a se perguntar como seria o amor de verdade.

— Passe a mão nas pernas dela — instruiu Roger, a voz da experiência.

— Ele não pode tocar, é proibido — disse Amber em tom severo, ao mesmo tempo que seu traseiro se aninhava firmemente entre as coxas maciças de Calvin. Alguns grandalhões numa mesa próxima observaram com grande divertimento e logo estavam instigando

Amber com toda sorte de sugestões obscenas, e ela dançou para agradar sua plateia.

Quanto tempo esta música vai durar?, perguntou-se Calvin. Sua testa larga e lisa estava coberta de suor.

Subitamente ela se virou e ficou de frente para ele, sem perder o ritmo nem por um segundo, e, por pelo menos um minuto, Calvin teve uma mulher nua e atraente, movendo-se sensualmente em seu colo. Foi uma experiência que lhe alterou a vida, Calvin nunca mais seria o mesmo.

Infelizmente a música acabou e Amber se levantou de um salto e saiu para cuidar das mesas.

— Você sabe, você pode encontrá-la mais tarde — disse Roger.
— A sós.

— Como é que é? — perguntou Aggie.

— Eles têm uns quatinhos nos fundos onde você pode se encontrar com as garotas quando elas saem do trabalho.

— Você está mentindo.

Calvin ainda estava sem palavras, totalmente mudo, enquanto observava Amber circular pela casa anotando pedidos. Mas ele estava escutando e, durante o intervalo da música, ouviu o que Roger estava dizendo. Amber poderia ser dele, sozinha, em algum glorioso quatinho nos fundos.

Bebericaram a cerveja aguada e observaram outros clientes chegarem. Às onze da noite, a casa estava lotada e mais *strippers* e dançarinas se apresentavam no palco e em meio à plateia. Calvin assistiu, dominado por um ciúme furioso, enquanto Amber fazia uma *lap dance* para outro homem, a menos de três metros. Observou com algum orgulho, contudo, que ela fez o lance de dançar cara a cara por apenas alguns segundos. Se tivesse dinheiro, teria enfiado feliz da vida em seu fio dental para que ela ficasse fazendo *lap dance* para ele pelo resto da noite.

O dinheiro, no entanto, estava rapidamente se tornando um problema. Durante outra pausa entre músicas e grupos de dançarinas, Calvin, o desempregado, admitiu: — Não tenho certeza de por quanto tempo posso ficar por aqui. Esta cerveja é um bocado cara.

A cerveja deles, em copos de 220 mililitros, estava quase acabada e eles tinham observado as garçonetes por tempo suficiente para saber que clientes de copos vazios não ficavam muito tempo sentados nas mesas. Esperava-se que os clientes bebessem muito, que dessem gorjetas generosas e que gastassem dinheiro com as garotas em troca de danças pessoais. A indústria da diversão para adultos em Memphis era muito lucrativa.

— Eu tenho algum dinheiro — falou Aggie.

— Eu tenho cartões de crédito — disse Roger. — Peçam mais uma rodada enquanto vou fazer um xixi.

Ele se levantou e, pela primeira vez, pareceu um tanto trôpego; então, desapareceu em meio à fumaça e o aglomerado de gente. Calvin fez sinal para Amber e pediu mais uma rodada. Ela sorriu e piscou o olho em sinal de aprovação. O que ele queria bem mais que o rio de água que estavam bebendo era mais contato físico com aquela garota, mas aquilo não tinha nenhuma chance de acontecer. Naquele momento, jurou a si mesmo que redobraria seus esforços para conseguir um emprego, juntar dinheiro e se tornar um cliente assíduo do Desperado. Pela primeira vez em sua vida, Calvin tinha um objetivo em mente.

Aggie olhava fixamente para o piso, debaixo da cadeira vazia de Roger. — O imbecil deixou a carteira cair de novo — disse e apanhou uma maltratada carteira de notas.

— Você acha que ele tem algum cartão de crédito? — perguntou Aggie.

— Não.

— Vamos dar uma espiada. — Ele olhou ao redor para se assegurar de que não havia sinal de Roger, então abriu a carteira. Havia um cartão de descontos expirado de um mercado, depois uma coleção de cartões de visitas: dois de advogados, dois de prestadores de carta de fiança, um de uma clínica para tratamento de alcoolismo e um de um agente responsável pela condicional. Cuidadosamente dobrada e parcialmente escondida, havia uma nota de 20 dólares.

— Que surpresa — comentou Aggie.

— Nem cartões de crédito nem carteira de motorista.

— E ele quase levou um tiro por causa disso — disse Calvin. — Ele é um idiota, entendeu? — Aggie fechou a carteira e a colocou na cadeira de Roger.

A cerveja chegou no momento em que Roger voltava e encontrava sua carteira. Eles conseguiram pagar os \$ 45 e dar uma gorjeta de \$3.

— Podemos botar uma *lap dance* no cartão de crédito? — gritou Roger para Amber.

— Não, pagamento só em dinheiro — gritou ela em resposta enquanto se afastava.

— Que tipo de cartão de crédito você tem? — perguntou Aggie.

— Uma porção deles — respondeu como um mandachuva.

Calvin, com o colo ainda incendiado, observou sua adorada Amber circular em meio à multidão.

Aggie também estava apreciando as garotas, mas também estava de olho na hora. Não tinha ideia de quanto tempo levava para doar

meio litro de sangue. Já era quase meia-noite. E, embora tentasse não o fazer, não conseguia deixar de pensar em sua namorada e na bronca em que ela ficaria se de alguma forma ficasse sabendo daquela visita.

Roger estava em vias de apagar. Suas pálpebras estavam semicerradas e ele cabeceava de sono.

— Vamos beber — disse, de língua enrolada, tentando animar as coisas, mas era visível que não estava longe de apagar.

Num intervalo entre músicas, Calvin papeou com dois sujeitos em outra mesa e, durante a rápida conversa, ficou sabendo que a lendária stripper Tiffany não trabalhava nas noites de quinta-feira.

Quando a cerveja acabou, Aggie anunciou: — Eu vou embora. Vocês vêm comigo?

Roger não conseguia se levantar sozinho, de modo que eles tiveram que levá-lo meio que arrastado da mesa. Quando se encaminhavam para a porta, Amber se aproximou e disse a Calvin: — Você vai me abandonar.

Ele assentiu porque não conseguia falar. — Por favor, volte mais tarde — arrulhou ela. — Achei você um amor.

Um dos leões agarrou Roger e o ajudou a sair. — A que horas vocês fecham? — perguntou Calvin.

— Às três da manhã — respondeu o leão e apontou para Roger. — Mas não o traga de volta.

— Onde fica o hospital? — perguntou Aggie.

— Qual deles?

Aggie olhou para Calvin e Calvin olhou para Aggie, e ficou evidente que nenhum dos dois tinha ideia.

— Ah, o mais próximo — respondeu Aggie.

— É o Luterano. Você conhece a cidade?

— Claro.

— Aposto que sim. Pegue a Lamar para a Parkway, depois a Parkway para a Poplar. Fica logo depois da East High School.

— Obrigado.

O leão acenou para eles e tornou a entrar. Eles arrastaram Roger até a picape, o enfiaram dentro dela e então passaram meia hora circulando por Memphis numa busca infrutífera pelo Hospital Luterano.

— Você tem certeza de que é o hospital certo? — perguntou Calvin várias vezes.

De várias maneiras, Aggie respondeu: “Tenho”, “Claro”, “Provavelmente” e “É claro.” Quando afinal se viram no centro da cidade, Aggie parou numa esquina e foi perguntar a um motorista de táxi que cochilava sentado na direção.

— Não existe nenhum Hospital Luterano — respondeu o taxista.

— Temos Batista, Metodista, Católico, Central, Mercy e alguns outros, mas nenhum Luterano.

— Eu sei, vocês têm dez hospitais.

— São sete para ser exato. De onde você é?

— Do Mississippi. Olhe, onde fica o hospital mais próximo?

— O Mercy fica a quatro quarteirões, bem no meio da Union Avenue.

— Obrigado.

Eles encontraram o Mercy Hospital e deixaram Roger na picape, em estado comatoso. O Mercy era o hospital da prefeitura, o principal destino para vítimas de crimes ocorridos na madrugada, de casos de violência doméstica, tiroteios com a polícia, brigas de gangues, overdoses, acidentes de carro relacionados a excessos de álcool. Quase todas as vítimas eram negras. Ambulâncias e carros de polícia enxameavam ao redor da entrada do pronto-socorro. Bandos de parentes frenéticos perambulavam pelos corredores semelhantes a masmorras, em busca das vítimas acidentadas. Gritos e berros ecoavam pelo local, enquanto Aggie e Calvin caminhavam quilômetros em busca do balcão de informações. Finalmente o encontraram, retirado num canto como se intencionalmente escondido. Uma garota mexicana estava atrás do balcão, mascarando chicletes e lendo uma revista.

— Vocês atendem pessoas brancas? — perguntou Aggie em tom simpático.

Ao que ela respondeu sem se alterar: — Por quem estão procurando?

— Estamos aqui para doar sangue.

— O atendimento dos serviços de hematologia fica logo abaixo no corredor — disse ela apontando.

— Está aberto?

— Duvido. Para quem vão doar sangue?

— Ah, Bailey — respondeu Aggie, enquanto olhava com expressão vazia para Calvin.

— Nome de batismo? — ela começou a digitar no teclado e a olhar para a tela do monitor.

Aggie e Calvin franziram o cenho um para o outro, nenhum dos dois tinha ideia.

— Pensei que o nome dele fosse Bailey — disse Calvin.

— Eu pensei que fosse o sobrenome. Todo mundo o chamava de Buck, não lembra?

— Claro, mas o sobrenome da mãe dele é Caldwell.

— Quantas vezes ela se casou?

A garota acompanhou a conversa boquiaberta.

Aggie olhou para ela e disse: — Tem alguém aqui com

sobrenome Bailey?

Ela teclou, esperou, então disse:

— Um Sr. Jerome Bailey, de quarenta e oito anos, negro, ferimento a bala.

— Mais ninguém?

— Não.

— Alguém com o nome de batismo Bailey?

— Não registramos pelo nome de batismo.

— Por que não?



O tiroteio foi uma escaramuça de gangues que havia começado uma hora antes em um conjunto habitacional na zona ao norte de Memphis. Por algum motivo, recomeçou no estacionamento do Hospital Mercy. Roger, morto para o mundo, foi violentamente despertado das profundezas de seu sono por uma rajada de tiros bem perto de onde estava. Seu cérebro precisou de um ou dois segundos para reagir, mas não demorou muito para que soubesse muito bem que, mais uma vez, alguém estava atirando nele. Levantou a cabeça bem devagar e espiou pela janela do carona e então ficou atordoado ao se dar conta de que não tinha ideia de onde estava. Havia fileiras de carros estacionados para todos os lados ao redor, o prédio alto de um edifício-garagem nas proximidades, prédios por toda parte e, ao longe, o piscar e girar intermitente de luzes vermelhas e azuis.

Houve mais tiros disparados, e Roger abaixou-se depressa, perdeu o equilíbrio e foi parar no piso do carro, onde freneticamente procurou debaixo do assento por algum tipo de arma. Aggie, como qualquer outro rapaz do condado de Ford, não viajaria para lugar nenhum sem proteção e Roger sabia que havia uma arma por perto.

Encontrou uma debaixo do banco do motorista, uma Husk automática 9 milímetros com um pente de doze balas. Carregada. Ele agarrou a arma, acariciou-a, beijou o cano e então rapidamente baixou a janela do carona. Ouviu vozes furiosas, então viu o que, com toda certeza, era um carro de gângsteres avançando lentamente pelo estacionamento.

Roger disparou duas vezes, não acertou nada, mas conseguiu mudar a estratégia do tiroteio entre as gangues. O Dodge de Aggie imediatamente foi pulverizado por balas de um rifle de assalto. A

janela traseira explodiu, lançando vidro para todos os lados na cabine e no cabelo comprido de Roger, que se atirou no chão de novo e começou a tratar de sair dali em busca de segurança. Ele se esgueirou para fora pela porta do motorista, agachou-se bem e começou a ziguezaguear em meio às fileiras escuras de carros estacionados. Atrás dele, soaram mais vozes furiosas, então outro tiro. Ele seguiu adiante, as coxas e as panturrilhas queimando enquanto mantinha a cabeça na altura dos pneus. Não conseguiu completar uma curva entre dois carros e colidiu com o para-choque da frente de um velho Cadillac. Ficou sentado por um momento no asfalto, escutando, suando, praguejando, mas não sangrando. Lentamente levantou a cabeça, não viu ninguém perseguindo-o, mas decidiu não correr riscos.

Seguiu adiante, escondendo-se entre carros estacionados, até que chegou a uma rua. Um carro se aproximava, de modo que ele enfiou a pistola no bolso da frente da calça.

Era evidente, até mesmo para Roger, que aquela parte da cidade era uma zona de guerra. Os prédios tinham grades de barras grossas sobre as janelas, as cercas de metal eram coroadas por rolos de arame farpado. As vielas eram escuras e assustadoras, e Roger, em um momento de lucidez, perguntou-se: “Que diabo eu estou fazendo aqui?” Só o fato de estar com a arma o impediu de entrar em pânico total. Seguiu cautelosamente pela calçada, ponderando que estratégia devia tomar, e decidiu que o melhor seria voltar para o carro e esperar por seus amigos. O tiroteio havia parado. Talvez a polícia estivesse no local e as coisas estivessem sob controle. Houve vozes atrás dele na calçada, e um olhar rápido revelou um grupo de jovens negros do lado da rua onde ele estava e se aproximando depressa. Roger acelerou o passo. Uma pedra aterrisou por perto e quicou por sessenta centímetros. Eles estavam urrando lá atrás e, quando ele dobrou a esquina, entrou num pequeno estacionamento diante de uma loja de conveniência aberta 24 horas.

Havia um carro estacionado bem na frente da loja e, ao lado do carro, um homem branco e uma mulher branca berravam um com o outro. No instante em que Roger entrou em cena, o homem deu um golpe de direita e acertou a mulher no rosto. O som do rosto dela sendo golpeado foi nauseante. Roger se imobilizou enquanto a cena começava a se registrar em sua mente confusa.

Mas a mulher resistiu bem e reagiu com uma combinação de golpes inacreditável. Ela mandou um cruzado de direita que arreventou os lábios do homem, então golpeou-o por baixo com a esquerda, esmagando-lhe os testículos. O homem guinchou como um animal queimado e desabou no chão justo quando Roger se aproximou um passo. A mulher olhou para Roger, olhou para a

arma, então viu o bando se aproximando da rua escura. Se havia algum outro branco dotado de consciência em um raio de quatro quarteirões, ele ou ela não estaria fora de casa.

— Você está com problemas? — perguntou ela.

— Acho que sim. Você?

— Já me senti mais segura. Você tem carteira de motorista?

— Claro — disse Roger, enquanto quase metia a mão no bolso para pegar a carteira.

— Vamos embora. — Ela entrou no carro com Roger na direção e sua nova amiga ainda em punho. Roger cantou pneus e logo avançavam em velocidade para oeste pela Poplar Avenue.

— Quem era aquele cara? — perguntou Roger, os olhos dardejando entre a rua adiante e o espelho retrovisor.

— Meu fornecedor.

— Seu fornecedor!

— É.

— E vamos deixá-lo por lá?

— Por que você não baixa esta arma? — falou ela, e Roger olhou para a mão esquerda e se deu conta de que ainda estava de arma em punho. Colocou-a no assento entre eles. Ela imediatamente agarrou a arma, apontou para ele e disse:

— Fique calado e dirija.



A polícia já tinha ido embora quando Aggie e Calvin voltaram para a picape. Eles ficaram olhando boquiabertos para o estrago, então xingaram profusamente quando se deram conta de que Roger tinha desaparecido.

— Ele levou a minha Husk — disse Aggie, enquanto procurava embaixo do banco.

— Filho da mãe imbecil — Calvin repetia. — Espero que esteja morto.

Limparam os cacos de vidro do banco e se foram, ansiosos para sair do centro de Memphis. Houve uma conversa rápida sobre procurar Roger, mas ambos estavam fartos dele. A garota mexicana no balcão de informações lhes dera instruções sobre como chegar ao Central Hospital, o lugar mais provável de encontrarem Bailey.



A senhora no balcão do Central explicou que o setor de doações de sangue estava fechado e que reabriria às oito da manhã e tinha regras rígidas contra aceitar doações de pessoas visivelmente sob efeito de álcool. O hospital, naquele momento, não tinha nenhum paciente registrado com o nome ou o sobrenome Bailey. Quando ela os estava dispensando, um segurança uniformizado surgiu como num passe de mágica e pediu-lhes que se retirassem. Eles cooperaram, e o guarda os acompanhou até a porta da frente.

Quando estavam dizendo boa-noite, Calvin perguntou-lhe.

— Por acaso, sabe onde poderíamos vender meio litro de sangue?

— Tem um banco de sangue na Watkins, não muito longe.

— Acha que está aberto?

— Sim, fica aberto a noite inteira.

— Como chegamos lá? — perguntou Aggie.

O homem explicou, apontando para cá e para lá, depois disse: — Mas tenham cuidado. É para onde todos os viciados vão quando precisam de dinheiro. O lugar é barra-pesada.

O banco de sangue foi o único destino que Aggie encontrou logo na primeira tentativa e, quando afinal pararam o carro na rua ao lado, tinha esperança de que estivesse fechado. Não estava. A recepção era uma salinha mal-ajambrada, com uma fileira de cadeiras de plástico e revistas espalhadas por todos os lados. Havia um viciado de algum tipo num canto, no chão, debaixo da mesa de café, enroscado na posição fetal, e claramente morrendo. Um homem de cara fechada, vestindo trajes cirúrgicos, se ocupava da recepção e os cumprimentou de modo antipático:

— O que vocês querem?

Aggie pigarreou, lançou mais um olhar para o viciado no canto e conseguiu dizer.

— Vocês comprem sangue por aqui?

— Nós pagamos e também aceitamos de graça.

— Quanto?

Cinquenta dólares meio litro.

Para Calvin, com 6 dólares e 25 centavos no bolso, o preço significava uma consumação mínima, três cervejas aguadas e mais uma memorável *lap dance* com Amber. Para Aggie, com 18 dólares no bolso e nenhum cartão de crédito, o negócio significava mais

uma rápida visita ao clube de strip-tease e dinheiro para pagar a gasolina para chegar em casa. Ambos tinham se esquecido do pobre Bailey.

Pranchetas com formulários foram entregues. Enquanto eles preenchiam as lacunas, o atendente perguntou: — Que tipo de sangue?

A pergunta suscitou duas expressões vazias.

— Que tipo de sangue? — repetiu o homem.

— Vermelho — disse Aggie e Calvin riu alto.

O atendente não deu sequer um sorriso. — Vocês andaram bebendo? — perguntou.

— Tomamos algumas doses — disse Aggie. — Mas não cobraremos a mais pelo álcool — acrescentou Calvin rapidamente, e então ambos caíram na gargalhada.

— Que tamanho de agulha vocês querem? — perguntou o homem, e todo o humor desapareceu.

Eles juraram por escrito que não sofriam de quaisquer doenças e alergias de que tivessem conhecimento.

— Quem vai ser o primeiro?

Nenhum dos dois se mexeu. — Sr. Agnor — disse o homem —, siga-me. — Aggie o seguiu por uma porta e para o interior de um grande quarto quadrado, com dois leitos do lado direito e três do esquerdo. Deitada na primeira cama, estava uma mulher branca, de torso corpulento, num conjunto de moletom de ginástica e botas de caminhada. Um tubo se estendia de seu braço esquerdo para uma bolsa plástica transparente que estava cheia pela metade de um líquido vermelho escuro. Aggie lançou um olhar para o tubo, para a bolsa e para o braço, então se deu conta de que havia uma agulha enfiada sob a pele.

Ele desmaiou, caindo de cabeça e aterrissando no chão de azulejos com uma pancada alta.

Calvin, que estava sentado numa cadeira de plástico perto da porta da frente, folheava nervosamente uma revista enquanto mantinha um olho no viciado moribundo, ouviu o ruído alto vindo dos fundos, mas não pensou que fosse nada demais.

Água fria e amônia fizeram Aggie recuperar os sentidos, e ele afinal conseguiu se arrastar para uma das camas onde uma diminuta senhora asiática, com a boca coberta por uma gaze branca, começou a explicar com sotaque carregado, que ele ia ficar bem e que não havia nada com que se preocupar.

— Mantenha os olhos fechados — disse ela repetidas vezes.

— Eu realmente não preciso de cinquenta dólares — falou Aggie, a cabeça girando. Ela não compreendeu.

Quando ela colocou a bandeja cheia de acessórios ao lado dele,

Aggie deu uma olhada e se sentiu desfalecer de novo.

— Feche os olhos, por favor — instruiu ela, enquanto esfregava seu antebraço com um algodão com álcool, cujo cheiro o deixou nauseado.

— A senhora pode ficar com o dinheiro — disse ele.

Ela pegou uma grande venda preta, amarrou sobre o rosto dele e subitamente o mundo de Aggie ficou totalmente escuro.

O atendente voltou à sala da frente e Calvin se levantou de um salto da cadeira.

— Siga-me — falou o homem, e Calvin obedeceu. Quando entrou no quarto quadrado e viu a mulher com as botas de caminhada de um lado e Aggie usando uma estranha venda nos olhos do outro lado, ele também desmaiou e caiu perto do lugar onde seu amigo havia aterrissado apenas minutos antes.

— Quem são esses palhaços? — perguntou a mulher de botas de caminhada.

— Mississippi — respondeu o atendente enquanto pacientemente se inclinava sobre Calvin e esperava que ele recuperasse os sentidos. Mais uma vez, água fria e amônia ajudaram. Aggie ouviu tudo de trás de sua mortalha.

Por fim, dois sacos de meio litro de sangue foram coletados. Cem dólares trocaram de mãos. Às duas e dez da madrugada, a maltratada picape Dodge com marcas de batalha entrou no estacionamento do Desperado, e os dois rapazes animados chegaram para a última hora de espetáculo. Mais leves de sangue, mas mais carregados de testosterona, pagaram a consumação mínima enquanto procuravam pelo leão de chácara mentiroso que os mandara para o Hospital Luterano. O homem não estava lá. No interior, o público havia diminuído e as garotas estavam exaustas. Uma *stripper* já entrada nos anos, desanimada e mecanicamente, se apresentava no palco.

Eles foram conduzidos a uma mesa próxima da primeira, e, não deu outra, segundos depois, Amber apareceu e disse: — O que vão querer, rapazes? O pedido mínimo são três drinques.

— Nós voltamos — disse Calvin orgulhosamente.

— Maravilha. O que vão querer?

— Cerveja.

— Já vou trazer — ela disse e desapareceu.

— Acho que ela não se lembra de nós — comentou Calvin, magoado.

— Apresente os vinte dólares e ela vai se lembrar de você — disse Aggie. — Você não vai desperdiçar dinheiro com uma *lap dance*, vai?

— Talvez.

— Você é tão burro quanto Roger.
— Ninguém é tão burro quanto ele. Imagine por onde ele anda.
— Provavelmente descendo o rio com a garganta cortada.
— O que o pai dele vai dizer?
— Ele deveria dizer: “Aquele garoto sempre foi burro.” Mas que diabo, como posso saber o que ele vai dizer? Você por acaso se importa?

Do outro lado do salão, alguns executivos de ternos escuros enchiam a cara. Um passou o braço ao redor da cintura de uma garçonne e ela rapidamente o afastou com um tranco. Um leão apareceu, apontou o dedo para o homem e disse em tom duro:

— Não toque nas garotas! — Os homens de terno caíram na gargalhada. Tudo era engraçado.

Assim que Amber trouxe os seis copos de cerveja, Calvin não conseguiu mais se conter e disse: — Que tal uma *lap dance*?

Ela franziu a testa, então respondeu: — Talvez mais tarde. Estou um bocado cansada — e foi embora.

— Ela está tentando fazer você poupar seu dinheiro — falou Aggie.

Calvin ficou arrasado. Durante horas, havia revivido o breve momento em que Amber montara sua gigantesca virilha e requebrara os quadris alegremente no ritmo da música. Ele podia senti-la, tocá-la, até sentir o cheiro de seu perfume barato.

Uma jovem bastante grandalhona e flácida apareceu no palco e começou a dançar mal. Ela logo estava nua, mas atraiu muito pouca atenção.

— Deve ser a turma que trabalha na madrugada — comentou Aggie.

Calvin mal reparou. Observava Amber enquanto ela zanzava para lá e para cá pelo clube. Sem dúvida, ela se movia mais devagar. Estava quase na hora de ir para casa.

Para grande decepção de Calvin, um dos executivos de terno convenceu Amber a fazer uma *lap dance*. Ela recuperou o entusiasmo e logo estava girando os quadris, enquanto os amigos dele faziam todo tipo de comentários. Estava rodeada por bêbados estupefatos que a olhavam cobiçosos. O tal em cima do qual ela dançava evidentemente perdeu o controle. Contrariando as regras do clube e também numa violação das leis da cidade de Memphis, ele estendeu as duas mãos e agarrou-lhe os seios. Foi um enorme erro.

Numa fração de segundo, várias coisas aconteceram ao mesmo tempo. Houve o flash de uma câmera e alguém gritou.

— Polícia, delegacia de costumes, você está preso! — Enquanto isso acontecia, Amber pulava fora do colo do homem e berrava

alguma coisa sobre suas mãos imundas.

Uma vez que os leões vinham observando atentos os executivos, eles, os leões, chegaram à mesa imediatamente. Dois policiais à paisana avançaram rapidamente. Um empunhava uma câmara e o outro repetia sem parar:

— Delegacia de costumes de Memphis, delegacia de costumes de Memphis.

Alguém gritou: — Polícia!

Houve um começo de tumulto, empurra-empurra e muitos palavrões. A música parou de estalo. A plateia acotovelada recuou. As coisas ficaram sob controle durante os primeiros segundos, até que Amber de alguma forma tropeçou e caiu sobre uma cadeira. Isso a fez dar um grito dramático de dor e também fez com que Calvin corresse para o meio da confusão e desse o primeiro murro. Ele mandou o murro contra o executivo que tinha apalpado sua garota e o acertou com força na boca. Naquele momento, pelo menos onze homens adultos, metade deles bêbada, começaram a distribuir socos em todas as direções e contra todos os alvos. Calvin foi acertado com violência por um leão de chácara, o que fez Aggie entrar na briga. Os executivos distribuía socos a torto e a direito contra os leões de chácara, os policiais e os caipiras. Alguém arremessou um copo de cerveja, que foi aterrissar do outro lado do salão, numa mesa de motociclistas de meia-idade, que, até aquele momento, não tinham feito nada senão gritar, atijando e incentivando todo mundo metido na briga. O copo quebrado, contudo, aborreceu os motociclistas. Eles avançaram para o ataque.

Do lado de fora do Desperado, dois policiais uniformizados que esperavam pacientemente para ajudar a retirar as vítimas da delegacia de costumes, foram alertados sobre o tumulto no interior e entraram rapidamente no clube. Quando se deram conta de que a briga agora mais parecia uma guerra campal, instintivamente empunharam seus cassetetes e começaram a procurar cabeças para acertar. A de Aggie foi a primeira e, enquanto ele estava caído no chão, foi violentamente espancado por um policial.

Vidros se estilhaçaram. As mesas e cadeiras baratas foram espatifadas. Dois dos motoqueiros empunharam as pernas das cadeiras e atacaram os leões de chácara. A confusão seguiu encarniçada com lealdades trocando de lado rapidamente e corpos caindo no chão. O número de feridos cresceu, até que os policiais e os leões conseguiram levar a melhor e, por fim, controlaram os executivos engravatados, os motoqueiros, os rapazes do condado de Ford e alguns outros que tinham entrado na briga. Havia sangue por toda a parte — no chão, nas camisas e paletós e, especialmente, nos rostos e braços.

Mais policiais chegaram, depois as ambulâncias. Aggie estava inconsciente e rapidamente perdendo sangue de suas reservas já reduzidas. Os socorristas ficaram alarmados com seu estado e o embarcaram rapidamente na primeira ambulância. Foi levado para o Mercy Hospital. Um dos executivos também tinha levado um bom número de golpes do cassetete de um policial e também estava inconsciente, em estado preocupante. Foi embarcado na segunda ambulância. Calvin foi algemado e empurrado à força no banco de trás de um carro de polícia, onde a ele veio se juntar um homem furioso de terno cinza e camisa branca ensopada de sangue.

O olho direito de Calvin estava inchado e fechado, e, pelo esquerdo, ele viu de relance a picape Dodge de Aggie tristemente abandonada no estacionamento.



Cinco horas mais tarde, de um telefone público na cadeia do condado de Shelby, Calvin finalmente teve permissão para fazer uma ligação a cobrar para sua mãe em Box Hill. Sem se deter nos fatos, ele explicou que estava preso, que havia sido acusado de agressão dolosa a um policial, crime que, de acordo com um de seus companheiros de cela, era passível de uma pena de prisão de dez anos, e que Aggie estava no Mercy Hospital com fratura e afundamento de crânio. Calvin não tinha ideia de onde Roger estivesse. Não houve nenhuma menção a Bailey.

O telefonema teve grande repercussão na comunidade e, em menos de uma hora, um carro cheio de amigos estava a caminho de Memphis para avaliar os prejuízos. Eles descobriram que Aggie havia sobrevivido a um procedimento cirúrgico para a remoção de um coágulo no cérebro e que ele também era acusado de agressão dolosa a um policial. O médico disse à família que ele ficaria no hospital por pelo menos uma semana. A família não tinha seguro saúde. A picape tinha sido apreendida pela polícia e os procedimentos exigidos para sua devolução pareciam impenetráveis.

A família de Calvin descobriu que sua fiança fora estipulada em cinquenta mil dólares, uma soma impossível para que sequer considerassem. Ele seria representado por um defensor público, a menos que conseguissem reunir dinheiro suficiente para contratar um advogado de Memphis. No final da tarde de sexta-feira, um tio finalmente teve permissão para falar com Calvin na sala de

visitantes da cadeia. Calvin vestia um macacão laranja e sapatos de borracha também laranja e parecia péssimo. O rosto estava cheio de hematomas e inchado, o olho direito ainda fechado. Ele estava com medo e deprimido e não ofereceu grandes detalhes sobre o ocorrido. Ainda não se tinha notícia de Roger.

Depois de dois dias no hospital, a melhora de Bailey foi notável. A perna direita estava quebrada, não esmagada, e seus outros ferimentos eram pequenos cortes e hematomas, além do peito bastante dolorido. Seu empregador contratou uma ambulância e, ao meio-dia de sábado, Bailey deixou o Hospital Metodista e foi levado direto para a casa de sua mãe, em Box Hill, onde foi recebido como um prisioneiro de guerra. Horas se passaram antes que lhe contassem sobre os esforços de seus amigos para doar sangue.



Oito dias mais tarde, Aggie veio para casa para se recuperar. O médico esperava uma recuperação completa, mas levaria tempo. Seu advogado havia conseguido reduzir a acusação para agressão simples. À luz dos ferimentos infligidos pelos policiais, parecia justo dar uma chance a Aggie. Sua namorada foi visitá-lo, mas apenas para terminar o namoro. A lenda da viagem de carro e da briga no clube de strip-tease em Memphis os perseguiria para sempre, e ela não queria ter nada a ver com aquilo. Além disso, havia rumores significativos de que talvez Aggie tivesse sofrido lesão cerebral, e ela já estava de olho em outro rapaz.

Três meses depois, Calvin voltou para o condado de Ford. Seu advogado havia negociado uma redução da acusação de agressão dolosa para confissão de contravenção, mas o acordo exigira o cumprimento de uma pena de prisão de três meses na Colônia Penal do Condado de Shelby. Calvin não gostara do acordo, mas a perspectiva de ir a julgamento num tribunal de Memphis e enfrentar a polícia de Memphis não era atraente. Se fosse considerado culpado de crime doloso, passaria anos na prisão.

Nos dias que se seguiram à briga, para surpresa de todo mundo, o corpo ensanguentado de Roger Tucker não foi encontrado em nenhuma ruela escura do centro de Memphis.

Ele não foi encontrado de jeito nenhum; na verdade, ninguém o estava realmente procurando. Um mês depois da viagem, ele ligou para o pai de um telefone público nos arredores de Denver. Afirmava ter andado viajando de carona pelo país, sozinho, e estar

se divertindo muito. Dois meses mais tarde, foi preso por furto de mercadorias numa loja em Spokane e cumpriu pena de seis dias na cadeia da cidade.

Quase um ano se passou antes que Roger voltasse para casa.



Em busca de Raymond



O SR. MCBRIDE MANTINHA sua loja de estofamento de móveis no antigo depósito de gelo da rua Lee, a alguns quarteirões da praça do centro de Clanton. Para buscar e entregar os sofás e poltronas, ele usava um furgão, uma camionete Ford de carga, com o nome “McBride, Estofados” impresso em grossas letras negras acima do telefone e do endereço na rua Lee. A camionete, sempre limpa e nunca em velocidade, era habitualmente vista em Clanton, e o Sr. McBride, um homem bastante conhecido por ser o único estofador da cidade. Embora os pedidos fossem mais frequentes do que teria lhe agradado, ele raramente emprestava seu furgão a quem quer que fosse.

Sua resposta costumeira era cortês:

— Não, tenho algumas entregas a fazer. Contudo, ele disse sim para Leon Graney e o fez por dois motivos. Primeiro, as circunstâncias envolvendo o pedido eram bastante incomuns, e, segundo, o patrão de Leon na fábrica de lâmpadas era primo em terceiro grau do Sr. McBride. Tendo em vista a natureza dos relacionamentos em cidades pequenas, Leon Graney chegou à loja de estofados, conforme combinado, às quatro da tarde numa quarta-feira de muito calor no final de julho.

A maioria das pessoas do condado de Ford estava de ouvidos atentos ao rádio e era fato sabido por todos que as coisas não corriam muito bem para a família Graney.

O Sr. McBride acompanhou Leon até o furgão, entregou a chave e disse:

— Agora, trate de cuidar bem dele. Leon recebeu a chave.

— Fico muito agradecido.

— Enchi o tanque. Tem gasolina mais do que suficiente para você ir e voltar.

— Quanto eu lhe devo? O Sr. McBride sacudiu a cabeça e cuspiu no cascalho ao lado do furgão.

— Nada. É por minha conta. Apenas, quando me devolver, traga com o tanque cheio.

— Eu me sentiria melhor se pudesse pagar alguma coisa — protestou Leon.

— Não.

— Bem, então, muito obrigado.

— Preciso tê-lo de volta amanhã ao meio-dia.

— Estará aqui. O senhor se importa se eu deixar a minha picafe? — Leon indicou com a cabeça uma velha picafe de fabricação japonesa entre dois carros do outro lado do estacionamento.

— Não tem problema. Leon abriu a porta e entrou no furgão. Ligou o motor, ajustou o assento e os espelhos. O Sr. McBride caminhou até a porta do motorista, acendeu um cigarro sem filtro e observou Leon.

— Você sabe, tem gente que não gosta disso — comentou.

— Obrigado, mas a maioria das pessoas por aqui pouco se importa — respondeu Leon. Ele estava preocupado e sem disposição para ficar de conversa.

— Eu, pessoalmente, acho que é errado.

— Obrigado. Estarei de volta antes do meio-dia — disse Leon em voz baixa, então deu marcha a ré e se foi pela rua. Acomodou-se no assento, testou os freios, lentamente acelerou o motor para testar a potência. Vinte minutos depois, estava longe de Clanton, embrenhado nas colinas do norte do condado de Ford. Saindo do povoado de Pleasant Ridge, a estrada se tornava cascalho, as casas ficavam cada vez menores e mais distantes umas das outras. Leon embicou numa pequena entrada para carros que acabava diante de uma casa que mais parecia um caixote, com ervas nas portas e um telhado de ripas de madeira e betume muito precisado de reforma. Era a casa dos Graney, o lugar onde ele havia sido criado com seus irmãos, a única constante na vida triste e caótica deles. Uma rampa improvisada de compensado de madeira se estendia até a porta lateral para que sua mãe, Inez Graney, pudesse ir e vir em sua cadeira de rodas.

Quando Leon desligou o motor, a porta lateral estava aberta e Inez vinha descendo na cadeira pela rampa. Atrás dela, estava a massa gigantesca de seu filho do meio, Butch, que ainda morava com a mãe porque nunca tinha morado em nenhum outro lugar, pelo menos não no mundo livre. Dezesseis de seus quarenta e seis anos haviam sido passados atrás das grades, e ele tinha o físico que se esperaria de um criminoso de carreira — rabo de cavalo comprido, brincos nas orelhas, barba, bigode e costeletas, uma coleção de tatuagens baratas que um artista da prisão lhe vendera em troca de cigarros. A despeito de seu passado, Butch tratava a mãe e manejava a cadeira de rodas com grande ternura e cuidado,

falandolhe baixinho enquanto desciam a rampa.

Leon observou e esperou, então foi até a traseira do furgão e abriu as portas duplas. Ele e Butch gentilmente levantaram a mãe e a acomodaram dentro do furgão.

Butch a empurrou para a frente, até o console que separava os dois assentos individuais fixados no assoalho do carro. Leon amarrou e prendeu a cadeira de rodas com pedaços de corda grossa de embalar mobília que alguém na McBride havia deixado no furgão. Quando Inez estava acomodada em segurança, seus filhos ocuparam seus assentos. A viagem começou. Poucos minutos depois, eles estavam de volta ao asfalto e a caminho de uma longa noite.

Inez tinha setenta e dois anos, era mãe de três filhos, avó de pelo menos quatro netos, uma mulher idosa e solitária, com a saúde abalada, que não conseguia se lembrar da última vez em que a sorte lhe sorrisse. Embora se considerasse solteira havia quase trinta anos, não era, pelo menos que tivesse conhecimento, oficialmente divorciada da miserável criatura que praticamente a estuprara quando tinha dezessete anos, se casara com ela quando tinha dezoito, lhe dera seus três filhos e então misericordiosamente desaparecera da face da Terra. Nas raras ocasiões em que rezava, nunca deixava de fazer um pedido fervoroso para que Ernie fosse mantido longe dela, ficando onde quer que sua vida miserável o tivesse levado, se de fato sua vida já não tivesse chegado ao fim de alguma maneira dolorosa, que era com que, na verdade, ela sonhava mas não tinha a audácia de pedir ao Senhor. Ernie ainda era responsabilizado por todos os males de Inez — sua saúde debilitada e pobreza, suas condições de vida reduzidas, seu isolamento, a falta de amigos e até o desdém com que era tratada pela própria família. Mas a condenação mais dura a Ernie era pelo tratamento abominável que dera aos três filhos. Abandoná-los fora muito mais misericordioso que surrá-los.

Quando afinal chegaram à autoestrada, os três estavam precisados de um cigarro.

— Acha que McBride vai se aborrecer se a gente fumar? — perguntou Butch. Fumando uma média de três maços por dia, ele estava sempre metendo a mão no bolso para pegar um cigarro.

— Alguém andou fumando aqui dentro — disse Inez. — Fede como um poço de alcatrão. O ar-condicionado está ligado, Leon?

— Está, mas não dá para perceber se as janelas estiverem abertas. Pouco se importando com as preferências do Sr. McBride com relação ao fumo dentro de seu furgão, pouco depois estavam dando suas baforadas com as janelas abertas, o vento morno entrando e rodopiando dentro no veículo. Depois de entrar no

furgão, o vento não tinha via de saída, não havia outras janelas, nem escapes, nada que lhe permitisse sair, de modo que rugia de volta em direção à frente e engolfava os três Graneys que olhavam fixamente para a estrada, absortos em fumar e aparentemente desligados de tudo, enquanto o furgão avançava pela estrada do condado. Butch e Leon, de vez em quando, batiam a cinza do lado de fora da janela. Inez delicadamente juntava a sua na palma da mão em concha.

— Quanto McBride lhe cobrou? — perguntou Butch do banco do carona.

Leon sacudiu a cabeça. — Nada. Até encheu o tanque. Disse que não estava de acordo com isso. Afirmou que havia muita gente que não gostava.

— Não tenho certeza de que acredito nisso. — Eu não acredito. Quando os três cigarros acabaram, Leon e Butch fecharam as janelas e mexeram nos controles do ar-refrigerado.

O ar quente jorrou e passaram-se minutos antes que o calor amainasse. Os três estavam transpirando.

— Está tudo bem aí atrás? — perguntou Leon, olhando por cima do ombro e sorrindo para a mãe.

— Estou bem, obrigada. O ar-refrigerado funciona?

— Funciona, está começando a refrescar.

— Não estou sentindo nada.

— Quer parar para tomar um refrigerante ou alguma coisa?

— Não. Vamos tratar de andar logo.

— Eu bem que gostaria de uma cerveja — disse Butch, e, como se aquilo já fosse esperado, Leon imediatamente sacudiu a cabeça numa negativa e Inez contribuiu com um enfático “Não”.

— Nada de bebida — disse ela, e a questão foi encerrada de uma vez por todas. Quando Ernie abandonara a família alguns anos antes, não tinha levado nada senão sua espingarda, algumas roupas e toda a bebida alcoólica de seu suprimento particular. Ernie tinha sido um bêbado violento, e seus filhos ainda tinham cicatrizes emocionais e físicas decorrentes disso. Leon, o mais velho, sofrera mais a brutalidade que seus irmãos mais moços e, ainda garoto pequeno, associara o álcool aos horrores dos maus-tratos do pai. Nunca bebera uma gota de álcool, embora, com o tempo, tivesse encontrado seus próprios vícios. Butch, por outro lado, tinha bebido muito desde o princípio da adolescência, embora nunca tivesse se sentido tentado a trazer álcool às escondidas para a casa de sua mãe. Raymond, o mais jovem, tinha escolhido seguir o exemplo de Butch em vez do de Leon.

Para deixar de lado aquele tópico desagradável, Leon perguntou à mãe quais eram as últimas notícias de uma amiga que morava nas

vizinhanças, uma velha solteirona que estivera morrendo de câncer por anos. Inez — como sempre — se animava toda enquanto falava sobre doenças e tratamentos, não só de seus vizinhos como os seus.

O ar-refrigerado por fim começou a esfriar, e a densa umidade dentro do furgão começou a diminuir. Depois que parou de transpirar, Butch meteu a mão no bolso, tirou outro cigarro, acendeu-o e abriu uma fresta da janela. A temperatura subiu imediatamente. Logo, todos os três estavam fumando e as janelas, baixadas um pouquinho e baixadas mais um pouquinho, até que o ar ficou novamente pesado de calor e nicotina.

Quando acabaram de fumar, Inez disse para Leon. — Raymond telefonou há duas horas.

Aquilo não era surpresa. Raymond já andara fazendo ligações a cobrar havia vários dias, e não só para a mãe. O telefone de Leon andava tocando tanto ultimamente, que sua esposa atual (a terceira) se recusava a atender. Outras pessoas na cidade também andavam declinando aceitar as chamadas.

— O que ele disse? — perguntou Leon, mas apenas porque tinha que responder. Sabia exatamente o que Raymond tinha dito, talvez não as palavras exatas, mas com certeza de modo geral.

— Ele disse que as coisas estão parecendo muito boas, promissoras, que provavelmente vai ter que despedir a equipe de advogados que tem agora de modo a poder contratar outra equipe. Você conhece Raymond. Ele está dizendo aos advogados o que fazer e não fazer e eles estão se atrapalhando.

Sem virar a cabeça, Butch voltou os olhos para Leon e Leon retribuiu o olhar. Nada foi dito porque palavras não eram necessárias.

— Disse que a nova equipe vem de uma firma de Chicago, que tem mil advogados. Você pode imaginar? Mil advogados trabalhando para Raymond. E ele lhes dizendo o que fazer.

Mais um olhar foi trocado entre o motorista e o passageiro sentado à direita. Inez tinha catarata e sua visão periférica havia declinado. Se tivesse visto os olhares sendo trocados entre seus dois filhos mais velhos, não teria ficado nada satisfeita.

— Disse que eles acabaram de descobrir novas provas que deviam ter sido apresentadas no julgamento, mas que não foram porque a polícia e a promotoria ocultaram e, com esses fatos novos, Raymond está realmente se sentindo confiante de que terá um novo julgamento aqui em Clanton, embora não tenha certeza de que quer que seja aqui, de modo que pode pedir para que seja transferido para algum outro lugar. Ele está pensando em algum lugar no Delta porque os júris do Delta têm mais negros entre os integrantes e ele diz que os negros são mais simpáticos a casos como este. O que

você acha disso, Leon?

— Com certeza, há mais negros no Delta — falou Leon. Butch resmungou e balbuciou, mas suas palavras não foram claras.

— Disse que não confia em ninguém no condado de Ford, especialmente na polícia e nos juízes. Deus sabe que eles nunca nos deram nem uma chance.

Leon e Butch assentiram silenciosamente. Ambos tinham sido prejudicados pelos agentes da lei no condado de Ford, Butch ainda mais do que Leon. E, embora tivessem se declarado culpados por seus crimes em acordos negociados, sempre tinham achado que eram perseguidos pelo simples fato de ser da família Graney.

— Mas eu não sei se vou aguentar mais um julgamento — disse Inez e, com essas palavras, se calou.

Leon queria dizer que as possibilidades de Raymond conseguir um novo julgamento eram piores que remotas e que ele estivera inventando histórias e fazendo alarde sobre um novo julgamento há mais de uma década. Butch queria dizer quase que exatamente a mesma coisa, mas teria acrescentado que estava farto da conversa fiada de presidiário de Raymond sobre advogados e julgamentos e novas provas, e que já estava mais do que na hora de o garoto parar de empurrar a culpa para cima dos outros e aceitar seu castigo como um homem.

Mas nenhum dos dois disse uma palavra.

— Ele falou que nenhum de vocês lhe mandou o estipêndio no último mês — perguntou ela. — É verdade?

Passaram-se oito quilômetros antes que outra palavra fosse falada.

— Vocês aí me ouviram? — perguntou Inez. — Raymond diz que vocês não mandaram o estipêndio para o mês de junho e que agora já estamos em julho. Vocês esqueceram?

Leon falou primeiro e desabafou. — Esquecer? Como poderíamos esquecer isso? Ele não fala de outra coisa. Recebo uma carta todos os dias, às vezes duas, não que eu leia todas, mas cada carta fala do estipêndio. “Obrigado pelo dinheiro, mano.” “Não se esqueça do dinheiro, Leon, estou contando com você, meu irmão.” “Tenho que ter dinheiro para pagar os advogados, você sabe quanto esses sanguessugas cobram.” “Ainda não recebi o estipêndio deste mês, maninho.”

— Que diabo é um estipêndio? — disparou Butch de seu canto no lado direito, a voz subitamente irritada.

— Um pagamento regular ou fixo, de acordo com o Webster's — respondeu Leon.

— Mas é apenas dinheiro, certo?

— Certo.

— Então, por que ele não pode simplesmente dizer algo como: “Mande-me o maldito dinheiro” ou “Onde está o maldito do dinheiro?” Por que ele tem que usar palavras metidas a besta?

— Nós já tivemos essa conversa um milhão de vezes — observou Inez.

— Bem, você mandou um dicionário para ele — disse Leon para Butch.

— Isso foi há uns dez anos, no mínimo. E mandei porque ele me implorou.

— Bem, ele ainda tem o dicionário e ainda o está usando, para procurar palavras que nós não conhecemos.

— Com frequência, me pergunto se os advogados conseguem acompanhar o vocabulário dele — refletiu Butch.

— Vocês estão tentando mudar de assunto — disse Inez. — Por que não mandaram o estipêndio para ele no mês passado?

— Eu pensei que tivesse mandado — disse Butch, sem muita convicção.

— Não acredito nisso — rebateu ela.

— Meu cheque está no correio — falou Leon.

— Também não acredito nisso. Todos nós concordamos em mandar cem dólares para ele a cada mês, todos os meses, doze meses por ano. É o mínimo que podemos fazer. Eu sei que é difícil, especialmente para mim, que vivo de seguro desemprego e tudo o mais. Mas vocês, rapazes, têm emprego, e o mínimo que podem fazer é contribuir cada um com cem dólares para que seu irmão caçula possa comprar comida decente e pagar os advogados.

— Nós temos mesmo que repetir tudo isso outra vez? — perguntou Leon.

— Eu ouço todos os dias — disse Butch. — Quando não ouço de Raymond, ao telefone ou por carta, então, ouço de mamãe.

— Isso por acaso é uma queixa? — perguntou ela. — Você tem algum problema com sua moradia? Você mora na minha casa de graça e ainda quer reclamar?

— Vamos com calma — contemporizou Leon.

— Quem vai cuidar de você? — disse Butch em defesa própria.

— Parem com isso, os dois. Tudo isso é tão batido.

Os três respiraram fundo, então trataram de pegar seus cigarros.

Depois de um longo cigarrinho, fumado em silêncio, partiram para mais um *round*. Inez deu início aos trabalhos com um agradável comentário:

— Nunca deixo de mandar um mês. E, se vocês se lembrarem bem, não deixei faltar um mês quando vocês dois estavam presos em Parchman.

Leon grunhiu, deu um tapa na direção e disse em tom irritado:

— Mamãe, isso foi há vinte e quatro anos. Por que falar disso agora? Nunca mais recebi sequer uma multa por excesso de velocidade desde que recebi a minha condicional.

Butch, cuja vida no crime tinha sido muito mais movimentada do que a de Leon e que ainda estava em liberdade condicional, não disse nada.

— Eu nunca deixei de mandar um mês — disse ela.

— Ora, vamos.

— E, às vezes, eram duzentos por mês, porque dois de vocês estavam na cadeia ao mesmo tempo, pelo que me lembro. Acho que tive sorte por nunca ter tido os três na cadeia ao mesmo tempo. Não teria conseguido pagar minha conta de luz.

— Pensei que esses advogados trabalhassem de graça — disse Butch, num esforço para desviar a atenção de si mesmo e na esperança de direcioná-la para um alvo fora da família.

— E trabalham de graça — falou Leon. — É chamado de trabalho *pro bono*, advocacia gratuita, e todos os advogados devem aceitar alguns casos. Até onde sei, essas grandes firmas que atuam em casos assim não esperam receber honorários.

— Então, o que Raymond está fazendo com trezentos dólares por mês se não está pagando advogados?

— Já tivemos essa conversa antes — retrucou Inez. — Tenho certeza de que ele gasta uma fortuna em canetas, papel, envelopes e selos — disse Leon. — Ele afirma que escreve dez cartas por dia. Que diabo, são cem dólares por mês só nisso.

— Além disso, ele escreveu oito livros — acrescentou Butch rapidamente. — Ou foram nove, mamãe? Não me lembro.

— Nove.

— Nove livros, vários volumes de poesia, um monte de contos, centenas de canções. Pensem na quantidade de papel que ele consome disse Butch.

— Você está gozando Raymond? — perguntou ela.

— Nunca.

— Ele uma vez vendeu um conto — disse ela. — É claro que sim. Qual era a revista? *Hot Rodder*? Pagaram a ele quarenta dólares por um conto sobre um homem que roubou mil calotas. Dizem que as pessoas escrevem a respeito do que sabem.

— Quantas histórias você vendeu? — perguntou ela. — Nenhuma, porque nunca escrevi nenhuma, e o motivo por que nunca escrevi nenhuma é porque me dou conta do fato de que não tenho talento para escrever. Se meu irmão caçula também se desse conta do fato de que não tem quaisquer talentos artísticos, ele poderia economizar dinheiro e centenas de pessoas não seriam submetidas a seus absurdos.

— O que você diz é muito cruel.

— Não, mamãe, é muito honesto. E, se você tivesse sido honesta com ele há muito tempo, talvez ele tivesse parado de escrever. Mas não. Você leu os livros dele, a poesia dele e os contos e disse que era tudo maravilhoso. De modo que ele escreveu mais, com palavras mais longas, frases mais longas, parágrafos mais longos e chegou a um ponto agora em que mal conseguimos compreender quase que droga nenhuma do que ele escreve.

— Então, é tudo minha culpa?

— Não cem por cento, não.

— Ele escreve como uma forma de terapia.

— Já tentei isso. Não vejo como escrever pode ajudar em alguma coisa.

— Ele diz que ajuda.

— Esses livros são escritos à mão ou datilografados? — perguntou Leon, interrompendo.

— Datilografados — respondeu Butchy.

— Quem datilografa?

— Ele tem que pagar a um sujeito na biblioteca de Direito — respondeu Inez. — Um dólar a página, e um dos livros tinha mais de oitocentas páginas. Mas eu li, cada palavra.

— Entendeu cada palavra? — perguntou Butch.

— A maioria delas. Um dicionário ajuda. Céus, não sei onde aquele menino encontra aquelas palavras.

— E Raymond enviou esses livros a Nova York para serem publicados, certo? — perguntou Leon, seguindo em frente.

— Enviou, e eles mandaram todos de volta — ela respondeu.

— Acho que também não conseguiram entender as palavras.

— Seria de se imaginar que aquelas pessoas em Nova York compreenderiam o que ele estava dizendo — observou Leon.

— Ninguém compreende o que ele está dizendo — disse Butch.

— Esse é o problema de Raymond, o novelista, e Raymond, o poeta, e Raymond, o preso político, e Raymond, o compositor de canções, e Raymond, o advogado. Ninguém de plena posse dos sentidos tem nenhuma ideia do que Raymond está dizendo quando ele começa a escrever.

— Então, se compreendi bem tudo isso — disse Leon —, uma grande parte do dinheiro para as despesas gerais de Raymond tem sido gasta para financiar sua carreira literária. Papel, postagem, datilografia, cópias, envio para Nova York e de volta. Isso está certo, mãe?

— Acho que sim.

— E é duvidoso que seus estímulos tenham de fato sido usados para pagar seus advogados — prosseguiu Leon.

— Muito duvidoso — respondeu Butch.

— E não se esqueça da carreira musical dele. Ele gasta dinheiro em cordas para a guitarra e partituras. Além disso, eles agora permitem que presos aluguem fitas. Foi assim que Raymond se tornou cantor de blues. Ele ouviu B. B. King e Muddy Waters e, segundo conta, agora distrai os amigos do corredor da morte com sessões até de madrugada de blues.

— Ah, eu sei. Ele me contou nas cartas.

— Ele sempre teve uma bela voz — disse Inez.

— Nunca o ouvi cantar — falou Leon.

— Eu também não — acrescentou Butch.



Eles estavam no anel rodoviário ao redor de Oxford, a duas horas de Parchman. O furgão do estofador parecia andar melhor a noventa e cinco quilômetros por hora; um bocadinho mais depressa e os pneus dianteiros trepidavam um pouco. Não havia pressa. A oeste de Oxford, a região de colinas começava a se aplainar; o Delta não ficava muito longe. Inez reconheceu uma pequena igreja rural branca, logo ali à direita, ao lado de um cemitério, e ocorreu-lhe que a igreja não havia mudado nada ao longo dos muitos anos em que ela fazia aquela viagem até a penitenciária estadual. Perguntou-se quantas outras mulheres do condado de Ford teriam feito tantas daquelas viagens, mas sabia a resposta. Leon dera início à tradição muitos anos antes com uma pena de trinta meses, e, naquela época, as regras lhe permitiam visitá-lo no primeiro domingo de cada mês. Às vezes, Butch a levava de carro e, às vezes, ela pagava ao filho do vizinho para dirigir, mas nunca perdia uma visita e sempre levava doce de manteiga de amendoim e tubos de pasta de dentes. Seis meses depois de Leon receber a condicional, ele estava dirigindo para que ela visitasse Butch. Depois, tinham sido Butch e Raymond, mas em unidades carcerárias diferentes, com regras diferentes.

Então, Raymond tinha matado o policial e eles o haviam trancado no corredor da morte, que tinha suas próprias regras.

Com prática, a maioria das tarefas desagradáveis se torna suportável, e Inez Graney havia aprendido a esperar com prazer pelas visitas. Seus filhos tinham sido condenados pelo resto do condado, mas a mãe deles nunca os abandonaria. Ela estivera lá quando nasceram e estivera lá quando tinham sido espancados. Tinha sofrido e enfrentado suas audiências no tribunal e audiências

de condicional e dissera a qualquer um que se dispusesse a ouvir que eram bons rapazes que haviam sofrido abusos nas mãos do homem com que ela escolhera se casar. Tudo era sua culpa. Se ela tivesse se casado com um homem decente, seus filhos poderiam ter tido vidas normais. — Acham que aquela mulher vai estar lá? — perguntou Leon. — Ai, Senhor, Senhor — gemeu Inez.

— Por que ela perderia o espetáculo? — disse Butch. — Tenho certeza de que ela vai estar por lá em algum lugar.

“Aquela mulher” era Tallulah, uma louca que havia entrado na vida deles alguns anos antes e conseguido transformar uma situação ruim numa muito pior. Por meio dos grupos contra a pena de morte, ela havia entrado em contato com Raymond, que respondera de modo típico, com uma longa carta, cheia de afirmações de inocência e maus-tratos e a conversa fiada habitual sobre sua carreira literária e musical. Ele lhe enviara alguns poemas, sonetos de amor, e ela ficara obcecada por ele.

Eles se conheceram na sala de visitantes do corredor da morte e, através de uma janela de tela grossa de metal, se apaixonaram. Raymond cantou alguns blues e Tallulah caiu de amores por ele. Chegaram a falar em casamento, mas os planos foram postos em espera até que o marido de Tallulah à época fosse executado pelo estado da Geórgia. Depois de um breve período de luto, ela viajou a Parchman para a realização de uma bizarra cerimônia que não era reconhecida por nenhuma lei estadual nem doutrina religiosa. De qualquer maneira, Raymond estava apaixonado e, assim inspirado, seu volume prodigioso de redação de cartas atingiu novos píncaros. A família foi avisada de que Tallulah estava ansiosa para visitar o condado de Ford e conhecer seus novos parentes por afinidade. Ela de fato apareceu, mas, quando eles se recusaram a recebê-la, Tallulah foi fazer uma visita ao *Ford County Times*, onde lhes contou suas opiniões e ideias incoerentes e seus *insights* sobre a dura situação do pobre Raymond Graney, suas promessas de apresentação das novas provas que o inocentariam da morte do policial. Também anunciou que estava grávida de Raymond, em resultado de várias visitas conjugais que atualmente eram permitidas a internos no corredor da morte.

Tallulah foi parar na primeira página, com direito a foto e tudo mais, mas o repórter tinha sido previdente e verificado os fatos com o Presídio de Parchman. Não eram permitidas visitas conjugais aos internos, especialmente aos que estavam no corredor da morte. E não havia nenhum registro oficial de casamento. Sem se deixar abalar, Tallulah continuou a promover a causa de Raymond, chegando até mesmo a levar vários de seus volumosos manuscritos a Nova York, onde mais uma vez foram rejeitados por editores sem

visão. Com o passar do tempo, ela gradualmente desapareceu, embora Inez, Leon e Butch vivessem apavorados com a possibilidade de que um bebê Graney pudesse brevemente nascer em algum lugar. Porque, a despeito das regras relativas a visitas conjugais, eles conheciam Raymond. Ele arrumaria um jeito.

Dois anos depois, Raymond informou à família que ele e Tallulah iam pedir o divórcio e que, para obtê-lo de acordo com as formalidades, ele precisava de quinhentos dólares. Isso deu início a mais um desagradável episódio de discussões e xingamentos, e o dinheiro só foi reunido depois que ele ameaçou cometer suicídio, e não pela primeira vez. Não muito tempo depois de os cheques terem sido enviados, Raymond escreveu, à família sobre a maravilhosa notícia de que ele e Tallulah haviam se reconciliado. Ele não se ofereceu para devolver o dinheiro a Inez, Butch e Leon, embora os três tivessem sugerido que o fizesse. Raymond se recusou com base no fato de que sua nova equipe de advogados precisava de dinheiro para contratar peritos e investigadores.

O que enfurecia Leon e Butch era a postura de seu irmão em agir como se tivesse esse direito, como se eles, a família, lhe devessem o dinheiro pelo fato de ser o acusado. Nos primeiros tempos, logo que fora condenado, tanto Leon quanto Butch tinham recordado a Raymond que ele não lhes mandara um centavo quando tinham estado atrás das grades e ele, solto. Aquilo resultara em mais um episódio muitíssimo desagradável em que Inez fora obrigada a interceder e mediar.

Ela continuou ali recostada e sem se mover em sua cadeira de rodas, com uma grande bolsa de lona no colo. À medida que os pensamentos sobre Tallulah começaram a se apagar, ela abriu a bolsa e tirou uma carta de Raymond, a última que ele enviara. Inez abriu o envelope, simples, branco, com sua letra cursiva cheia de espirais na frente, e desdobrou duas folhas de papel pautado amarelo.

Queridíssima Mãe,

Está se tornando cada vez mais óbvio e evidente que as maquinacões incômodas e inflexíveis e, sim, até letárgicas de nosso injusto e desonroso e, sim, até corrupto sistema judicial inevitável e irrevogavelmente cravaram seus olhos odiosos e desprezíveis em mim.

Inez respirou fundo e leu a frase de novo. A maioria das palavras parecia conhecida. Depois de anos passados com uma carta sendo

lida em uma das mãos e com um dicionário na outra, ela ficava pasma ao ver quanto seu próprio vocabulário havia se expandido.

Butch lançou um olhar rápido para trás, viu a carta, sacudiu a cabeça, mas não disse nada.

Entretanto, o estado do Mississippi será mais uma vez impedido e contrariado e deixado em total e consumada degradação em sua decisão de extrair sangue de Raymond T. Graney. Pois eu providenciei e contratei os serviços de um jovem advogado com talentos espantosos, um extraordinário advogado judiciosamente escolhido por mim depois das inúmeras legiões de advogados que muito literalmente se atiravam aos meus pés.

Mais uma pausa, mais uma releitura rápida. Inez mal e mal estava conseguindo avançar.

Não surpreendentemente, um advogado de proficiência e destreza tão raras e superlativas e, sim, até singulares não pode labutar e advogar em meu favor sem a recompensação apropriada.

— O que é recompensação? — perguntou ela.

— Soletre — disse Butch. Ela soletrou devagar, e os três refletiram, sobre a palavra. Aquele tipo de exercício de linguagem havia se tornado tão rotineiro quanto falar sobre o tempo.

— Como está sendo usado? — perguntou Butch, de modo que ela leu a frase.

— Dinheiro — explicou Butch e Leon rapidamente concordou. As misteriosas palavras com frequência tinham alguma coisa a ver com dinheiro.

— Deixe-me adivinhar. Ele arranjou um novo advogado e precisa de dinheiro extra para pagá-lo.

Inez o ignorou e continuou a ler.

É com grande relutância e até receio que eu desesperadamente rogo e imploro a você que obtenha a soma bastante razoável de 1.500 dólares, que imediatamente encontrará aplicação em minha defesa e inquestionavelmente

me libertará e me emancipará e de outro modo me salvará. Concorde, mamãe, agora é o momento para a família se unir e dar as mãos e metaforicamente cerrar fileiras. Sua relutância, sim, e mesmo sua recalcitrância serão consideradas negligência perniciosa.

— O que é recalcitrância? — perguntou ela.

— Soletre — disse Leon.

Ela soletrou “recalcitrância” e depois “perniciosa”, e, depois de um debate desanimado, tornou-se evidente que nenhum dos três tinha a menor ideia.

Uma nota final antes que eu me dedique à correspondência de caráter mais urgente — Butch e Leon mais uma vez faltaram com meus estipêndios: suas perfídias mais recentes dizem respeito ao mês de junho e já estamos na metade de julho. Por favor, atormente, assedie, envergonhe, importune com perguntas e insista com esses dois cabeças-duras até que eles honrem seus compromissos para com meu fundo de defesa.

Como sempre, todo o amor de seu filho mais querido e favorito,

Raymond

Cada carta enviada para um interno do corredor da morte era lida por alguém na sala de correspondência em Parchman, e cada carta que saía era igualmente examinada.

Com frequência, Inez se apiedara da alma infeliz que tinha por obrigação ler as missivas de Raymond. As cartas nunca deixavam de cansar Inez, principalmente porque exigiam trabalho. Ela temia deixar de entender alguma coisa importante.

As cartas a exauriam. As letras de música a faziam dormir. As novelas lhe causavam enxaquecas. A poesia era impenetrável.

Ela escrevia em resposta duas vezes por semana sem falta, porque, se negligenciasse seu filho caçula por um ou dois dias, podia esperar com certeza uma torrente de desaforos, uma carta de quatro ou talvez cinco páginas, cheia de uma linguagem candente, contendo palavras que quase sempre não podiam ser encontradas em um dicionário. E mesmo o mais ligeiro atraso no envio de seu estipêndio causava desagradáveis telefonemas a cobrar.

Dos três, Raymond tinha sido o melhor aluno, embora nenhum tivesse terminado o secundário. Leon tinha sido o melhor atleta,

Butch, o melhor músico, mas o pequeno Raymond tinha cérebro. E ele tinha conseguido chegar à décima primeira série, antes de ser apanhado com uma motocicleta roubada e passar sessenta dias numa instituição para menores. Estava com dezesseis anos na época, cinco anos mais moço que Butch e dez mais moço que Leon, e os irmãos Graney já estavam adquirindo uma reputação de ser talentosos ladrões de carros. Raymond entrara para o negócio da família e se esquecera da escola.

— Então, quanto ele quer desta vez? — perguntou Butch.

— Mil e quinhentos, para um novo advogado. Disse que vocês dois não mandaram o estipêndio do mês passado.

— Mamãe, não fale mais nisso — falou Leon em tom áspero e, por um longo tempo, mais nada foi dito.



Quando a primeira quadrilha de roubo de carros foi estourada, Leon levou a culpa e cumpriu sua pena em Parchman. Depois de sua libertação, casou-se com a segunda esposa e conseguiu se endireitar e levar uma vida honesta. Butch e Raymond não fizeram nenhum esforço para tentar levar uma vida honesta; na verdade, tinham expandido suas atividades. Negociavam com armas e acessórios roubados, fizeram tentativas de entrar no tráfico de marijuana, vendiam bebida alcoólica fabricada ilegalmente e, é claro, roubavam e vendiam carros a várias oficinas de desmonte no norte do Mississippi. Butch foi apanhado quando roubou um caminhão de dezesseis rodas que devia estar carregado de televisores Sony, mas que, na verdade, trazia um carregamento de rolos de tela de metal reforçada para cercas. Televisores são fáceis de vender no mercado negro. Os rolos de tela para cerca demonstraram ser mais difíceis. O que acabou por acontecer foi que o xerife fez uma incursão ao esconderijo de Butch e encontrou a mercadoria roubada, por inútil que fosse. Butch confessou o crime com uma pena negociada de dezoito meses de prisão em Parchman. Raymond conseguiu evitar ser incriminado e viveu para roubar de novo. Fez carreira atendo-se ao seu primeiro amor — carros e picapes — e prosperou bem, embora todos os lucros fossem desperdiçados em bebida, jogatina e numa espantosa sucessão de mulheres que não prestavam.

Desde o início de suas carreiras como ladrões, os irmãos Graney haviam sido perseguidos por um obstinado policial chamado Coy

Childers. Coy suspeitava deles em todas as contravenções e crimes ocorridos no condado de Ford. Ele os vigiava, os seguia, os ameaçava, os assediava e, em várias ocasiões, os prendera por bons motivos ou sem absolutamente nenhum motivo. Todos três tinham sido espancados por Coy nas profundezas da cadeia do condado de Ford. Eles haviam se queixado amargamente ao xerife, o chefe de Coy, mas ninguém dá ouvidos às queixas de criminosos notórios. E os Graneys se tornaram muito conhecidos.

Como vingança, Raymond roubou a radiopatrulha de Coy e o vendeu a uma oficina de desmonte em Memphis. Ficou com o rádio e o enviou a Coy pelo correio num pacote de encomenda sem remetente. Raymond foi preso e teria sido espancado não fosse pela intervenção de seu defensor público, nomeado pelo tribunal. Não havia nenhuma prova, nada que o ligasse ao crime, exceto algumas suspeitas bem fundadas. Dois meses mais tarde, depois de Raymond ter sido solto, Coy comprou para a esposa um Chevrolet Impala. Raymond prontamente o roubou do estacionamento da igreja durante o encontro de orações da noite das quartas-feiras e o vendeu a uma oficina de desmonte perto de Tupelo. Àquela altura, Coy jurava publicamente que ia matar Raymond Graney.

Não houve testemunhas do assassinato, ou, pelo menos, nenhuma se apresentou. Aconteceu tarde numa sexta-feira à noite, numa estrada de cascalho não longe do grande trailer onde Raymond vivia com sua última namorada. A teoria da promotoria era de que Coy havia estacionado seu carro e se aproximara silenciosamente a pé, sozinho, com o plano de confrontar Raymond e talvez prendê-lo.

Coy foi encontrado depois do amanhecer por um grupo de caçadores de veados. Tinha sido baleado duas vezes na testa por um rifle de grande calibre e estava posicionado numa pequena depressão na estrada de cascalho, o que permitira que uma grande quantidade de sangue se acumulasse ao redor de seu corpo. As fotos da cena do crime fizeram com que dois jurados vomitassem.

Raymond e sua namorada afirmavam que haviam estado fora numa gafeira, mas evidentemente tinham sido os únicos clientes porque não puderam ser encontradas outras testemunhas que confirmassem o álibi. Os resultados do exame de balística rastrearam as balas como tendo sido disparadas por um rifle roubado e vendido por meio de um dos comparsas de longa data de Raymond no submundo, e, embora não houvesse nenhuma prova de que Raymond jamais tivesse sido dono, ou roubado, ou tomado emprestado ou estado de posse do rifle, a suspeita foi suficiente. O promotor convenceu o júri de que Raymond tinha motivo — ele odiava Coy, e era, afinal, um criminoso já condenado; — de que ele

tivera oportunidade — Coy foi encontrado perto do trailer de Raymond e não havia vizinhos num raio de quilômetros; e de que ele tivera os meios — a suposta arma do crime foi erguida como uma bandeira e exibida no tribunal, acompanhada de uma mira de uso exclusivo do exército que poderia ter permitido ao assassino ver na escuridão, embora não houvesse nenhuma prova de que a mira de visão noturna tivesse de fato estado acoplada ao rifle quando ele fora usado para matar Coy.

O álibi de Raymond era fraco. A namorada dele também tinha antecedentes criminais e se mostrou uma péssima testemunha. O advogado de defesa indicado pelo tribunal havia convocado três pessoas que deveriam testemunhar ter ouvido Coy jurar que mataria Raymond Graney. Todas três deram para trás sob a pressão de estar sentadas na cadeira de testemunha e sob os olhares furiosos do xerife e de pelo menos dez de seus policiais uniformizados. Tinha sido uma estratégia de defesa questionável para começar. Se Raymond acreditava que Coy estava vindo para matá-lo, então ele, Raymond, tinha agido em legítima defesa? Raymond por acaso estava admitindo ter cometido o crime? Não, ele não estava. Ele insistia em que não sabia de nada a respeito do crime e que estivera dançando em um bar quando alguém matara Coy.

A despeito da acachapante pressão da opinião pública para condenar Raymond, o júri ficou reunido dois dias antes de finalmente fazê-lo.

Um ano mais tarde, agentes federais estouraram uma quadrilha de metanfetamina e, como resultado de uma dúzia de confissões com negociação de pena, ficou-se sabendo que o policial Coy Childers tinha estado pesadamente envolvido no sindicato de distribuição da droga. Dois outros assassinatos, muito semelhantes nos detalhes, tinham ocorrido no condado de Marshall, a pouco mais de noventa quilômetros. A reputação estelar de Coy entre a população local ficou seriamente abalada. Começaram a circular intrigas e boatos a respeito de quem realmente o teria matado, embora Raymond continuasse sendo o suspeito favorito.

Sua condenação e sentença de morte foram unanimemente confirmadas pela suprema corte do estado. Mais apelos conduziram a mais confirmações da sentença, e agora, onze anos depois, o caso estava chegando ao fim.



A oeste de Batesville, as colinas finalmente cederam lugar às terras baixas e a estrada atravessou campos vicejantes de algodão e soja de meio de verão. Fazendeiros em seus John Deeres trafegavam devagar pela autoestrada como se ela tivesse sido construída para tratores e não para automóveis. Mas os Graney não estavam com pressa. O furgão seguiu adiante, passando por uma máquina descaroçadora de algodão parada, por galpões de armas abandonados, grandes trailers com antenas parabólicas para satélite e parrudos caminhões estacionados diante das portas e, de vez em quando, uma bela casa bem recuada da estrada para manter o tráfego distante dos proprietários. Na cidade de Marks, Leon virou para o sul e eles penetraram mais profundamente na região do Delta.

— Acho que Charlene vai estar lá — disse Inez.

— Com toda certeza — concordou Leon. — Ela não perderia isso por nada no mundo — disse Butch.

Charlene era a viúva de Coy, uma mulher sofredora que havia abraçado o martírio de seu marido com entusiasmo incomum. Ao longo dos anos, ela havia aderido a todos os grupos de vítimas que pudera encontrar, estaduais e nacionais. Tinha ameaçado mover processo contra os jornais e qualquer outra pessoa que questionasse a integridade de Coy. Escrevera longas cartas ao editor, exigindo mais agilidade da justiça para Raymond Graney. E não deixara de comparecer a uma única audiência ao longo do caminho, chegando a viajar até Nova Orleans quando o Quinto Circuito de Apelações Federal apreciara o caso.

— Ela tem rezado por este dia — disse Leon.

— Bem, é melhor ela continuar rezando porque Raymond disse que não vai acontecer — retrucou Inez. — Ele me jurou que seus advogados são muito melhores que os advogados do estado e que estão entrando com caminhões de petições.

Leon lançou um olhar para Butch, que fez contato visual, depois desviou o olhar para os campos de algodão. Passaram pelas comunidades agrícolas de Vance, Tutwiler e Rome quando o sol afinal ia morrendo. O cair da noite trouxe enxames de insetos que se chocaram contra o capô e o para-brisa. Fumaram com as janelas abertas e quase sem falar. A aproximação de Parchman sempre deixava os Graneys silenciosos — Butch e Leon, por motivos óbvios, e Inez porque a fazia se lembrar de suas deficiências como mãe.

Parchman era uma prisão infame, mas também era uma fazenda, uma plantação, que se estendia por mais de dezoito mil acres de fértil terra preta, que produzira algodão e lucros para o estado ao longo de décadas até que os tribunais federais tinham se metido e praticamente abolido o trabalho escravo. Em outro processo, outro

tribunal federal havia posto fim às condições de segregação racial. Mais litígios haviam tornado as condições de vida ligeiramente melhores, embora a violência se tornasse pior.

Para Leon, trinta meses passados lá tinham-no feito abandonar o crime, e isso era o que cidadãos respeitadores da lei queriam de uma prisão. Para Butch, a primeira sentença lhe provara que ele poderia resistir a mais uma, e nenhum carro ou picape estava seguro no condado de Ford.

A Rodovia 3 se estendia reta e plana e havia pouco tráfego. Estava quase escuro quando o furgão passou pela pequena placa verde na estrada, que dizia apenas Parchman.

Adiante havia luzes, movimento, alguma coisa incomum acontecendo. À direita, ficavam os portões brancos de pedra da prisão, e, do outro lado da estrada, em um terreno de cascalho, havia um circo montado. Manifestantes contra a pena de morte estavam em plena atividade. Alguns se ajoelhavam em círculo e rezavam. Outros andavam em formação cerrada com pôsteres feitos à mão em favor de Raymond Graney. Outro grupo cantava um hino. Outro ainda se ajoelhava ao redor de um padre com velas acesas nas mãos. Mais adiante na estrada, um grupo menor entoava slogans a favor da pena de morte e berrava insultos contra os partidários de Graney. Policiais uniformizados mantinham a paz. Equipes de jornais de televisão estavam ocupadas gravando tudo.

Leon parou na casa da guarda, que estava repleta de guardas da prisão e pessoal de segurança, todos bastante ansiosos. Um deles, com uma prancheta, se aproximou da porta do motorista e perguntou:

— Seus nomes?

— Graney, a família do Sr. Raymond Graney. Leon, Butch e nossa mãe, Inez.

O guarda não escreveu nada, deu um passo para trás e conseguiu dizer:

— Esperem um minuto — então os deixou. Três guardas se postaram diretamente na frente do furgão, na barricada diante da pista de entrada.

— Ele foi buscar Fitch — disse Butch. — Quer apostar?

— Não — respondeu Leon.

Fitch era uma espécie de administrador, um empregado de carreira da prisão, cujo trabalho sem grandes perspectivas só era alegrado por uma fuga ou uma execução. De botas de caubói e um Stetson falso, e com uma grande pistola no quadril, ele veio andando todo gabola pelo lado da Parchman como se fosse o dono. Fitch tinha conseguido durar mais que uma dúzia de diretores e sobrevivido ao mesmo número de processos. À medida que se

aproximava do furgão, disse em voz bem alta:

— Ora, ora, os irmãos Graney estão de volta ao seu lugar. Estão aqui para fazer reparos na mobília, rapazes? Temos uma velha cadeira elétrica que vocês podem reestofar. — Ele gargalhou de sua própria piada e houve mais risadas às suas costas.

— Boa-noite, Sr. Fitch — disse Leon. — Temos nossa mãe aqui conosco.

— Boa-noite, senhora — falou Fitch enquanto espiava o interior do furgão.

Inez não respondeu.

— Onde arrumaram este furgão? — perguntou Fitch.

— Pegamos emprestado — respondeu Leon.

Butch olhou fixamente para a frente e se recusou a olhar para Fitch.

— Pegaram emprestado uma ova. Quando foi a última vez em que vocês pegaram alguma coisa emprestada? Tenho certeza de que o Sr. McBride deve estar procurando seu furgão agora mesmo. Sou capaz de dar uma ligada para ele.

— Faça isso, Fitch — respondeu Leon.

— É Sr. Fitch para você.

— Como queira.

Fitch descarregou uma grande cusparada. Balançou a cabeça em assentimento, como se apenas ele controlasse os detalhes.

— Creio que vocês sabem para onde estão indo — disse. — Deus sabe que estiveram aqui muitas vezes. Sigam aquele carro até o setor de segurança máxima. Eles farão a revista lá. — Acenou para os guardas na barricada. Uma abertura foi criada, e eles deixaram Fitch para trás sem dizer outra palavra. Por alguns minutos, seguiram um carro “à paisana” cheio de homens armados. Foram passando por unidade após unidade, cada uma inteiramente separada, cada uma isolada por cercas reforçadas com rolos de arame farpado no alto. Butch contemplou o prédio onde havia passado vários anos de sua vida. Em uma área aberta bem iluminada, o “playground”, como costumavam chamar, viram o inevitável jogo de basquete com homens sem camisa banhados de suor, sempre a milímetros de cometer uma falta contra o outro para dar início a mais uma briga idiota. Ele viu os mais calmos sentados em mesas de piquenique, esperando pela contagem das dez horas antes de se recolherem aos leitos, esperando que o calor amainasse porque os aparelhos de ar-condicionado nas unidades carcerárias raramente funcionavam, especialmente em julho.

Como de hábito, Leon lançou um olhar rápido para sua antiga unidade, mas não se deteve em pensar no tempo que passara ali. Depois de tantos anos, tinha conseguido esconder as cicatrizes

emocionais dos abusos físicos. A população de internos era 80 por cento negra e Parchman era um dos poucos lugares no Mississippi onde os brancos não ditavam as regras.



A unidade de segurança máxima era um prédio no estilo dos anos 1950, de teto plano, térrea, de tijolos vermelhos, muito semelhante a inúmeras escolas primárias construídas na época. Também era envolta por cercas reforçadas e rolos de arame farpado, vigiada por guardas refestelados em torres, embora, naquela noite, todo mundo de uniforme estivesse bem desperto e animado. Leon estacionou onde lhe indicaram, então, ele e Butch receberam uma revista completa feita por um pequeno batalhão de guardas de cara amarrada. Inez foi carregada para fora em sua cadeira de rodas, empurrada até um posto de controle improvisado e cuidadosamente inspecionada por duas guardas femininas. Então, foram escoltados até o interior do prédio, através de uma série de portas pesadas, passando por mais guardas e, finalmente, até uma salinha que nunca tinham visto antes. A sala de visitantes ficava em outro lugar. Dois guardas ficaram com eles. A sala tinha um sofá, duas cadeiras dobráveis, uma fileira de velhíssimos arquivos e a aparência de ser o escritório de um burocrata sem importância, que fora posto para fora por aquela noite.

Os dois guardas pesavam no mínimo cento e dez quilos cada um, tinham pescoços com sessenta centímetros de circunferência e a obrigatória cabeça raspada. Depois de cinco minutos desagradáveis na sala com a família, Butch resolveu dar um basta. Deu alguns passos na direção deles e os desafiou com atrevimento: — O que, exatamente, vocês dois estão fazendo aqui?

— Cumprindo ordens — respondeu um.

— Ordens de quem?

— Do diretor da prisão.

— Vocês se dão conta de como parecem imbecis? Aqui estamos nós, a família do homem condenado, esperando para passar alguns minutos com nosso irmão, nesta merdinha desta sala minúscula, sem janelas, de paredes de concreto, apenas uma porta, e vocês estão aí nos vigiando como se fôssemos perigosos. Vocês se dão conta de como isso é idiota?

Ambos os pescoços pareceram se expandir. Os dois rostos ficaram rubros. Tivesse Butch sido um interno, teria levado uma

surra, mas não era. Era um cidadão, um ex-condenado que odiava todos os tiras, patrulheiros, guardas, agentes e seguranças que já vira. Todo homem de uniforme era seu inimigo.

— Senhor, por favor, sente-se — disse um deles, friamente.

— Caso vocês, idiotas, não se deem conta, podem guardar esta sala com a mesma facilidade ficando do outro lado da porta. Eu juro. É verdade. Sei que provavelmente não foram treinados o suficiente para se dar conta disso, mas, se saíssem por aquela porta e ficassem com o rabo do outro lado, tudo continuaria seguro e nós teríamos um pouco de privacidade. Poderíamos falar com nosso irmão caçula sem nos preocupar com o fato de dois palhaços estarem ouvindo.

— É melhor parar com isso, companheiro.

— Vá em frente, apenas saia por aquela porta, feche, fique olhando para ela, guardando-a. Sei que vocês dão conta disso. Sei que podem nos manter seguros aqui dentro.

É claro que os guardas não se moveram, e Butch finalmente se sentou numa das cadeiras ao lado da mãe. Depois de uma espera de trinta minutos que pareceu durar para sempre, o diretor da prisão entrou com seu séquito e se apresentou.

— A execução continua planejada para um minuto depois da meia-noite — disse, em tom oficial, como se estivesse discursando em uma reunião de rotina com seu pessoal.

— Fui avisado para não esperar nenhuma ligação de último minuto do gabinete do governador. — Não houve qualquer indício de compaixão em sua voz.

Inez pôs as duas mãos sobre o rosto e começou a chorar baixinho.

Ele prosseguiu: — Os advogados estão ocupados com todas aquelas coisas de último minuto que sempre fazem, mas nossos advogados nos disseram que uma suspensão da execução é improvável.

Leon e Butch olharam fixamente para o chão. — Nós afrouxamos um pouco as regras nessas situações. Os senhores estão livres para ficar aqui dentro o tempo que quiserem; logo traremos Raymond. Lamento que tenha chegado a isso. Se houver alguma coisa que eu possa fazer, por favor, me avisem.

— Tire estes dois bobalhões daqui — Butch apontou para os guardas. — Gostaríamos de um pouco de privacidade.

O diretor hesitou, olhou ao redor da sala.

— Não tem problema — disse.

Retirou-se e levou os guardas consigo. Quinze minutos mais tarde, a porta se abriu de novo e Raymond entrou animadamente com um grande sorriso e seguiu direto para a mãe. Depois de um

longo abraço e algumas lágrimas, ele deu abraços apertados nos irmãos e lhes disse que as coisas estavam avançando a favor deles. Puxaram as cadeiras para junto do sofá e se sentaram num pequeno círculo, com Raymond segurando as mãos da mãe.

— Estamos fazendo esses filhos da mãe reboarem — disse, ainda sorrindo, a imagem da confiança. — Meus advogados estão entrando com uma pilha de habeas corpus nesse momento e têm certeza de que a Suprema Corte dos Estados Unidos concederá um *certiorari*, um recurso extraordinário.

— O que isso significa? — perguntou Inez.

— Significa que a Suprema Corte concordará em julgar o caso, e é um adiamento automático. Significa que provavelmente eu terei um novo julgamento, no condado de Ford, embora não tenha certeza de que vou querer que seja lá.

Ele usava o uniforme branco da prisão, sem meias e um par de sandálias baratas de borracha. Era evidente que Raymond andara ganhando peso. Tinha as bochechas redondas e infladas. Um pneu de gordura pendia sobre seu cinto. Eles não o viam havia seis semanas, e o ganho de peso era muito pronunciado. Como de hábito, ele tagarelou sem parar, falando de assuntos que eles não compreendiam e nos quais não acreditavam, pelo menos no que dizia respeito a Leon e Butch. Desde pequeno, Raymond sempre tivera uma imaginação vívida, uma língua rápida e uma incapacidade inata de dizer a verdade.

O garoto sabia mentir. — Tenho uma dúzia de advogados trabalhando duro neste instante — afirmou; — o estado não tem condições de acompanhar o ritmo deles.

— Quando é que você terá alguma notícia da Suprema Corte? — perguntou Inez.

— Agora, a qualquer minuto. Tenho juízes em Jackson, em Nova Orleans e em Washington de prontidão, prontos para dar uma porrada no estado.

Depois de onze anos seguidos de tomar porrada e ser derrotado pelo estado, era difícil acreditar que Raymond agora, naquele derradeiro momento, tivesse conseguido reverter a maré. Leon e Butch assentiram de rosto sério, como se confiassem naquilo e acreditassem que o inevitável não estivesse prestes a acontecer. Eles sabiam havia muitos anos que seu irmão caçula tinha apanhado Coy de emboscada e praticamente lhe estourado a cabeça com um rifle roubado. Raymond contara a Butch anos antes, muito depois de ter ido parar no corredor da morte, que tinha estado tão doidão, que mal conseguia se lembrar do assassinato.

— Além disso, temos alguns advogados importantes em Jackson fazendo pressão com o governador, apenas para o caso de a

Suprema Corte se acovardar de novo — disse ele.

Todos os três assentiram, mas ninguém mencionou os comentários do diretor da prisão.

— Recebeu minha última carta, mãe? A carta em que falei do novo advogado?

— Claro que sim. Li a carta no carro enquanto vinha para cá — ela assentiu.

— Eu gostaria de contratá-lo assim que recebermos ordem para o novo julgamento. Ele é de Mobile, e é um sujeito duro na queda, vou contar a vocês. Mas podemos falar a respeito dele mais tarde.

— É claro, filho.

— Obrigado. Olhe, mãe, sei que isso é difícil, mas tem que ter fé em mim e nos meus advogados. Venho cuidando eu mesmo da minha defesa já há um ano, dando ordens aos advogados porque isso é o que se tem que fazer nos dias de hoje, e as coisas vão dar certo, mãe. Confie em mim.

— Eu confio, confio. Raymond se levantou de um salto e atirou os braços bem alto para cima, se alongando de olhos fechados.

— Eu agora estou fazendo ioga, cheguei a contar a vocês?

Todos os três assentiram. As cartas dele tinham sido cheias de detalhes sobre sua última fascinação. Ao longo dos anos, a família tivera que tolerar os relatos delirantes de Raymond sobre sua conversão ao budismo, depois ao Islã, então ao hinduísmo, e suas descobertas da meditação, do kung fu, da aeróbica, do levantamento de peso, da prática de fazer jejuns, e, é claro, de seus esforços para se tornar um poeta, escritor, cantor e músico. Muito pouco deixara de ser contado em suas cartas.

Fosse qual fosse sua atual paixão, era evidente que os jejuns e a aeróbica haviam sido abandonados. Raymond estava tão gordo que suas banhas se apertavam no assento.

— Trouxe os brownies? — perguntou à mãe. Ele adorava brownies de noz-pecã que ela fazia.

— Não, querido, desculpe. Andei tão abalada com tudo isso...

— Mas sempre traz...

— Desculpe.

Bem típico de Raymond. Censurar a mãe por algo sem importância apenas horas antes de sua execução.

— Bem, não esqueça outra vez.

— Não vou esquecer, querido.

— E outra coisa. Tallulah deve aparecer por aqui a qualquer minuto. Ela adoraria se encontrar com vocês porque vocês sempre a rejeitaram. Ela faz parte da família, não importa o que pensem. Como um favor para mim nesse momento infeliz de minha vida, peço que a aceitem e sejam simpáticos com ela.

Leon e Butch não conseguiram responder, mas Inez conseguiu dizer:

— Está bem, querido.

— Quando eu sair deste maldito lugar, vamos nos mudar para o Havaí e ter dez filhos. De jeito nenhum eu vou ficar no Mississippi, não depois de tudo isso. De modo que ela vai fazer parte da família de agora em diante.

Pela primeira vez, Leon consultou o relógio pensando com um sentimento de alívio que só faltavam duas horas. Butch também estava pensando, mas seus pensamentos eram de natureza diferente. A ideia de esganar Raymond antes que o estado pudesse matá-lo constituía um dilema interessante.

Raymond subitamente se levantou e disse: — Bem, olhem, tenho que me reunir com os advogados. Volto dentro de meia hora. — Ele se encaminhou para a porta, abriu-a, então estendeu os braços para receber as algemas. A porta se fechou e Inez disse:

— Acho que as coisas estão indo bem.

— Olhe, mamãe, seria melhor ouvirmos o diretor — advertiu Leon.

— Raymond está se enganando — acrescentou Butch.

Inez começou a chorar de novo.

O capelão era um padre católico, o padre Leland, que discretamente se apresentou à família. Eles o convidaram a se sentar.

— Lamento muitíssimo por isso — disse em tom sombrio. — É a pior parte de meu trabalho.

Católicos eram raros no condado de Ford, e os Graneys com certeza não conheciam nenhum. Olharam com desconfiança para o colarinho branco clerical ao redor do pescoço do padre.

— Tentei conversar com Raymond — prosseguiu o padre Leland. — Mas ele não tem nenhum interesse pela fé cristã. Disse que não ia à igreja desde que era menino.

— Eu devia tê-lo levado mais vezes — disse Inez, em tom de lamento.

— De fato, ele afirma ser ateu.

— Ai, Deus do céu.

É claro que os três Graneys já sabiam havia algum tempo que Raymond havia renunciado a quaisquer crenças religiosas e proclamara que não existia Deus. Também tinham lido a respeito em detalhes massacrantes em suas longas cartas.

— Não somos de frequentar igreja — admitiu Leon.

— Vou rezar por vocês.

— Raymond roubou o carro de um policial do estacionamento na igreja — disse Butch. — Ele contou isso ao senhor?

— Não. Conversamos muito ultimamente e ele me contou muitas histórias. Mas não essa.

— Obrigada, padre, por ter sido tão gentil com Raymond.

— Eu estarei ao lado dele até o fim.

— Então, eles realmente vão cumprir a pena?

— Seria preciso um milagre para impedir isso agora.

— Deus nos ajude — disse ela.

— Vamos rezar — falou o padre Leland. Ele fechou os olhos, juntou as mãos e começou: — Pai Celestial, por favor, velai por nós nesta hora e permiti que vosso Espírito Santo entre neste lugar e nos traga paz. Dai força e sabedoria aos advogados e juízes que estão trabalhando diligentemente neste momento. Dai coragem a Raymond enquanto ele faz seus preparativos. — O padre Leland parou por um segundo e abriu ligeiramente o olho esquerdo. Os três membros da família Graney olhavam fixamente para ele como se fosse uma aberração de duas cabeças. Perturbado, ele fechou os olhos e encerrou a oração rapidamente, dizendo: — E Pai, concedei a paz e o perdão às autoridades, aos funcionários e ao povo do Mississippi porque eles não sabem o que estão fazendo. Amém.

O padre se despediu, e eles esperaram alguns minutos antes que Raymond voltasse. Ele trazia seu violão e, assim que se acomodou no sofá, dedilhou algumas notas.

Fechou os olhos e começou a entoar, de lábios fechados, depois cantou:

*Eu tenho tempo para ver você, meu bem
Eu tenho tempo para ir te ver
Eu tenho tempo para ficar para sempre
Porque não tenho tempo para morrer.*

— É uma velha canção de Mudcat Malone — explicou. — Uma das minhas favoritas.

*Eu tenho tempo para ver você sorrir
Eu tenho tempo para ver você chorar
Eu tenho tempo para te abraçar, meu bem
Porque não tenho tempo para morrer.*

A canção era diferente de qualquer outra que eles já tivessem ouvido antes. Noutros tempos, Butch tocara banjo numa banda

bluegrass, mas havia abandonado a música já fazia muitos anos. Não tinha voz, um traço de família em comum com o irmão mais moço. Raymond cantava num tom gutural de lamento, numa tentativa intencional de imitar um cantor negro de blues, aparentemente um que estivesse sofrendo dores tremendas.

*Eu tenho tempo para ser seu pai
Eu tenho tempo para ser seu homem
Eu tenho tempo para ser seu amante
Porque não tenho tempo para morrer*

Quando a letra acabou, ele continuou a dedilhar, mostrando um desempenho razoável ao tocar. Contudo, Butch não pôde deixar de pensar que, mesmo depois de onze anos praticando em sua cela, ainda tocava violão de maneira rudimentar.

— Isso foi tão bonito — disse Inez.

— Obrigado, mãe. Aqui vai uma de Little Bennie Burke, provavelmente o maior de todos. Ele é de Indianola, sabiam?

Eles não sabiam. Como a maioria dos brancos das colinas, não sabiam nada a respeito de blues e pouco se importavam.

O rosto de Raymond se contorceu de novo. Ele dedilhou as cordas com mais força.

*Fiz as malas na segunda-feira
Na terça, disse adeus
Na quarta, vi minha amada
Na quinta, ela se foi
Fui pago na sexta de manhã
O homem disse que eu era bom
Disse a ele que não interessava
Vou embora esta noite.*

Leon consultou o relógio. Eram quase onze da noite, faltava pouco mais de uma hora. Ele não tinha certeza de que conseguiria ouvir blues durante mais uma hora, mas se resignou. A cantoria de Raymond também irritou Butch, mas ele conseguiu ficar sentado imóvel, com os olhos fechados, como se a letra e a música o estivessem consolando.

Estou cansado de colher algodão Estou cansado de jogar dados
Estou cansado de ser maltratado Estou cansado de tentar ser bom

Estou cansado de trabalhar por nada Estou cansado de ter que lutar Agora deixei tudo isso para trás Vou embora esta noite.

Então, Raymond esqueceu a letra, mas continuou cantarolando. Quando finalmente parou, ficou sentado de olhos fechados por um minuto ou pouco mais, como se a música o tivesse transportado para um outro mundo, um lugar bem mais agradável.

— Que horas são, mano? — perguntou a Leon. — Onze em ponto. — Tenho que ir ver como vão as coisas com os advogados. Eles estão esperando uma decisão por agora.

Ele encostou o violão em um canto, então bateu à porta e saiu por ela. Os guardas o algemaram e o levaram embora. Minutos depois, uma equipe da cozinha chegou acompanhada de escolta armada. Apressadamente abriram uma mesa de jogar cartas e a cobriram com uma quantidade bastante grande de comida. Os odores imediatamente encheram a sala e Leon e Butch se sentiram fracos de fome. Não comiam desde o meio-dia. Inez estava abalada demais para pensar em comida, embora não deixasse de examinar o que era oferecido. Peixe-gato frito, batatas fritas à francesa, bolinhos de milho, salada de repolho, tudo no centro da mesa. À direita, havia um gigantesco cheeseburger, com mais uma porção de batatas fritas e uma de rodela de cebola frita à milanesa. À esquerda, havia uma pizza média com pimentão e queijo derretido borbulhante. Imediatamente em frente ao peixe, estava uma enorme fatia do que parecia ser torta de limão e, ao lado, um prato de sobremesa cheio de bolo de chocolate. Uma tigela de sorvete de baunilha estava encaixada na ponta da mesa.

Enquanto os três Graneys olhavam boquiabertos para toda aquela comida, um dos guardas disse: — Na última refeição, ele pode pedir tudo o que quiser. — Ai, meu Deus — Inez desatou a chorar de novo. Quando ficaram sozinhos, Butch e Leon tentaram ignorar a comida, que podiam quase tocar, mas os aromas eram eletrizantes. Peixe à milanesa frito em óleo de milho. Rodela de cebola fritas. Pimentão. O ar na salinha estava cheio de cheiros deliciosos competindo entre si.

O banquete poderia facilmente servir quatro pessoas. Às 11:15, Raymond fez uma entrada estrepitosa. Estava resmungando mal-humorado com os guardas e reclamando incoerentemente de seus advogados. Quando viu a comida, se esqueceu dos problemas e da família e ocupou a única cadeira à mesa. Usando principalmente os dedos, atacou com vontade as batatas e os anéis de cebola fritos e começou a falar:

— O Quinto Circuito acabou de negar nosso pedido, os idiotas. Nossa petição de habeas corpus era uma beleza, eu mesmo a escrevi. Agora, estamos a caminho de Washington, para a Suprema

Corte. Tenho uma firma de advogados inteira por lá, pronta para atacar. As coisas estão promissoras.

Ele conseguiu habilmente enfiar a comida na boca e mastigá-la enquanto falava ao mesmo tempo. Inez olhou fixamente para os pés e enxugou as lágrimas. Butch e Leon pareceram ouvir pacientemente enquanto examinavam o assoalho.

— Vocês viram Tallulah? — perguntou Raymond, ainda mastigando, depois de tomar um gole de chá gelado.

— Não — respondeu Leon.

— Vaca. Ela só quer os direitos do livro de minha biografia. Só isso. Mas não vai conseguir. Vou deixar todos os direitos literários para vocês três. Que tal?

— Legal — disse Leon.

— Maravilha — disse Butch.

O capítulo final de sua vida agora estava muito próximo. Raymond já tinha escrito sua autobiografia — duzentas páginas —, que havia sido rejeitada por todas as editoras da América.

Ele continuou demolindo a comida com entusiasmo, ora traçando o peixe, ora o burger, ora a pizza, sem nenhuma ordem particular. Seu garfo e dedos se moviam ao redor da mesa, com frequência seguindo em diferentes direções, espetando, cortando, agarrando e enfiando a comida na boca tão depressa quanto conseguia engoli-la. Um porco selvagem numa gamela teria feito menos barulho. Inez nunca havia dedicado muito tempo em manter boas maneiras à mesa e seus filhos tinham adquirido todos os maus hábitos. Mas onze anos no corredor da morte tinham levado Raymond a novos níveis de comportamento grosseiro.

A terceira esposa de Leon, contudo, tinha sido devidamente bem-educada. Dez minutos depois de começada a última refeição, ele não conseguiu mais se controlar.

— Você tem que fazer barulho desse jeito enquanto come? — repreendeu com aspereza.

— Que diabo, rapaz, você está fazendo mais barulho que um cavalo comendo milho — acrescentou Butch imediatamente.

Raymond imobilizou-se, olhando furioso para os irmãos, e, por alguns segundos tensos, a situação poderia ter seguido qualquer um de dois rumos. Poderia ter explodido numa clássica briga Graney, com muitos palavrões e insultos pessoais. Ao longo dos anos, haviam ocorrido várias brigas feias na sala dos visitantes do corredor da morte, todas dolorosas, todas memoráveis. Mas Raymond, é preciso que lhe seja dado o devido crédito, preferiu uma abordagem mais delicada.

— É minha última refeição — disse. — E minha própria família está me criticando.

— Eu não estou — falou Inez.

Leon estendeu as mãos espalmadas em sinal de rendição. — Desculpe, estamos todos... um pouco tensos — disse.

— Tensos? — retrucou Raymond. — Você acha que vocês estão tensos?

— Peço desculpas, Ray.

— Eu também — disse Butch, mas só porque era o que se esperava dele.

— Você quer um bolinho de milho? — perguntou Raymond, oferecendo um a Butch.

Alguns minutos antes, a última refeição tinha parecido um banquete irresistível. Agora, contudo, depois do ataque frenético de Raymond, a mesa estava em ruínas.

A despeito disso, Butch estava louco por umas batatas fritas e um bolinho, mas declinou. Havia alguma coisa perturbadoramente errada em beliscar qualquer petisco da última refeição de um homem.

— Não, obrigado — respondeu.

Depois de recuperar o fôlego, Raymond continuou a atacar a comida, embora num ritmo mais lento e mais silencioso. Traçou a torta de limão e o bolo de chocolate com creme, arrotou e deu uma risada, depois disse:

— Não é minha última refeição, posso jurar a vocês.

Houve o som de alguém batendo na porta, um guarda entrou e disse:

— O Sr. Tanner gostaria de vê-lo.

— Mande-o entrar — disse Raymond.

— É meu advogado principal — anunciou orgulhosamente para a família.

O Sr. Tanner era um jovem franzino, calvo, de paletó azul-marinho desbotado, velhas calças de cor cáqui e tênis ainda mais velhos. Não usava gravata. Carregava uma grossa pilha de papéis. Seu rosto era magro e pálido, e ele parecia muito precisado de um longo descanso. Raymond rapidamente o apresentou à família, mas o Sr. Tanner não demonstrou nenhum interesse em conhecer gente naquele momento.

— A Suprema Corte acabou de recusar nosso pedido — anunciou sombriamente para Raymond.

Raymond engoliu em seco, e a sala ficou silenciosa.

— E o governador? — perguntou Leon. — E todos aqueles advogados que estavam lá falando com ele?

Tanner lançou um olhar de incompreensão para Raymond, que disse:

— Eu os demiti.

— E a tal grande firma de advogados de Chicago? — perguntou Leon.

— Também demiti.

Tanner ficou olhando de um irmão Graney para o outro.

— Parece um mau momento para demitir seus advogados — falou Leon.

— Que advogados? — perguntou Tanner. — Eu sou o único advogado trabalhando neste caso.

— Você também está demitido. — Raymond bateu com violência com o copo de chá no tampo da mesa, espirrando gelo e líquido numa parede. — Podem vir e me matar! — berrou. — Não me importo mais!

Ninguém respirou por alguns segundos; então, a porta se abriu subitamente e o diretor entrou com seu séquito.

— Está na hora, Raymond — disse, em tom um tanto impaciente. — Os apelos se esgotaram e o governador foi para a cama.

Houve uma pausa carregada à medida que o caráter final das palavras era compreendido. Inez estava chorando. Leon olhava fixamente para a parede onde o chá e o gelo escorriam para o chão. Butch olhava desoladamente para os últimos dois bolinhos. Tanner parecia à beira de desmaiar.

Raymond pigarreou e disse: — Eu gostaria de ver aquele homem católico. Precisamos rezar.

— Vou chamá-lo — disse o diretor. — Você pode aproveitar um último momento com sua família; então, estará na hora de ir.

O diretor da prisão saiu com seus assistentes. Tanner rapidamente os seguiu.

Os ombros de Raymond se curvaram e seu rosto ficou pálido. Todo o desafio e a bravata desapareceram. Ele se encaminhou lentamente para a mãe, caiu de joelhos diante dela e descansou a cabeça em seu colo. Ela a acariciou, limpou os olhos e ficou repetindo: — Ai meu Deus, ai meu Deus.

— Sinto muito, mãe — balbuciou Raymond. — Sinto muito.

Choraram juntos por um momento enquanto Leon e Butch se mantinham de lado, em silêncio. O padre Leland entrou na sala e Raymond se levantou lentamente. Seus olhos estavam molhados e vermelhos, e sua voz, baixa e fraca.

— Acho que agora acabou — disse para o padre, que assentiu tristemente e lhe deu uma palmadinha no ombro.

— Estarei com você na sala de isolamento, Raymond... Poderemos fazer uma prece final, se você quiser.

— Provavelmente não é má ideia.

A porta se abriu de novo e o diretor do presídio voltou. Ele se

dirigiu aos Graneys e ao padre Leland.

— Por favor, me ouçam — disse. — Esta é minha quarta execução e há algumas coisas que aprendi. Uma, que é uma péssima ideia a mãe testemunhar a execução. Sugiro seriamente, Sra. Graney, que permaneça aqui, nesta sala, durante a próxima hora mais ou menos, até ter acabado. Temos uma enfermeira que ficará com a senhora, e ela tem um sedativo que eu recomendo que tome, por favor. — Ele olhou para Leon e Butch e suplicou com o olhar. Ambos compreenderam a mensagem.

— Eu estarei presente até o fim — disse Inez, e então chorou soluçando tão alto que até o diretor ficou arrepiado.

Butch foi para junto dela e lhe acariciou o ombro. — Precisa ficar aqui, mãe — disse Leon.

Inez soluçou e gemeu de novo.

— Ela vai ficar — Leon confirmou para o diretor. — Mande trazer o comprimido para ela.

Raymond abraçou os irmãos e, pela primeira vez na vida, disse que os amava, um gesto que foi difícil mesmo naquele momento pavoroso. Ele beijou a mãe no rosto e disse adeus.

— Seja homem — disse Butch, com os dentes cerrados e os olhos molhados, e eles se abraçaram pela última vez.

Eles o levaram embora e a enfermeira entrou na sala. Ela entregou um comprimido e uma caneca de água a Inez e, minutos depois, ela estava arriada em sua cadeira de rodas. A enfermeira sentou-se a seu lado.

— Sinto muito — ela disse para Butch e Leon.

À meia-noite e quinze, a porta se abriu e um guarda disse: — Venham comigo.

Os irmãos foram conduzidos da salinha para o corredor, cheio de guardas, funcionários e muitos outros espectadores curiosos que tinham tido a sorte de conseguir acesso, e então tornaram a sair pela porta da frente. Do lado de fora, o ar estava pesado e o calor não amainara. Eles rapidamente acenderam cigarros enquanto caminhavam por uma calçada estreita pegada à ala oeste da unidade de segurança máxima, passando pelas janelas abertas cobertas por grossas barras pretas. Enquanto seguiam vagarosamente para a sala de execução, podiam ouvir os outros condenados batendo nas portas de suas celas, berrando em protesto, todos fazendo tanto barulho quanto podiam numa despedida de último minuto para um de seus companheiros.

Butch e Leon fumaram furiosamente e tiveram vontade de também gritar com eles, berrar alguma coisa que desse apoio aos internos. Mas nenhum dos dois disse uma palavra. Dobraram numa esquina e viram um pequeno prédio de teto de tijolos plano com

guardas e funcionários andando em círculos ao redor da porta. Estacionada ao lado, havia uma ambulância. A escolta os conduziu por uma porta lateral para uma apertada sala de testemunhas. Ao entrar, viram os rostos que esperavam, mas que não tinham nenhum interesse em ver. O xerife Walls estava lá porque a lei exigia sua presença. O promotor estava lá, por escolha. Charlene, a viúva paciente e resignada de Coy, estava sentada ao lado do xerife. Estava acompanhada por duas moças crescidas que, sem dúvida, eram suas filhas. O lado da vítima, na sala de testemunhas, era separado por uma parede de Plexiglas, o que lhes permitia lançar olhares furiosos à vontade para a família do homem condenado, mas os impedia de falar ou xingar. Butch e Leon se sentaram em cadeiras de plástico. Desconhecidos se acomodaram atrás deles e, quando todo mundo estava devidamente posicionado, a porta foi fechada. A sala de testemunhas estava lotada e quente.

Eles ficaram olhando fixamente para o vazio. As janelas diante deles estavam cobertas por cortinas pretas, de modo que não pudessem ver os sinistros preparativos em curso do outro lado. Havia sons, movimentos impossíveis de distinguir. Subitamente as cortinas foram abertas de um tranco, e eles estavam olhando para a sala de execuções, com três e meio por quatro metros e meio, com um assoalho de concreto recém-pintado. No centro da sala, havia a câmara de gás, um prisma prateado de formato octogonal, com suas próprias janelas para permitir o devido testemunho e a verificação da morte.

E lá estava Raymond, preso por tiras a uma cadeira dentro da câmara de gás, com a cabeça segura por uma odiosa braçadeira que o obrigava a olhar para a frente e o impedia de ver as testemunhas. Naquele momento, ele parecia estar olhando para cima, enquanto o diretor da prisão falava com ele. O advogado do presídio estava presente e, é claro, o carrasco e seu assistente. Todos trataram de cuidar de suas tarefas, lá o que fosse que deveriam estar fazendo, com olhares sombrios e determinados, como se estivessem incomodados por aquele ritual. Na verdade, eram todos voluntários, exceto o diretor e o advogado que representava o presídio.

Um pequeno alto-falante pendia de um prego na sala das testemunhas e transmitia os últimos sons.

O advogado se aproximou da porta da câmara e disse: — Raymond, por exigência da lei, sou obrigado a ler seu mandado de execução por pena de morte. — Ele levantou uma folha de papel e prosseguiu: — Conforme o veredicto que o considerou culpado e uma sentença de morte proferida contra o senhor no Tribunal da Comarca do Condado de Ford e pela presente, está condenado à morte por gás letal na câmara de gás da Penitenciária Estadual de

Mississippi, em Parchman. Que Deus tenha piedade de sua alma. — Ele então se afastou e tirou um telefone do gancho na parede. Ouviu e então disse: — Não há suspensão da execução.

O diretor do presídio tomou a palavra: — Algum motivo pelo qual esta execução não deva prosseguir?

— Não — respondeu o advogado. — Palavras finais, Raymond?

A voz de Raymond estava quase inaudível, mas, no silêncio total da sala de testemunhas, ele foi ouvido.

— Eu me arrependo do que fiz. Peço perdão à família de Coy Childers. Já fui perdoado pelo Senhor meu Deus. Vamos acabar logo com isso.

Os guardas saíram da sala de execuções, deixando o diretor e o advogado do presídio, que recuaram, afastando-se o máximo possível de Raymond. O carrasco deu um passo adiante e fechou a porta estreita da câmara. Seu assistente verificou os selos de vedação ao redor. Quando a câmara estava pronta, eles olharam à volta da sala de execuções — uma inspeção rápida. Nenhum problema. O carrasco desapareceu dentro de uma pequena cabina, a sala química de onde controlava suas válvulas.

Longos segundos se passaram. As testemunhas olharam abestalhadas, com horror e fascinação, prendendo a respiração. Raymond também prendeu a dele, mas não por muito tempo.

O carrasco colocou um contêiner de plástico de ácido sulfúrico dentro de um tubo que se estendia da sala de controle químico até uma tigela no fundo da câmara, posicionada bem debaixo da cadeira que Raymond agora ocupava. Ele puxou uma alavanca para liberar o conteúdo da lata. Houve o som de um dique e a maioria dos que assistiam se encolheu. Raymond também se encolheu. Seus dedos agarraram os braços da cadeira. Sua coluna se enrijeceu. Segundos se passaram, então o ácido sulfúrico se misturou às cápsulas de cianureto de potássio já contidas na tigela e o vapor letal começou a subir. Quando Raymond finalmente exalou, quando não conseguiu mais prender a respiração, aspirou tanto veneno quanto lhe foi possível para acelerar o processo. Seu corpo inteiro reagiu imediatamente com convulsões e torções. Os ombros saltaram para trás. O queixo e a testa lutaram furiosamente contra a braçadeira de couro. Suas mãos, braços e pernas estremeceram violentamente à medida que o vapor subia e se tornava mais denso.

Seu corpo reagiu e lutou por mais ou menos um minuto, então o cianureto assumiu o controle. As convulsões se reduziram. Sua cabeça ficou parada. Os dedos afrouxaram o aperto nos braços da cadeira. O ar continuou a se tornar mais denso à medida que a respiração de Raymond se tornava mais lenta até parar. Houve alguns estertores finais, uma contração dos músculos do peito, uma

vibração nas mãos e finalmente estava acabado.

Ele foi declarado morto à zero hora e 31 minutos. As cortinas pretas, foram fechadas e as testemunhas saíram rapidamente da sala. Do lado de fora, Butch e Leon se encostaram em um canto do prédio de tijolos vermelhos e fumaram um cigarro.

Dentro da câmara de execuções, uma saída de ventilação acima da câmara foi aberta e o gás escapou para o ar úmido acima de Parchman. Quinze minutos depois, guardas enlurvados soltaram as tiras que prendiam Raymond e carregaram seu corpo para fora da câmara. As roupas deviam ser cortadas, retiradas e queimadas. Seu cadáver foi lavado com os jatos de água fria de uma mangueira, então seco com toalhas de cozinha, vestido com o uniforme branco da prisão e posto dentro de um caixão barato de pinho.

Leon e Butch ficaram fazendo companhia à mãe e esperaram o diretor da prisão. Inez ainda estava sedada, mas claramente tinha conhecimento do que havia tido lugar nos últimos minutos. Sua cabeça estava enterrada nas mãos e ela chorava baixinho, balbuciando de vez em quando. Um guarda entrou e pediu as chaves do furgão do Sr. McBride. Mais uma hora se arrastou.

O diretor da prisão, recém-saído de seu pronunciamento para a imprensa, finalmente entrou na sala. Ofereceu algumas condolências vigorosas, conseguiu aparentar tristeza e solidariedade, então pediu a Leon para assinar alguns formulários. Ele explicou que Raymond tinha deixado quase mil dólares em sua conta na prisão e que um cheque seria enviado dentro de uma semana. Disse que o furgão estava pronto, contendo o caixão e quatro caixotes com os objetos pessoais de Raymond — seu violão, roupas, livros, correspondência, materiais legais e manuscritos. Eles estavam liberados para ir.

O caixão foi empurrado para um lado, de modo que Inez pudesse ser colocada para dentro pela porta de trás do furgão e, quando ela o tocou, explodiu em lágrimas novamente. Leon e Butch rearrumaram as caixas, prenderam a cadeira de rodas e então empurraram o caixão de volta. Quando tudo estava em seu devido lugar, eles seguiram um carro cheio de guardas de volta até a frente da penitenciária, passaram pelo portão e, quando entraram na Rodovia 3, passaram pelos últimos manifestantes.

As equipes de televisão já tinham ido embora. Leon e Butch acenderam cigarros, mas Inez estava emotiva demais para fumar. Ninguém falou ao longo de quilômetros enquanto seguiam em velocidade em meio aos campos de algodão e de soja. Perto da cidade de Marks, Leon avistou uma loja de conveniência aberta. Comprou um refrigerante para Butch e copos grandes de café para si mesmo e sua mãe.



Quando o Delta cedeu lugar à região de colinas, eles se sentiram melhor.

— Quais foram as últimas palavras dele? — perguntou Inez, a voz ainda engolada.

— Ele pediu desculpas — disse Butch. — Pediu a Charlene que o perdoasse.

— Então ela assistiu?

— Ah, sim. Você não achou que ela fosse perder essa.

— Eu devia ter assistido.

— Não, mãe — falou Leon. — Pode agradecer pelo resto de seus dias por não ter assistido à execução. Sua última lembrança de Raymond foi um longo abraço e uma boa despedida. Por favor, não pense que perdeu alguma coisa.

— Foi horrível — disse Butch.

— Eu devia ter assistido.

Na cidade de Batesville, eles passaram por uma lanchonete que anunciava sanduíches de galinha frita à milanesa e serviço vinte e quatro horas. Leon parou e fez um retorno.

— Eu bem que podia usar o banheiro de senhoras — disse Inez.

Não havia outros clientes no estabelecimento às três e quinze da manhã. Butch empurrou a mãe até uma mesa perto da frente e eles comeram em silêncio. O furgão com o caixão de Raymond estava a menos de nove metros de distância.

Inez conseguiu comer um pouco, então perdeu o apetite. Butch e Leon comeram como refugiados.

Eles entraram no condado de Ford pouco depois das cinco da manhã, e ainda estava muito escuro, as estradas vazias. Dirigiram até Pleasant Ridge, na extremidade norte do condado, até uma pequena igreja pentecostal, onde pararam no estacionamento de cascalho e esperaram. Ao primeiro sinal da luz do sol, eles ouviram um motor ser ligado em algum lugar ao longe.

— Espere aqui — disse Leon para Butch, então saiu do furgão e desapareceu. Atrás da igreja havia um cemitério e, em sua extremidade mais distante, ao fundo, uma pá retroescavadeira havia acabado de começar a cavar a sepultura. A retroescavadeira era do patrão de um primo. Às seis e meia, vários homens da igreja chegaram e foram para o local da cova. Leon dirigiu o furgão por uma trilha de terra batida e parou perto da retroescavadeira, que

tinha acabado seu serviço e agora estava só esperando. Os homens retiraram o caixão do furgão. Butch e Leon delicadamente puseram a cadeira de rodas da mãe no chão e a empurraram enquanto seguiam o caixão.

Eles o baixaram com cordas e o apoiaram em tábuas de 90 por 90 centímetros, posicionadas no fundo, e retiraram as cordas. O pastor leu um verso curto das Escrituras, então disse uma prece.

Leon e Butch atiraram algumas pás de terra no caixão, depois agradeceram aos homens pela assistência.

Enquanto se afastavam, já novamente no furgão, a retroescavadeira tornou a encher a cova.

A casa estava vazia — não havia vizinhos solidários esperando nem parentes para prantear. Eles retiraram Inez, a empurraram para dentro de casa e para seu quarto.

Logo, ela dormia profundamente. As quatro caixas foram postas no galpão do depósito, onde as coisas que continham seriam desgastadas pelo tempo, desbotariam e se apagariam junto com as lembranças de Raymond.

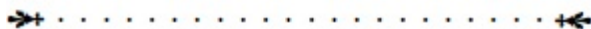
Ficou decidido que Butch ficaria em casa naquele dia para cuidar de Inez e manter os repórteres à distância. Receberam muitas chamadas na semana anterior e era certo que alguém apareceria com uma câmera. Ele trabalhava numa serraria e seu patrão compreenderia.

Leon dirigiu até Clanton e parou nos limites da cidade para encher o tanque de gasolina. Às oito da manhã em ponto, ele entrou no estacionamento da Casa de Estofamento McBride e devolveu o furgão. Um empregado explicou-lhe que o Sr. McBride ainda não havia chegado, que provavelmente ainda estava na cafeteria e que geralmente chegava ao trabalho por volta das nove. Leon entregou as chaves, agradeceu ao empregado e se foi.

Seguiu em seu carro para a fábrica de lâmpadas a leste da cidade e bateu o ponto às oito e meia, como sempre.



Os arquivos-peixe



DEPOIS DE DEZESSETE ANOS ganhando a vida em um escritório de advocacia que, por algum motivo esquecido, gradualmente havia se reduzido a pouco mais que cuidar de casos de declaração de insolvência civil e divórcio, era espantoso, mesmo muitos anos depois, que um telefonema pudesse mudar tanta coisa. Como um advogado ocupado e ativo que cuidava dos problemas desesperados de outros, Mack Stafford tinha dado e recebido toda a sorte de ligações telefônicas capazes de alterar a vida: chamadas para iniciar procedimentos ou fazer acordos de divórcio; chamadas para transmitir decisões de tribunal sobre custódia de filhos; chamadas para informar a homens honestos que não iam receber o que lhes era devido. Chamadas desagradáveis, em sua maioria. Ele nunca tinha pensado que uma ligação pudesse tão rápida e dramaticamente resultar em seu próprio divórcio e falência.

A chamada veio na hora do almoço durante uma terça-feira fria, escura, desolada e sem movimento, no princípio de fevereiro. Como era pouco mais de meio-dia, Mack atendeu pessoalmente. Freda, a secretária, tinha dado uma saída para cuidar de uma tarefa e comer um sanduíche e, uma vez que a firma não empregava mais ninguém, Mack ficou encarregado de atender ao telefone. Da forma como as coisas evoluíram, o fato de ele estar sozinho foi crucial. Se Freda tivesse atendido, teria havido perguntas, muitas delas. Na verdade, a maior parte do que se seguiu não teria acontecido, se ela tivesse estado em seu posto na recepção, perto da porta de entrada de um pequeno estabelecimento conhecido como Escritório de Advocacia Jacob McKinley Stafford, LLC.

Depois do terceiro toque, Mack agarrou o fone em sua escrivaninha e deu sua abrupta resposta habitual: — Escritório de advocacia. — Ele recebia em média cinquenta chamadas por dia, a maioria de casais em guerra e credores descontentes, e por muito tempo havia criado o hábito de disfarçar a voz e não dar seu nome quando era obrigado a aceitar chamadas que não passavam pelo crivo de Freda. Mack pura e simplesmente detestava atender ao

telefone, mas também precisava de trabalho. Como todos os outros advogados em Clanton, e havia muitos, ele nunca sabia quando a próxima chamada poderia ser aquela importante, a que traria o grande negócio, o grande caso que poderia resultar em polpudos honorários e talvez até uma saída, uma mudança de vida. Mack vinha sonhando com um telefonema assim havia mais tempo do que tinha coragem de admitir. E, naquele dia frio de inverno, com uma ligeira possibilidade de neve no ar, a chamada finalmente chegou. Uma voz masculina, com um sotaque diferente de algum lugar no Norte, disse: — O Sr. Mack Stafford, por favor.

A voz era bem-educada demais e distante para preocupá-lo, de modo que respondeu: — Aqui fala Mack.

— Sr. Mack Stafford, o advogado?

— Correto. Quem está falando?

— Meu nome é Marty Rosenberg, trabalho para a firma Durban & Lang, em Nova York.

— Na cidade de Nova York? — perguntou Mack, depressa demais. É claro que era na cidade de Nova York. Embora seu trabalho nunca o tivesse levado a lugar nenhum perto da grande cidade, ele com certeza conhecia de nome a Durban & Lang. Todo advogado na América já tinha pelo menos ouvido falar da firma.

— Correto. Posso chamá-lo de Mack? — a voz era rápida, mas muito educada, e Mack subitamente teve uma visão do Sr. Marty Rosenberg sentado num esplêndido escritório com obras de arte nas paredes e associados e secretárias circulando apressados ao seu redor, cuidando de atender todas as suas necessidades. Entretanto, mesmo em meio a todo aquele poder, ele queria ser amistoso. Uma onda de insegurança apoderou-se de Mack enquanto ele olhava para sua salinha, modesta e encardida, e se perguntava se o Sr. Rosenberg já teria concluído que ele era apenas mais um advogadozinho malsucedido, de cidade pequena, pelo fato de ter atendido ao seu telefone.

— É claro. E eu o chamarei de Marty.

— Ótimo.

— Desculpe, Marty, por atender o telefone assim, mas minha secretária acabou de sair para almoçar. — Era importante para Mack esclarecer as coisas e dar conhecimento àquele sujeito de que ele era um advogado de verdade, com uma secretária de verdade.

— Sim, bem, esqueci que vocês têm uma hora a menos que nós — disse Marty, com um traço de desprezo, a primeira sugestão de que talvez eles estivessem separados por bem mais do que apenas uma hora.

— Em que posso ajudá-lo? — perguntou Mack, assumindo o controle da conversa. Já bastava de conversa fiada. Ambos eram

advogados ocupados e importantes. Sua mente entrou em marcha aceleradíssima enquanto tentava se lembrar de qualquer caso, qualquer arquivo, qualquer questão legal que tivesse tratado que pudesse merecer interesse de uma firma de advogados tão grande e prestigiada.

— Bem, representamos uma companhia suíça que recentemente comprou a maior parte do grupo Tinzo, da Coreia do Sul. Você conhece o Tinzo?

— É claro — respondeu Mack rapidamente, enquanto sua mente vasculhava a memória em busca de alguma lembrança do grupo Tinzo. De fato, o nome não lhe soava estranho, mas era uma lembrança muito vaga e remota.

— De acordo com alguns antigos registros do Tinzo, você, em certa ocasião, representou alguns madeireiros que afirmavam ter sido feridos por serras de corrente, manufaturadas por uma divisão do grupo Tinzo nas Filipinas.

Ah, aquele grupo Tinzo! Agora Mack tinha se situado. Agora se lembrava, embora os detalhes ainda não estivessem nas pontas dos dedos. Os casos eram antigos, passados como pão dormido, e quase esquecidos porque Mack tentara com todas as forças esquecê-los.

— Ferimentos terríveis — disse, de qualquer maneira. Por mais terríveis que tivessem sido, não tinham sido tão graves a ponto de levar Mack a de fato mover uma ação. Ele aceitara os madeireiros como clientes muitos anos antes, mas perdera o interesse quando não conseguira obter uma proposta de acordo rápida. Seus conhecimentos teóricos de responsabilidade não eram muito sólidos. As serras de corrente produzidas pelo Tinzo, a bem da verdade, tinham um histórico de segurança impressionante.

E, mais importante, ações litigiosas de responsabilidade pelo produto por parte do fabricante eram complicadas, caras, muito além de seus conhecimentos e experiência, e, em geral, envolviam julgamentos com júri, algo que Mack sempre tentara evitar. Podia-se encontrar algum consolo em entrar com ações de divórcio e ações de declaração de insolvência civil e, de vez em quando, redigir um testamento ou uma escritura. Os honorários eram bastante magros, mas ele e a maioria dos outros advogados de Clanton conseguiam ganhar a vida com isso enquanto evitavam quase todos os riscos.

— Não temos nenhum registro de que ações tenham sido ajuizadas por aí — estava dizendo Marty.

— Ainda não — respondeu Mack, com tanta bravata quanto conseguiu.

— Quantos destes casos você tem, Mack?

— Quatro — respondeu ele, embora não tivesse certeza do

número exato.

— Sim, isso é o que consta em nossos registros. Temos quatro cartas que você enviou à companhia já faz algum tempo. Contudo, não parece ter havido muita atividade desde a correspondência original.

— Os casos estão correndo — retrucou Mack, e isso era quase que inteiramente mentira. Os arquivos de trabalho com as informações dos casos ainda estavam — tecnicamente — abertos, mas não havia tocado neles durante anos. Chamava-os de *arquivo-peixe*. Quanto mais tempo ficavam lá sem ser tocados, mais fediam. — Temos um prazo de prescrição de seis anos — disse ele, em tom um tanto convencido, como se amanhã mesmo fosse capaz de botar as coisas em marcha e dar início a todos os trâmites de uma ação judicial litigiosa para valer.

— Um tanto incomum, devo confessar — observou Marty. — Nada nos arquivos em mais de quatro anos.

Em um esforço para desviar a conversa de sua própria procrastinação, Mack decidiu ir direito ao ponto.

— Qual é o objetivo de tudo isso, Marty?

— Bem, nosso cliente suíço quer uma limpeza dos livros e se livrar do máximo de potenciais ações litigiosas de responsabilidade pelo produto que puder. Eles são europeus, claro, e não entendem nosso sistema de reparação por perdas e danos. Francamente estão apavorados com ele.

— E com bom motivo — apressou-se Mack em dizer, como se habitualmente arrancasse enormes somas de dinheiro de corporações apanhadas fora da linha.

— Eles querem que esses casos saiam dos livros e me deram instruções para explorar a possibilidade de um acordo.

Mack estava em pé, com o fone apertado entre o queixo e o ombro, o pulso acelerado, as mãos correndo em busca de um arquivo-peixe na pilha de velharias no armário de pernas bambas atrás de sua mesa, uma busca frenética pelos nomes de seus clientes que haviam sido mutilados anos atrás pelo design e produção malfeitos das serras Tinzo. O que ele tinha dito mesmo? Acordo? Do tipo em que dinheiro sai das mãos dos ricos para as mãos dos pobres? Mack não conseguia acreditar no que estava ouvindo.

— Você está aí, Mack?

— Ah, sim, estava apenas folheando um arquivo aqui. Vamos ver, as serras de corrente eram todas iguais, modelo 58X, vinte e quatro polegadas, com o apelido de LazerCut, um modelo profissional pesado que, por algum motivo, tinha uma proteção de corrente defeituosa e perigosa.

— É isso mesmo, Mack. Não estou telefonando para discutir

sobre o que pode ter sido defeituoso, é para isso que servem os julgamentos. Estou falando em acordo, Mack. Está me acompanhando?

Pode ter certeza de que sim, estou, Mack quase deixou escapar. — Com certeza. Fico satisfeito por conversarmos sobre um acordo. Evidentemente você já tem alguma coisa em mente. Diga lá, sou todo ouvidos. — Ele tornou a se sentar, folheando o arquivo o mais rápido que podia, procurando datas, rezando para que o prazo de prescrição de seis anos não tivesse expirado em nenhum daqueles casos agora de importância crítica.

— Sim, Mack, eu tenho algum dinheiro a oferecer, mas devo adverti-lo, antes de qualquer coisa, que meu cliente me deu instruções para não negociar. Se pudermos acertar acordos que resolvam os casos rápido e bem discretamente, faremos o cheque. Mas, se começar a haver discussão sobre o valor oferecido, o dinheiro desaparece. Está bem claro entre nós, Mack?

Ah, sim. Claríssimo. Em seu escritório elegante nas alturas em Manhattan, o Sr. Marty Rosenberg não tinha ideia de com que rapidez e discrição e. a que bom preço ele poderia fazer os arquivos-peixe desaparecerem. Mack aceitaria qualquer coisa. Seus clientes gravemente feridos havia muito tempo tinham parado de telefonar.

— De acordo — disse Mack.

Marty trocou de marcha e suas palavras se tornaram ainda mais nítidas: — Calculamos que custaria cem mil dólares para defender os casos no tribunal federal, presumindo que pudéssemos juntar todos e ter apenas um julgamento. Isso é obviamente uma presunção um tanto exagerada, uma vez que nenhuma ação foi ajuizada e, francamente, o litígio me parece improvável, dada a escassez de provas. Vamos acrescentar mais cem mil pelos danos, nenhum dos quais foi documentado, veja bem, mas soubemos que alguns dedos e mãos foram perdidos. De qualquer maneira, pagaremos cem mil por caso, inclua o custo da defesa, e o total que temos sobre a mesa é de meio milhão de dólares.

O queixo de Mack caiu e ele quase engoliu o fone. Estivera preparado para pedir pelo menos três vezes qualquer quantia que Marty inicialmente oferecesse, procedimento rotineiro de advogado, mas por alguns segundos não conseguiu falar nem respirar.

Marty prosseguiu: — Tudo em dinheiro, pago à vista, confidencial, sem nenhuma admissão de responsabilidade; a oferta é válida por trinta dias, até 10 de março.

Uma oferta de 10 mil dólares por ação teria sido um choque e uma decepção. Mack ofegou, lutando para respirar, e tentou pensar numa resposta.

— Mais uma vez, Mack, estamos apenas tentando limpar a folha de balanço. O que você acha? — Marty prosseguiu.

O que eu acho?, Mack repetiu para consigo mesmo. Acho que minha parte são quarenta por cento e o cálculo é matemática fácil. Acho que no ano passado tive um rendimento bruto de 95 mil dólares e queimei metade disso com custos — o salário de Freda e as contas do escritório — que me deixaram com um rendimento líquido de cerca de \$46.000 antes do imposto de renda, quantia que eu creio que é ligeiramente menor do que a que minha esposa ganhou como diretora assistente da Clanton High School. Neste exato momento, estou pensando numa porção de coisas, algumas coisas realmente malucas como: (1) Isso por acaso é uma piada? (2) Quem da minha turma de faculdade de direito poderia estar por trás disso? (3) Presumindo que seja verdade, como poderei manter os lobos longe destes honorários maravilhosos? (4) Minha esposa e duas filhas dariam cabo de todo este dinheiro em menos de um mês; (5) Freda exigiria um bônus considerável; (6) Como posso procurar esses clientes depois de tantos anos de abandono? E assim por diante. Estou pensando em muita coisa, Sr. Rosenberg.

— É muito generoso, Marty — Mack conseguiu dizer finalmente. — Tenho certeza de que meus clientes ficarão satisfeitos. — Depois do choque, seu cérebro estava começando a se concentrar de novo.

— Ótimo. Então, fechamos o acordo?

— Bem, deixe-me ver. É claro que precisarei apresentar a proposta a meus clientes, e isso pode levar alguns dias. Posso lhe telefonar dentro de uma semana?

— É claro. Mas estamos ansiosos para encerrar esta história, então, vamos andar depressa. E, Mack, quero reiterar mais uma vez nosso desejo de confidencialidade. Podemos concordar em esquecer que os acordos foram feitos, Mack?

Por um valor tão alto em dinheiro, Mack concordaria em esquecer qualquer coisa.

— Compreendo — disse. — Nem uma palavra a ninguém. — E Mack estava falando sério. Ele já estava pensando em todas as pessoas que jamais saberiam daquele seu bilhete premiado.

— Ótimo. Você me liga dentro de uma semana?

— Com certeza, Marty. E, ouça, minha secretária fala demais. É melhor você não voltar a ligar para cá. Ligarei para você na próxima terça-feira. A que horas?

— Que tal onze horas, horário daqui?

— Combinado, Marty.

Trocaram números de telefone e endereços e se despediram. De acordo com o timer digital no telefone de Mack, a chamada durara oito minutos e quarenta segundos.



O telefone tocou novamente logo depois que Marty desligou, mas Mack só conseguiu ficar olhando para ele. Não ousou desafiar a sorte. Em vez disso, caminhou até a frente do escritório, até a grande janela com seu nome pintado, que dava para a rua, e olhou para o tribunal do condado de Ford, onde, naquele momento, alguns advogados furrecas de fundo de quintal estavam no andar de cima, comendo sanduíches frios no gabinete do juiz e regateando uma quantia de mais cinquenta dólares por mês de pensão alimentícia para alguma criança e questionando se a esposa devia ficar com o Honda e o marido com o Toyota. Mack sabia que estavam lá porque eles sempre estavam lá, e com frequência Mack estava com eles. Mais abaixo no corredor, no escritório do tabelião da cidade, mais advogados estariam lendo atentamente escrituras de terras, registros de gravames e velhos mapas empoeirados, enquanto trocavam gracejos uns com os outros, aquelas mesmas histórias, piadas, tiradas de humor batidas que ele já tinha ouvido mais de mil vezes. Um ou dois anos antes, alguém havia contado cinquenta e um advogados na cidade de Clanton, e virtualmente todos estavam reunidos ao redor da praça, seus escritórios de frente para o prédio do tribunal. Comiam nos mesmos restaurantes, se encontravam nas mesmas cafeterias, bebiam nos mesmos bares, cortejavam os mesmos clientes, e quase todos eles tinham as mesmas decepções e queixas sobre sua profissão de escolha. De alguma forma, uma cidade de dez mil habitantes produzia conflitos suficientes para sustentar cinquenta e um advogados, quando, na realidade, menos da metade daquele número era necessária.

Mack raramente se sentia necessário. Sem dúvida, era necessário para sua esposa e filhas, embora com frequência se perguntasse se elas não seriam mais felizes sem ele; mas a cidade e suas necessidades legais certamente sobreviveriam muito bem sem ele. De fato, Mack se dera conta havia muito tempo de que, se subitamente fechasse seu escritório, poucos reparariam. Nenhum cliente ficaria sem representação legal. Os outros advogados sorriam em segredo porque teriam um competidor a menos.

Ninguém no tribunal sentiria sua falta depois de mais ou menos um mês. Aquilo o entristecera durante muitos anos. Mas o que realmente o deprimia não era o presente nem o passado e, sim, o futuro. A perspectiva de acordar um belo dia, aos sessenta anos de

idade, e ainda ter que ir para o escritório — sem dúvida, o mesmo escritório -preencher papelada de divórcios e declarações de insolvência civil por ninharias para gente que mal podia pagar seus honorários modestos, bem, era suficiente para azedar seu humor todos os dias de sua vida. Era suficiente para fazer de Mack um homem muito infeliz. Ele queria sair, largar tudo aquilo. E queria sair enquanto ainda fosse jovem.

Um advogado chamado Wilkins passou pela calçada sem olhar para a janela de Mack. Wilkins era um imbecil que trabalhava quatro portas adiante. Anos atrás, enquanto tomava um drinque de fim de tarde com três outros advogados, um dos quais era Wilkins, Mack havia falado demais e divulgado detalhes de seu grande plano para ganhar uma fortuna com a ação judicial da serra de corrente. É claro que o plano não dera em nada e, quando Mack não conseguira convencer nenhum dos advogados mais competentes e experientes em contencioso de tribunal a se associar a ele, seus arquivos dos casos das serras tinham começado a feder. Wilkins, sempre um canalha, se apanhava Mack na presença de outros advogados, perguntava algo como:

— E aí, Mack, como anda aquela sua ação coletiva das serras de corrente? Ou: E aí, Mack, já fechou acordo naqueles seus casos das serras de corrente? Com o passar do tempo, contudo, até Wilkins tinha se esquecido dos casos.

Ei, Wilkins, dê uma olhada nesta proposta de acordo, meu velho! Meio milhão de dólares na mesa, dos quais duzentos mil vão para o meu bolso. No mínimo isso, mas talvez mais. Ei, Wilkins, você não embolsou duzentos mil dólares nem juntando tudo o que ganhou nos últimos cinco anos.

Mas Mack sabia que Wilkins jamais saberia. Ninguém saberia e, para Mack, assim estava ótimo.

Freda não demoraria a aparecer e entrar ruidosamente como de costume. Mack correu para sua escrivaninha, telefonou para o número em Nova York, pediu para falar com Marty Rosenberg e, quando a secretária dele atendeu, desligou e sorriu. Verificou seus compromissos para aquela tarde, e eram tão lúgubres quanto o tempo lá fora. Um novo caso de divórcio às duas e meia, e outro já em curso às quatro e meia. Havia uma lista de quinze chamadas telefônicas a fazer, e nem uma única que pudesse lhe dar algum prazer. Os arquivos-peixe no armário apodreciam de abandono. Agarrou o sobretudo, deixou a maleta e saiu pela porta dos fundos.

Seu carro era um pequeno BMW com 160 mil quilômetros no odômetro. O contrato de *leasing* expiraria dentro de cinco meses e ele já se preocupava com o que iria dirigir. Uma vez que advogados, por mais que pudessem estar sem dinheiro, deviam dirigir um carro

que causasse impacto, estivera em surdina examinando as opções, tomando cuidado para manter segredo. Sua esposa não aprovaria lá o que fosse que ele escolhesse, e Mack simplesmente não estava pronto para aquela briga.

Seu percurso favorito na trilha da cerveja começava na Parker County Store, treze quilômetros ao sul da cidade, numa pequena comunidade onde ninguém nunca o reconhecia.

Comprou uma embalagem de meia dúzia de garrafas de cor verde forte, importadas, bebida de qualidade para aquele dia especial, e prosseguiu rumo ao sul por estreitas estradas secundárias até não encontrar mais tráfego. Escutou Jimmy Buffett cantar sobre velejar, beber rum e viver a vida com que Mack estivera sonhando havia algum tempo. No verão, antes de começar a cursar a faculdade de direito, tinha passado duas semanas fazendo mergulho nas Bahamas. Tinha sido sua primeira viagem ao país, e ansiava por fazer aquilo de novo. Com o correr dos anos, à medida que o tédio do trabalho de advocacia o acachapava, e à medida que seu casamento se tornava cada vez menos satisfatório, ele cada vez mais escutava Buffett. Poderia perfeitamente dar conta de viver num barco a vela. Estava pronto. Mack estacionou o carro numa área de piquenique retirada no lago Chatulla, o maior corpo de água em um raio de oitenta quilômetros, deixou o motor ligado e o aquecimento também, com uma fresta de janela aberta. Bebericou a cerveja e contemplou o lago, um lugar movimentado no verão, com barcos de esqui aquático e pequenos catamarãs, mas deserto em fevereiro.

A voz de Marty ainda estava fresca e clara em sua memória. A conversa deles ainda era fácil de repetir, quase que palavra por palavra. Mack falou sozinho, depois cantou com Buffett. Aquele era o seu momento, uma oportunidade que com toda a probabilidade nunca mais lhe seria oferecida. Mack finalmente convenceu-se de que não estava sonhando, de que o dinheiro estava sobre a mesa. Já tinha feito os cálculos, mas então fez tudo de novo uma porção de vezes. Uma neve fina começou a cair, flocos que se derretiam assim que tocavam o solo. Mesmo a chance de três ou quatro centímetros de neve deixavam a cidade toda animada, e, agora que os flocos estavam caindo, ele sabia que as crianças na escola estariam postadas diante das janelas, ansiosas diante da possibilidade de ser dispensadas e mandadas para casa para brincar.

Sua esposa provavelmente estava ligando para o escritório com instruções para que fosse buscar as meninas. Freda estaria procurando por ele. Depois da terceira cerveja, ele adormeceu.

Mack faltou ao compromisso das duas e meia e não se importou. Também faltou ao das quatro e meia. Guardou uma cerveja para a viagem de volta e, às cinco e quinze, entrou pela porta dos fundos

do escritório e logo se viu cara a cara com uma secretária extremamente agitada.

— Onde esteve? — perguntou Freda.

— Saí para dar uma volta de carro — respondeu, enquanto tirava o sobretudo e o pendurava no vestíbulo.

Ela o seguiu até sua sala, de mãos nos quadris.

— Você faltou a dois compromissos, com os Maddens e com os Garners, e eles não ficaram nada satisfeitos. Está fedendo como uma destilaria.

— Quer dizer que fazem cerveja em destilarias?

— Acho que sim. São mil dólares em honorários que jogou no lixo.

— E daí? — Ele se deixou cair na cadeira, derrubou alguns arquivos de cima da mesa.

— E daí? E daí é que nós precisamos de todos os honorários que pudermos conseguir por aqui. Você não está em posição de dispensar clientes. Ainda não cobrimos as despesas do mês passado e este mês costuma ser ainda mais fraco. — A voz dela estava alta, estridente, acelerada, com o veneno que estivera se acumulando ao longo de horas. — Há uma pilha de contas em cima de minha mesa e nenhum dinheiro no banco. O outro banco gostaria de ver algum progresso no pagamento daquele empréstimo que decidiu pedir, por algum motivo.

— Há quanto tempo você trabalha aqui, Freda?

— Cinco anos.

— Isso é tempo mais do que suficiente. Arrume suas coisas e vá embora. Agora.

Ela arquejou. As duas mãos voaram, cobrindo-lhe a boca. Ela conseguiu dizer:

— Está me despedindo?

— Não. Estou reduzindo as despesas. Enxugando os custos.

Ela reagiu rapidamente, rindo num cacarejar alto e nervoso: — E quem vai atender ao telefone, fazer todo o trabalho de datilografia, pagar as contas, organizar os arquivos, cuidar dos clientes e impedir você de se meter em encrencas?

— Ninguém.

— Você está bêbado, Mack.

— Não bêbado o suficiente.

— Você não tem condições de sobreviver sem mim.

— Por favor, apenas vá embora. Não vou discutir.

— Você vai perder o que tem — rosnou ela.

— Já perdi.

— Bem, agora está perdendo a cabeça e o juízo.

— Isso também. Por favor.

Ela saiu bufando e Mack pôs os pés sobre o tampo da mesa. Ela bateu gavetas e ficou pisando duro diante da porta da frente por dez minutos, então gritou: — Você é um filho da mãe nojento, sabia? — Entendi muito bem. Adeus. A porta da frente bateu, e tudo ficou em silêncio de novo. O primeiro passo havia sido dado.

Uma hora mais tarde, ele saiu de novo. Estava escuro e frio, e a neve tinha parado. Ainda estava com sede e não queria ir para casa, mas também não queria ser visto em nenhum dos três bares do centro de Clanton.

O Motel Riviera ficava a leste da cidade, na autoestrada para Memphis. Era uma espelunca ao estilo dos anos 1950, com quartos minúsculos, alguns que se sabia podiam ser alugados por hora, e com um pequeno café e um salão de bar. Mack se acomodou no bar e pediu um chope. Havia música country tocando no fonógrafo automático, um jogo de basquete universitário passando na tela acima e o grupo habitual de viajantes com orçamento reduzido e clientes locais entediados, todos bem acima dos cinquenta anos de idade. Mack não reconheceu ninguém, exceto o *bartender*, um sujeito da antiga cujo nome não se lembrava. Mack não era exatamente um freguês assíduo do Riviera.

Pediu um charuto, o acendeu, bebericou o chope e, depois de alguns minutos, tirou do bolso um pequeno bloco de notas e começou a escrever. Para esconder a maior parte de suas dificuldades financeiras da esposa, havia organizado sua firma de advocacia como uma companhia de responsabilidade limitada, ou seja, LLC, atualmente o furor da moda entre os advogados. Ele era o único proprietário e a maior parte de suas dívidas estava reunida lá: uma dívida de 25 mil dólares, que já tinha seis anos e não mostrava sinais de ser reduzida; dois cartões de crédito da firma que eram usados para pequenas despesas, tanto pessoais quanto de negócios, e que também tinham atingido o limite máximo de 10 mil dólares e eram mantidos em operação com pagamentos mínimos; e as despesas habituais de escritório com material. O maior passivo da firma era uma hipoteca de 120 mil dólares do prédio onde instalara o escritório, que Mack havia comprado oito anos antes, apesar das objeções bastante vigorosas de sua esposa. A mensalidade a pagar era de 1.400 dólares, o que não era nem um pouco facilitado pelo espaço vazio no segundo andar que Mack estivera certo de que conseguiria alugar quando comprara o imóvel.

Naquele maravilhoso e desolado dia de fevereiro, Mack estava com dois meses de atraso no pagamento da hipoteca do escritório.

Pediu mais uma cerveja enquanto somava as dívidas. Podia incluir tudo em uma declaração de insolvência civil, passar seus casos e arquivos para um amigo advogado, largar tudo e se retirar

como um homem livre, sem nenhum vestígio de vergonha nem humilhação porque ele, Mack Stafford, não ficaria por lá para que os outros o apontassem e cochichassem a seu respeito. O escritório era fácil. O casamento seria outra história.

Ele bebeu até as dez, então entrou no carro e foi para casa. Estacionou na entrada de sua modesta casinha em um bairro antigo de Clanton, desligou o motor e os faróis, ficou sentado atrás da direção e olhou fixamente para a casa. As luzes na sala de visita estavam acesas. Ela estava esperando.

Eles haviam comprado a casa da avó dela não muito depois de terem se casado, quinze anos antes, e já havia cerca de quinze anos que Lisa desejava uma casa maior.

A irmã dela era casada com um médico, e eles moravam numa bonita casa perto do clube campestre, onde todos os outros médicos, banqueiros e alguns dos advogados moravam. A vida era melhor por lá porque as casas eram mais novas, com piscinas e quadras de tênis e campos de golfe, a um quarteirão de distância. Durante a maior parte de sua vida de casado, Mack tinha sido constantemente lembrado de que não estavam fazendo progressos na subida da escada da ascensão social. Progresso? Mack sabia que, na verdade, estavam retrocedendo. Quanto mais tempo ficavam na casa da vovó, menor ela se tornava.

A família de Lisa era dona da única usina de concreto de Clanton ao longo de gerações e, embora aquilo os mantivesse no topo da classe social da cidade, não contribuía em nada para suas contas bancárias. Eles sofriam de um mal chamado “dinheiro de família”, um status que tinha muito a ver com esnobismo e muito pouco com a posse de bens de verdade. Casar-se com um advogado parecera uma boa perspectiva na época, mas, quinze anos depois, ela tinha dúvidas, e Mack sabia disso.

A luz da varanda se acendeu. A briga seria como a maioria das outras, as meninas Helen e Margo — teriam assentos de primeira fila. A mãe delas provavelmente estivera dando telefonemas e atirando objetos durante várias horas e, em meio à sua fúria, ela sempre se assegurava de que as garotas soubessem quem estava certo e quem estava errado. Ambas agora eram jovens adolescentes e já mostravam todos os sinais de que estavam crescendo para se tornar iguaizinhas a Lisa. Mack sem dúvida as amava, mas já havia tomado sua decisão, enquanto bebia a cerveja número três no lago, de que podia viver sem elas.

A porta da frente se abriu, e então lá apareceu ela. Avançou um passo para a varanda estreita, cruzou os braços descobertos e olhou furiosa por sobre o gramado frígido, diretamente para os olhos trêmulos de Mack. Ele a encarou de volta, abriu a porta do

motorista e saltou do carro. Mack bateu a porta e ela reagiu com um desagradável:

— Onde é que você esteve?

— No escritório — rebateu, enquanto dava um passo e dizia a si mesmo para andar devagar e não cambalear como um bêbado. Estava com a boca cheia de chiclete de menta, não que planejasse enganar ninguém. A entrada para carros se inclinava ligeiramente da casa para a rua.

— Onde você esteve? — perguntou ela de novo, ainda mais alto.

— Por favor, olhe os vizinhos. — Ele não viu o trecho de gelo entre o carro dele e o dela, e, quando afinal o descobriu, as coisas estavam fora de controle. Escorregou para a frente, com um grito, e caiu batendo com a cabeça no para-choque traseiro do carro dela. O mundo escureceu por alguns momentos, e, quando ele recuperou os sentidos, ouviu vozes femininas frenéticas, uma das quais anunciou:

— Ele está bêbado. Obrigado, Lisa.

Havia um corte em sua cabeça e seus olhos não entravam em foco. Ela estava inclinada acima dele, dizendo coisas como: — Tem sangue, ah, meu Deus! — E: — Seu pai está bêbado! — E: — Vá ligar para 911!

Misericordiosamente, Mack desmaiou de novo e, quando começou a ouvir de novo, havia uma voz masculina no comando. O Sr. Browning, vizinho do lado.

— Cuidado com o gelo, Lisa, e me passe o cobertor. Tem muito sangue.

— Ele andou bebendo — disse Lisa, sempre em busca de aliados.

— Ele provavelmente não está sentindo nada — acrescentou o Sr. Browning em tom prestativo. Ele e Mack não se entendiam havia anos.

Embora estivesse atordoado e pudesse ter dito alguma coisa, Mack decidiu, deitado ali no frio, apenas fechar os olhos e deixar que alguém mais se preocupasse com ele. Não demorou muito, ouviu uma ambulância.



Na verdade, ele gostou do hospital. As drogas eram deliciosas, as enfermeiras achavam que ele era uma gracinha, e aquilo oferecia uma desculpa perfeita para ficar longe do escritório. Mack levou seis pontos e ficou com um grande hematoma na testa, mas, como Lisa informou a alguém no telefone quando pensava que ele

estivesse dormindo, não houve “nenhuma lesão adicional ao cérebro”. Depois que ficou esclarecido que os ferimentos dele eram superficiais, ela deixou de vir ao hospital e manteve as garotas à distância. Ele não estava com pressa de sair, e ela não estava com nenhuma pressa de que ele voltasse para casa. Mas, depois de dois dias, o médico lhe deu alta. Quando juntava suas coisas e se despedia das enfermeiras, Lisa entrou no quarto e fechou a porta. Sentou-se na única cadeira, cruzou os braços e pernas, como se pretendesse ficar ali horas, e Mack relaxou na cama. Os efeitos da última dose de Percocet ainda perduravam e ele se sentia deliciosamente zozinho e atordoado.

— Você despediu Freda — ela falou, os maxilares cerrados, as sobancelhas arqueadas.

— Despedi.

— Por quê?

— Porque me cansei de suas respostas atrevidas. Que importância tem para você? Você detesta Freda.

— O que vai acontecer com o escritório?

— Para começar, vai ficar um bocadinho mais tranquilo. Já despedi secretárias antes. Não é nada demais.

Uma pausa enquanto ela descruzava os braços e começava a torcer uma mecha de cabelo. Aquilo significava que estava pensando em assuntos sérios e prestes a lhe dar conhecimento deles.

— Tenho uma consulta com a Dra. Juanita amanhã às cinco — anunciou ela.

Negócio fechado. Não havia nada a negociar.

A Dra. Juanita era uma das três profissionais licenciadas em terapia de casais em Clanton. Mack as conhecia profissionalmente por seu trabalho como advogado em divórcios. Também as conhecia pessoalmente porque Lisa o obrigara a se consultar com as três para terapia e aconselhamento. Ele precisava de terapia. Ela, é claro, não precisava. A Dra. Juanita sempre ficava do lado das mulheres e, assim, o fato de ter sido escolhida não foi surpresa.

— Como vão as meninas? — perguntou Mack. Ele sabia que a resposta seria desagradável, mas, se não perguntasse, então ela mais tarde se queixaria com a Dra. Juanita: “Ele nem perguntou pelas meninas.”

— Humilhadas. O pai delas volta para casa bêbado, tarde da noite, e cai na entrada de casa, arrebenta o crânio, é trazido para o hospital, onde se verifica que o nível de álcool em seu sangue está duas vezes acima do limite legal. Todo mundo na cidade sabe disso.

— Se todo o mundo sabe, é porque você espalhou para todo mundo. Por que não pode ficar calada?

O rosto dela enrubesceu e seus olhos brilharam de ódio. — Você,

você, você é um fracasso. Você é um bêbado miserável fracassado, sabia disso?

— Eu discordo.

— Quanto tem andado bebendo?

— Não o suficiente.

— Você precisa de ajuda, Mack, ajuda profissional.

— E devo obter essa ajuda da Dra. Juanita?

Ela subitamente se pôs de pé de um salto e seguiu furiosa para a porta.

— Eu me recuso a brigar num hospital.

— É claro. Você prefere brigar em casa, na frente das meninas.

Ela abriu a porta com violência e disse: — Às cinco horas, amanhã, você trate de ir.

— Vou pensar no assunto.

— E não volte para casa hoje à noite.

Ela bateu a porta, e Mack ouviu o som furioso de seus saltos enquanto ela se afastava.



O primeiro cliente de Mack na ação coletiva das serras de corrente era um madeireiro profissional chamado Odell Grove. Quase cinco anos antes, o filho de dezenove anos do Sr. Grove havia precisado de um divórcio rápido e acabara indo parar no escritório de Mack. Durante o período em que representara o rapaz, ele também um madeireiro profissional, Mack ficara sabendo do encontro de Odell com uma serra que demonstrara ser mais perigosa do que a maioria. Durante uma operação de rotina, a corrente havia arrebentado, a proteção falhara e Odell perdera o olho esquerdo. Ele agora usava um tapa-olho, e foi o tapa-olho que ajudou Mack a identificar o cliente havia muito esquecido quando entrou no café de caminhoneiros nos arredores da cidadezinha de Karraway. Eram pouco mais de oito horas da manhã seguinte à que Mack tivera alta do hospital, a manhã depois da que ele havia dormido no escritório. Tinha entrado às escondidas em casa depois de as meninas terem saído para a escola e apanhado algumas roupas. Para não destoar do pessoal do lugar, usava botas e o traje de camuflagem que, de vez em quando, vestia quando saía para caçar. O ferimento recente em sua cabeça estava coberto por um gorro de esqui de lã verde bem puxado sobre a testa, mas ele não pudera esconder todos os hematomas.

Estava tomando remédios para dor e sentia-se estimulado. As pílulas lhe davam coragem para de alguma forma enfrentar aquele encontro desagradável. Ele não tinha escolha.

Odell, com seu tapa-olho preto, comia panquecas e falava alto a três mesas de distância e nem sequer lançou um olhar para Mack.

De acordo com a ficha no arquivo, eles haviam se encontrado naquele mesmo café, quatro anos e dez meses antes, quando Mack informara a Odell que ele tinha fundamentos sólidos para um processo contra o fabricante da serra de corrente. Seu último contato fora há quase dois anos, quando Odell telefonara para o escritório com algumas perguntas bastante irritadas sobre o progresso de seu caso. Depois disso, o arquivo começara a cheirar mal.

Mack tomou um café no balcão, folheou o jornal e esperou que o grosso da clientela da manhã saísse para o trabalho. Por fim, Odell e seus dois companheiros acabaram o café da manhã e passaram no caixa para pagar. Mack deixou um dólar por seu café e os seguiu até o lado de fora. Enquanto eles se encaminhavam para o caminhão, Mack engoliu em seco e chamou:

— Odell. — Todos os três pararam enquanto Mack se aproximava para um cumprimento amistoso.

— Odell, sou eu, Mack Stafford. Cuidei do divórcio de seu filho, Luke.

— O advogado? — perguntou Odell, confuso. Ele examinou as botas, as roupas de caçador, o gorro de esquí, logo acima dos olhos.

— Claro, de Clanton. Você tem um minuto?

— O que...

— É apenas um minuto. Uma pequena questão de negócios.

Odell olhou para os outros dois, e os três deram de ombros.

— Vamos esperar no caminhão — disse um deles.

Como a maioria dos homens que passa seu tempo embrenhado no meio da floresta derrubando árvores, Odell tinha ombros e peito largos, com braços muito musculosos e mãos maltratadas. Mas, com seu único olho bom, conseguia transmitir mais desprezo do que a maioria dos homens era capaz com os dois.

— O que é? — rosnou, cuspiando no chão. Tinha um palito de dentes enfiado no canto da boca. A cicatriz na face esquerda, cortesia do Tinzo. O acidente lhe custara um olho e um mês de madeira cortada, nada mais.

— Estou desativando minha firma — disse Mack. — Que diabo quer dizer com isso?

— Quer dizer que vou fechar o escritório. Acho que talvez possa conseguir arrancar algum dinheiro de seu caso.

— Acho que já ouvi essa história antes. — O negócio que quero

propor é o seguinte. Posso lhe conseguir vinte e cinco mil em dinheiro, dinheiro vivo, dentro de duas semanas, mas só se você mantiver segredo absoluto. Estou falando de silêncio tumular. Você não pode contar a ninguém.

Para um homem que nunca tinha visto cinco mil dólares em dinheiro, a perspectiva foi imediatamente sedutora. Odell olhou ao redor para se assegurar de que estavam sozinhos. Moveu o palito de um lado para o outro, como se aquilo o ajudasse a pensar.

— Alguma coisa não me cheira bem — disse, franzindo o tapa-olho.

— Não é complicado, Odell. É um acordo rápido porque a companhia que fabricava a serra está sendo comprada por outra companhia. Isso acontece o tempo todo. Eles querem esquecer essas antigas reclamações.

— Tudo direito como manda o figurino? — perguntou Odell, ainda em dúvida, como se aquele seu advogado não merecesse confiança.

— É claro. Eles vão pagar este valor, mas só se for mantido em segredo. Além disso, pense em todos os problemas que você teria se as pessoas soubessem que iria receber essa grana.

Odell olhou direto para o caminhão e para os dois companheiros sentados dentro dele. Então, pensou em sua esposa e na mãe dela, e no filho na cadeia por drogas, e no outro filho, que estava desempregado. Não demorou muito havia pensado em uma porção de gente que, feliz da vida, o ajudaria a gastar o dinheiro. Mack sabia em que ele estava pensando.

— Dinheiro limpo, Odell. Do meu bolso para o seu, e ninguém vai saber de nada. Nem o imposto de renda.

— Não há nenhuma chance de conseguir mais? — perguntou Odell.

Mack franziu a testa e chutou uma pedra. — Nem um tostão, Odell. Nem um tostão. São vinte e cinco mil ou nada. E temos que andar depressa. Posso lhe entregar o dinheiro em menos de um mês.

— O que eu tenho que fazer?

— Encontre-se comigo aqui, na sexta-feira da semana que vem, às oito da manhã. Vou precisar de uma assinatura, então posso receber o dinheiro.

— Quanto você vai ganhar com isso?

— Isso não é importante. Você quer o dinheiro ou não?

— Não é muito dinheiro por um olho.

— Você tem razão quanto a isso, mas é só o que vai conseguir. Vai querer ou não?

Odell cuspiu no chão de novo e moveu o palito de um lado para outro na boca. Por fim, disse: — Quero.

— Ótimo. Então, sexta-feira que vem, às oito horas, aqui, e venha sozinho.

Durante seu primeiro encontro, Odell havia mencionado o fato de que conhecia outro madeireiro que perdera a mão enquanto usava o mesmo modelo de serra Tinzo. Este segundo caso de lesão havia inspirado Mack a sonhar com um ataque mais amplo, uma ação coletiva em favor de dúzias, talvez centenas de autores mutilados. Anos antes, ele pudera quase sentir o dinheiro.

O segundo cliente fora localizado nas vizinhanças, no condado de Polk, num desfiladeiro desolado nas profundezas de uma floresta de pinheiros. Seu nome era Jerrol Baker, de trinta e um anos de idade, um madeireiro que não pudera continuar a carreira com apenas uma mão. Em vez disso, ele e um primo haviam construído um laboratório clandestino de metadona no trailer duplo que possuíam, e Jerrol, o químico, ganhava muito mais dinheiro que o madeireiro.

Sua nova carreira, contudo, demonstrara ser igualmente perigosa, e Jerrol havia escapado por pouco de uma morte infernal quando o laboratório explodira, incinerando o equipamento, o estoque de mercadoria, o trailer e o primo. Jerrol foi processado, condenado, mandado para a prisão e, de lá, escrevera várias cartas que não tiveram resposta para seu advogado da ação coletiva, pedindo novidades sobre a causa sólida e imperdível que tinham contra o Tinzo. Depois de alguns meses, ele foi posto em liberdade condicional, e dizia-se que estava de volta à área. Mack não falava com ele havia pelo menos dois anos.

E falar com ele agora seria um bocado difícil, senão impossível. A casa da mãe de Jerrol estava abandonada. Um vizinho mais abaixo na estrada não fora nem um pouco cooperativo, até Mack explicar que devia trezentos dólares a Jerrol e que precisava entregar um cheque. Uma vez que era provável que Jerrol devesse dinheiro à maioria dos vizinhos de sua mãe, alguns detalhes foram revelados. Mack certamente não parecia ser agente da narcóticos, nem oficial de justiça nem agente de condicional.

O vizinho apontou mais para cima na estrada e depois da colina, e Mack seguiu as instruções. Repetiu as insinuações sobre estar encarregado de fazer um pagamento à medida que se embrenhava mais nas florestas de pinheiros do condado de Polk. Era quase meio-dia quando a estrada de cascalho chegou a um beco sem saída. Um velhíssimo trailer repousava miseravelmente sobre lajes de concreto envoltas por trepadeiras. Mack, com uma pistola calibre 38 em um bolso, aproximou-se lentamente do trailer. A porta se abriu lentamente, frouxa nos gonzos.



Jerrold saiu para a varanda de tábuas e olhou furioso para Mack, que se imobilizou a seis metros de distância. Jerrold estava sem camisa, mas seus braços e peito eram adornados por uma coleção variada de tatuagens feitas na prisão. O cabelo era comprido e sujo, o corpo, magro, sem dúvida devastado pela metadona. Ele perdera a mão esquerda graças ao Tinzo, mas a direita empunhava uma espingarda de cano serrado. Deu um cumprimento de cabeça, mas não falou. Seus olhos eram fundos como os de um fantasma. — Sou Mack Stafford, advogado de Clanton. Creio que você é Jerrol Baker, não é?

Mack havia esperado que a espingarda fosse erguida e disparada, mas não se moveu. De maneira muito estranha, o cliente sorriu, uma exibição de gengivas desdentadas que era mais assustadora do que a arma.

— Sou eu — resmungou. Eles conversaram por dez minutos, uma troca de palavras surpreendentemente civilizada, tendo em vista o cenário e sua história pregressa.

Tão logo Jerrold se deu conta de que estava prestes a receber vinte e cinco mil dólares em dinheiro e que ninguém teria conhecimento disso, transformou-se num garotinho e até convidou Mack a entrar. Mack declinou.



Quando, afinal, eles se acomodaram em suas cadeiras de couro e encararam a terapeuta do outro lado da mesa, a Dra. Juanita tinha sido plenamente informada de todos os problemas em questão e apenas fingiu imparcialidade. Mack quase perguntou quantas vezes elas tinham conversado, mas sua estratégia era toda dedicada a evitar conflito.

Depois de alguns comentários destinados a fazer marido e esposa relaxarem e a instilar confiança e calor humano, a Dra. Juanita os convidou a dizerem alguma coisa. De maneira nada surpreendente, Lisa falou primeiro. Ela tagarelou sem parar por quinze minutos

sobre sua infelicidade, seu vazio, suas frustrações e não mediu palavras ao descrever a falta de afeto e de ambição do marido, e seu consumo crescente de álcool.

A testa de Mack estava cheia de hematomas e uma grande bandagem cobria um terço dela, de modo que não só ele foi descrito como um bêbado, como de fato parecia ser um. Ele mordeu a língua, ouviu, tentou parecer infeliz e deprimido. Quando chegou sua vez de falar, manifestou algumas das mesmas preocupações, mas não acrescentou nada de explosivo. A maioria dos problemas era causada por ele, que estava disposto a assumir a responsabilidade.

Quando terminaram, a Dra. Juanita os separou. Lisa saiu da sala primeiro e voltou para o vestíbulo para folhear revistas enquanto recarregava. Mack foi deixado sozinho para enfrentar a terapia. Da primeira vez em que a havia enfrentado aquela tortura, tinha ficado nervoso. Agora, contudo, já tinha passado por tantas sessões que, na verdade, pouco se importava. Nada que ele dissesse ajudaria a salvar o casamento, de modo que por que dizer alguma coisa?

— Tenho a impressão de que você quer o fim deste casamento — começou a Dra. Juanita em voz suave, compreensiva, observando-o cuidadosamente.

— Eu quero sair porque ela quer sair. Ela quer uma vida maior, uma casa maior, um marido maior. Eu sou pequeno demais.

— Você e Lisa têm momentos em que riem juntos?

— Às vezes, quando assistimos a alguma coisa engraçada na televisão. Eu rio, ela ri e as meninas riem.

— E sexo?

— Bem, estamos ambos com quarenta e dois anos, e fazemos em média uma vez por mês, o que é triste, porque uma relação dura cinco minutos, no máximo. Não há nenhuma paixão, nenhum romance, é apenas algo que fazemos para neutralizar a tensão. Muito metódico, como traçar uma linha juntando dois pontos. Tenho a impressão de que para ela não faria a menor diferença se não fizessemos.

A Dra. Juanita fez algumas anotações, de maneira muito semelhante à que Mack fazia com um cliente que não dizia nada, mas a respeito de quem alguma coisa precisava ser escrita.

— Quanto você anda bebendo? — perguntou ela.

— Nem de longe tanto quanto ela diz. Ela vem de uma família de abstêmios, de modo que três cervejas numa noite é uma verdadeira bebedeira.

— Mas você está bebendo demais.

— Voltei para casa outro dia à noite, no dia em que nevou,

escorreguei no gelo, caí e bati a cabeça. Agora, quase todo mundo em Clanton ouviu a história de que cheguei em casa tão bêbado, que mal podia andar e caí na entrada, arrebentei o crânio e agora estou me comportando de maneira estranha. Ela está reunindo aliados, Juanita, você compreende? Está dizendo a todo o mundo como eu sou péssimo porque quer que as pessoas estejam do seu lado quando pedir o divórcio. As linhas de batalha já estão traçadas. É inevitável.

— Você está desistindo.

— Estou me rendendo. Totalmente. Incondicionalmente.



O domingo seguinte calhou de ser o segundo domingo do mês, um dia que Mack odiava mais que todos os outros. A família de Lisa, o clã Bunning, tinha que, por exigência legal, se reunir na casa dos pais dela para um *brunch* depois da igreja todo segundo domingo de cada mês. Desculpas não eram toleradas, a menos que um membro da família calhasse de estar fora da cidade, e mesmo essa ausência era vista com reprovação e o faltoso geralmente era objeto de comentários destruidores, longe da presença das crianças, é claro. Mack, com a testa de um tom roxo azulado ainda mais escuro e o inchaço ainda evidente, não conseguiu resistir à tentação de uma última e gloriosa despedida. Ele não foi à igreja, decidiu não tomar banho nem se barbear, vestiu velhas calças jeans e um blusão de malha sujo. Para efeito dramático, retirou a gaze que cobria seu ferimento, de modo que a refeição inteira fosse arruinada quando os Bunnings vissem os pontos repulsivos. Ele chegou apenas alguns minutos atrasado, mas cedo o suficiente para impedir os adultos de se divertirem com algumas rodadas de ardorosa maledicência. Lisa o ignorou completamente, como, aliás, quase todo o mundo. Suas filhas se esconderam no solário com as primas, que, é claro, tinham ouvido tudo sobre o escândalo e queriam detalhes sobre a desgraça de Mack. A certo ponto, pouco antes de se sentarem à mesa, Lisa passou bem junto dele e, por entre dentes cerrados, conseguiu sussurrar: — Por que você não vai embora? Ao que Mack respondeu alegremente: — Porque estou morto de fome e não como um ensopado queimado desde o segundo domingo do mês passado.

Todos estavam presentes, dezesseis pessoas no total, e depois de o pai de Lisa, ainda com a camisa branca e a gravata da igreja, ter

abençoado o dia com seu pedido habitual ao Todo-Poderoso, a comida foi servida e a refeição começou. Como sempre, cerca de trinta segundos se passaram antes que o pai comesse a debater o preço do cimento. As mulheres se dedicaram a pequenas conversas paralelas de fofocas. Dois dos sobrinhos de Mack, sentados do outro lado da mesa, ficaram apenas olhando fixamente para os pontos sem conseguir comer. Finalmente a mãe de Lisa, a grande dama, chegou ao ponto inevitável em que não conseguiu mais se conter. Durante uma pausa nas conversas, ela anunciou a pleno volume:

— Mack, pobre de sua cabeça, está com um aspecto medonho. Isso deve doer muito.

Previendo exatamente um comentário desse tipo, Mack respondeu de pronto:

— Não estou sentindo coisa alguma. Estou tomando uns remédios maravilhosos.

— O que aconteceu? — a pergunta veio de um cunhado, o médico, a única outra pessoa à mesa com acesso aos registros hospitalares de Mack. Não havia dúvida de que o médico praticamente havia memorizado os prontuários de Mack, interrogado médicos, enfermeiras e ajudantes que o haviam atendido e sabia mais sobre seu estado do que o próprio Mack. Enquanto fazia planos para abandonar a profissão de advogado, talvez seu único arrependimento fosse nunca ter processado o cunhado por imperícia médica. Outros já o haviam feito e recebido.

— Eu tinha andado bebendo — disse Mack orgulhosamente. — Voltei para casa tarde, escorreguei no gelo e bati a cabeça.

Todo mundo naquela família ferozmente abstêmia se empertigou em uníssono ao redor da mesa.

Mack prosseguiu. — Não me digam que vocês já não ouviram todos os detalhes. Lisa foi testemunha. Ela contou a todo mundo.

— Mack, por favor — Lisa deixou cair o garfo. Todos os garfos subitamente se imobilizaram, exceto o de Mack. Ele enfiou o seu numa pilha de galinha dura, borrachuda, e o levou à boca.

— Por favor o quê? — retrucou, de boca cheia, a galinha visível. — Você se assegurou de que todas as pessoas nesta mesa conhecessem sua versão do que aconteceu. — Ele estava mastigando, falando e apontando com o garfo para a esposa, sentada na outra ponta da mesa, perto do pai. — E você provavelmente também contou a todas elas sobre nossa visita à terapeuta de casais, certo?

— Ai, meu Deus — suspirou Lisa.

— E eu tenho dormido no escritório, não sabemos todos disso? — falou. — Não posso mais ir para casa porque, bem, que diabo, eu poderia escorregar e cair de novo. Ou sei lá o quê. Poderia me

embebedar e bater em minhas filhas. Quem sabe? Certo, Lisa?

— Já basta, Mack — disse o pai, a voz da autoridade.

— Sim, senhor. Desculpe. Esta galinha está praticamente crua.

Quem fez?

A sogra não conseguiu esconder sua indignação. Empertigou as costas ainda mais. Suas sobranças se arquearam.

— Bem, fui eu que fiz, Mack. Mais reclamações sobre a comida?

— Ah, tenho toneladas de reclamações, mas que diabo.

— Mack, cuidado com o que diz — advertiu o sogro.

— Está vendo o que eu disse? — Lisa se inclinou e baixou a cabeça. — Ele está sofrendo um colapso, ficando pancada. — A maioria dos presentes assentiu de rosto muito sério. Helen, sua filha mais moça, começou a chorar baixinho.

— Você adora dizer isso, não é? — berrou Mack, de seu lado da mesa. — Você disse a mesma coisa para a terapeuta de casais. Disse isso a todo mundo. Mack bateu com a merda da cabeça e agora está ficando pancada.

— Mack, não admito palavrões — disse o pai de Lisa, em tom severo. — Por favor, retire-se da mesa.

— Desculpe. Terei prazer em me retirar. — Ele se levantou e chutou a cadeira para trás. — E vocês ficarão muito felizes em saber que nunca mais voltarei. Isso vai deixar vocês todos vibrando, não é mesmo?

Fez-se um silêncio carregado enquanto ele se afastava da mesa. A última coisa que Mack ouviu foi Lisa dizendo: — Eu sinto muitíssimo.

Na segunda-feira, ele deu a volta na praça até o grande e movimentado escritório de Harry Rex Vonner, um amigo que era, sem sombra de dúvida, o mais sórdido advogado de divórcios do condado de Ford. Harry Rex era um homem corpulento, brigão, que falava alto e fumava charutos pretos, que costumava rugir com suas secretárias e com os escreventes do tribunal, que controlava o rol das causas, intimidava os juízes e aterrorizava qualquer parte contrária em casos de divórcio. Seu escritório parecia um aterro de lixo, com caixas de arquivos empilhadas no vestíbulo, cestas de lixo transbordando, pilhas de velhas revistas nas prateleiras e, sempre, uma mistura heterogênea de clientes esperando desanimados perto da porta. O lugar era uma bagunça. Nada funcionava no horário. Sempre havia alguém gritando lá nos fundos. Os telefones tocavam incessantemente. A máquina Xerox estava sempre com o papel preso. E assim por diante. Mack estivera lá a trabalhar muitas vezes antes e adorava o caos reinante.

— Ouvi dizer que você estava pirando, rapaz — disse Harry Rex para começar a conversa quando eles se encontraram na porta do

escritório. A sala era grande, sem janelas, e situada nos fundos do prédio, bem longe dos clientes que esperavam. Era cheia de prateleiras, caixotes de armazenagem, peças apresentadas em juízo, fotos ampliadas e pilhas de depoimentos. As paredes eram cobertas de fotos opacas, de revelação vagabunda, principalmente de Harry Rex empunhando rifles e sorrindo postado junto a animais abatidos. Mack não conseguia se lembrar de quando havia sido sua última visita, mas tinha certeza de que nada havia mudado.

Eles se sentaram, Harry Rex atrás de uma escrivaninha maciça, com folhas de papel caindo pelos lados, e Mack numa velha cadeira de lona, que balançava para trás e para a frente.

— Machuquei a cabeça, foi só isso — respondeu Mack.

— Você está com uma cara horrível.

— Obrigado.

— Ela já entrou com o pedido?

— Não. Acabei de checar. Ela disse que vai contratar uma mulher de Tupelo, que não pode confiar em ninguém daqui. Eu não vou contestar, Harry Rex. Ela pode ficar com tudo: as meninas, a casa, tudo o que há dentro dela. Vou entrar com um pedido de declaração de insolvência civil, fechar o escritório e me mudar da cidade.

Harry Rex lentamente cortou a ponta de mais um charuto e o enfiou no canto da boca.

— Você está pirando, rapaz — Harry Rex tinha cerca de cinquenta anos, mas parecia muito mais velho e experiente. Habitualmente acrescentava a palavra “rapaz” quando se dirigia a qualquer homem mais moço à guisa de tratamento carinhoso.

— Vamos chamar de crise de meia-idade. Estou com quarenta e dois anos e farto de ser advogado. O casamento não está dando certo. Nem a carreira. Está na hora de uma mudança, de trocar de cenário.

— Olhe, rapaz, já passei por três casamentos. Livrar-se de uma mulher não é motivo para meter o rabo entre as pernas e fugir.

— Não estou aqui para lhe pedir conselhos profissionais, Harry Rex. Quero contratá-lo para cuidar do meu divórcio e da declaração de insolvência civil. Já preparei a papelada. Apenas mande um de seus assistentes dar entrada nos documentos necessários e se assegurar de que eu esteja protegido.

— Para onde você vai?

— Para algum lugar bem longe. Por ora, não tenho certeza de onde, mas avisarei a você quando chegar lá. Voltarei quando for necessário. Continuo sendo pai, sabe?

Harry Rex se afundou na cadeira. Exalou e olhou para os montes de arquivos empilhados desordenadamente no chão ao redor de sua

mesa. Olhou para o telefone com cinco luzes vermelhas piscando.

— Posso ir com você? — perguntou.

— Lamento, mas você tem que ficar aqui e ser meu advogado.

Tenho onze casos de divórcio correndo, quase todos não contestados, mais dez declarações de insolvência civil, uma adoção, dois espólios, um acidente de automóvel, um caso de indenização trabalhista e dois pequenos litígios comerciais. Os honorários totalizam cerca de 25 mil dólares ao longo dos próximos seis meses. Gostaria que você os assumisse.

— É um monte de porcaria.

— Sim, o mesmo tipo de coisa de que venho cuidando há dezessete anos. Passe para um de seus associados mais jovens e dê um bônus a ele. Creia-me, não há nada de complicado nos casos.

— Quanto você pode pagar de pensão para as crianças?

— O máximo é três mil por mês, o que é muitíssimo mais do que estou dando agora. Comece oferecendo dois mil e veja como é recebido. Se ela alegar diferenças irreconciliáveis, eu aceito. Ela fica com a custódia das meninas, mas eu tenho autorização de vê-las sempre que estiver na cidade. Ela fica com a casa, o carro, as contas bancárias, tudo. Ela não tem nenhum envolvimento na declaração de insolvência civil. Os bens comuns não estão incluídos.

— Você está pedindo declaração de insolvência civil de quê?

— Do Escritório de Advocacia de Jacob McKinley Stafford, LLC.

Que descanse em paz.

Harry Rex mastigou o charuto e examinou a petição de declaração de insolvência. Não havia nada de extraordinário nela, os gastos excessivos habituais de cartões de crédito, a onipresente dívida por pagar, a hipoteca pesada.

— Você não tem que fazer isso. Isso aqui dá para manejar e dar um jeito.

— A petição já foi preparada, Harry Rex. A decisão já foi tomada, junto com várias outras. Vou dar o fora. Quero me mandar daqui. Estou fora.

— Um bocado corajoso.

— Não. A maioria das pessoas diria que fugir é um ato covarde.

— Qual é a sua opinião?

— Estou pouco me importando. Se eu não fugir agora, terei que ficar aqui para sempre. Esta é minha única chance.

— Muito bem, rapaz.



Precisamente às dez da manhã de terça-feira, uma gloriosa semana depois do primeiro telefonema, Mack fez o segundo. Enquanto digitava os números, sorriu e se parabenizou pelos feitos extraordinários dos últimos sete dias. O plano estava funcionando perfeitamente, nem um único percalço até o momento, exceto talvez o ferimento na cabeça, mas até aquilo fora habilmente combinado e utilizado no plano de fuga. Mack tinha se ferido, fora hospitalizado por uma pancada na cabeça. Não era de espantar que estivesse se comportando de maneira estranha.

— O Sr. Marty Rosenberg, por favor — disse simpaticamente, então esperou enquanto o grande homem era avisado. Marty respondeu rapidamente, e eles trocaram preliminares.

Marty parecia não estar com pressa, disposto a se deixar levar pela maré de uma conversa fiada sem sentido e Mack subitamente ficou preocupado com a possibilidade de que sua falta de eficiência conduzisse a uma mudança de planos e a más notícias. Decidiu ir direito ao ponto.

— Escute, Marty, já me reuni com quatro de meus clientes e, como poderia imaginar, estão todos ansiosos para aceitar sua proposta. Vamos resolver essa história de uma vez por todas por meio milhão de dólares.

— Sim, bem, foi meio milhão, Mack? — Ele parecia incerto. O coração de Mack gelou e ele quase engasgou.

— É claro, Marty — respondeu, então acrescentou uma risadinha fingida, como quem diz, lá estava o velho Marty com suas piadas. — Você ofereceu cem mil para cada um dos quatro, mais cem mil pelas custas da defesa.

Mack ouviu papéis sendo revirados na mesa em Nova York. — Hmmm, deixe-me ver Mack. Estamos falando dos casos do grupo Tinto, certo?

— Isso mesmo, Marty — respondeu Mack com medo e frustração consideráveis. E desespero. O homem com o talão de cheques não tinha certeza nem de sobre o que eles estavam falando. Uma semana antes ele parecera perfeitamente eficiente. Agora estava aos tropeções. Então, veio uma declaração aterradora.

— Receio ter confundido esses casos com outros.

— Você deve estar brincando! — rugiu Mack, em voz alta demais. *Mantenha a calma*, disse a si mesmo.

— Nós realmente oferecemos tanto dinheiro por aqueles casos?
— perguntou Marty, obviamente examinando anotações enquanto falava.

— Ofereceu com certeza, Marty, e eu, de boa-fé, transmiti a oferta a meus clientes. Temos um acordo. Você fez ofertas razoáveis e nós aceitamos. Agora não pode dar para trás.

— É que o valor me parece um pouco alto, só isso. Estou trabalhando em tantos casos de responsabilidade pelo produto ultimamente.

Bem, parabéns, Mack quase deixou escapar. Você tem toneladas de trabalho a fazer para clientes que podem lhe pagar toneladas de dinheiro. Mack limpou o suor da testa e viu tudo o que planejava lhe escapando por entre os dedos. Não entre em pânico, disse a si mesmo.

— Não é assim um valor tão alto. Você devia ver Odell Grove com apenas um olho, Jerrol Baker sem a mão esquerda, Doug Jumper com a mão direita mutilada e inútil e Travis Johnson com cotos onde costumavam estar seus dedos. Você devia conversar com esses homens, Marty, e ver como a vida deles é miserável e quanto foram prejudicados pela serra Tinzo. Creio que concordaria que sua oferta de meio milhão não é apenas razoável, mas talvez até um tanto baixa. — Mack exalou e quase sorriu para consigo mesmo quando terminou. Nada mau como discurso de alegações finais. Talvez devesse ter passado mais tempo na barra do tribunal.

— Não tenho tempo para rever esses detalhes nem para discutir responsabilidades, Mark, eu...

— Meu nome é Mack. Mack Stafford, advogado, em Clanton, Mississippi.

— Certo, desculpe. — Mais papéis sendo virados e empurrados em Nova York. Vozes baixas ao fundo enquanto o Sr. Rosenberg dava ordens a outras pessoas. Então ele voltou, a voz com um tom de concentração renovado. — Você se dá conta, Mack, de que o grupo Tinzo foi a juízo quatro vezes por conta desta serra de corrente e venceu todos os julgamentos. Todos, nenhuma responsabilidade.

É claro que Mack não sabia disso porque ele tinha se esquecido de sua ação coletiva.

— Sim, e estudei os julgamentos. Mas pensei que você não fosse discutir a questão da responsabilidade — disse, em desespero.

— Ok, você tem razão. Vou lhe mandar por fax os documentos do acordo.

Mack respirou fundo. — De quanto tempo vai precisar para mandá-los de volta? — perguntou Marty.

— Uns dois dias.

Eles debateram os termos dos documentos. Viram e reviram a maneira como o dinheiro seria distribuído. Ficaram ao telefone por mais vinte minutos, fazendo o que se espera que advogados façam.

Quando Mack finalmente desligou, fechou os olhos, apoiou os pés no tampo da mesa e empurrou a cadeira giratória para trás. Estava esgotado, exausto, ainda apavorado, mas rapidamente se recuperando. Sorriu e logo estava cantarolando uma canção de Jimmy Buffett.

O telefone tocava sem parar.



A verdade era que ele não tinha conseguido localizar nem Doug Jumper nem Travis Johnson. Dizia-se que Travis estava vivendo no Oeste, dirigindo um caminhão, algo que evidentemente podia fazer com apenas sete dedos inteiros. Travis tinha uma ex-esposa com uma casa cheia de crianças e uma prateleira cheia de cobranças de pensão alimentícia para os filhos não pagas. Ela trabalhava no turno da noite numa loja de conveniência em Clanton e tivera uma breve conversa com Mack. Ela se lembrava de suas promessas de receber algum dinheiro quando Travis perdera parte de três dedos. De acordo com alguns amigos duvidosos, Travis tinha se mandado havia um ano sem planos de voltar para o condado de Ford. Segundo os boatos, Doug Jumper estava morto. Tinha sido condenado a uma pena de prisão no Tennessee por acusação de lesão corporal e não era visto por três anos. Ele nunca tivera pai. Sua mãe havia se mudado. Tinha alguns parentes espalhados pelo condado, mas todos haviam demonstrado pouco interesse em falar sobre Doug e menos interesse ainda em falar com um advogado, mesmo um usando casaco de camuflagem de caçador, jeans desbotados e botas de caminhada, ou qualquer dos outros trajes que Mack estivera usando para passar despercebido entre os nativos. Sua história batida de oferecer como recompensa um cheque para Doug Jumper não funcionara. Nada havia funcionado, e, depois de duas semanas de busca, Mack finalmente desistira ao ouvir pela terceira ou quarta vez o comentário: “Aquele rapaz provavelmente está morto.”

Tinha obtido assinaturas legítimas de Odell Grove e Jerrol Baker — a de Jerrol sendo pouco mais que um rabisco patético na página, feito com a mão direita — então, cometera seu primeiro crime. A autenticação dos formulários do acordo e quitação era exigida pelo

Sr. Marty Rosenberg, de Nova York, mas aquilo era procedimento padrão em todos os casos. Contudo, Mack havia demitido seu tabelião e contratar os serviços de outro seria complicado demais.

Em sua escrivaninha, com as portas trancadas, Marty cuidadosamente havia falsificado o nome de Freda como tabeliã pública e então aplicado o selo de autenticação com um carimbo de notário expirado que guardara trancado em um armário. Então, reconheceu a firma da assinatura de Odell e depois a de Jerrol e parou para admirar sua obra. Planejava fazer aquilo havia dias e estava convencido de que nunca seria apanhado. As falsificações tinham ficado uma beleza, o selo de notário adulterado era quase imperceptível e ninguém em Nova York perderia tempo em examiná-las. O Sr. Rosenberg e sua equipe de craques estavam tão ansiosos para encerrar os casos que dariam uma olhada rápida na papelada de Mack, confirmariam alguns detalhes e enviariam o cheque.

Seus crimes se tornaram mais complicados quando ele forjou as assinaturas de Travis Johnson e Doug Jumper. Isso, é claro, se justificava porque ele tinha feito esforços de boa-fé para encontrá-los e, se algum dia eles aparecessem, estaria disposto a lhes oferecer os mesmos vinte e cinco mil dólares que estava pagando a Odell e a Jerrol. Presumindo, é claro, que estivesse presente quando aparecessem.

Mas Mack não tinha planos de estar presente. Na manhã seguinte, usou o Serviço Postal dos Estados Unidos — mais uma possível violação da lei, agora federal, mas, mais uma vez, nada que o preocupasse — e enviou o pacote por serviço expresso para Nova York.

Então, Mack entrou com pedido de declaração de insolvência civil e, ao fazê-lo, violou outra lei ao deixar de revelar os honorários que estavam a caminho em resultado de sua obra-prima no caso das serras Tenzo. Poder-se-ia ter argumentado, e talvez o fosse se ele fosse apanhado, que os honorários ainda não tinham sido recebidos, mas Mack não conseguia vencer esse debate consigo mesmo. Não que tivesse realmente tentado. Os honorários nunca seriam vistos por ninguém em Clanton, nem no Mississippi por falar nisso.

Havia duas semanas ele não se barbeava e, em sua opinião, a barba grisalha lhe caía muito bem. Parou de comer e parou de usar paletó e gravata. Os hematomas e os pontos haviam desaparecido de sua cabeça. Quando era visto pela cidade, o que não era muito frequente, as pessoas hesitavam e sussurravam porque, de acordo com os boatos mais quentes nas ruas, o pobre Mack estava ficando completamente louco. A notícia de sua declaração de insolvência

civil tinha corrido rapidamente pelo tribunal e, quando a ela viera juntar-se a notícia de que Lisa havia pedido o divórcio, os advogados, escreventes e secretárias não falavam de outra coisa.

Seu escritório vivia trancado durante e depois do horário comercial. Os telefones não eram atendidos.

O dinheiro da serra Tenzo foi enviado para uma nova conta bancária em Memphis e, de lá, foi discretamente dispersado. Mack retirou cinquenta mil dólares em dinheiro, pagou Odell Grove e Jerrol Baker e ficou muito satisfeito com isso. Sem dúvida, eles tinham direito a mais, pelo menos de acordo com os termos dos contratos, havia muito esquecidos, que Mack tinha lhes enfiado debaixo do nariz quando o tinham contratado.

Mas, pelo menos para Mack, a ocasião exigia uma interpretação mais flexível dos ditos contratos por vários motivos. Primeiro, seus clientes estavam muito satisfeitos. Segundo, seus clientes, com certeza, desperdiçariam qualquer soma acima de vinte e cinco mil dólares, portanto, no interesse de preservar o dinheiro, Mack argumentou que ele devia receber o grosso da quantia. Terceiro, vinte e cinco mil dólares eram um pagamento de valor justo à luz dos ferimentos, e especialmente à luz do fato de que os dois não teriam recebido nada se, para começar, Mack não tivesse sido esperto o suficiente para bolar o esquema da ação. Os motivos quatro, cinco e seis seguiam a mesma linha de raciocínio. Mack já estava cansado de tentar racionalizar suas ações. Estava passando seus clientes para trás e sabia disso.

Ele agora era um escroque. Havia forjado documentos, desviado valores, defraudado clientes. E, se tivesse se permitido ficar remoendo suas ações, teria ficado profundamente infeliz. A realidade era que Mack estava tão encantado com seu sucesso que se flagrava rindo sozinho em momentos estranhos. Depois de cometidos os crimes, não havia mais como voltar atrás e isso também o agradava.

Entregou a Harry Rex um cheque de cinquenta mil dólares para cobrir as despesas iniciais do divórcio e preparou os documentos necessários para permitir ao advogado atuar em seu favor e pôr ordem em seus negócios. O resto do dinheiro foi enviado a um banco na América Central.



O último ato de sua despedida bem planejada e brilhantemente

executada foi um encontro com as filhas. Depois de várias conversas mal-humoradas por telefone, Lisa finalmente havia cedido e concordado em permitir que Mack entrasse em casa por uma hora, numa quinta-feira à noite. Ela sairia, mas voltaria dentro de exatamente sessenta minutos.

Em algum lugar nas regras não escritas do comportamento humano, algum sábio, em certa ocasião, havia decidido que tais encontros eram obrigatórios. Mack com certeza podia ter passado sem ele, mas não era apenas um escroque, era também um covarde. Nenhuma regra era segura. Mack supunha que fosse importante para as meninas ter a oportunidade de dar vazão a seus sentimentos, de chorar, de perguntar por quê. Ele não precisava ter se preocupado. Lisa as havia preparado e doutrinado tão bem que mal conseguiram dar-lhe um abraço. Ele prometeu que viria vê-las sempre que pudesse, apesar do fato de estar saindo da cidade. Elas aceitaram com mais ceticismo do que ele acreditava ser possível. Depois de trinta longos e desagradáveis minutos, Mack abraçou-lhes os corpos rígidos mais uma vez e saiu apressado para o carro. Enquanto se afastava dirigindo, sentiu-se convencido de que as três mulheres planejavam uma vida nova muito feliz sem ele.

E, se tivesse se permitido refletir sobre seus fracassos e defeitos, poderia ter ficado melancólico. Mack lutou contra o impulso de se lembrar das meninas quando eram menores e a vida era mais feliz. Ou será que ele alguma vez tinha sido realmente feliz? Realmente não sabia dizer.

Mack voltou a seu escritório, entrou, como sempre fazia agora, pela porta dos fundos e deu uma última volta completa pelo lugar. Todos os arquivos de casos em andamento haviam sido entregues a Harry Rex. Os velhos tinham sido queimados. Os livros de direito, material de escritório, mobília e obras de arte baratas das paredes haviam sido vendidos ou dados. Havia enchido uma mala de tamanho médio, cujo conteúdo fora cuidadosamente selecionado. Nada de ternos, gravatas, camisas sociais, paletós e sapatos sociais — todas as roupas desse tipo tinham sido doadas a obras de caridade. Mack estava partindo com trajes mais leves.

Tomou um ônibus até Memphis, voou de lá para Miami e então para Nassau, onde ficou uma noite antes de pegar um voo para Belize City, em Belize. Esperou uma hora no aeroporto infernalmente quente, bebendo uma cerveja no bar minúsculo, ouvindo um grupo animado de canadenses falando alto sobre pesca e sonhando com o que estava por vir. Na verdade, ele não tinha muita certeza do que estava por vir, mas com certeza seria mais atraente do que o desastre que deixara para trás.

O dinheiro estava em Belize, um país com tratado de extradição

com os Estados Unidos que era mais formal do que prático. Se as coisas se complicassem e ele comesse a ser procurado — mas estava muitíssimo confiante de que não seria —, então Mack fugiria discretamente para o Panamá. Em sua opinião, suas chances de ser apanhado eram mais que remotas e, se alguém comesse a fazer perguntas ou mexer nas coisas em Clanton, Harry Rex logo saberia.

O avião para Ambergris Cay era um velho Cessna Caravan com capacidade para vinte passageiros que estava lotado de americanos bem nutridos, grandes demais para os assentos estreitos. Mas Mack não se importou. Olhou pela janela, contemplando a água azul clara rebrilhante, três mil pés abaixo, água salgada e morna em que ele logo estaria nadando. Na ilha, e ao norte da cidade principal de San Pedro, encontrou um quarto em um lugarzinho pitoresco à beira-mar, chamado Rico's Reef Resort. Todos os quartos eram cabanas com teto de sapê, cada uma com sua varandinha na frente. Cada varanda tinha uma rede, deixando pouco espaço para dúvidas sobre quais eram as prioridades no Rico's. Mack pagou em dinheiro por uma semana — nunca mais na vida voltaria a usar cartões de crédito — e rapidamente se trocou e vestiu uma de suas novas roupas de trabalho — camiseta, velhos shorts de brim, boné de beisebol e nada de sapatos. Logo descobriu o bar, pediu um drinque com rum e conheceu um homem chamado Coz.

Coz ancorava uma das pontas do balcão do bar de teca e dava a impressão de ter estado ali por muito tempo. O cabelo comprido e grisalho era puxado para trás num rabo de cavalo. Sua pele era bem bronzeada e curtida. O sotaque tinha um toque distante da Nova Inglaterra e não demorou muito para que Coz, fumando um cigarro atrás do outro e bebendo rum escuro, deixasse escapar que outrora estivera envolvido com uma firma vagamente indefinida em Boston. Ele fez perguntas insistentes e curiosas querendo saber de onde Mack vinha, qual sua formação, mas Mack estava nervoso demais para revelar qualquer coisa.

— Quanto tempo pretende ficar? — perguntou Coz.

— Tempo suficiente para pegar um bronzeado — respondeu Mack.

— Pode demorar algum tempo. Tome cuidado com o sol. É brutal.

Coz tinha conselhos para tudo em Belize. Quando se deu conta de que estava obtendo poucas respostas de seu companheiro de bar, disse: — Você é esperto. Não fale demais por aqui. Tem um bocado de ianques fugindo de alguma coisa.

Mais tarde, na rede, Mack se balançou com a brisa, contemplou o oceano, ouviu as ondas do mar, bebericou um rum com soda e se perguntou se realmente estava fugindo de alguma coisa. Não havia

mandados, ordens judiciais, nem credores à sua procura. Pelo menos, não de que ele tivesse conhecimento. E não esperava que nenhum fosse aparecer. Se quisesse, poderia voltar para casa amanhã. Mas aquela ideia era desagradável. Sua casa, seu lar, havia desaparecido. Seu lar era algo de onde acabara de escapar. O choque da partida ainda lhe pesava, mas o rum com certeza ajudava.

Mack passou a primeira semana na rede ou na beira da piscina, cuidadosamente aproveitando o sol antes de voltar rapidamente para a varanda para um intervalo na sombra.

Quando não estava cochilando, se bronzeando ou ficando à toa no bar, fazia longas caminhadas à beira da praia. Ter uma companheira seria bom, disse consigo mesmo.

Foi puxar conversa com as turistas nos pequenos hotéis e pousadas de pesca e finalmente se deu bem com uma moça simpática de Detroit. De vez em quando, ficava entediado, mas ficar entediado em Belize era muito melhor do que ficar entediado em Clanton.

No dia 25 de março, Mack acordou de um pesadelo. Por algum motivo, ele se lembrou da data porque um novo período de trabalhos do Tribunal de Equidade se iniciava naquele dia em Clanton, e, em circunstâncias normais, Mack teria sido incluído no rol das causas na sala de audiências. Lá, ao lado de vinte outros advogados, ele responderia quando seu nome fosse chamado e informaria ao juiz que o Sr. e a Sra. Fulano de Tal estavam presentes e prontos para obter seu divórcio. Tinha pelo menos três clientes no rol das causas para aquele dia. Infelizmente ainda se lembrava de seus nomes. Não era nada mais que uma linha de montagem e Mack, um trabalhador muito mal pago e facilmente substituível.

Deitado nu sob os lençóis finos, ele fechou os olhos. Inalou e sentiu o cheiro de carvalho e couro bolorento do velho tribunal. Ouviu as vozes dos outros advogados enquanto discutiam com arrogância detalhes de último minuto. Viu o juiz em sua toga preta, desbotada, sentado numa cadeira maciça, esperando com impaciência por documentos para assinar e dissolver mais um casamento feito no céu.

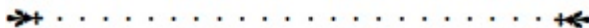


Então, abriu os olhos e observou o girar lento do ventilador de

teto, ouviu os sons do oceano, de manhã bem cedinho. Mack Stafford sentiu-se súbita e totalmente dominado pelas alegrias da liberdade. Rapidamente enfiou um calção e correu pela praia até o píer que se projetava cinquenta metros mar adentro. Acelerando, ele correu pelo píer e não reduziu a velocidade quando chegou ao fim. Mack estava rindo alto quando se atirou no ar e caiu ruidosamente, levantando muita água. A água morna o empurrou para a superfície, e ele começou a nadar.



Cassino



O VIGARISTA MAIS AMBICIOSO DE Clanton era um vendedor de tratores chamado Bobby Carl Leach. A partir de um grande galpão de vendas em um lote de cascalho à margem da autoestrada ao norte da cidade, Bobby Carl construiu um império que, em diferentes ocasiões, incluiu um serviço de retroescavadeira e buldôzer, uma frota de caminhões que transportavam polpa de madeira para produzir pasta de papel, duas cabanas de venda de peixe-gato do tipo “coma quanto puder”, um motel, uma área florestal para madeira de construção na qual o xerife encontrou um campo com uma plantação de maconha e uma coleção de imóveis que incluíam principalmente prédios vazios espalhados por Clanton. A maioria deles acabou por se incendiar. Os incêndios criminosos e processos judiciais perseguiam Bobby Carl. Ele não era nenhum calouro em ações judiciais; na verdade, adorava se gabar do monte de advogados que mantinha bem ocupados. Com um histórico pitoresco de negócios suspeitos, divórcios, pedidos de indenização fraudulentos a seguradoras, escapadas por pouco de ser pronunciado como réu, Bobby Carl sozinho era uma pequena indústria, pelo menos para a ordem de advogados local. E, embora sempre estivesse muito próximo de grandes encrencas, nunca tinha sido processado. Com o passar do tempo, sua capacidade de se esquivar da lei fez crescer sua reputação, e a maioria dos moradores de Clanton adorava repetir e aumentar as histórias sobre os negócios e armações de Bobby Carl.

Seu carro preferido era um Cadillac DeVille, sempre marrom, novo e impecável. Ele o trocava a cada doze meses pelo último modelo. Mais ninguém ousava dirigir um carro igual. Certa vez, Bobby Carl comprou um Rolls-Royce, o único num raio de trezentos quilômetros, mas ficou com ele menos de um ano. Quando se deu conta de que um veículo tão exótico não causava quase nenhum impacto na população local, livrou-se dele. As pessoas não tinham nenhuma ideia de onde fosse fabricado e nem de quanto custava. Nenhum dos mecânicos da cidade ousava tocar nele; não que isso

tivesse alguma importância, já que, de todo modo, não se conseguiam encontrar peças para o carro.

Bobby Carl usava botas de caubói com biqueiras perigosamente pontudas, camisas engomadas e ternos de três peças de cores escuras, cujos bolsos estavam sempre cheios de dinheiro. E qualquer combinação de roupas que vestisse era adornada com uma espantosa coleção de adereços de ouro — grandes e grossos relógios de pulso, volumosos cordões no pescoço, pulseiras, fivelas de cinto, pinos de colarinho, alfinetes de gravata. Bobby Carl colecionava ouro do mesmo modo como certas mulheres colecionam sapatos. Havia ornatos de ouro em seus carros, no escritório, em maletas de mão, em facas, molduras de porta-retratos e até nos acessórios de banheiro. Ele também gostava de diamantes. O imposto de renda não conseguia manter informações atualizadas e precisas de uma riqueza de caráter tão portátil, e o mercado negro era um lugar de compras natural para Bobby Carl.

Por mais espalhafatoso que fosse em público, ele era fanático quanto à sua vida privada. Morava discretamente numa estranha casa de estilo contemporâneo, retirada nas colinas a leste de Clanton, e o fato de que tão pouca gente jamais tivesse visto o lugar alimentava rumores de que fosse usado para todo tipo de atividades imorais e ilegais. Havia alguma verdade nesses rumores. Um homem de seu status naturalmente atraía mulheres sem muitos princípios morais e Bobby Carl adorava mulheres. Ele se casou com várias delas, sempre para se arrepender depois. Bobby Carl gostava de bebida, mas nunca em excesso. Havia amigos de comportamento desregrado e festas de arromba, mas Bobby Carl Leach nunca perdeu uma hora de trabalho por causa de ressaca.

O dinheiro era importante demais.

Às cinco horas da manhã, todos os dias, inclusive aos domingos, seu DeVille marrom fazia um retorno rápido ao redor do tribunal do condado de Ford, no centro de Clanton. As lojas e escritórios estavam sempre vazios e às escuras, e isso lhe dava enorme prazer. Deixe que eles durmam. Os banqueiros, os advogados, os corretores de imóveis e os comerciantes, que contavam histórias a seu respeito e invejavam seu dinheiro, nunca estavam no trabalho às cinco da manhã. Ele adorava a escuridão e a tranquilidade, a ausência de competição àquela hora. Depois de sua volta da vitória diária, seguia rapidamente para o escritório, que ficava no mesmo local que seu galpão de vendas de tratores e era, sem dúvida, o maior do condado. Ocupava o segundo andar de um velho prédio de tijolos vermelhos, construído antes de Pearl Harbor. Por detrás de suas janelas de vidro fumê escuro, Bobby Carl podia vigiar seus tratores enquanto observava o tráfego na estrada.

Sozinho e contente da vida naquela hora tão cedo, ele começava o dia com um bule de café bem forte, que bebia inteiro enquanto lia os jornais. Ele assinava todos os jornais diários que podia — de Memphis, Jackson e Tupelo — e todos os semanais dos condados circundantes. Lendo e tomando café com entusiasmo, ele vasculhava os jornais de cabo a rabo, não pelas notícias, mas em busca de oportunidades. Prédios à venda, terras cultivadas, execuções de hipotecas, fábricas abrindo e fechando, leilões, falências, liquidações, solicitações de propostas, fusões de bancos, obras públicas a serem realizadas. As paredes de seu escritório eram cobertas com mapas de terras e fotos aéreas de cidades e condados. Os registros públicos de imóveis locais estavam dentro de seu computador. Ele sabia quem estava atrasado no pagamento dos impostos sobre propriedade, durante quanto tempo e quanto devia e coletava e armazenava essas informações nas horas antes do amanhecer, enquanto todo o mundo estava dormindo.

Sua maior fraqueza, muito pior que mulheres e uísque, era o jogo. Tinha uma longa e desagradável história com Las Vegas, clubes de jogo de pôquer e agenciadores de apostas desportivos. Perdia habitualmente grandes quantias em dinheiro nas corridas de cães, em West Memphis, e certa vez quase fora à falência durante um cruzeiro para as Bermudas. Quando os cassinos de jogos de azar chegaram, de maneira bastante inesperada, ao Mississippi, seu império começou a sofrer com um acúmulo preocupante de dívidas. De qualquer modo, somente um banco local aceitava fazer negócios com ele; assim, quando esgotou seu crédito por lá para cobrir suas perdas na mesa de jogo de dados, foi obrigado a ir a Memphis e botar no penhor algumas peças de ouro para cobrir sua folha de pagamentos. Então, um prédio se incendiou. Ele pressionou a companhia de seguros até conseguir acordo e o pagamento de uma indenização. Por enquanto, sua crise financeira havia passado.



Os índios choctaw construíram o único cassino cercado de terras do estado. Ficava no condado de Neshoba, duas horas ao sul de Clanton, e lá, certa noite, Bobby Carl jogou dados pela última vez. Perdeu uma pequena fortuna e, dirigindo de volta para casa sob os efeitos do álcool, jurou que nunca mais voltaria a jogar. Bastava, estava acabado e ponto final. Além disso, era um jogo para otários. Havia um excelente motivo pelo qual rapazes espertos viviam

construindo novos cassinos. Bobby Carl Leach se considerava um homem esperto.

Sua pesquisa logo revelou que o Departamento do Interior reconhecia 562 tribos de nativos americanos no país, mas somente os Choctaw no Mississippi. O estado outrora fora cheio de índios — pelo menos dezenove tribos importantes —, mas a maioria tinha sido removida à força nos anos 1830 e enviada para Oklahoma. Só restavam três mil Choctaw e eles vinham prosperando bastante graças ao cassino.

Era necessário haver competição. Outras pesquisas revelaram que, em outras épocas, a segunda maior população pertencera aos Yazoo, e, muito antes que o homem branco chegasse, seu território cobrira virtualmente tudo o que hoje é o norte do Mississippi, inclusive o condado de Ford. Bobby Carl pagou algum dinheiro a uma firma de pesquisa genealógica que apresentou uma duvidosa árvore de sua família, segundo a qual podia provar que o bisavô de seu pai tinha dezesseis avós de sangue Yazoo.

Um plano começou a tomar forma. A quatrocentos e oitenta quilômetros a oeste de Clanton, na linha da divisa do condado de Polk, havia um armazém de secos e molhados de propriedade de um velho de pele ligeiramente escura, que usava o cabelo comprido preso numa trança e turquesas em todos os dedos das mãos. Era conhecido apenas como Chefe Larry, principalmente porque afirmava ser índio puro-sangue e dizia possuir documentos para provar. Era um yazoo e se orgulhava disso e, para convencer as pessoas de sua autenticidade, tinha em estoque toda a sorte de artefatos e suvenires indígenas baratos, bem como ovos e cerveja gelada. Uma tenda indígena feita na China ficava plantada junto ao acostamento da estrada e um urso desanimado, caindo de velho, vivia dormindo numa jaula ao lado da porta. Uma vez que a loja do chefe era a única em um raio de dezesseis quilômetros, ele conseguia um movimento decente de moradores locais, vendia gasolina e posava para fotos com os turistas que apareciam de vez em quando.

Chefe Larry era um ativista. Raramente sorria, dando a impressão de que carregava o peso de seu povo sofredor e esquecido. Escrevia cartas furiosas para congressistas, governadores e burocratas, e as respostas que recebia eram presas com tachinhas na parede atrás da caixa registradora. Face à menor provocação, embarcava numa amarga diatribe contra o último round de injustiças impostas a “seu povo”. História era seu tópico favorito e era capaz de falar horas a fio sobre os tristes detalhes do roubo de “suas terras”. A maioria dos moradores locais preferia manter comentários breves enquanto pagava suas compras. Alguns,

contudo, gostavam de puxar uma cadeira, se sentar e deixar o chefe falar até cansar.

Ao longo de quase duas décadas, Chefe Larry vinha tentando localizar outros descendentes dos Yazoo na área. A maioria das pessoas a quem escrevia não tinha ideia de sua herança índia e com certeza não queria nem tomar conhecimento dela. Eram plenamente assimilados, miscigenados, fruto de casamentos mestiços e ignorantes de sua versão de herança genética. Eram brancos! Afinal, estavam no Mississippi, e qualquer sugestão de sangue mestiço significava algo muito mais sério do que os ancestrais terem se divertido um pouco com os nativos. Daqueles que se davam ao trabalho de escrever de volta, a maioria afirmava ser descendente de anglos. Dois ameaçaram processá-lo, e um ameaçou matá-lo. Mas Chefe Larry continuou dando duro e quando conseguiu organizar um grupo desencontrado de doze almas desesperadas, fundou a Nação Yazoo e submeteu uma solicitação de reconhecimento ao Departamento do Interior. Anos se passaram. O jogo chegou às reservas em todo o país e, subitamente, terras indígenas se tornaram mais valiosas.

Quando Bobby Carl decidiu que era descendente dos Yazoo, discretamente se envolveu. Com a ajuda de uma firma de advogados em Tupelo, aplicou-se pressão sobre as pessoas nos lugares certos em Washington e o status tribal oficial foi concedido aos Yazoo. Eles não tinham terras, mas, de acordo com as diretrizes federais, isso não era necessário.

Bobby Carl tinha a terra. Quarenta acres de vegetação rasteira e pinheiros descendo a estrada perto da tenda do Chefe Larry.

Quando a carta chegou de Washington, a nova tribo, orgulhosa, reuniu-se nos fundos da loja do chefe para uma cerimônia. Convidaram seu congressista, mas ele estava ocupado no Capitólio. Convidaram o governador, mas não tiveram resposta. Convidaram outros altos funcionários estaduais, mas eles tinham deveres mais importantes a cumprir. Convidaram os políticos locais, que também estavam trabalhando muito em outro lugar. Apenas um humilde subsecretário cara-pálida de alguma linhagem apareceu representando o Departamento do Interior para a entrega dos documentos. Mesmo assim, os Yazoo, quase tão caras-pálidas quanto o burocrata, ficaram impressionados com o momento. De maneira nada surpreendente, Larry foi eleito chefe vitalício por unanimidade. Não houve nenhuma menção a salário. Mas houve muita conversa sobre um lar, um lote de terra onde pudessem construir um escritório ou quartel-general, um local de identidade e propósito.

No dia seguinte, o DeVille marrom de Bobby Carl entrou

suavemente no estacionamento de cascalho da loja do chefe. Nunca na vida ele tinha visto o Chefe Larry e nunca entrara em sua loja. Bobby Carl observou a tenda falsa, reparou na tinta descascando nas paredes externas, sorriu com desdém para as velhíssimas bombas de gasolina, deteve-se na jaula do urso por tempo suficiente para determinar que o animal de fato estava vivo e, então, entrou para conhecer seu irmão de sangue.

Felizmente o chefe nunca tinha ouvido falar de Bobby Carl Leach. Caso contrário, teria lhe vendido um refrigerante dietético e lhe desejado boa viagem. Depois de alguns goles, e depois que se tornou evidente que o cliente não estava com nenhuma pressa em partir, o chefe perguntou: — O senhor mora por aqui? — Do outro lado do condado — respondeu Bobby Carl enquanto tocava numa lança falsa, que era parte dos apetrechos de um guerreiro apache, na prateleira perto do balcão. — Meus parabéns pela carta de reconhecimento federal — disse.

O peito do chefe se inflou imediatamente e ele deu seu primeiro sorriso.

— Obrigado. Como ficou sabendo? Saiu no jornal? — Não. Apenas ouvi falar. Tenho sangue Yazoo. Com isso, o sorriso imediatamente desapareceu e os olhos negros do chefe se concentraram duramente no terno e no colete caro de lã de Bobby Carl, na camisa branca engomada, na gravata berrante em estampa de caxemira, pulseiras de ouro, relógio de ouro, abotoaduras de ouro, fivela de ouro, descendo até as botas de caubói com biqueira. Então examinou os cabelos — tingidos e ondulados, enroscando-se em pequenas mechas ao redor das orelhas. Os olhos eram verde-azulados, tipicamente irlandeses e traiçoeiros. O chefe, é claro, preferia alguém que se parecesse com ele, alguém com pelo menos algumas características nativo-americanas. Mas, nos dias de hoje, tinha que aceitar o que conseguisse. A mistura genética era tal que afirmar ser Yazoo era o que importava.

— É verdade — asseverou Bobby Carl, então tocou no bolso interno do paletó. — Tenho a documentação.

O chefe abanou a mão. — Não, não é necessário. Muito prazer Sr... — Leach. Bobby Carl Leach. Enquanto comiam um sanduíche, Bobby Carl explicou que conhecia bem o chefe da Nação Choctaw e sugeriu que os dois grandes homens se conhecessem. O Chefe Larry havia muito tempo invejava os Choctaw por sua posição e seus esforços para se preservarem. Também tinha lido sobre seu cassino muitíssimo lucrativo, cuja renda sustentava a tribo, construía escolas e clínicas e mandava os jovens estudarem em universidades com bolsas.

Bobby Carl, o humanitário, ressaltou os avanços sociais dos

Choctaw devido à sua sabedoria em tirar partido do desejo dos homens brancos de jogar e beber.

No dia seguinte, eles partiram para fazer um tour pela reserva Choctaw. Bobby Carl dirigiu e falou incessantemente e, quando afinal chegaram ao cassino, tinha convencido o Chefe Larry de que eles, os orgulhosos Yazoo, podiam copiar o empreendimento e prosperar como jovem nação. O chefe Choctaw curiosamente estava ocupado com outros negócios, mas um subalterno lhes ofereceu indiferente um tour pelo cassino e pelo hotel, bem como pelos dois campos de golfe de dezoito buracos, centro de convenções e pista de pouso e decolagem particular, tudo situado numa região rural e muito afastada do condado de Neshoba.

— Ele está com medo de competição — sussurrou Bobby Carl para o Chefe Larry enquanto o guia lhes mostrava as instalações sem nenhum entusiasmo.

Dirigindo de volta, Bobby Carl apresentou o negócio que tinha em mente. Ele doaria o terreno de quarenta acres para os Yazoo. A tribo finalmente teria um lar! E, na terra, eles construiriam um cassino. Bobby Carl conhecia um arquiteto, um construtor e um banqueiro e conhecia os políticos locais; logo, ficou evidente que estivera planejando aquilo já havia algum tempo. Chefe Larry ficou atordoado demais e era bem pouco sofisticado para fazer muitas perguntas. Subitamente o futuro oferecia grandes promessas, e o dinheiro não tinha muito a ver com isso. A questão era o respeito. Chefe Larry havia sonhado com um lar para seu povo, um lugar onde seus irmãos e irmãs pudessem viver e prosperar e tentar recapturar sua herança.

Bobby Carl também sonhava, mas seus sonhos tinham pouco a ver com a glória de uma tribo havia muito perdida. O negócio lhe daria uma participação de cinquenta por cento no cassino e, em troca, ele doaria os quarenta acres de terra, obteria o financiamento para o cassino e contrataria os advogados para satisfazer os órgãos fiscalizadores inexperientes e distraídos. Uma vez que o cassino ficaria em terras indígenas, na verdade, havia muito pouco a fiscalizar. O condado e o estado não podiam impedi-los; isso já ficara firmemente estabelecido por decisões judiciais anteriores em todo o país.

Os quarenta acres de terra trocaram de dono, os buldôzers desmataram cada centímetro, os advogados partiram para o ataque; o banqueiro finalmente viu a luz, e, em menos de um mês, Clanton foi tomada pela terrível notícia de que um cassino ia se instalar no condado de Ford. Durante dias, os rumores grassaram nas cafeterias ao redor da praça; no tribunal e nos escritórios do centro da cidade, não se falava de outra coisa. O nome de Bobby Carl esteve ligado ao

escândalo desde o princípio, e isso lhe dava uma credibilidade assustadora. Era algo perfeito para ele, exatamente o tipo de empreendimento imoral e lucrativo a que ele se dedicaria com ímpeto.

Bobby Carl negava publicamente, mas confirmava em conversas particulares e vazava a notícia para qualquer um que considerasse digno de espalhá-la.

Quando o primeiro caminhão de concreto foi vertido nos canteiros de obra dois meses depois, não houve cerimônia inaugural com a participação de líderes locais, nem discursos com promessas de empregos, nem as poses habituais para as câmeras.

Propositadamente foi um acontecimento discreto e, não fosse por um repórter novato alertado por uma informação, o início da construção teria passado em branco. Contudo, a edição seguinte do *Ford County Times* publicou uma grande foto de primeira página de um caminhão de cimento com trabalhadores ao redor. A manchete alardeava: “O cassino está chegando.” Uma breve matéria acrescentava muito poucos detalhes, principalmente porque ninguém queria dar entrevistas. O Chefe Larry estava ocupado demais atrás do balcão. Bobby Carl Leach estava fora da cidade, tratando de negócios urgentes. O Bureau de Assuntos Indígenas, órgão do Departamento do Interior, recusou-se a cooperar. Uma fonte anônima contribuiu, confirmando extraoficialmente que o cassino seria inaugurado “dentro de cerca de dez meses”.

A matéria de primeira página e a foto confirmavam os rumores e a cidade explodiu. Os pastores batistas se organizaram e, no domingo seguinte, descarregaram sobre suas congregações violentas condenações contra o jogo e seus males relacionados. Convocaram as pessoas a agirem. Escrevam cartas! Liguem para seus representantes eleitos! Vigiem seus vizinhos para que eles não sucumbam ao pecado do jogo! Tinham que impedir que aquele câncer afligisse sua comunidade. Os índios estavam atacando de novo.

A edição seguinte do *Times* saiu carregada de cartas ao editor, e nem uma única apoiava a ideia de um cassino. Satã avançava sobre eles, e todas as pessoas decentes deviam montar um cerco de defesa para rechaçar suas intenções malignas. Quando o Conselho de Supervisores do Condado se reuniu, como de hábito, numa segunda-feira de manhã, a reunião foi transferida para o salão principal de audiências do tribunal para acomodar a multidão enfurecida. Os cinco supervisores se esconderam atrás de seu advogado, que tentou explicar ao populacho que não havia nada que o condado pudesse fazer para impedir a abertura do cassino. Era clara e simplesmente uma questão federal. Os Yazoos tinham sido oficialmente

reconhecidos como nação. Eram donos da terra. Os índios haviam construído cassinos em pelo menos vinte e seis outros estados, geralmente enfrentando a oposição da população local. Ações tinham sido ajuizadas por grupos de cidadãos contrariados, e eles tinham perdido todas.

— Era verdade que Bobby Carl Leach era a verdadeira força por trás do cassino? — perguntou alguém. O advogado estivera tomando uns drinques com Bobby Carl duas noites antes. Não podia negar o que a cidade inteira suspeitava.

— Creio que sim — disse ele, cautelosamente. — Mas não temos o direito de conhecer todos os fatos sobre o cassino. E, além disso, o Sr. Leach é descendente de Yazoo.

Uma onda de gargalhadas estrepitosas varreu a sala, seguida por vaia e apupos.

— Ele afirmaria ser um anão, se com isso pudesse ganhar algum dinheiro! — berrou alguém, o que causou ainda mais gargalhadas e mais vaia.

Eles gritaram e vaiaram e reclamaram por uma hora, mas a reunião, por fim, perdeu o ímpeto e se dissolveu. Tornou-se evidente que o condado não podia fazer nada para impedir a construção do cassino.

E assim as coisas continuaram. Mais cartas para o editor, mais sermões, mais telefonemas para autoridades e representantes eleitos, algumas atualizações no jornal.

À medida que as semanas e os meses foram se passando, a oposição perdeu o interesse. Bobby Carl se manteve discreto e raramente era visto na cidade.

Contudo, estava sempre no canteiro de obras, todo dia, às sete horas da manhã, berrando com o superintendente e ameaçando demitir alguém.



O Lucky Jack Cassino foi concluído pouco mais de um ano depois de a carta de reconhecimento dos Yazoo chegar de Washington. Tudo nele era vagabundo. O próprio salão de jogos era uma combinação apressadamente projetada de três prédios de metal pré-fabricados, montados em um só e revestidos com fachadas falsas de tijolos brancos e muito néon. Anexado a ele, havia um hotel de cinquenta quartos, projetado para ser tão imponente quanto fosse possível. Com seis andares de quartos pequenos e atravancados,

disponíveis pelo preço de 49 dólares e 95 centavos a noite, era o prédio mais alto do condado. Dentro do cassino, a temática era o Velho Oeste, caubóis e índios, vagões de trens, pistoleiros, bares e tendas indígenas. As paredes eram cobertas por pinturas de cenas de batalhas do faroeste, com os índios levando uma ligeira vantagem no número de mortos, se alguém se desse ao trabalho de reparar. Os assoalhos eram cobertos por tapetes de mau gosto com imagens pitorescas de cavalos e gado. A atmosfera era a de um salão desordenado de centro de convenções montado o mais rapidamente possível para atrair jogadores. Bobby Carl havia escolhido a maior parte da decoração. O pessoal foi posto rapidamente em treinamento.

— Cem novos postos de trabalho — retrucava Bobby Carl para qualquer um que criticasse seu cassino.

O Chefe Larry apareceu vestido em traje cerimonial Yazoo completo, ou pelo menos sua versão dele, e sua rotina era circular pelo salão de jogos, conversar com os clientes e fazer com que se sentissem como se estivessem em território indígena de verdade.

Das duas dúzias de Yazoos oficiais, quinze tinham se apresentado para trabalhar. Receberam cocares e penachos e foram ensinados a dar as cartas nas mesas de *blackjack*, um dos empregos mais lucrativos.

O futuro estava cheio de planos — um campo de golfe, um centro de convenções, uma piscina coberta e assim por diante —, mas primeiro eles tinham que fazer algum dinheiro: precisavam de jogadores.

A inauguração foi feita sem alarde. Bobby Carl sabia que câmeras, repórteres e atenção demais assustariam muitos dos curiosos, de modo que o Lucky Jack foi inaugurado discretamente. Ele mandou publicar anúncios nos jornais dos condados circundantes, com promessas de melhores “chances de ganhos”, máquinas caça-níqueis com mais prêmios e “a maior sala de pôquer do Mississippi”. Era tudo uma mentira gritante, mas ninguém ousaria contestar em público. De início, o negócio se mostrou fraco; os moradores locais realmente pretendiam ficar longe dali. A maior parte do movimento vinha dos condados circundantes, e poucos dos primeiros jogadores quiseram passar a noite. O grande prédio do hotel ficou vazio. O Chefe Larry não tinha quase ninguém com quem conversar enquanto circulava pelo salão.

Depois da primeira semana, espalhou-se por Clanton o boato de que o cassino estava em dificuldades. Especialistas no assunto se reuniram nas cafeterias ao redor da praça. Vários dos mais corajosos admitiram ter visitado o Lucky Jack e alegremente relataram que o cassino estava virtualmente deserto. Os pregadores

se gozizaram em seus púlpitos — Satã tinha sido derrotado. Os índios tinham sido derrotados mais uma vez.

Depois de duas semanas de atividade decepcionante, Bobby Carl decidiu que estava na hora de trapacear. Encontrou uma antiga namorada, uma que se dispunha a ter sua foto publicada em todos os jornais, e adulterou uma máquina caça-níqueis de modo que ela ganhasse um prêmio espantoso de catorze mil dólares com uma ficha de 1 dólar. Outro conhecido, um sujeito do condado de Polk, ganhou oito mil dólares nas “máquinas caça-níqueis mais generosas em prêmios depois das de Las Vegas”. Os dois ganhadores posaram para fotos com o Chefe Larry enquanto ele cerimoniosamente entregava os cheques muitíssimo ampliados. Bobby Carl pagou por uma página inteira de anúncios em oito jornais semanais, inclusive o *Ford County Times*.

O atrativo de riqueza imediata foi irresistível. Os negócios dobraram, depois triplicaram. Depois de seis semanas, o Lucky Jack estava começando a dar lucro. O hotel oferecia quartos de graça para pacotes de fim de semana e com frequência não tinha vagas. Veículos recreativos de outros estados começaram a aparecer. Grandes cartazes de publicidade espalhados por todo o norte do Mississippi anunciavam como a vida era boa no Lucky Jack.



Os prazeres da vida passavam ao largo de Stella. Estava com quarenta e oito anos, era mãe de uma filha adulta e esposa de um homem que não amava mais. Quando se casara com Sidney, décadas antes, ela soubera que ele era enfadonho, sossegado, não especialmente bonito e que lhe faltava ambição, mas, agora que se aproximava dos cinquenta anos, Stella não conseguia mais se lembrar por que ou como ele a atraía. O romance e o desejo sexual não tinham durado muito, e, quando afinal a filha deles nascera, já estavam apenas seguindo a rotina. No aniversário em que completara trinta anos, Stella confidenciara a uma irmã que realmente não era feliz.

Sua irmã, já divorciada uma vez e em vias de obter o segundo divórcio, a aconselhara a abandonar Sidney e encontrar um homem com personalidade, alguém que apreciasse a vida e, de preferência, alguém com bens. Stella era louca pela filha e, em segredo, começou a tomar pílulas anticoncepcionais. A ideia de outra criança mesmo com apenas alguns genes de Sidney não era atraente.

Agora, dezoito anos haviam se passado e a filha tinha saído de casa. Sidney havia engordado e estava ficando grisalho, sedentário e cada vez mais enfadonho. Ele trabalhava como apurador de informações para uma companhia de seguros de vida de porte médio e se contentava em cumprir seu tempo de serviço e sonhar com uma aposentadoria gloriosa que ele, por algum motivo, acreditava que seria bem mais emocionante que seus primeiros sessenta e cinco anos de vida. Stella sabia que isso não era possível.

Sabia que Sidney, quer trabalhando ou aposentado, seria o mesmo homenzinho covarde e insuportável cujos tolos rituais diários nunca mudariam e que um dia a levariam à loucura. Ela queria sair daquele casamento.

Sabia que ele ainda a amava, até a adorava, mas ela não conseguia retribuir a afeição. Tinha tentado durante anos convencer-se de que o casamento deles ainda era fundado em amor, aquele do tipo duradouro, não romântico, mas profundo, que sobrevive mesmo passadas décadas e décadas. Mas finalmente abandonara essa noção fatal.

Não lhe agradava a ideia de partir o coração dele, mas sabia que ele acabaria por superar.

Stella emagreceu nove quilos, escureceu o cabelo, começou a usar mais maquiagem e flertou com a ideia de um novo par de seios. Sidney observou tudo isso achando graça. Sua bela mulher agora parecia dez anos mais moça. Que homem de sorte ele era!

A sorte dele, contudo, acabou numa noite em que voltou e encontrou a casa vazia. A maior parte da mobília ainda estava lá, mas sua esposa não. Os armários dela estavam vazios. Tinha levado alguma roupa de cama e acessórios de cozinha, mas não havia exagerado nisso. A verdade era que Stella não queria nada de Sidney, a não ser o divórcio.

A papelada estava sobre a mesa da cozinha — uma petição conjunta de divórcio por motivo de diferenças irreconciliáveis. Já preparado por um advogado! Aquilo era uma emboscada. Ele chorou quando leu e chorou mais ainda quando leu as duas páginas da carta de despedida. Por mais ou menos uma semana, eles brigaram por telefone, ele ligando de um lado, ela desligando do outro, incontáveis vezes. Ele lhe implorava que voltasse para casa. Ela declinava, dizia que estava tudo acabado, de modo que, por favor, assinasse os documentos e parasse de chorar.

Durante anos, tinham morado nos arredores da cidadezinha de Karraway, um lugar minúsculo e desolado, bem adequado a um homem como Sidney. Stella, contudo, estava farta do lugar. Ela agora estava em Clanton, a sede do condado, uma cidade maior, com um clube campestre e alguns bares. Estava morando com uma

velha amiga, dormindo no porão e procurando emprego. Sidney tentou encontrá-la, mas ela o evitou. A filha ligou do Texas e rapidamente ficou do lado da mãe.

A casa, que sempre fora tranquila, agora mais parecia uma tumba, e Sidney não conseguia mais suportá-la. Criou um ritual de esperar até escurecer e então entrar no carro e dirigir até Clanton, dar a volta na praça, subir e descer pelas ruas da cidade, os olhos se movendo de um lado para o outro, na esperança fervorosa de que veria a esposa e que ela o veria, e seu coração cruel amoleceria e a vida voltaria a ser boa. Ele nunca cruzou com ela, mas continuava dirigindo, saía da cidade e entrava na zona rural.

Certa noite, ele passou pela loja do Chefe Larry, seguiu pela estrada e entrou no estacionamento lotado do Lucky Jack Cassino. Talvez ela estivesse lá. Talvez estivesse tão desesperada pelas luzes brilhantes e pela vida agitada que se rebaixasse a frequentar um lugar medonho como aquele. Era apenas uma ideia, apenas uma desculpa para dar uma olhada no movimento do lugar sobre o qual todo o mundo estivera falando. Quem jamais sonharia que existia um cassino nos confins rurais do condado de Ford? Sidney circulou pelo tapete cafona, falou com o Chefe Larry, observou um grupo de caipiras bêbados perderem o salário de um mês jogando dados, desdenhou os velhos patéticos desperdiçando suas economias em máquinas caça-níqueis adulteradas e ouviu por alguns instantes um cantor pavoroso tentando imitar Hank Williams num pequeno palco nos fundos. Alguns dançarinos de meia-idade e muito gordos se balançavam e se arrastavam desanimadamente pela pista de dança diante da banda. Um grupo realmente animado. Stella não estava lá.

Ela não estava no bar, nem no bufê da cafeteria, nem na sala de jogo de pôquer. Sidney sentiu-se um tanto aliviado, mas seu coração continuava partido.

Havia anos que Sidney não jogava cartas, mas se lembrava das regras básicas do vinte e um, um jogo que seu pai lhe ensinara. Depois de circular ao redor do *blackjack* por meia hora, ele afinal reuniu coragem para se acomodar numa cadeira da mesa em que a aposta mínima era de cinco dólares e pedir troco para uma nota de vinte.

Sidney jogou por uma hora e ganhou oitenta e cinco dólares. Passou o dia seguinte estudando as regras do *blackjack* — as probabilidades básicas, quando dobrar, a divisão de pares, quando render-se e assim por diante. Voltou à mesma mesa na noite seguinte e ganhou mais de quatrocentos dólares. Estudou mais um pouco e, na terceira noite, jogou durante três horas, sem beber nada senão café preto, e saiu da mesa com 1.750 dólares.. Achava o jogo

simples e direto. Havia uma maneira perfeita de jogar cada mão: baseado no que o dealer mostrava e seguindo as probabilidades-padrão, um jogador pode ganhar seis mãos de dez. Acrescentando-se a isso o pagamento de dois para cada um da aposta, caso se fizesse um *blackjack*, o jogo oferecia a melhor vantagem contra a casa.

Por que, então, tanta gente perdia? Sidney ficou horrorizado com a falta de conhecimento dos outros jogadores e suas apostas tolas. O fato de beberem álcool sem parar também não ajudava, e, numa região em que beber era reprimido e ainda considerado um pecado capital, o fluxo livre de bebidas no Lucky Jack era, para muitos, irresistível.

Sidney estudou, jogou, bebeu o café preto gratuito trazido pelas garçonetes e jogou mais um pouco. Comprou livros e vídeos de autoajuda e aprendeu sozinho a contar cartas, uma estratégia difícil que, com frequência, funcionava maravilhosamente, mas também fazia com que jogadores fossem postos para fora da maioria dos cassinos.

E, o mais importante, ensinou a si mesmo a ter a disciplina necessária para jogar com as probabilidades, a desistir quando estivesse perdendo e a mudar radicalmente suas apostas à medida que o baralho se tornava menor.

Parou de dirigir até Clanton para procurar por sua esposa. Em vez disso, dirigia direto para o Lucky Jack, onde, na maioria das noites, jogava por uma ou duas horas e levava para casa no mínimo mil dólares. Quanto mais ganhava, mais reparava no cenho franzido dos supervisores. Os homens corpulentos de ternos baratos — seguranças, imaginava — pareciam observá-lo com maior atenção. Continuamente recusava-se a fazer a ficha — o processo de inscrever-se para se tornar “sócio do clube”, o que dava todo tipo de ofertas grátis a clientes habituais que apostavam alto. Recusou-se a fazer qualquer tipo de registro. Seu livro favorito era Como quebrar um cassino, e o autor, um ex-jogador que havia se tornado escritor, pregava uma mensagem sobre disfarçar-se e enganar. Nunca use as mesmas roupas, joias, chapéus, óculos. Nunca jogue na mesma mesa por mais de uma hora. Nunca dê seu nome. Leve um amigo e peça-lhe para chamá-lo de Frank ou Charlie ou seja lá o que for, menos pelo seu nome. Faça uma aposta idiota de vez em quando. Troque seu drinque regularmente, mas fique longe de álcool. O motivo era simples. A lei permitia a qualquer cassino no país a simplesmente pedir que um jogador se retirasse. Se suspeitassem de que você estava contando cartas ou trapaceando, ou se você estivesse ganhando demais e eles se cansassem disso, podiam botá-lo para fora. Não é preciso haver nenhum motivo. Uma variedade de

identidades os mantém na dúvida.

O sucesso no jogo deu a Sidney um novo propósito na vida, mas, na escuridão da noite, ainda acordava e estendia a mão em busca de Stella. O decreto de divórcio fora assinado por um juiz. Ela não ia voltar, mas, mesmo assim, ele ainda continuava a estender a mão para ela, ainda sonhando com a mulher que amaria para sempre.

Stella não sofria de solidão. A notícia de uma mulher atraente e recém-divorciada na cidade se espalhou rapidamente e, não demorou muito, ela foi convidada a uma festa onde conheceu o mal-afamado Bobby Carl. Embora ela fosse um tanto mais velha do que a maioria das mulheres com quem ele costumava sair, Bobby Carl a achou atraente e sexy. Ele a encantou com a profusão de elogios habituais e parecia ouvir atentamente cada palavra que ela dizia. Jantaram juntos na noite seguinte e foram para a cama logo depois da sobremesa. Embora ele fosse rude e vulgar, ela achou a experiência estimulante. Foi tão diferente do sexo frio e estoico que tivera que suportar com Sidney.

Não demorou muito e Stella conseguiu um emprego bem pago como secretária/assistente do Sr. Leach, a mais recente de uma longa lista de mulheres acrescentadas à folha de pagamento por motivos que não eram suas habilidades de organização. Mas, se o Sr. Leach esperava que ela fizesse pouco mais que atender ao telefone e se despir quando pedisse, havia errado redondamente. Ela rapidamente examinou seu império e não descobriu nada de interessante. Madeira de construção, terras incultas, propriedades para aluguel, equipamento rural e hotéis baratos eram tão tediosos quanto Sidney, especialmente quando comparados com o brilho de um cassino. O lugar para ela era o Lucky Jack e logo estava ocupando um escritório no segundo andar acima do salão de apostas, onde Bobby Carl circulava tarde da noite, de gim-tônica na mão, observando as inúmeras câmeras de vídeo e contando seu dinheiro. O título de sua função foi alterado para diretora de operações, e ela começou a planejar uma expansão da área do salão de jantar e talvez uma piscina coberta. Ela tinha uma porção de ideias e Bobby Carl ficou satisfeito por ter uma companheira de cama agradável, com a mesma paixão pelos negócios que ele sentia.

Em Karraway, Sidney logo ouviu os rumores de que sua amada Stella estava de caso com o velhaco do Leach, e aquilo o deprimiu ainda mais. Aquilo o deixou doente.

Sidney pensou em assassinato, depois em suicídio. Sonhava com maneiras de impressioná-la, de reconquistá-la. Quando soube que ela estava gerenciando o cassino, deixou de frequentá-lo, mas não parou de jogar. Em vez disso, alargou os horizontes de seu jogo com longos fins de semana em cassinos no condado de Tunica, no rio

Mississippi. Ganhou quatorze mil dólares numa maratona no cassino Choctaw, no condado de Neshoba, e foi convidado a se retirar do Grand Cassino de Biloxi depois de limpar duas mesas, arrebanhado um total de trinta e oito mil dólares. Tirou uma semana de férias e foi para Las Vegas, onde jogou num cassino diferente a cada quatro horas, e deixou a cidade com ganhos de sessenta mil dólares. Sidney demitiu-se de seu trabalho e passou duas semanas nas Bahamas, arrebanhando pilhas de fichas de cem dólares em todos os cassinos em Freeport e Nassau. Comprou um carro RV e viajou pelo país, em busca de reservas indígenas com cassino. Das cerca de uma dúzia que encontrou, todas ficaram felizes em vê-lo pelas costas. Então, passou um mês em Las Vegas, estudando na mesa do maior professor do mundo, o homem que havia escrito Como quebrar um cassino.

As aulas práticas custaram a Sidney cinquenta mil dólares, mas valeram cada centavo. Seu professor o convenceu de que ele tinha o talento, a disciplina e os nervos para jogar *blackjack* profissionalmente.

Elogios desse tipo raramente eram feitos.



Em quatro meses, o Lucky Jack integrou-se agradavelmente à paisagem local. Toda a oposição gradualmente desapareceu; e o cassino evidentemente viera para ficar.

Tornou-se um lugar disputado para encontros de clubes cívicos, reuniões de turmas de escola, festas de despedidas de solteiro e até alguns casamentos. O Chefe Larry começou a planejar a construção de um quartel-general Yazoo e ficou entusiasmado ao ver sua tribo crescer. Gente que havia mostrado resistência à sugestão de ascendência indígena agora afirmava orgulhosamente ser Yazoo puro-sangue. A maioria queria empregos, e, quando o chefe abordou a ideia de participação nos lucros sob a forma de doações mensais, sua tribo explodiu para mais de cem membros.

Bobby Carl, é claro, embolsava sua parte dos lucros, mas ainda não se mostrara ganancioso. Em vez disso, e com o estímulo de Stella, tomou mais dinheiro emprestado para financiar um campo de golfe e um centro de convenções. O banco estava agradavelmente surpreso com o movimento de caixa e rapidamente ampliou o crédito. Seis meses depois de abrir o Lucky Jack, Bobby Carl estava com uma dívida de dois milhões de dólares, e ninguém

parecia preocupado.

Durante os vinte e seis anos que passara com Sidney, Stella nunca tinha saído do país e conhecia muito pouco dos Estados Unidos. A ideia de Sidney de férias era alugar um lugar barato numa praia da Flórida e nunca por mais de cinco dias. Contudo, o novo homem na vida de Stella adorava barcos e cruzeiros, e, por causa disso, ela apareceu com a sugestão de um cruzeiro de Dia dos Namorados pelo Caribe para dez casais de sorte. Stella deu grande publicidade à competição, manipulou os resultados, escolheu alguns de seus novos amigos e alguns dos amigos de Bobby Carl e então anunciou os vencedores em mais um grande anúncio publicado nos jornais locais. E lá se foram eles. Bobby Carl e Stella, um punhado de executivos do cassino (Chefe Larry declinou, para grande alívio deles) e dez casais de sorte de Clanton, em limusines, para o aeroporto de Memphis. De lá, voaram para Miami e embarcaram num navio com quatro mil outros passageiros para um passeio pelas ilhas.

Quando estavam fora do país, teve início o massacre do Dia dos Namorados. Sidney entrou no Lucky Jack numa noite de grande movimento — Stella havia anunciado todo o tipo de ofertas baratas e românticas e o cassino estava lotado. Era Sidney, mas não se parecia em nada com o Sidney que fora visto no cassino pela última vez.

O cabelo, comprido e oleoso, fora tingido de cor escura e lhe cobria as orelhas. Há um mês que ele não se barbeava e a barba havia sido tingida com a mesma tinta barata que usara no cabelo. Usava grandes óculos redondos de tartaruga, também de lentes escuras, e era difícil ver seus olhos. Vestia jaqueta de motociclista de couro, jeans, e seis de seus dedos ostentavam anéis de várias pedras e metais. Uma boina desconcertante, meio inclinada para a esquerda, lhe cobria a maior parte da cabeça. Para o benefício dos rapazes da segurança, em seus monitores no andar de cima, as costas de cada mão eram adornadas com tatuagens falsas. Ninguém jamais havia visto esse Sidney.

Das vinte mesas de *blackjack*, só três atendiam grandes apostadores. Com apostas mínimas de cem dólares a mão, elas geralmente viam pouco movimento. Sidney assumiu uma cadeira numa delas, pôs sobre a mesa um rolo de dinheiro e falou: — Cinco mil em fichas de cem dólares. — O carteador sorriu enquanto aceitava o dinheiro e o espalhava sobre a mesa. Um supervisor observou cuidadosamente por cima do ombro dele. Olhares e acenos de cabeça foram trocados ao redor da área das mesas, enquanto as atenções do segundo andar despertaram e se aguçaram. Havia dois outros jogadores na mesa, e eles mal perceberam. Ambos

bebião, reduzidos às últimas fichas.

Sidney jogou como amador e perdeu dois mil dólares em vinte minutos. O supervisor relaxou; não havia nada com que se preocupar.

— O senhor tem cartão do clube? — perguntou a Sidney. — Não — veio a resposta seca. — E não me ofereça um. Os outros dois homens deixaram a mesa, e Sidney ampliou suas operações. Jogando em três posições e apostando quinhentos dólares em cada uma, ele rapidamente recuperou os dois mil dólares iniciais e acrescentou mais quatro mil e quinhentos a sua pilha de fichas. O supervisor andou de um lado para o outro e tentou não ficar olhando. O carteador embaralhou as cartas e uma garçonete trouxe uma vodca com suco de laranja, drinque que Sidney bebericou, mas mal consumiu. Jogando em quatro posições com apostas de mil dólares em cada uma, ele não perdeu nem ganhou durante os quinze minutos seguintes. Então, ganhou seis mãos seguidas, perfazendo um total de vinte e quatro mil dólares. As fichas de cem dólares eram numerosas demais para mover sobre a mesa, de modo que ele disse:

— Vamos trocar para as púrpuras. — A mesa só dispunha de vinte das fichas de mil dólares. O carteador foi obrigado a pedir um intervalo enquanto o supervisor mandava buscar mais dinheiro.

— O senhor gostaria de jantar? — perguntou, um tanto nervosamente.

— Não estou com fome — respondeu Sidney. — Mas vou aproveitar para ir ao banheiro.

Quando o jogo recomeçou, Sidney, ainda sozinho à mesa e atraindo alguns espectadores, jogou em quatro posições a dois mil dólares cada. Não perdeu nem ganhou por quinze minutos, então lançou um olhar para o supervisor e perguntou abruptamente:

— Posso trocar de carteador?

— Com certeza.

— Prefiro que seja uma mulher.

— Nenhum problema.

Uma jovem hispânica aproximou-se da mesa e ofereceu um débil “Boa sorte”. Sidney não respondeu. Jogou mil dólares em cada uma das quatro posições, perdeu seis rodadas seguidas, então aumentou suas apostas para três mil dólares cada mão e ganhou quatro seguidas.

O cassino estava perdendo mais de sessenta mil dólares. O recorde de *blackjack* do Lucky Jack até aquele dia era de cento e dez mil numa noite. Um médico de Memphis tinha levado a pequena fortuna, apenas para perdê-la, e muito mais, na noite seguinte.

— Deixe-os ganhar — Bobby Carl adorava dizer. — Recuperaremos tudo rapidamente.

— Eu gostaria de um sorvete — disse Sidney na direção do supervisor, que imediatamente estalou os dedos.

— De que sabor?

— Pistache.

Uma tigela e uma colher de plástico logo chegaram e Sidney deu sua última ficha de cem dólares de gorjeta à garçonete. Tomou uma pequena colherada de sorvete, então apostou cinco mil dólares em quatro posições. Ver alguém jogar uma mão de vinte mil dólares era realmente raro, e, com sussurros de espanto, a notícia se espalhou pelo cassino. Um bando de gente acotovelou-se atrás dele, mas Sidney não tomou conhecimento. Ele ganhou sete das dez mãos seguintes e estava com um saldo positivo de cento e dois mil dólares. Enquanto a carteadora embaralhava, Sidney lentamente tomou seu sorvete e não fez nada senão olhar fixamente para as cartas.

Com uma nova dispensadora de cartas, ele variou suas apostas de dez a vinte mil dólares por mão. Quando ganhou mais oitenta mil dólares, o supervisor aproximou-se e disse:

— Agora basta. O senhor está contando cartas.

— O senhor está enganado — retrucou Sidney.

— Deixe-o em paz — disse alguém atrás de Sidney, mas o supervisor ignorou.

A carteadora recuou, afastando-se do confronto.

— O senhor está contando — repetiu o supervisor.

— Não é ilegal — rebateu Sidney.

— Não, mas nós fazemos as nossas regras.

— Vocês são uns merdas — resmungou Sidney, tomando mais uma colherada de sorvete.

— Acabou. Vou lhe pedir para se retirar.

— Ótimo. Eu quero dinheiro vivo.

— Nós lhe daremos um cheque.

— Não, que diabo. Eu entrei aqui com dinheiro vivo e vou sair com dinheiro vivo.

— Senhor, por favor, poderia me acompanhar?

— Para onde?

— Vamos resolver isso na sala do caixa.

— Ótimo. Mas exijo pagamento em dinheiro.

A multidão de curiosos os observou desaparecerem.

Na sala do caixa, Sidney apresentou uma carteira de motorista falsa que declarava que ele era o Sr. Jack Ross, de Dothan, Alabama. O caixa e o supervisor preencheram os formulários obrigatórios do imposto de renda e, depois de uma discussão

acalorada, Sidney saiu do cassino com uma maleta de lona cheia, com 184 mil dólares em notas de cem.

Ele voltou na noite seguinte de terno escuro, camisa social branca e gravata, parecendo consideravelmente diferente. A barba, o cabelo comprido, os anéis, tatuagens, boina e óculos chamativos tinham desaparecido. Sua cabeça estava inteiramente raspada, ele usava um bigode fino grisalho, e óculos de leitura de armação de metal aninhavam-se sobre seu nariz. Ele escolheu uma mesa diferente e um carteador diferente. O supervisor da noite passada não estava de serviço. Sidney colocou o dinheiro sobre a mesa e pediu fichas de mil dólares. Jogou trinta minutos, ganhou doze mãos em quinze e então pediu uma mesa particular. O supervisor o levou a uma pequena sala perto do salão de pôquer. Os rapazes da segurança lá em cima estavam todos a postos, observando cada movimento.

— Gostaria de fichas de dez mil dólares — anunciou Sidney. — E um carteador de sexo masculino.

Nenhum problema.

— Alguma coisa para beber?

— Um Sprite com biscoitinhos salgados.

Ele tirou mais dinheiro do bolso e contou as fichas depois da troca. Havia vinte fichas. Jogou em três posições ao mesmo tempo e, quinze minutos depois, era dono das fichas. Outro supervisor e um gerente de plantão tinham vindo acompanhar o jogo e postavam-se atrás do carteador, observando tudo com expressões sombrias.

Sidney comeu os biscoitinhos despreocupadamente, como se estivesse jogando num caça-níqueis de dois dólares. Em vez disso, agora estava apostando dez mil dólares em cada uma das quatro posições independentes. E então vinte mil dólares, depois de novo dez mil. Quando a dispensadora estava com nível baixo, ele, de repente, apostou cinquenta mil dólares nas seis posições. O carteador mostrava um cinco, sua pior carta. Sidney calmamente dividiu um par de setes e dobrou num dez *hard*. O carteador virou uma rainha e então, muito devagar, puxou a carta seguinte. Era um nove, fazendo-o extrapolar com vinte e quatro.

A mão rendeu a Sidney quatrocentos mil dólares, e o supervisor estava a ponto de desmaiar.

— Talvez devamos fazer uma parada — sugeriu o gerente.

— Ah, vamos só acabar com estas cartas e então fazer uma parada.

— Não — disse o gerente. — Vocês querem o dinheiro de volta, não querem?

O carteador hesitou e lançou um olhar desesperado para o

gerente. Onde estava Bobby Carl quando precisavam dele?

— Então, fechado — disse Sidney com um sorriso. — É apenas dinheiro. Que diabos, nunca saí de um cassino com dinheiro vivo no bolso.

— O senhor poderia nos dar seu nome?

— É claro. É Sidney Lewis. — Ele puxou a carteira, entregou sua carteira de motorista verdadeira e pouco se importou com o fato de revelar seu nome verdadeiro.

Não tinha planos de voltar. O gerente e o supervisor examinaram o documento, qualquer coisa para ganhar algum tempo.

— O senhor já esteve aqui antes? — perguntou o gerente.

— Estive, há alguns meses. Como é, vamos jogar? Que tipo de cassino é esse? Vamos lá, dê as cartas.

O gerente relutantemente lhe devolveu a carteira de motorista e Sidney a deixou sobre a mesa, ao lado de sua pilha gigantesca de fichas. O gerente lentamente fez um sinal de cabeça para o carteador. Sidney tinha uma única ficha de dez mil dólares diante de cada uma das seis posições. Então, rapidamente acrescentou mais quatro a cada. Subitamente estavam em jogo trezentos mil dólares. Se ganhasse metade das mãos, pretendia continuar jogando. Se perdesse, pararia e iria embora com um lucro líquido de seiscentos mil dólares em duas noites, uma quantia agradável que compensaria seu ódio por Bobby Carl Leach.

As cartas lentamente foram distribuídas sobre a mesa, e o carteador virou para si mesmo um seis; Sidney dividiu dois valetes, uma jogada corajosa que a maioria dos especialistas desaconselhava, e então, com um aceno, indicou que não queria mais cartas. Quando o carteador virou sua carta e revelou um nove, Sidney não revelou nenhuma expressão, mas o gerente e os dois supervisores empalideceram. Com quinze pontos, a mesa era obrigada a pedir carta, o que o carteador fez com grande relutância.

Tirou um sete, extrapolou em vinte e dois.

O gerente avançou de um salto. — Agora basta. O senhor está contando cartas — falou, enxugando as gotas de suor da testa.

— Você deve estar brincando. Que espelunca é este lugar? — Sidney retrucou.

— Acabou, companheiro — disse o gerente, lançando um olhar para dois parrudos seguranças que subitamente se materializaram atrás de Sidney, que calmamente enfiou um biscoito na boca e o mastigou ruidosamente. Ele sorriu para o gerente e para os supervisores e decidiu encerrar a noite.

— Quero receber em dinheiro.

— Isso pode ser um problema — respondeu o gerente. Eles

acompanharam Sidney até o escritório do gerente no segundo andar, onde o séquito inteiro se reuniu a portas fechadas. Ninguém se sentou.

— Eu exijo pagamento em dinheiro — repetiu Sidney.

— Nós lhe daremos um cheque — falou o gerente de novo.

— Vocês não têm o dinheiro, não é? — perguntou Sidney, provocando. — Este cassino vagabundo não tem dinheiro e não pode cobrir o que perdeu.

— Nós temos o dinheiro — disse o gerente sem convicção. — E ficaremos satisfeitos em lhe dar um cheque.

Sidney olhou para ele furioso, depois para os dois supervisores e para os dois seguranças.

— O cheque vai ser recusado, não vai?

— É claro que não, mas vou lhe pedir para esperar 72 horas para sacar.

— Que banco?

— Merchants, em Clanton.

Às nove horas da manhã seguinte, Sidney e seu advogado entraram no Merchants Bank, na praça de Clanton, e pediram para ver o presidente do banco. Em seu escritório, Sidney puxou o cheque do Lucky Jack Cassino no valor de 945 mil dólares, datado para dali a três dias. O presidente examinou-o, enxugou o rosto e depois disse em voz trêmula:

— Lamento, mas não podemos pagar esse cheque.

— E daqui a três dias? — perguntou o advogado.

— Duvido seriamente.

— O senhor já falou com o cassino?

— Sim, várias vezes.

Uma hora depois, Sidney e seu advogado entraram no tribunal do condado de Ford, foram ao escritório do notário responsável pelo juízo da equidade e entraram com uma petição de medida cautelar, solicitando o fechamento imediato do Lucky Jack e o pagamento da dívida.

O juiz, o Meritíssimo Willis Bradshaw, marcou uma audiência de emergência para as nove horas da manhã seguinte.



Bobby Carl abandonou o navio em Puerto Rico e correu para encontrar voos de volta a Memphis. Chegou ao condado de Ford tarde naquela noite e dirigiu um pequeno carro alugado da Hertz,

indo direto para o cassino, onde encontrou poucos jogadores e ainda menos empregados que soubessem alguma coisa a respeito do que havia acontecido na noite anterior. O gerente havia se demitido e não podia ser encontrado. Dizia-se que um dos supervisores que havia lidado com Sidney também fugira do condado. Bobby Carl ameaçou demitir todo mundo exceto o Chefe Larry, que estava arrasado com o caos. À meia-noite, Bobby Carl estava em reunião com o presidente do banco e uma equipe de advogados. O nível de ansiedade estava no auge.

Stella permanecia no cruzeiro, mas não conseguia mais se divertir. No meio da confusão, quando Bobby Carl berrava ao telefone e atirava coisas nas paredes, ela o ouvira gritar.

— Sidney Lewis! Quem, com os diabos, é Sidney Lewis? Ela não disse nada, pelo menos não sobre o Sidney Lewis que conhecia, e achou impossível acreditar que seu ex-marido tivesse sido capaz de quebrar a banca de um cassino. Mesmo assim, ficou bastante incomodada e, quando o navio atracou em George Town, na Grande Cayman, ela pegou um táxi para o aeroporto e tomou o rumo de casa.



O Juiz Bradshaw deu as boas-vindas à fileira de espectadores em seu tribunal. Agradeceu-lhes por terem vindo e os convidou a voltarem no futuro. Então, perguntou aos advogados se estavam prontos.

Bobby Carl, de olhos vermelhos, abatido e com a barba por fazer, sentava-se a uma mesa com três de seus advogados, enquanto o Chefe Larry, que nunca havia entrado num tribunal, estava tão nervoso que simplesmente fechou os olhos e pareceu meditar. Bobby Carl, que já tinha estado em muitos tribunais, também estava estressado.

Tudo o que ele possuía tinha sido hipotecado para conseguir o empréstimo no banco e, agora, o futuro de seu cassino, bem como o de seus outros bens, corria grave risco.

Um de seus advogados levantou-se e disse:

— Sim, senhor juiz, estamos prontos, mas entramos com um pedido de indeferimento da presente audiência por falta de jurisdição. Esta demanda é de competência do tribunal federal, não estadual.

— Eu li o seu pedido — respondeu o juiz Bradshaw, tornando

evidente que não tinha gostado do que lera. — Mantenho a jurisdição.

— Então, daremos entrada num pedido em tribunal federal, mais tarde esta manhã — rebateu o advogado.

— Não posso impedi-lo de dar entrada em nada. Como havia passado a maior parte de sua carreira tentando acomodar graves desentendimentos entre casais em guerra, com o correr dos anos, o juiz Bradshaw acabara por adquirir uma intensa antipatia por causas de divórcio. Álcool, drogas, adultério, jogo — seu envolvimento com os grandes vícios da humanidade era incessante. Ele dava aulas de catecismo aos domingos na Igreja Metodista e tinha crenças rígidas com relação ao certo e ao errado.

O jogo, em sua opinião, era uma abominação, e estava encantado por ter uma chance de puni-lo.

O advogado de Sidney argumentou com veemência e vigor que o cassino estava descapitalizado e mantinha reservas em dinheiro insuficientes; deste modo, constituía uma ameaça constante a outros jogadores. E anunciou que ia dar entrada a uma ação integral às cinco horas da tarde, caso o cassino não honrasse a dívida para com seu cliente. Nesse meio-tempo, contudo, o cassino devia ficar fechado.



O juiz Bradshaw pareceu favorecer esta ideia. E também o público presente. Entre os espectadores, havia um número considerável de pregadores e seus seguidores, todos eleitores registrados, que sempre haviam apoiado o juiz Bradshaw. Estavam animados e felizes da vida com a possibilidade de fechar o cassino. Aquele era o milagre pelo qual rezavam. E, embora silenciosamente condenassem Sidney Lewis por sua conduta pecaminosa, não podiam deixar de admirar o homem — um conterrâneo — por ter quebrado a banca do cassino.

Enquanto a audiência se arrastava, veio à luz que o Lucky Jack dispunha de cerca de quatrocentos mil dólares em espécie e que, além disso, havia um fundo de reserva de quinhentos mil dólares garantido pelo título de uma companhia de seguros. Bobby Carl também admitiu no banco das testemunhas que o cassino tivera um lucro médio de oitenta mil dólares por mês, nos primeiros sete meses, e que esse valor aumentava regularmente.

Depois de uma exaustiva audiência de cinco horas, o juiz

Bradshaw ordenou que o cassino pagasse o valor total devido de novecentos e quarenta e cinco mil dólares imediatamente e que fechasse as portas até que a dívida tivesse sido quitada. Também deu instruções ao xerife para bloquear a entrada que dava para a autoestrada estadual e prender qualquer jogador que tentasse entrar. Os advogados do Lucky Jack correram para a corte federal em Oxford e entraram com petições para reabrir.

Seriam necessários vários dias para organizar uma audiência. Conforme prometido, Sidney entrou com ações nos tribunais estadual e federal.

Ao longo dos dias seguintes, mais ações foram ajuizadas por ambas as partes. Sidney processou a companhia de seguros que havia emitido o título e também o banco.

O banco, subitamente preocupado com os dois milhões de dólares que havia emprestado ao Lucky Jack, desistiu de investir no ramo do jogo, que outrora achara tão interessante. Exigiu o pagamento do empréstimo e processou a Nação Yazoo, o Chefe Larry e Bobby Carl Leach. Eles responderam com ações de regresso contra o banco, alegando toda a sorte de procedimentos injustos. A irrupção de ações eletrizou os advogados locais, a maioria dos quais competia por alguma participação na história.

Quando Bobby Carl descobriu que o marido de quem Stella recentemente se divorciara era de fato Sidney, acusou-a de conspiração e despediu-a. Ela o processou. Passaram-se dias e o Lucky Jack continuou fechado. Duas dúzias de empregados não pagos entraram com ações em juízo. Agências fiscalizadoras federais emitiram intimações para comparecimento em juízo. O juiz federal não quis se meter na confusão e rejeitou os pedidos do cassino para reabrir.

Depois de um mês de frenéticas manobras legais, a realidade começou a se mostrar. O futuro do cassino parecia medonho. Bobby Carl convenceu Chefe Larry de que eles não tinham outra escolha senão buscar proteção com um pedido de falência. Dois dias mais tarde, depois de duas décadas de negociar com habilidade e astúcia e operar no limite, Bobby Carl relutantemente fez o mesmo. Finalmente estava falido.

Sidney estava em Las Vegas quando recebeu um telefonema de seu advogado com a maravilhosa notícia de que a companhia de seguros ia fazer um acordo e pagar o valor total do título — quinhentos mil dólares. Além disso, as contas congeladas do Lucky Jack seriam descongeladas apenas para que mais um cheque de quatrocentos mil dólares fosse emitido em seu favor. Ele imediatamente embarcou em seu automóvel RV e fez uma viagem vagarosa e triunfante de volta ao condado de Ford, mas não sem

antes causar um estrago em três cassinos indígenas pelo caminho.



Os incendiários favoritos de Bobby Carl eram um dueto de marido e mulher do Arkansas. O contato foi feito, e o dinheiro trocou de mãos. Um jogo de plantas de construção, acompanhado das chaves, foi entregue. Os guardas de segurança noturnos do cassino foram demitidos. O fornecimento de água, cortado. O prédio não tinha sistema de aspersão de água porque nenhum código de construção o exigia.

Quando a Brigada Voluntária de Bombeiros de Springdale chegou ao local, às três da manhã, o Lucky Jack estava dominado pelas chamas. As estruturas de metal derretiam-se. Os inspetores mais tarde suspeitaram de incêndio doloso, mas não encontraram vestígios de gasolina ou outros produtos inflamáveis. Concluíram que um vazamento de gás natural não intencional e uma explosão haviam iniciado o incêndio. Durante a ação judicial que se seguiu, investigadores da companhia de seguros apresentariam registros que revelavam que os tanques de gás natural do cassino haviam sido misteriosamente enchidos apenas uma semana antes do incêndio.

Chefe Larry voltou para sua loja e mergulhou num estado de grave depressão. Mais uma vez, sua tribo fora demolida pela cobiça do homem branco. Sua Nação Yazoo se dispersou para nunca mais voltar a ser vista.

Sidney ficou em Karraway por algum tempo, mas começou a ficar farto da atenção e da bisbilhotice de que era foco. Desde que abandonara o emprego e quebrara o cassino, muito naturalmente as pessoas se referiam a ele como jogador profissional, de fato uma raridade na área rural do Mississippi. E, embora Sidney não se encaixasse no modelo do pilantra que vivia luxuosamente graças a dinheiro de jogo, falar sobre seu novo estilo de vida era irresistível. Era fato mais do que sabido que ele era o único homem da cidade com um milhão de dólares, e isto causava problemas. Velhos amigos se materializaram. Mulheres solteiras de todas as idades inventavam maneiras de conhecê-lo. Todas as obras de caridade escreviam cartas e pediam dinheiro. Sua filha no Texas começou a se meter mais em sua vida e foi rápida em pedir desculpas por ter ficado do lado da mãe no divórcio. Quando ele colocou uma placa de “Vende-se” diante da casa, Karraway só falava disso. O boato mais

consistente era de que estava de mudança para Las Vegas.

Sidney esperou. Jogava pôquer online durante horas e, quando ficava entediado, saía com seu carro e dirigia até cassinos em Tunica, ou na Costa do Golfo. Ganhava mais do que perdia, mas era cuidadoso em não atrair muita atenção. Dois cassinos em Biloxi haviam proibido sua entrada meses antes. Ele sempre voltava para Karraway, embora, na verdade, quisesse abandoná-la para sempre.

Sidney esperou. O primeiro movimento foi feito por sua filha. Certa noite, ela telefonou, falou com ele por uma hora e, perto do final de uma conversa cheia de rodeios, deixou escapar que Stella estava solitária e triste e que realmente sentia saudades de sua vida com Sidney. De acordo com a filha, Stella consumia-se de remorso e desesperava-se para se reconciliar com o único homem a quem poderia ter amado. Enquanto ouvia as tagarelices da filha, Sidney se deu conta de que precisava de Stella muito mais do que se ressentia dela. Mas não fez promessas.

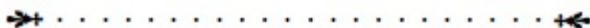
A segunda chamada telefônica foi mais direta. A filha deu início a um esforço para promover um encontro entre os pais, uma espécie de primeiro passo para normalizar as relações. Estava disposta a voltar a Karraway e mediar a questão, se necessário. Tudo o que ela queria era que os pais ficassem juntos. Que estranho, refletiu Sidney, uma vez que ela nunca havia manifestado tais pensamentos antes que ele quebrasse a banca do cassino.

Depois de mais ou menos uma semana de insinuações, Stella apareceu certa noite para um copo de chá. Em um encontro prolongado e emotivo, ela confessou seus pecados e implorou perdão. Então, foi embora e voltou na noite seguinte para outra discussão. Na terceira noite, eles foram para a cama e Sidney apaixonou-se de novo.

Sem falar em casamento, eles juntaram suas coisas, puseram suas bagagens no RV e partiram para a Flórida. Perto de Ocala, a tribo Seminole estava operando um fabuloso novo cassino e Sidney estava louco para atacá-lo. Sentia que estava com sorte.



O quarto de Michael



O ENCONTRO PROVAVELMENTE seria inevitável numa cidade de dez mil habitantes. Mais cedo ou mais tarde, você está destinado a esbarrar em quase que todo o mundo, inclusive aquelas pessoas cujos nomes há muito foram esquecidos e cujos rostos mal são conhecidos. Alguns nomes e rostos são registrados, lembrados e suportam a erosão do tempo. Outros são imediatamente descartados, e a maioria por bons motivos.

Para Stanley Wade, o encontro foi causado em parte por uma gripe demorada e renitente de sua esposa e em parte pela necessidade de ambos de se alimentarem, além de outras razões. Depois de um longo dia de trabalho no escritório, ele ligou para casa para saber como ela estava e perguntou sobre o jantar. De maneira bastante brusca, ela o informou de que não tinha nenhuma vontade de cozinhar e ainda menos vontade de comer e que, se ele estivesse com fome, era melhor que desse uma passada na loja e comprasse alguma coisa. Quando ele não estava com fome na hora do jantar? Depois de mais algumas frases, chegaram a um acordo e se decidiram por pizza congelada, o único prato que Stanley sabia preparar e, estranhamente, a única coisa que ela achava que poderia querer comer um pouco. De preferência, de calabresa.

Por favor, entre pela cozinha e não deixe os cachorros fazerem barulho, instruiu. Ela poderia estar dormindo no sofá.

A loja de comida mais próxima era a Rite Price, uma velha loja de produtos em oferta, a alguns quarteirões da praça, com corredores sujos, preços baixos e promoções baratas que atraíam uma clientela das classes mais baixas. A maioria dos brancos metidos a besta usava a nova Kroger, no sul da cidade, longe demais do caminho de Stanley. Mas era só para comprar uma pizza congelada. Que diferença fazia? Naquela ocasião, ele não estava procurando os mais frescos produtos orgânicos. Estava com fome e queria comprar uma refeição rápida e chegar logo em casa.

Stanley ignorou os carrinhos de compras e as cestas e foi direto para a seção de congelados, onde escolheu uma criação de trinta e

cinco centímetros de diâmetro, com nome italiano e garantia de ser fresca. Estava fechando a porta gelada do freezer quando se deu conta de que havia alguém parado muito perto dele, alguém que o tinha visto, seguido e agora praticamente bafejava em seu cangote. Alguém muito maior do que Stanley. Alguém que não tinha nenhum interesse em pratos congelados, pelo menos, não naquele momento. Stanley se virou para a direita e ficou olhos nos olhos com um rosto de sorriso malicioso e infeliz que tinha visto em algum lugar antes. O homem tinha cerca de quarenta anos, aproximadamente dez anos mais moço que Stanley, e era no mínimo vinte e cinco centímetros mais alto, bem mais corpulento na região do peito. Stanley era franzino, quase frágil, e nem um pouco do tipo atlético.

— Você é o advogado Wade, não é? — perguntou o homem, mas era mais uma acusação do que uma pergunta. Até mesmo a voz era vagamente conhecida, estranhamente estridente para um homem tão corpulento, com sotaque do interior, mas não ignorante. Uma voz do passado, sem dúvida nenhuma.

Stanley presumiu corretamente que seu encontro anterior, quando e onde quer que tivesse ocorrido, dizia respeito a algum tipo de ação judicial, e não era preciso ser nenhum gênio para concluir que eles não haviam estado do mesmo lado. Por mais que se sentisse tentado, Stanley não conseguiu negar quem era.

— Isso mesmo — disse segurando a pizza. — E o senhor é?

Ao ouvir as palavras, o homem subitamente moveu-se passando por Stanley e, ao fazê-lo, baixou ligeiramente o ombro e acertou uma sólida pancada contra o advogado Wade, que foi arremessado contra a porta gelada que acabara de fechar. A pizza caiu no chão, e, enquanto Stanley se equilibrava e se abaixava para pegar seu jantar, virou-se e viu o homem seguir por um corredor e desaparecer na curva atrás da seção de alimentos para o desjejum e café. Stanley prendeu a respiração, olhou ao redor, começou a gritar alguma coisa provocadora, mas rapidamente pensou duas vezes, então ficou parado por um momento, tentando analisar a única situação de contato físico violento de que podia se lembrar durante sua vida adulta. Nunca fora um lutador, um atleta, um bêbado, nem um bagunceiro criador de casos. Não Stanley. Ele tinha sido o pensador, o estudioso, o terceiro melhor aluno de sua turma.

Aquilo tinha sido uma agressão, pura e simples. No mínimo, um contato deliberado e nervoso com alguém. Mas não havia testemunhas, e Stanley sabiamente decidiu esquecer o assunto, ou, pelo menos, tentar. Dada a disparidade de tamanho e disposição entre eles, com certeza poderia ter sido muito pior. E seria, dentro de muito pouco tempo.

Durante os minutos seguintes, ele tentou se recompor, enquanto se movia cautelosamente pelo mercado, espiando pelos cantos, lendo rótulos, inspecionando carnes, observando outros compradores em busca de sinais de seu agressor ou talvez de outro. Quando se convenceu de que o homem tinha ido embora, seguiu apressado para o caixa solitário aberto, rapidamente pagou a pizza e saiu da loja. Caminhou até o carro com os olhos dardejando em todas as direções e estava em segurança trancado dentro dele, quando se deu conta de que haveria mais problemas.

Uma picape havia se aproximado e estacionado atrás do Volvo de Stanley, bloqueando sua saída. Uma camionete estacionada na frente o impedia de escapar por ali.

Aquilo enraiveceu Stanley. Ele desligou o motor e abriu a porta do motorista com um tranco e estava saltando, quando viu o homem se aproximando, vindo da picape.

Então, ele viu a arma, uma grande pistola preta.

Stanley conseguiu dizer em tom débil: — Mas o que é isso? — antes que a mão sem a arma o estapeasse no rosto e o derrubasse contra a porta aberta. Por um momento, ele não viu nada, mas teve consciência de ser agarrado, depois arrastado e atirado dentro da picape e de deslizar no banco da frente de vinil. A mão ao redor de seu pescoço era áspera, forte e violenta. O pescoço de Stanley era magro e fraco e, no horror do momento, por algum motivo, ele admitiu que o homem poderia facilmente quebrá-lo com apenas uma mão.

Outro homem estava dirigindo, um homem muito jovem, provavelmente apenas um garoto. Uma porta bateu. A cabeça de Stanley ficou enfiada para baixo contra o assoalho do carro, aço frio pressionando-lhe a base do crânio.

— Vamos — disse o homem, e a picape se moveu com um solavanco.

— Não se mova e não diga uma palavra ou lhe estouro os miolos — a voz do homem era estridente e bastante agitada.

— Tudo bem, tudo bem — Stanley conseguiu dizer. Seu braço esquerdo estava imobilizado atrás de suas costas e, para completar, o homem o puxou para cima com violência até Stanley se contrair de dor. A dor continuou por um minuto mais ou menos, então subitamente o homem o largou. A pistola foi afastada de sua cabeça.

— Sente-se — falou o homem, e Stanley se levantou, sacudiu a cabeça, ajeitou os óculos e tentou se concentrar. Estavam nos arredores da cidade, seguindo para oeste.

Alguns segundos se passaram e nada foi dito. À sua esquerda, o garoto dirigia, um adolescente de não mais que dezesseis anos,

franzino, de franja no cabelo e espinhas no rosto, cujos olhos revelavam medidas iguais de surpresa e incompreensão. Sua pouca idade e inocência foram estranhamente reconfortantes — com certeza aquele brutamontes não o mataria na frente de um garoto! À direita, com as pernas tocando as dele, estava o homem com a arma que temporariamente apoiava sobre seu enorme joelho direito, sem apontá-la para ninguém em particular.

O silêncio continuou enquanto eles deixavam Clanton para trás. O advogado Wade respirou fundo, em silêncio, conseguindo acalmar-se um pouco enquanto tentava ordenar os pensamentos e considerar a possibilidade de estar sendo sequestrado. Ok, advogado Wade, o que foi que você fez ao longo de seus vinte e três anos de carreira para merecer isso? Contra quem moveu um processo? Quem foi excluído de um testamento? Será que teria sido um divórcio litigioso? Quem esteve do lado perdedor de uma ação em juízo?

Quando o garoto saiu da autoestrada e entrou numa estrada rural pavimentada, Stanley finalmente falou: — Se importa se eu perguntar para onde estamos indo? Ignorando a pergunta, o homem informou. — Meu nome é Cranwell. Jim Cranwell. E este é meu filho Doyle. Aquela ação judicial. Stanley engoliu em seco e reparou, pela primeira vez, a umidade ao redor do colarinho. Ele ainda usava seu terno cinza-escuro, camisa social branca de algodão, gravata de lã marrom, e a roupa toda de repente o deixou com calor. Suava, e seu coração batia disparado com a violência de uma perfuratriz. Cranwell versus Trane, havia oito ou nove anos. Stanley tinha defendido o Dr. Trane em um julgamento desagradável, contencioso e finalmente bem-sucedido. Uma amarga derrota para a família Cranwell. Uma grande vitória para o Dr. Trane e seu advogado, mas Stanley agora não se sentia tão vitorioso.

O fato de o Sr. Cranwell ter revelado seu nome e o de seu filho tão despreocupadamente só podia significar uma coisa, pelo menos, para Stanley. O Sr. Cranwell não tinha medo de ser identificado porque sua vítima não poderia falar. Aquela pistola preta afinal acabaria por ser usada. Uma onda de náusea vibrou no estômago de Stanley e, por um segundo, ele refletiu sobre onde poderia vomitar. Não à direita e não à esquerda. Então, diretamente para baixo, entre os pés. Ele cerrou os dentes, engoliu rapidamente e o momento passou.

— Eu perguntei para onde estamos indo — falou, num esforço bastante débil de mostrar alguma resistência. Mas suas palavras soaram vazias e fracas. Sua boca estava muito seca.

— Será melhor se apenas calar a boca — disse Jim Cranwell.

Como não estava em posição para discutir nem insistir com a pergunta, Stanley decidiu ficar calado.

Minutos se passaram enquanto eles se embrenhavam mais na região rural do condado, seguindo pela Rodovia 32, uma estrada movimentada durante o dia, mas deserta durante a noite. Stanley conhecia bem a área. Morava no condado de Ford havia vinte e cinco anos e o lugar era pequeno. Sua respiração se desacelerou, bem como o ritmo das batidas de seu coração, e ele se concentrou em absorver os detalhes ao seu redor. A picape, um modelo Ford do final dos anos 1980, de meia tonelada, era cinza-metálico. E o interior, de um tom azul-marinho. O painel era de tipo padrão, nada de extraordinário. Na pala do quebra-luz, acima do motorista, havia uma grossa tira de elástico segurando papéis e recibos. O odômetro registrava 31.375 quilômetros rodados, nada de incomum naquela região. O garoto dirigia a uma velocidade média de oitenta quilômetros por hora. Ele saiu da Rodovia 32 e entrou na Wiser Lane, uma estrada pavimentada menor que serpenteava pela região oeste do condado até atravessar o rio Tallahatchie, na divisa com o condado de Polk. As estradas estavam se tornando mais estreitas, a floresta, mais densa, e as opções de Stanley, cada vez mais reduzidas, suas chances cada vez menores.

Ele olhou para a pistola e pensou em sua breve carreira como promotor assistente muitos anos antes, e a ocasião em que pegara uma arma do crime etiquetada, a mostrara aos jurados, erguendo-a e exibindo-a na sala de audiências, dando o melhor de si para criar drama, medo e um sentimento de vingança.

Será que haveria um julgamento para seu assassinato? Será que aquela enorme pistola — acreditava que fosse uma Magnum calibre 44, capaz de espalhar seus miolos por um raio de meio hectare de terras rurais cultiváveis — um dia seria mostrada em uma sala de audiências enquanto o sistema judicial tratava de seu violento assassinato?

— Por que não diz alguma coisa? — perguntou Stanley, sem olhar para Jim Cranwell.

Qualquer coisa era melhor do que o silêncio. Se fosse ter uma chance, seria por suas palavras, sua habilidade de argumentar ou implorar.

— Seu cliente, o Dr. Trane, saiu da cidade, não foi? — disse Cranwell.

Bem, pelo menos Stanley havia identificado a ação judicial correta, algo que não lhe trouxera nenhum conforto.

— Sim, há muitos anos.

— Para onde ele foi?

— Não tenho certeza.

- Ele se meteu numa encrenca, não foi?
- Sim, acho que se poderia dizer isso.
- Eu acabei de dizer. Que tipo de encrenca?
- Não me lembro.

— Mentir não vai ajudar você, advogado Wade. Sabe muito bem o que aconteceu com o Dr. Trane. Ele era um bêbado e um drogado e não conseguia parar de usar o que tinha no armário de remédios. Ele se viciou em remédios para dor, perdeu a licença, deixou a cidade, tentou se esconder em Illinois.

Estes detalhes foram oferecidos como se fossem de conhecimento público, disponíveis todas as manhãs nas cafeterias locais e dissecados durante o almoço nos clubes campestres, quando, de fato, a deterioração do Dr. Trane tinha sido tratada com cuidado e discrição pela firma de Stanley e ocultada. Ou, pelo menos, era o que ele pensava. O fato de que, depois do julgamento, Jim Cranwell tivesse monitorado as informações com tantos detalhes fez Stanley enxugar a testa, mover o corpo e, mais uma vez, lutar contra a vontade de vomitar.

- Isso me parece correto — falou Stanley.
- Ainda conversa com o Dr. Trane?
- Não. Faz muitos anos.
- Dizem que ele desapareceu de novo. Ouviu falar nisso?
- Não.

Era mentira. Stanley e seus sócios haviam ouvido vários rumores sobre o estranho desaparecimento do Dr. Trane. Ele tinha fugido para Peoria, sua cidade natal, onde recuperara a licença e voltara a trabalhar como médico, mas não conseguira deixar de se meter em encrencas. Aproximadamente havia dois anos, a esposa dele, na época, havia telefonado para várias pessoas em Clanton, perguntando a velhos amigos e conhecidos se o tinham visto.

O garoto fez outra curva e entrou numa estrada sem placa, uma estrada pela qual Stanley achava que talvez já tivesse passado, sem nunca prestar atenção. Também era pavimentada, mas mal tinha largura para acomodar dois veículos. Até aquele momento, o garoto não tinha dado um pio.

— Eles nunca o encontrarão — disse Jim Cranwell, quase que para consigo mesmo, mas com um tom brutal de finalidade.

A cabeça de Stanley rodava. Sua visão estava borrada. Ele piscou, esfregou os olhos, respirou pesadamente com a boca aberta e sentiu seus ombros se curvarem enquanto absorvia e digería aquelas últimas palavras do homem com a arma. Será que ele, Stanley, devia acreditar que aqueles caipiras dos rincões do condado de alguma forma tinham encontrado o Dr. Trane e dado sumiço nele sem ser apanhados?

Sim.

— Pare ali ao lado do portão do Baker — Cranwell pediu ao filho. Noventa metros adiante, a picape parou. Cranwell abriu sua porta e acenou com a arma: — Salte. — Ele agarrou Stanley pelos pulsos e o conduziu até a frente da picape, empurrou-o de braços e pernas abertos contra o capô e disse: — Não se mova nem um centímetro.

Então, cochichou algumas instruções para o filho, que tornou a entrar na picape. Cranwell agarrou Stanley de novo, arrastou-o para uma vala rasa, no acostamento da estrada, onde ficaram enquanto a picape se afastava. Eles observaram as luzes da traseira desaparecerem depois da curva.

— Comece a andar — disse Cranwell, apontando com a arma para a estrada.

— Você não vai escapar impune, sabe? — falou Stanley.

— Apenas cale a boca e ande. — Eles começaram a andar pela estrada escura e esburacada. Stanley ia na frente, com Cranwell um metro e meio atrás dele. A noite estava clara e uma meia-lua oferecia luz suficiente para permitir que se mantivessem no meio da estrada. Stanley olhou para a direita e para a esquerda, e de novo, numa busca inútil pelas luzes distantes de alguma pequena fazenda. Nada.

— Se tentar fugir, você é um homem morto — disse Cranwell.
— Mantenha as mãos longe dos bolsos.

— Por quê? Acha que eu tenho uma arma?

— Cale a boca e ande.

— Para onde eu fugiria? — perguntou Stanley sem titubear um passo. Sem nenhum ruído, Cranwell subitamente aproximou-se rapidamente e deu um poderosíssimo murro que acertou no pescoço fino de Stanley por trás e o derrubou rapidamente no asfalto. A arma foi de novo encostada em sua cabeça, e Cranwell estava em cima dele, rosnando.

— Você é um pequeno gênio, sabe disso, Wade? Você foi um gênio no julgamento. E é um gênio agora. Você já nasceu um gênio. Tenho certeza de que sua mãe era um gênio e tenho certeza de que seus filhos, todos dois, também são. Você não consegue deixar de ser, não consegue controlar, não é? Mas, ouça, pequeno gênio, durante a próxima hora você não vai ser gênio. Entendeu bem, Wade?

Stanley estava atordoado, grogue e com dor e não tinha certeza se conseguiria conter o vômito. Quando ele não respondeu, Cranwell agarrou-lhe o colarinho e o puxou para trás de modo que Stanley ficasse de joelhos.

— Quer dizer suas últimas palavras, advogado Wade? — O cano

da arma estava enfiado em sua orelha.

— Não faça isso — suplicou Stanley, subitamente pronto para chorar.

— Ah, por que não? — disse Cranwell, em voz baixa e furiosa. — Eu tenho família. Por favor, não faça isso.

— Eu também tenho filhos, Wade. Você conheceu os dois. Doyle está dirigindo a picape. Michael foi o que você conheceu no julgamento, o garotinho com lesão cerebral que nunca dirigirá, andará, falará, nem conseguirá fazer xixi sozinho. Por que, advogado Wade? Por causa de seu querido cliente, Dr. Trane, que ele arda no inferno.

— Lamento muito. Sinceramente, estou falando sério. Eu estava apenas fazendo meu trabalho. Por favor.

A arma foi enfiada com mais força, de modo que a cabeça de Stanley inclinou-se para a esquerda. Ele transpirava, arquejava, desesperado para dizer alguma coisa que pudesse salvá-lo.

Cranwell agarrou um punhado do cabelo ralo de Stanley e puxou-o.

— Bem, seu trabalho é nojento, Wade, porque inclui mentir, ameaçar, chantagear, esconder a verdade e não demonstrar nenhuma compaixão pelas pessoas que são prejudicadas. Odeio o seu trabalho, Wade, quase tanto quanto odeio você.

— Sinto muito. Por favor.

Cranwell tirou o cano da orelha de Stanley e apontou-o para a estrada escura. Com a arma a cerca de vinte centímetros da cabeça de Stanley, apertou o gatilho. Um canhão teria feito menos ruído em meio ao silêncio reinante.

Stanley, que nunca tinha levado um tiro, gritou de horror e dor, acreditou-se morto e caiu no asfalto, os ouvidos zunindo e o corpo sacudido por convulsões. Alguns segundos se passaram até que o eco do tiro fosse absorvido pela mata densa. Mais alguns segundos e Cranwell disse:

— Levante-se, seu verme.

Stanley, que ainda não tinha levado tiro nenhum, mas não tinha muita certeza disso, lentamente começou a se dar conta do que acontecera.

Ele se levantou, sentindo-se estonteado, trêpego, ainda ofegante e sem conseguir falar nem ouvir. Então, se deu conta de que suas calças estavam molhadas, perdera o controle da bexiga. Tocou a virilha, depois as pernas.

— Você se mijou — disse Cranwell. Stanley o ouviu, mas com dificuldade. Seus ouvidos estavam explodindo, especialmente o direito. — Coitado de você, está todo molhado de mijo. Michael se mijava cinco vezes por dia. Às vezes, temos dinheiro para comprar

fraldas, às vezes, não. Agora ande.

Cranwell o empurrou de novo, com brutalidade, enquanto apontava a arma para a frente e para baixo na estrada. Stanley tropeçou, quase caiu, mas conseguiu se segurar e cambaleou alguns passos até conseguir se concentrar, se equilibrar e se convencer de que, de fato, não tinha levado um tiro.

— Você não está pronto para morrer — disse Cranwell de trás dele.

Graças a Deus por isso, Stanley quase disse, mas se controlou a tempo, porque, com certeza, teria sido considerado como um comentário irônico, metido a besta.

Andando aos trancos pela estrada, ele jurou evitar qualquer comentário metido a besta, ou qualquer coisa sequer remotamente similar. Enfiou o dedo na orelha direita para tentar fazê-la parar de zumbir. Estava com frio na virilha e nas pernas molhadas.

Andaram por mais dez minutos, embora parecesse uma marcha de morte eterna para Stanley. Dobrando uma curva na estrada, ele viu luzes adiante, uma casinha ao longe.

Stanley acelerou ligeiramente o passo ao concluir que Cranwell não ia disparar de novo com gente por perto que pudesse ouvir.

Era uma pequena casa de dois andares, de tijolos, recuada cerca de noventa metros da estrada, com uma entrada para carros de cascalho e cercas vivas bem aparadas abaixo das janelas. Quatro veículos estavam estacionados desordenadamente na entrada e no pátio, como se os vizinhos tivessem chegado apressados para um jantar rápido. Um era a picape Ford, dirigida por Doyle, agora estacionada diante da garagem. Dois homens fumavam debaixo de uma árvore.

— Por aqui — disse Cranwell, apontando a arma e empurrando Stanley em direção à casa. Eles passaram pelos dois fumantes. — Vejam só o que eu trouxe — falou Cranwell.

Os homens sopraram nuvens de fumaça, mas não disseram nada. — Ele se mijou — acrescentou, e eles acharam que aquilo era engraçado.

Atravessaram o pátio na frente da casa, passando pela porta, pela garagem e dando a volta pela lateral da casa, até chegarem aos fundos e se aproximarem de um anexo, uma ampliação barata feita de compensado de madeira não pintado, que mais parecia um câncer. Era ligado à casa, mas não podia ser visto da estrada. Tinha janelas desniveladas, canos à vista, uma porta fina e a aparência feiosa de um aposento que fora acrescentado da maneira mais barata e mais rápida possível.

Cranwell enfiou a mão no pescoço machucado de Stanley e o empurrou para a porta.

— Entre aí — disse, a arma, como sempre, indicando a direção. A única maneira de entrar era por uma pequena rampa para cadeira de rodas, tão malfeita quanto o resto do aposento. A porta foi aberta por dentro. Havia gente esperando.



Oito anos antes, durante o julgamento, Michael tinha três anos de idade. Ele fora mostrado ao júri apenas uma vez. Durante a apresentação emocionada das razões finais de seu advogado, o juiz havia permitido que Michael fosse trazido para a sala de audiências, em sua cadeira especial, para ser visto rapidamente. Ele usava pijamas, um grande babador e estava sem sapatos e sem meias. Sua boca estava aberta, os olhos fechados e o corpo minúsculo e deformado queria se enroscar sobre si mesmo. Ele sofrera grave lesão cerebral, era cego e sua expectativa de vida era de apenas alguns anos. Fora uma visão de dar pena, embora o júri por fim não tivesse mostrado misericórdia.

Stanley havia enfrentado o momento difícil, ao lado de todos os presentes na sala de audiências. Mas, quando Michael fora levado embora em sua cadeira, dedicara-se de novo ao trabalho. Estava convencido de que nunca mais voltaria a ver aquela criança.

Estava enganado. Olhava agora para uma versão ligeiramente maior de Michael, embora ainda mais triste. Ele usava pijamas, um grande babador e estava sem sapatos e sem meias. A boca estava aberta, os olhos ainda fechados. O rosto havia crescido para cima numa testa alta e inclinada, parcialmente coberta por espessos cabelos negros desgrehados. Um tubo se estendia de sua narina esquerda para algum lugar que não se via. Os braços se dobravam nos pulsos e se curvavam para dentro. Os joelhos se encolhiam para o peito. A barriga era grande e, por um instante, fez Stanley se lembrar daquelas fotos tristes de crianças famintas na África.

Michael estava ajeitado em sua cama, como um velho refugio esquecido de algum hospital, apoiado e sustentado por travesseiros que eram presos com uma tira folgada de velcro que lhe atravessava o peito. Ao pé da cama, estava sua mãe, uma pobre alma sofrida, cujo nome Stanley não conseguia se lembrar. Ele a fizera chorar no banco das testemunhas.

Do outro lado da cama, havia um pequeno banheiro com a porta aberta. Ao lado da porta, havia um armário de escritório com gavetas, com arranhões e mossas suficientes para provar que tinha

passado por uma dúzia de feiras de móveis usados. A parede junto da cama de Michael não tinha janelas, mas as duas paredes ao longo das laterais tinham três janelas estreitas cada uma. O quarto tinha no máximo quatro metros de comprimento e cerca de três metros e meio de largura. O assoalho era revestido de linóleo amarelo barato.

— Sente-se aqui, advogado Wade — Jim empurrou seu prisioneiro para uma cadeira dobrável no centro do quartinho. A pistola não estava mais à vista. Os dois homens que haviam estado fumando lá fora entraram e fecharam a porta. Deram alguns passos e foram se juntar aos outros homens postados junto da Sra. Cranwell, a apenas alguns centímetros de Wade. Cinco homens, todos grandes, de cara amarrada e aparentemente prontos para partir para a violência. E lá estava Doyle, em algum lugar atrás de Stanley. E a Sra. Cranwell, Michael e o advogado Wade. O palco estava montado.

Jim andou até a cama, beijou Michael na testa, então virou-se. — O senhor o reconhece, advogado Wade? — perguntou.

Stanley só conseguiu fazer que sim com a cabeça.

— Ele agora tem onze anos — disse Jim, tocando o braço do filho. — Continua cego e sofre de lesão cerebral. Não sabemos o quanto ele ouve e compreende, mas não é muito. Ele sorri uma vez por semana, quando ouve a voz de sua mãe, e, às vezes, sorri quando Doyle lhe faz cócegas. Mas não obtemos muito em termos de resposta. Está surpreso de vê-lo vivo, advogado Wade?

Stanley olhava fixamente para algumas caixas de papelão enfiadas debaixo da cama de Michael, para evitar olhar para a criança. Ouvia com a cabeça virada para a direita porque o ouvido direito não funcionava, até onde podia dizer. Seus ouvidos ainda estavam traumatizados pelo tiro, e, se tivesse sido confrontado por problemas menores, poderia ter passado algum tempo se preocupando com a perda da audição.

— Estou — respondeu, com franqueza.

— Imaginei que sim. — A voz estridente de Jim havia baixado uma ou duas oitavas. Ele agora não estava mais agitado. Estava em casa, diante de um grupo de amigos. — Porque, no tribunal, o senhor disse que Michael não chegaria aos oito anos de idade. Dez seria impossível, de acordo com aqueles falsos especialistas que o senhor levou para o tribunal. Seu objetivo evidentemente era reduzir o tempo provável de vida de Michael e diminuir a indenização, certo? O senhor se lembra disso, advogado Wade?

— Sim.

Jim agora andava, de um lado para o outro, ao lado da cama de Michael, falando com Stanley, lançando olhares para os homens

reunidos junto à parede.

— Michael agora está com onze anos, de modo que o senhor estava errado, não estava, advogado Wade?

Discutir só faria tornar as coisas piores, e por que discutir a verdade?

— Estava.

— Mentira número um — anunciou Jim, levantando o dedo indicador. Então se aproximou da cama e tocou de novo o filho. — Agora, a maior parte da alimentação dele é feita através de um tubo. Uma fórmula especial, custa oitocentos dólares por mês. Becky consegue fazer com que ele coma alguns alimentos sólidos de vez em quando. Coisas como pudim, sorvete, mas não muita coisa. Ele toma uma variedade de medicamentos para impedir convulsões, infecções e coisas semelhantes. Os remédios dele custam cerca de mil dólares por mês. Quatro vezes por ano, temos que levá-lo a Memphis para consultas com especialistas, não tenho bem certeza do por que, pois não há nada que eles possam fazer, mas, de todo modo, lá vamos nós, porque eles nos dizem para ir. Mil e quinhentos dólares por viagem. Ele gasta uma caixa de fraldas a cada dois dias, seis dólares a caixa, cem dólares por mês, não é muito, mas, quando nem sempre se tem o dinheiro para pagar, então são um bocado caras. Mais uma coisa e outra aqui e ali, e nós calculamos que gastamos trinta mil dólares por ano para cuidar de Michael.

Jim estava novamente andando para lá e para cá, apresentando seu caso e se saindo muito bem. O júri, escolhido a dedo, o apoiava. Os valores que ele apresentava pareciam mais assustadores ali, tão longe do tribunal.

— Pelo que me lembro, seu perito desdenhou nossos cálculos, disse que, para cuidar de Michael, seriam necessários menos de dez mil dólares por ano. Lembra-se disso, advogado Wade?

— Creio que sim.

— Podemos concordar que o senhor estava errado? Eu tenho os recibos.

— Estão bem ali — disse Becky, apontando para o armário com gavetas. Suas primeiras palavras.

— Não. Sua palavra basta.

Jim levantou dois dedos espetados no ar. — Mentira número dois. Agora, o mesmo perito afirmou em seu testemunho que não seria necessária uma enfermeira em tempo integral. Fez com que parecesse que o pequeno Michael ficaria deitado num sofá, como um zumbi por uns dois anos e então morreria e tudo ficaria bem. Ele discordou da possibilidade de que Michael fosse precisar de cuidados constantes. Becky, você quer falar sobre os cuidados

constantes?

Os cabelos compridos de Becky, completamente grisalhos, haviam sido puxados para trás num rabo de cavalo. Seus olhos eram tristes e fatigados. Ela não fizera nenhum esforço para esconder as olheiras escuras. Ela se levantou e deu um passo em direção a uma porta ao lado da cama. Abriu e puxou um leito dobrável.

— Aqui é onde durmo, quase toda noite. Não posso deixá-lo sozinho por causa das convulsões. Às vezes, Doyle dorme aqui, às vezes Jim, mas alguém tem que estar aqui durante a noite. As convulsões sempre vêm à noite. Não sei por quê. — Ela empurrou a cama e fechou a porta. — Eu lhe dou de comer quatro vezes por dia, trinta gramas de cada vez. Ele urina, pelo menos, cinco vezes por dia e o intestino funciona, pelo menos, duas vezes. Não se pode prever quando. Acontece em horas diferentes. Ele agora tem onze anos e não há hora certa. Dou banho nele duas vezes por dia. E leio para ele, conto histórias. Raramente saio deste quarto, Sr. Wade. E, quando não estou aqui, sinto-me culpada porque deveria estar. A palavra “constante” não basta para descrever.

Ela tornou a se sentar na velha poltrona ao pé da cama de Michael e olhou fixamente para o piso.

Jim retomou a narrativa. — Agora, como o senhor deve se lembrar, um de nossos peritos no julgamento disse que precisaríamos dos serviços de uma enfermeira em tempo integral. O senhor disse ao júri que aquilo era um monte de mentiras.

“Conversa fiada”, creio que foi o que disse. Apenas mais um esforço de nossa parte para passar a mão em algum dinheiro. Fez com que parecêssemos um bando de canalhas gananciosos. O senhor se lembra disso, advogado Wade?

Stanley assentiu. Não conseguia se lembrar das palavras exatas, mas com certeza parecia algo que ele seria capaz de dizer no calor da hora, em um julgamento.

Três dedos se ergueram. — Mentira número três. — Cranwell anunciou para seu júri, quatro homens de maneira geral com o mesmo tipo físico, cor de cabelo, rostos de feições duras e macacões batidos, como Jim. Claramente tinham todos algum parentesco.

Jim prosseguiu. — Ganhei quarenta mil dólares no ano passado, advogado Wade, e paguei impostos sobre o total. Não tenho as deduções a que vocês, gente esperta, têm direito. Antes que Michael nascesse, Becky trabalhava como professora assistente na escola de Karraway, mas agora não pode trabalhar, por motivos óbvios. Não me pergunte como conseguimos viver, porque não sei dizer. — Ele acenou para os quatro homens. — Recebemos um bocado de ajuda de amigos e das igrejas locais. Não recebemos nada do estado do Mississippi. Não faz muito sentido, não é? O Dr. Trane se foi sem

pagar um tostão. A companhia de seguro dele, um bando de ladrões do norte, também não pagou um tostão. Os ricos causam os danos e depois saem impunes. O senhor gostaria de explicar isso, advogado Wade?

Stanley apenas sacudiu a cabeça. Não havia nada a ganhar tentando argumentar. Ele estava ouvindo, mas também estava saltando adiante para o ponto no futuro próximo em que seria de novo obrigado a implorar por sua vida.

— Vamos falar sobre outra mentira — Cranwell estava dizendo. — Nosso perito disse que provavelmente poderíamos contratar uma enfermeira em tempo parcial por trinta mil dólares por ano, e essa é uma estimativa baixa. Trinta para a enfermeira, trinta para as outras despesas, um total de sessenta por ano, por vinte anos. A conta era fácil, um milhão e duzentos mil. Mas isso assustou nosso advogado porque nenhum júri em nosso condado jamais concedeu uma indenização de um milhão de dólares. O veredicto mais alto, naquela época, há oito anos, foi de algo em torno de duzentos mil, e isso foi reduzido na apelação, de acordo com nosso advogado. Imbecis como você, Sr. Wade, as companhias de seguros para quem vocês se vendem e os políticos que elas compram com as fortunas que têm asseguram que gente gananciosa como nós e os advogados gananciosos que contratamos sejam mantidos em seu devido lugar. Nosso advogado nos disse que pedir um milhão de dólares era perigoso porque ninguém no condado de Ford tem um milhão de dólares, então, por que nos dariam um milhão? Conversamos a respeito durante horas antes do julgamento e finalmente concordamos que devíamos pedir menos que um milhão. Novecentos mil, o senhor se lembra, advogado Wade?

Stanley assentiu. De fato, se lembrava. Cranwell aproximou-se um passo e apontou para Stanley: — E você, seu filho da mãe, disse ao júri que nós não tínhamos coragem de pedir um milhão de dólares, mas que, na verdade, queríamos um milhão de dólares porque estávamos tentando ganhar dinheiro à custa de nosso filho. Qual foi a palavra que usou, Sr. Wade? Não foi “ganância”. O senhor não nos chamou de gananciosos. Qual foi mesmo, Becky?

— Oportunistas — respondeu ela. — Isso mesmo. Apontou para nós, sentados ao lado de nosso advogado, a três metros de você e dos jurados, e nos chamou de oportunistas. Nunca tive tanta vontade de esbofetear um homem na minha vida. — E, com isso, Cranwell avançou e acertou Stanley com uma violenta bofetada na face direita. Os óculos dele voaram em direção à porta. — Seu canalha miserável asqueroso — rosnou Cranwell.

— Pare, Jim — pediu Becky. Houve uma pausa longa e carregada, enquanto Stanley tentava se livrar do entorpecimento e

focalizar os olhos. Um dos quatro homens relutantemente lhe entregou os óculos. A súbita agressão pareceu deixar todos atordoados, inclusive Jim.

Jim caminhou mais uma vez até a cama e bateu de leve no ombro de Michael. Então, virou-se e encarou o advogado.

— Mentira número quatro, advogado Wade, e agora, neste instante, não tenho certeza de conseguir me lembrar de todas as suas mentiras. Li a transcrição do julgamento cem vezes... mais de mil e novecentas páginas no total... e, a cada vez que a leio, encontro outra mentira. Como quando disse ao júri que veredictos concedendo grandes indenizações são maus porque aumentam os custos da assistência médica e do seguro saúde. Lembra disso, advogado Wade?

Stanley deu de ombros como se não tivesse certeza. Seu pescoço e seus ombros agora estavam doloridos, e até dar de ombros doía. Seu rosto ardia, os ouvidos zumbiam, a virilha ainda estava molhada e alguma coisa lhe dizia que aquilo era apenas o primeiro round e que o primeiro round seria a parte fácil.

Jim olhou para os homens e repetiu. — Você se lembra disso, Steve?

— Lembro — Steve respondeu.

— Steve é meu irmão, tio de Michael. Ouviu cada palavra dita no julgamento, advogado Wade, e aprendeu a odiá-lo tanto quanto eu. Agora, voltemos à mentira. Se os júris derem veredictos concedendo pequenas indenizações, ou não concedendo indenizações, então teremos assistência de saúde e seguro de baixo custo, certo, advogado Wade? Este foi seu brilhante argumento. O júri acreditou. Não podemos deixar esses advogados gananciosos e seus clientes gananciosos abusarem do sistema e ficarem ricos. Não, senhor. Temos que proteger as companhias de seguro. — Jim olhou para os seus jurados. — Agora, companheiros, desde que o advogado Wade conseguiu um veredicto em que seu médico e a companhia de seguros do médico não pagaram nada, quantas vezes vocês viram os custos de assistência de saúde baixos?

Nenhum voluntário no júri. — Ah, a propósito, advogado Wade, sabia que o Dr. Trane era dono de quatro Mercedes na época do julgamento? Um para ele, outro para a esposa e mais um para cada um dos dois filhos adolescentes? Sabia disso?

— Não.

— Bem, que tipo de advogado é? Nós sabíamos. Meu advogado fez seu trabalho, ele sabia de tudo a respeito do Dr. Trane. Mas não pôde abordar o assunto no tribunal. Regras demais. Quatro Mercedes. Imagino que um médico rico mereça tantas. Cranwell seguiu até o armário, abriu a gaveta de cima e retirou uma pilha de

sete centímetros de papel, bem comprimida, encadernada numa capa azul. Stanley reconheceu imediatamente porque o piso de seu escritório vivia cheio de capas azuis.

Eram cópias de transcrição de julgamentos. Em algum momento, Cranwell havia pago ao relator alguns dólares para ter sua própria cópia de todas as palavras ditas durante o julgamento do Dr. Trane por imperícia médica.

— Lembra-se do jurado número seis, advogado Wade?

— Não.

Cranwell virou algumas páginas, muitas delas assinaladas com destaque no texto em amarelo e verde.

— Estou apenas olhando a seleção dos jurados, advogado Wade. A certo ponto, meu advogado perguntou aos candidatos a jurados se algum deles trabalhava para alguma companhia de seguros. Uma senhora disse que sim e foi dispensada. Um cavalheiro, o Sr. Rupert, não disse nada e foi escolhido para o júri. A verdade era que ele não trabalhava para uma companhia de seguros porque tinha acabado de se aposentar de uma companhia de seguros, depois de trinta anos. Mais tarde, depois do julgamento e depois do apelo, descobrimos que o Sr. Rupert tinha sido o maior defensor do Dr. Trane durante as deliberações. Ele falou muitíssimo. Criava um caso se qualquer dos outros jurados sequer mencionasse a possibilidade de conceder algum dinheiro a Michael. Isso lhe recorda alguma coisa, advogado Wade?

— Não.

— Tem certeza? — Cranwell subitamente largou a cópia da transcrição e deu um passo na direção de Stanley. — Tem certeza, advogado Wade?

— Tenho certeza.

— Como é possível? O Sr. Rupert foi funcionário da área de reclamação por danos da Southern Delta Mutual por trinta anos, trabalhou em todo o norte do Mississippi. Sua firma representava uma porção de companhias de seguros, inclusive a Southern Delta Mutual. Está nos dizendo que não conhecia o Sr. Rupert? — Mais um passo. Mais um tabefe a caminho.

— Eu não o conhecia.

Dedos erguidos no ar. — Mentira número cinco — anunciou Cranwell e acenou o total para o júri. — Ou serão seis? Já perdi a conta.

Stanley se preparou para um murro ou um tabefe, mas nenhum golpe veio em sua direção. Em vez disso, Cranwell voltou para junto do armário e retirou outras quatro pastas encadernadas da gaveta de cima.

— Quase duas mil páginas de mentiras, advogado Wade. — Ele

empilhou as pastas umas sobre as outras. Stanley respirou e exalou aliviado porque momentaneamente tinha sido poupado de violência. Olhou fixamente para o linóleo barato debaixo de seus pés e admitiu para consigo mesmo que mais uma vez tinha caído na arapuca em que, com frequência, tantas das pessoas mais educadas e das classes mais altas da região se viam quando se convenciam de que o resto da população era estúpida e ignorante. Cranwell era mais esperto que a maioria dos advogados da cidade e infinitamente mais preparado.

Armado com aquele punhado de mentiras, Cranwell estava pronto para continuar.

— E é claro, advogado Wade, ainda não tocamos nas mentiras ditas pelo Dr. Trane. Suponho que vá dizer que isso é problema dele, não seu.

— Ele depôs. Eu não — respondeu Stanley depressa demais.

Cranwell deu um arremedo de risada. — Bela tentativa. Ele era seu cliente. Chamou-o para depor, certo?

— Sim.

— E, antes que ele desse seu testemunho, muito antes disso, ajudou-o a se preparar, não foi?

— É o que os advogados devem fazer.

— Obrigado. De modo que advogados devem ajudar a preparar as mentiras. — Não era uma pergunta, e Stanley não pretendia refutar.

Cranwell virou algumas páginas e disse: — Eis aqui uma amostra das mentiras do Dr. Trane, pelo menos de acordo com nosso perito médico, um bom homem que ainda está na ativa, não perdeu sua licença, não era um alcoólatra nem um viciado em drogas e não foi posto para correr do estado. Lembra dele, advogado Wade?

— Sim.

— Dr. Parkin, um bom homem. Você o atacou como a um animal, estraçalhou-o diante do júri e, quando se sentou, estava todo cheio de si e satisfeito da vida. Lembra-se disso, Becky?

— É claro que me lembro — respondeu Becky.

— Aqui está o que o Dr. Parkin disse sobre o bom Dr. Trane. Disse que ele tinha falhado ao diagnosticar corretamente as dores do trabalho de parto quando Becky chegou ao hospital, que ele não devia tê-la mandado de volta para casa, onde ela ficou três horas antes de voltar para o hospital, enquanto o Dr. Trane ia para casa e para a cama; que ele a mandou para casa porque o monitor fetal não mostrava reação quando, na verdade, ele não tinha sabido ler o monitor. E que, depois que Becky estava de volta ao hospital e depois que o Dr. Trane finalmente chegou lá, ele administrou pitocina ao longo de várias horas, mas falhou em diagnosticar

sofrimento do feto e falhou de novo ao ler os resultados do monitor fetal, que mostravam claramente que o estado de Michael estava se deteriorando e que ele estava com problemas agudos. E que ele falhou mais uma vez em diagnosticar que a pitocina estava criando hiperestimulação e excessiva atividade uterina, que errou ao tentar o parto por vácuo extrator e que finalmente fez uma cesariana, mas somente cerca de três horas depois que ela deveria ter sido feita. Que, ao realizar a cesariana tarde demais, permitiu que ocorressem asfixia e hipoxia, que a asfixia e hipoxia poderiam ter sido evitadas com uma cesariana feita a tempo e corretamente. Alguma parte disso lhe soa familiar, advogado Wade?

— Sim, eu me lembro.

— E se lembra de ter dito ao júri, como se fosse fato, porque, como brilhante advogado que é, é sempre muito preciso com relação aos seus fatos, que nada disso era verdade, que o Dr. Trane tinha seguido os mais altos padrões de conduta profissional, blá-blá-blá?

— Isto é uma pergunta, Sr. Cranwell?

— Não, mas tente responder a esta. Disse ao júri, em seus argumentos finais, que o Dr. Trane era um dos melhores médicos que já havia conhecido, um verdadeiro astro em nossa comunidade, um líder, um homem a quem confiaria sua própria família, um grande clínico que devia ser protegido pelo povo honrado do condado de Ford? Lembra disso, advogado Wade?

— Já se passaram oito anos. Na verdade, não me lembro.

— Bem, vamos olhar na página 1.574 do livro cinco, certo? — Cranwell puxou mais uma cópia encadernada, e então virou as páginas. — Quer ler suas brilhantes palavras, advogado Wade? Estão bem aqui. Eu as leio o tempo todo. Vamos dar uma olhada e deixar que as mentiras falem por si. — Ele estendeu a cópia diante do rosto de Stanley, mas o advogado sacudiu a cabeça e desviou o olhar.

Pode ter sido por causa do barulho, da tensão sufocante no quarto ou apenas pelos circuitos defeituosos em seu cérebro, mas Michael subitamente despertou. A convulsão o sacudiu da cabeça aos pés e, no instante seguinte, ele estremecia rápida e violentamente. Becky saltou para seu lado sem dizer uma palavra, mas com um sentido de propósito que vinha da experiência. Jim se esqueceu do advogado Wade e foi para junto da cama que se sacudia e estalava suas juntas metálicas necessitadas de lubrificação. Doyle se materializou vindo do fundo do quarto e os três Cranwell cuidaram de Michael e de sua convulsão. Becky sussurrou palavras de consolo e delicadamente segurou-lhe os pulsos. Jim manteve uma cunha de borracha macia enfiada em sua

boca. Doyle passou uma toalha úmida na testa do irmão, enquanto dizia repetidas vezes.

— Está tudo bem, mano, tudo bem.

Stanley observou por tanto tempo quanto suportou, então se inclinou para a frente, apoiado nos cotovelos, enterrou o rosto nas mãos e ficou olhando para os pés. Os quatro homens à sua esquerda se mantiveram parados como sentinelas impassíveis, e ocorreu a Stanley que eles já tinham visto as convulsões antes.

O quarto estava ficando cada vez mais quente e seu pescoço transpirava de novo. Não pela primeira vez, ele pensou na esposa. Agora, já fazia bem mais de duas horas desde que tinha sido sequestrado, e ficou querendo saber o que ela estaria fazendo. Podia estar dormindo no sofá, onde tinha passado os últimos quatro dias, lutando contra a gripe com repouso, líquido e mais remédios do que seria normal. Havia uma grande probabilidade de que estivesse adormecida, incapaz de se dar conta de que ele estava muito atrasado para trazer o jantar, se é que se podia chamar uma pizza de jantar. Se estivesse consciente, ela provavelmente teria ligado para seu celular, mas ele deixara o maldito aparelho na mala dentro do carro e, além disso, tentava ignorá-lo quando não estava no trabalho. Como todos os dias passava horas ao telefone, detestava ser incomodado depois que saía do escritório. Havia uma possibilidade remota de que ela, de fato, estivesse um pouco preocupada. Duas vezes por mês, ele ia tomar um drinque à noite com amigos no clube e isso nunca incomodara sua esposa. Depois que seus filhos tinham saído de casa e ido para a universidade, Stanley e a esposa rapidamente tinham perdido o hábito de ser controlados pelo relógio. Chegar uma hora depois (nunca antes) não era nenhum problema entre eles.

De modo que Stanley concluiu, enquanto a cama chacoalhava e os Cranwells cuidavam de Michael, que as chances de um grupo de busca estar vasculhando as estradas secundárias a sua procura eram escassas. Será que o sequestro no estacionamento da Rite Price poderia ter sido visto por alguém, que então havia chamado a polícia, que agora fora alertada? Era possível, admitiu Stanley, mas nem mil policiais com cães farejadores poderiam encontrá-lo naquele momento.

Pensou em seu testamento. Estava atualizado, graças a um de seus sócios. Pensou em seus dois filhos, mas não conseguiu se demorar naquele pensamento. Pensou no fim e esperou que fosse rápido e sem sofrimento. Lutou contra a vontade de discutir consigo mesmo sobre se aquilo era ou não um sonho, porque sabia que seria um desperdício de energia.

A cama se imobilizou. Jim e Doyle recuavam enquanto Becky se

debruçava sobre o menino, cantarolando baixinho e limpando-lhe a boca.

— Levante a cabeça! — berrou Jim, subitamente. — Sente-se direito e olhe para ele!

Stanley obedeceu à ordem. Jim abriu a gaveta do armário e remexeu em outra pilha de papéis. Becky silenciosamente tornou a se sentar em sua cadeira, uma das mãos ainda sobre o pé de Michael.

Jim tirou outro documento, virou páginas enquanto todos esperavam.

— Há uma última pergunta, advogado Wade. Tenho nas mãos a petição que endereçou à Suprema Corte do Mississippi, uma petição em que lutava ferrenhamente para manter o veredicto do júri a favor do Dr. Trane. Revendo as coisas, não sei com que o senhor estava preocupado. De acordo com nosso advogado, em noventa por cento dos casos, a Suprema Corte dá ganho de causa aos médicos. Este foi o principal motivo por que você não nos ofereceu um acordo justo antes do julgamento, certo? Não estava preocupado em perder uma causa, porque um julgamento em favor de Michael teria sido derrubado pela Suprema Corte. No final, a companhia seguradora de Trane ganharia. Michael tinha direito a um acordo e uma indenização justa, mas você sabia que o sistema não permitiria que perdesse. De qualquer maneira, na penúltima página de sua petição, aqui está o que você escreveu. Estas são suas palavras, e cito: “O julgamento foi conduzido com justiça, e sem concessões de ambas as partes, o júri esteve alerta, curioso e plenamente informado. O veredicto é pura justiça, uma decisão de que nosso sistema deve se orgulhar.”

Com isso, Cranwell atirou a pasta mais ou menos na direção do armário. — E adivinhe o que aconteceu? — perguntou. — Nossa boa e velha suprema corte concordou. Nada para o pobre Michael. Nenhuma compensação. Nenhuma punição para o Dr. Trane. Nada.

Ele andou até a cama, acariciou Michael por um momento e olhou furioso para Stanley.

— Uma última pergunta, advogado Wade. E é melhor pensar bem antes de responder, porque sua resposta pode ser muito importante. Olhe para este pobre garotinho, esta criança doente cujas lesões cerebrais poderiam ter sido evitadas, e diga-nos, advogado Wade, isso é justiça, ou é apenas mais uma vitória no tribunal? As duas não têm nada em comum.

Todos os olhos estavam cravados em Stanley. Ele estava arriado na cadeira desconfortável, os ombros curvados, sua péssima postura ainda mais evidente, as calças ainda molhadas, os bicos dos sapatos tocando um no outro, com lama ao redor das solas. Seu olhar

impassível, voltado para a frente, estava cravado nas mechas de cabelo negro suado e desgrenhado na testa horrenda de Michael Cranwell. Arrogância, teimosia, negação — tudo lhe valeria um tiro, não que tivesse ilusões de que veria o sol da manhã. Jim estava certo. A companhia de seguro de Trane estivera disposta a oferecer um acordo generoso antes do julgamento, mas Stanley Wade se recusara a considerar a possibilidade. Ele raramente perdia um julgamento com júri no condado de Ford. Sua reputação era de ser um litigante duro, não um advogado que capitula e faz acordos. Além disso, sua vanglória estava inflada por saber que contaria com uma suprema corte favorável.

— Não temos a noite inteira — disse Cranwell.

Ah, por que não?, pensou Stanley. *Por que eu deveria me apressar para minha execução?* Mas, em vez disso, ele tirou os óculos e esfregou os olhos. Estavam úmidos, não por medo, mas pela realidade dura de ser confrontado por uma de suas vítimas. Quantas outras haveria no mundo? Por que ele tinha escolhido passar sua carreira prejudicando aquelas pessoas?

Limpou o nariz na manga da camisa, reajustou os óculos e falou. — Eu sinto muito. Estive totalmente errado.

— Vamos tentar de novo — disse Cranwell.

— Justiça, ou apenas uma vitória no tribunal?

— Não é justiça, Sr. Cranwell. Perdoe-me.

Cuidadosa e ordenadamente, Jim recolocou as cópias encadernadas e a petição em seus lugares corretos no armário e fechou as gavetas. Assentiu para os quatro homens, e eles começaram a se encaminhar devagar para a porta. A sala subitamente ficou movimentada enquanto Jim sussurrava para Becky. Doyle disse alguma coisa para o último homem a sair. A porta se abriu e fechou. Jim agarrou Wade pelo braço, botou-o de pé com um puxão e rosnou:

— Vamos.

Estava bem mais escuro do lado de fora quando eles deixaram rapidamente o quarto e deram a volta na casa. Passaram pelos quatro homens ocupados, que faziam alguma coisa perto do galpão de ferramentas. Enquanto olhava seus vultos nas sombras, Stanley ouviu claramente a palavra “pás”.

— Entre — disse Jim, enquanto o empurrava para dentro da mesma picape Ford. A pistola havia reaparecido e Jim a agitou perto do nariz de Stanley, prometendo: — Se fizer algum movimento estranho, eu a usarei. — Com estas palavras, ele bateu a porta e disse alguma coisa para os outros homens. Várias vozes sussurradas falaram enquanto a missão era organizada. A porta do motorista se abriu e Jim embarcou, agitando a pistola. Ele apontou

para Stanley. — Ponha as duas mãos sobre os joelhos. Se mexer uma delas, eu enfio isso em seu rim e aperto o gatilho. Vai abrir um buraco de bom tamanho do outro lado. Está me entendendo?

— Estou — respondeu Stanley, enquanto as unhas se cravavam em seus joelhos.

— Não mexa as mãos. Sinceramente, não quero emporcalhar minha picape, ok?

— Ok, ok.

Eles recuaram pela entrada de cascalho e, à medida que se afastavam da casa, Stanley viu outra picape sair também, seguindo-os. Evidentemente Cranwell havia falado tudo o que queria porque não disse mais nada. Eles seguiram em velocidade em meio à noite, trocando de estradas a cada oportunidade, de cascalho para asfalto, de volta para cascalho, ora para norte então para sul, leste, oeste. Embora Stanley não olhasse, sabia que a pistola estava empunhada na mão direita, enquanto a esquerda dirigia a picape. Continuou a apertar os joelhos, aterrorizado de que qualquer movimento fosse considerado um gesto em falso. De todo modo, seu rim esquerdo doía. Tinha certeza de que a porta estava trancada e que qualquer esforço desajeitado para abri-la não funcionaria. Além disso, Stanley estava duro de medo.

Suríram faróis no espelho retrovisor direito, luzes baixas da outra picape, a que trazia seu esquadrão da morte e as pás, presumia. Desapareciam nas curvas e nas descidas de morros, mas sempre reapareciam.

— Para onde estamos indo? — perguntou Stanley finalmente.

— Você está indo para o inferno, creio.

A resposta fazia calar quaisquer outras perguntas, e Stanley ficou refletindo sobre o que dizer a seguir. Entraram numa estrada estreita de cascalho, a mais estreita até aquele momento, e Stanley disse a si mesmo: “Vai ser aqui.” Floresta densa de ambos os lados. Nem uma casa num raio de quilômetros. Uma execução rápida. Um enterro rápido.

Ninguém jamais saberia. Eles atravessaram um riacho e a estrada se alargou.

— Diga alguma coisa, homem.

— Vai fazer o que quiser, Sr. Cranwell, mas sinto realmente muitíssimo pelo caso de Michael — Stanley começou, com a certeza de que suas palavras tinham soado tão fracas e pouco convincentes quanto lhe pareciam. Ele podia estar sinceramente dominado pelo remorso e isso não significaria nada para os Cranwell. Mas não lhe restava mais nada senão palavras: — Estou disposto a ajudar com parte das despesas.

— Está me oferecendo dinheiro?

— De certo modo. Sim, por que não? Não sou rico, mas ganho bem. Poderia contribuir, talvez cobrir o custo de uma enfermeira.

— Então, me deixe entender isso direito. Eu levo você para casa, são e salvo, e amanhã passo em seu escritório e teremos uma conversa sobre sua súbita preocupação com o sustento de Michael. Talvez tomemos um café, talvez comamos uma rosquinha. Como um par de velhos amigos. Nem uma palavra sobre esta noite. Você prepara um acordo, nós assinamos, trocamos um aperto de mãos, eu vou embora, e os cheques começam a chegar.

Stanley não conseguiu nem responder à descrição absurda.

— Você é um vermezinho miserável, sabe disso, Wade? Você seria capaz de dizer qualquer mentira só para se salvar. Se eu passasse em seu escritório amanhã, você teria dez policiais me esperando com algemas. Cale a boca, Wade, está apenas tornando as coisas piores. Estou farto de suas mentiras.

Como exatamente as coisas poderiam ficar piores? Mas Stanley não disse nada. Olhou para a pistola. Estava engatilhada. Ele se perguntou quantas vítimas teriam de fato visto as armas que as matariam naqueles últimos terríveis segundos.

Subitamente a estrada mais escura em meio às matas mais cerradas fez uma crista sobre uma pequena elevação, e, à medida que a picape avançava, as árvores começaram a escassear, e havia luzes mais além. Muitas luzes, as luzes de uma cidade. O caminho acabava numa autoestrada e então virava para o sul. Stanley viu uma placa indicando a Rodovia Estadual 374, uma velha trilha sinuosa que ligava Clanton à cidadezinha menor de Karraway. Cinco minutos depois, eles estavam numa rua, então ziguezaguearam entrando na área sul da cidade. Stanley bebeu com os olhos os lugares conhecidos — uma escola à direita, uma igreja à esquerda, um pequeno shopping de propriedade de um homem que ele defendera em certa ocasião. Stanley estava de volta a Clanton, estava em casa, e sentiu-se quase exultante. Confuso, mas emocionado por estar vivo e ainda ileso.

A outra picape não os seguiu ao entrar na cidade. Um quarteirão atrás do Rite Price, Jim Cranwell entrou no estacionamento de uma pequena loja de móveis. Parou a picape bruscamente, apagou as luzes, então apontou a arma para Wade.

— Escute-me, advogado Wade. Não o culpo pelo que aconteceu com Michael, mas culpo pelo que aconteceu conosco. Você é um canalha imundo e não tem ideia do sofrimento que causou. — Um carro passou atrás deles e Cranwell baixou a arma por um momento. Então, prosseguiu: — Você pode chamar a polícia, mandar me prender, me botar na cadeia e tudo mais, embora eu não tenha certeza de quantas testemunhas vá encontrar. Você pode

me criar problemas, mas aqueles homens que viu estarão prontos. Tome uma atitude estúpida e se arrependerá dela imediatamente.

— Não vou fazer nada, prometo. Apenas deixe-me ir.

— Suas promessas não significam nada. Agora, vá embora, Wade, vá para casa e, então, volte para seu escritório amanhã. Encontre mais gente sem recursos para derrotar. Faremos uma trégua, eu e você, até Michael morrer.

— E, então, o que acontece?

Ele apenas sorriu e aproximou a arma, abanando-a. — Ande logo, trate de ir, Wade. Abra a porta, salte e nos deixe em paz.

Stanley hesitou, apenas por um breve instante, mas logo saltou e começou a andar, afastando-se da picape. Dobrou uma esquina, encontrou uma calçada escura e viu a placa do Rite Price. Teve vontade de correr, sair em disparada, mas não havia nenhum ruído às suas costas. Olhou para trás uma vez, Cranwell tinha ido embora.

Enquanto Stanley se apressava em direção a seu carro, começou a pensar sobre a história que contaria à mulher. Três horas de atraso para o jantar exigia uma história.

E seria uma mentira, isso era certo.



Quiet Haven



A CASA DE REPOUSO RESIDENCIAL Quiet Haven fica alguns quilômetros fora dos limites da cidade de Clanton, ao largo da estrada principal norte, escondido em um vale sombreado de modo que não pode ser vista por motoristas que passam. Asilos deste tipo perto de estradas deste tipo criam perigos significativos. Sei disso por experiência própria porque era funcionário da Heaven's Gate, nos arredores de Vicksburg, quando o Sr. Albert Watson escapuliu, saiu andando a esmo e foi parar numa estrada de quatro pistas, onde foi atropelado por um caminhão tanque. Ele tinha noventa e quatro anos e era um dos meus favoritos. Fui ao seu enterro. Então, se seguiram ações judiciais, mas eu não fiquei por lá. Os pacientes com frequência escapolem. Alguns tentam fugir, mas nunca são bem-sucedidos. Contudo, sinceramente não os culpo por tentar.

Minha primeira visão de relance do Quiet Haven revela um prédio típico dos anos 1960, de tijolos vermelhos e teto plano, com várias alas e, de um modo geral, a aparência de uma pequena penitenciária melhorada e disfarçada, para onde as pessoas são mandadas para passar discretamente seus últimos dias. Esses lugares outrora eram geralmente chamados de asilos de velhos, mas agora os nomes foram alterados e promovidos a casas de repouso, lar de idosos ou centros com moradias de vida assistida e outras designações incorretas. “Mamãe está no centro de moradia assistida” parece mais civilizado do que “Nós a internamos em um asilo de velhos”. Mamãe está no mesmo lugar; só que agora o nome do lugar soa melhor para todo mundo, menos para mamãe.

Qualquer que seja o nome pelo qual sejam chamados, todos são lugares deprimentes. Mas são minha área de trabalho, minha missão, e toda vez que vejo um novo, fico entusiasmado com os desafios.

Estaciono meu velho e maltratado fusquinha no estacionamento pequeno e vazio defronte. Ajusto meus óculos de armação preta estilo nerd dos anos 1950 e o nó de minha gravata, sem paletó, e salto do carro. Na entrada principal, na varanda coberta de chapa

metálica, estão cerca de meia dúzia de meus novos amigos sentados em grandes cadeiras de balanço de vime, olhando para o vazio. Sorrio, cumprimento com a cabeça e digo alô, mas apenas uns dois conseguem responder. Ao entrar, sempre sou golpeado pelo mesmo cheiro forte, pútrido e antisséptico que paira pelos corredores e paredes de cada um desses lugares. Eu me apresento à recepcionista, uma mulher jovem e robusta, vestida num falso uniforme de enfermeira. Ela está atrás do balcão, examinando uma pilha de documentos, quase ocupada demais para me atender.

— Tenho uma hora marcada com a Sra. Wilma Drell — digo humildemente.

Ela me olha dos pés à cabeça, não gosta do que vê, e se recusa a sorrir.

— Seu nome?

O nome dela é Trudy, de acordo com o crachá de plástico vagabundo preso com alfinete logo acima do maciço seio esquerdo, e Trudy está precariamente próxima de se tornar o primeiro nome em minha lista de desafetos, novinha em folha.

— Gilbert Griffin — respondo educadamente. — Dez horas.

— Sente-se por favor — diz ela, indicando com a cabeça uma fileira de cadeiras de plástico no vestibulo.

— Obrigado. — Vou me sentar como um garotinho nervoso de dez anos de idade. Examino meus pés, calçados com velhos tênis brancos e meias pretas. Minhas calças são de poliéster. Meu cinto é grande demais para minha cintura. Em resumo, sou desprezível, facilmente subjugável, o mais humilde dos humildes.

Trudy retoma sua tarefa de rearrumar pilhas de papéis. O telefone toca de vez em quando e ela é bastante educada com as pessoas que ligam. Dez minutos depois de eu ter chegado, na hora certa, a Sra. Wilma Drell aparece vinda do corredor e se apresenta. Ela também usa uniforme branco completo, com meias brancas e sapatos brancos com solas grossas que são massacradas porque Wilma é ainda mais gorda do que Trudy.

Eu me levanto, aterrorizado. — Gilbert Griffin — digo.

— Wilma Drell. — Trocamos um aperto de mãos apenas por obrigação, então ela gira nos calcanhares e começa a se afastar, as meias brancas roçando e criando uma fricção que pode ser ouvida a certa distância. Eu a sigo como um cãozinho assustado e, quando vamos dobrar uma quina, lanço um olhar para Trudy, que está me olhando com completo desdém e descarte. Naquele momento, o nome dela entra no número um da minha lista. Não há nenhuma dúvida em minha mente de que Wilma será a número dois, com potencial de subir.

Nós nos enfiamos em um pequeno escritório de concreto

armado, com paredes pintadas de cinza, como as repartições públicas, escrivaninha de metal barata, cômoda vagabunda de madeira, adornada com fotos da Wal-Mart dos filhos gorduchos de Wilma e de seu marido esquelético. Ela se acomoda numa cadeira giratória de executivo atrás da escrivaninha, como se fosse a executiva daquela empresa próspera e excitante. Eu me acomodo numa cadeira bamba que é pelo menos trinta centímetros mais baixa do que a giratória. Olho para cima. Ela olha para baixo.

— Você se candidatou a um emprego — diz ela, enquanto pega o formulário que enviei na semana passada.

— Sim. — Por que outro motivo eu estaria ali?

— Como assistente. Vejo que tem experiência em casas de repouso.

— Exato, está correto. — Em meu currículo, listo três outros estabelecimentos semelhantes. Deixei todos sem controvérsia. Existem cerca de uma dúzia de outros, contudo, que eu nunca mencionaria. A checagem das referências correrá sem percalços, se houver. Geralmente há apenas um esforço tímido em fazer um par de telefonemas.

Casas de repouso não se preocupam com a possibilidade de contratar ladrões ou molestadores de crianças, nem mesmo pessoas como eu, homens com um passado complicado.

— Precisamos de um atendente para o turno da noite, das nove às sete da manhã, quatro dias por semana. Você ficará encarregado de monitorar os corredores, checar os pacientes e cuidar deles de maneira geral.

— É o que faço — respondo. E de acompanhá-los até o banheiro e de limpar o assoalho depois de eles terem feito uma sujeira, dar banho neles, trocar suas roupas, ler histórias para eles, ouvir enquanto contam a história de suas vidas, escrever cartas, comprar cartões de aniversário, lidar com a família deles, arbitrar as disputas, arrumar e limpar as comadres. Conheço a rotina.

— Gosta de trabalhar com pessoas? — prossegue ela, a mesma pergunta idiota que sempre fazem. Como se todas as pessoas fossem iguais. Os pacientes geralmente são adoráveis. São os outros empregados que acabam por entrar na minha lista.

— Ah, sim — respondo.

— A sua idade é...

— Trinta e quatro anos — digo. Não sabe fazer contas? Minha data de nascimento é a pergunta número três do formulário. O que ela realmente quer dizer é: “Por que um homem de trinta e quatro anos escolhe seguir uma carreira tão humilhante?” Mas eles nunca têm coragem de perguntar.

— Pagamos seis dólares por hora.

Isso era o que estava no anúncio. Ela oferece como se fosse um prêmio. O salário-mínimo atualmente é de 5 dólares e 15 centavos.

A companhia proprietária da Quiet Haven se esconde atrás do nome desprovido de significado Grupo HVQH, uma firma notoriamente mal-afamada da Flórida. O HVQH é dono de cerca de trinta casas de repouso em uma dúzia de estados e tem um longo histórico de abusos e maus-tratos de pacientes, processos judiciais, péssimos cuidados, discriminação contra empregados e problemas com impostos. Apesar dessas adversidades, a companhia conseguiu ganhar uma fortuna.

— Está ótimo.

E, na verdade, não é tão mau. A maioria das corporações que opera redes começa pagando salário-mínimo aos atendentes. Mas não estou aqui pelo dinheiro, pelo menos não o salário modesto oferecido pela HVQH.

Ela ainda está lendo o formulário. — Completou o secundário. Não fez faculdade?

— Não tive oportunidade.

— Que pena — diz ela, estalando os dentes e sacudindo a cabeça com solidariedade. — Eu me formei em uma faculdade comunitária — diz, toda convencida, e, com isso, a Sra. Wilma Drell entra na lista no número dois. Ela vai subir.

Concluí meu curso de graduação na faculdade em três anos, mas uma vez que eles esperam que se seja um imbecil, nunca lhes direi. Tornaria as coisas complicadas demais. O curso de pós-graduação foi concluído em dois anos.

— Não tem antecedentes criminais — diz ela, com falsa admiração.

— Nem uma multa por excesso de velocidade — retruco.

Se ela soubesse... É verdade que nunca fui condenado, mas muitas vezes escapei por um triz.

— Nem respondeu a processos, nem teve declarações de insolvência civil — prossegue ela. Está tudo lá, preto no branco.

— Nunca fui processado — digo, esclarecendo um pouco a linguagem. Estive envolvido numa porção de ações judiciais, mas em nenhuma em que fosse citado como parte.

— Há quanto tempo mora em Clanton? — ela pergunta, num esforço para estender a entrevista e fazer com que dure mais de sete minutos. Ambos sabemos que eu vou ficar com o emprego porque o anúncio vem sendo publicado há dois meses.

— Duas semanas. Vim para cá de Tupelo.

— E o que o traz a Clanton? — A gente tem que amar o sul. As pessoas raramente hesitam em fazer perguntas pessoais. Ela, na verdade, não quer a resposta, mas está curiosa em saber por que

alguém como eu se mudaria para uma nova cidade para procurar um emprego que paga seis dólares por hora.

— Um caso amoroso que não deu certo — respondo, mentindo.
— Eu precisava de uma mudança de cenário. — A história do caso amoroso sempre funciona.

— Sinto muito — diz ela, mas não sente, é claro. Ela larga meu formulário sobre a mesa. — Quando o senhor pode começar a trabalhar, Sr. Griffin?

— Pode me chamar de Gill — falo. — Quando quer que eu comece?

— Que tal amanhã?

— Ótimo.

Em geral, eles precisam de mim imediatamente, de modo que a pressa para que eu comece logo nunca é surpresa. Passo os trinta minutos seguintes preenchendo a papelada com Trudy. Ela trata do trabalho de rotina com um ar de importância, tendo o cuidado de transmitir o fato de que sua posição é muito superior à minha. Enquanto me afasto em meu carro, olho para as janelas desoladas da Quiet Haven e me pergunto — como sempre — por quanto tempo vou trabalhar lá. Minha média é de cerca de quatro meses.



Minha residência temporária em Clanton é um apartamento de dois aposentos no que era antigamente uma casa de cômodos, mas agora é um prédio de apartamentos, a um quarteirão da praça da cidade. O anúncio o descrevia como mobiliado, mas, durante minha primeira visita, vi apenas um catre do exército no quarto de dormir, um sofá, de vinil na saleta e um conjunto de mesa e cadeira perto do sofá, com o tampo da mesa mais ou menos do tamanho de uma pizza grande. Também tem um minúsculo fogão que, não funciona e uma velhíssima geladeira que mal funciona. Por esses confortos, prometi que pagaria à proprietária, a Srta. Ruby, a soma de vinte dólares por semana, em dinheiro.

Tudo bem. Já vi piores, mas não muito. — Festas são proibidas — disse a Srta. Ruby com um sorriso, enquanto trocávamos um aperto de mãos para fechar o negócio.

Ela já viu muitas festas na vida. Sua idade fica em algum lugar entre cinquenta e oitenta anos. O rosto está destruído, menos pela idade do que pela vida desregrada e um consumo espantoso de cigarros, mas ela reage com camadas de base, blush, rouge, rímel,

delineador, batom e um banho diário de perfume que, quando misturado à fumaça de tabaco, me lembra o odor de urina velha e seca que não é incomum em casas de repouso.

Isso sem mencionar o bourbon. Apenas segundos depois do aperto de mãos, a Srta. Ruby perguntou: — Que tal molhar a garganta? Estávamos na sala de seu apartamento, no primeiro andar, e, antes que eu conseguisse responder, ela já estava a caminho do armário de bebidas. Serviu alguns centímetros de Jim Beam em dois copos baixos e habilmente acrescentou soda. Tocamos os copos num brinde.

— Um *highball* no café da manhã é a melhor maneira de começar o dia — disse ela, tomando um gole. Eram nove horas da manhã.

Ela acendeu um Marlboro enquanto seguíamos para a varanda. A Srta. Ruby mora sozinha, e logo se tornou evidente para mim que era uma mulher muito solitária. Ela só queria alguém com quem conversar. Raramente bebo álcool, nunca bourbon, e, depois de alguns goles, minha língua ficou dormente. Se o uísque lhe causou algum impacto, isso não ficou visível enquanto ela falava e falava sem parar sobre pessoas em Clanton que eu nunca conheceria. Depois de alguns minutos, ela chocalhou o gelo e disse:

— Que tal mais um Jimmy?

Pedi desculpas, recusei e me retirei pouco depois.



A sessão de orientação é conduzida pela enfermeira Nancy, uma senhora agradável que trabalha aqui há trinta anos. Levando-me a reboque, seguimos de porta em porta pela Ala Norte, parando em cada quarto e dizendo alô aos residentes. A maioria dos quartos tem dois. Já vi todos aqueles rostos antes: os dos animados, que se alegram por conhecer alguém novo; os dos tristes, que pouco se importam; os dos amargos, que estão apenas vivendo mais um dia solitário; os de expressão vazia, que já se retiraram deste mundo. Os mesmos rostos estão na Ala Sul. A Ala dos Fundos é um pouco diferente. Uma porta de metal a mantém isolada e a enfermeira Nancy digita um código de quatro dígitos na parede para permitir nossa entrada.

— Estes são os mais difíceis — disse ela baixinho. — Alguns casos de Alzheimer, alguns dementes. Realmente triste.

Há dez quartos, com um paciente em cada. Sou apresentado a

todos os dez sem incidentes. Sigo-a até a cozinha, a minúscula farmácia, a cafeteria, onde eles comem e socializam. Tudo levado em conta, a Quiet Haven é uma casa de repouso típica, bastante limpa e eficiente. Os pacientes parecem tão satisfeitos quanto se poderia esperar.

Mais tarde, verificarei o rol das causas no tribunal para ver se já foi processada por abuso ou negligência. Checarei com a agência em Jackson para ver se já houve queixas registradas, citações emitidas. Tenho que checar muita coisa, fazer minha pesquisa habitual.

De volta ao balcão da recepção, a enfermeira Nancy está me explicando a rotina das visitas, quando sou assustado pelo som de alguma variedade de buzina.

— Cuidado — diz ela e dá um passo, aproximando-se mais do balcão. Da Ala Norte, uma cadeira de rodas se aproxima a uma velocidade impressionante. Nela, um velho, ainda de pijamas, acena com uma das mãos para que saíamos do caminho e, com a outra, aperta a borracha da buzina de bicicleta que foi montada acima da roda direita.

Ele é empurrado por um homem enlouquecido que não parece ter mais de sessenta anos, com uma barriga enorme se projetando debaixo da camiseta, meias sujas e sem sapatos.

— Silêncio, Walter! — ralha a enfermeira Nancy enquanto eles passam voando por nós. Eles seguem a toda para a Ala Sul e eu observo enquanto os outros pacientes correm para seus quartos em busca de segurança.

— Walter adora sua cadeira de rodas — diz ela.

— Quem é o que empurra?

— Donny Ray. Eles devem fazer uns dezesseis quilômetros por dia correndo pelos corredores. Na semana passada, atropelaram Pearl Dunavant e quase lhe quebraram a perna. Walter disse que esqueceu de tocar a buzina. Ainda estamos conversando com a família dela. Está uma confusão, mas Pearl está adorando a atenção.

Escuto a buzina de novo e então observo enquanto eles fazem meia-volta no final da Ala Sul e viram de volta em nossa direção. Eles passam rugindo. Walter tem oitenta e cinco anos mais ou menos (com a minha experiência, geralmente acerto a idade com uma margem de erro de três anos — é claro, sem considerar a Srta. Ruby) e realmente está se divertindo demais. Sua cabeça está baixa, os olhos apertados, como se estivessem indo a cento e sessenta quilômetros por hora. Donny Ray está igualmente delirante, os olhos incendiados, o suor pingando das sobrancelhas e se acumulando nas axilas. Nenhum dos dois nos dá atenção quando passam.

— Vocês não conseguem controlá-los? — pergunto.

— Já tentamos, mas o neto de Walter é advogado e criou um caso. Ameaçou nos processar. Donny Ray o derrubou uma vez, não houve nenhum ferimento de verdade, mas achamos que talvez tenha tido uma ligeira concussão. Não contamos nada à família. Se houve mais dano cerebral, não foi perceptível.

Terminamos a orientação precisamente às cinco horas, hora em que a enfermeira Nancy vai embora. Meu turno começa dentro de quatro horas e não tenho para onde ir.

Meu apartamento me está proibido porque a Srta. Ruby já caiu no hábito de ficar de olho, esperando por mim, e, quando sou apanhado, ela espera que eu tome um golinho de Jimmy na varanda. Independentemente da hora do dia, ela está sempre pronta para um drinque. Mas realmente não gosto de bourbon.

De modo que fico por lá. Visto meu jaleco branco de atendente e converso com as pessoas. Digo alô para a Sra. Wilma Drell, que está muito ocupada administrando o local. Dou uma volta até a cozinha e me apresento às senhoras negras que preparam a comida medonha. A cozinha não é tão limpa quanto eu gostaria, e começo a fazer anotações mentais. Às seis da tarde, os pacientes começam a chegar para o jantar. Alguns andam sem nenhuma assistência, e estas almas orgulhosas e afortunadas fazem grandes esforços para se assegurar de que o resto dos velhos seja lembrado de que são bem mais saudáveis que eles. Chegam cedo, cumprimentam seus amigos, ajudam a organizar o espaço para os que estão de cadeira de rodas, circulam de mesa em mesa tão rapidamente quanto é possível. Alguns dos que usam bengala e andadores chegam a deixá-los junto à porta para que os colegas não os vejam. Eu me junto a eles, oferecendo assistência e aproveitando para me apresentar.

A Quiet Haven atualmente tem cinquenta e dois residentes. Conto trinta e oito presentes para jantar, então o Irmão Don se levanta para dizer a oração de graças.

Subitamente tudo fica silencioso. Ele é um pastor aposentado, me dizem, e insiste em dar graças antes de cada refeição. Tem cerca de noventa anos, mas sua voz ainda é clara e notavelmente forte. Irmão Don demora muito tempo fazendo a oração e, antes que acabe, alguns dos outros começam a bater garfos e facas. A comida é servida em bandejas de plástico resistente, do tipo que usávamos na escola primária. Esta noite, o prato é peito de galinha assado — sem ossos — com ervilhas e purê de batata instantâneo, e, é claro, gelatina. A desta noite é vermelha. A de amanhã será amarela ou verde. É assim em todas as casas de repouso. Não sei por quê. É como se passássemos a vida evitando gelatina, mas, no final, ela estivesse sempre presente, esperando. O Irmão Don finalmente se cala, senta, e o banquete começa.

Para aqueles fragilizados demais para vir à sala de jantar, e para os imprevisíveis na Ala dos Fundos, a comida é levada em bandejas num carrinho. Eu me ofereço para fazer o serviço. Um par de pacientes não deve durar muito tempo neste nosso mundo.

A diversão desta noite depois do jantar é oferecida por um grupo de lobinhos do Clube de Escoteiros, que chegam às sete em ponto e distribuem sacos de papel pardo que enfeitaram e encheram com biscoitos, bolos de chocolate e coisas assim. Então, eles se reúnem ao redor do piano e cantam *God Bless America* e um par de canções de acampamento. Garotos de oito anos não cantam voluntariamente e as canções são puxadas pelas líderes de grupo. Às sete e meia, o show acabou e os residentes estão começando a seguir de volta para seus quartos. Empurro um deles numa cadeira de rodas, depois ajudo na limpeza. As horas se arrastam. Fui destacado para trabalhar na Ala Sul — onze quartos com dois pacientes em cada, um quarto com um único ocupante.

A hora do comprimido é às nove horas, e é um dos pontos altos do dia, pelo menos para os residentes. A maioria de nós fazia troça de nossos avós pelo grande interesse que tinham por suas doenças, tratamentos, prognósticos e medicamentos, e por estarem sempre dispostos a descrever tudo para qualquer um que se dispusesse a ouvir.

Este estranho desejo de entrar em detalhes só aumenta com a idade e, com frequência, é fonte de humor e das piadas contadas pelas costas que os velhos de qualquer maneira não conseguem ouvir. É pior numa casa de repouso porque os pacientes foram afastados pela família e perderam sua plateia. Portanto, eles se aproveitam de qualquer oportunidade para falar sobre suas mazelas quando um membro do quadro de funcionários está ouvindo. E, quando um membro do quadro de funcionários chega com uma bandeja de remédios, a animação deles é palpável. Alguns fingem desconfiança, relutância e medo, mas eles também logo acabam por engolir os remédios com um copo de água. Todo mundo recebe o mesmo comprimido para dormir, um que já tomei de vez em quando e nunca me fez nenhum efeito. E todo mundo recebe algumas outras pílulas para tomar porque ninguém ficaria satisfeito com uma única dose. A maioria dos medicamentos é de verdade, mas muitos placebos são consumidos durante esse ritual noturno.

Depois dos comprimidos, o lugar fica mais silencioso à medida que eles se acomodam na cama para dormir. As luzes são apagadas às dez. Como eu esperava, tenho a Ala Sul inteira por minha conta. Há um atendente para a Ala Norte e dois na Ala dos Fundos com “os tristes”. Bem depois de meia-noite, quando todo mundo está dormindo, inclusive os outros atendentes, e quando estou sozinho,

começo a investigar a recepção, examinando registros, relatórios diários de ocorrências, arquivos, chaves, qualquer coisa que possa encontrar. A segurança nesses lugares é sempre uma piada. O sistema de computador é previsivelmente comum e vou conseguir entrar e acessar as informações em muito pouco tempo. Nunca venho para o serviço sem uma pequena câmera de bolso, uma que uso para documentar coisas como banheiros sujos, armários de remédios destrancados, roupas de cama sujas e não lavadas, relatórios diários de ocorrências adulterados, alimentos com a data de validade vencida, pacientes negligenciados e assim por diante. A lista é longa e triste, mas eu estou sempre alerta.



O tribunal de justiça do Condado de Ford fica bem no meio de um belo e bem cuidado jardim gramado no centro de Clanton. Ao redor, há fontes, velhos carvalhos, bancos de jardim, memoriais de guerra e dois gazebos. Postado junto a um deles, quase consigo ouvir o desfile do Quatro de Julho e os discursos dos comícios durante uma eleição. Um solitário soldado confederado em bronze ergue-se acima de uma estátua de granito, contemplando o norte, em busca do inimigo, segurando seu rifle e nos recordando de uma causa gloriosa e perdida.

No interior, encontro os registros de propriedade de terra no arquivo do escrivão responsável por documentos públicos, o mesmo lugar em todos os tribunais de condado do estado. Para essas ocasiões, uso um blazer azul-marinho e gravata, uma boa calça cáqui e sapatos sociais. Vestido desta maneira, posso me passar por apenas mais um advogado de fora da cidade, examinando títulos de propriedade. Eles vêm e vão. Não se exige nenhuma identificação. Eu não falo com ninguém a menos que alguém fale comigo. Os registros são abertos ao público, e o movimento quase não é monitorado pelos funcionários, desinteressados demais para dar alguma atenção a quem quer que seja. Minha primeira visita é apenas para me familiarizar com os registros, o sistema, e para saber onde está tudo. Escrituras, cessões de bens, gravames, testamentos autenticados, toda sorte de documentos públicos que precisarei examinar no futuro próximo. Os registros tributários e o cadastro de contribuintes ficam mais adiante no corredor, no escritório da receita. Os registros das ações em juízo ficam no gabinete do escrivão da comarca no primeiro andar. Depois de

umas duas horas, sei onde tudo está e não falei com ninguém. Sou apenas mais um advogado de fora da cidade, cuidando de seus negócios.



A cada nova parada, meu primeiro desafio é descobrir quem é a pessoa que esteve por lá durante anos e que esteja disposta a me contar todas as intrigas e bisbilhotices.

Esta pessoa geralmente trabalha na cozinha, com frequência é negra, com frequência é mulher e, se de fato é uma mulher negra que trabalha como cozinheira, então, sei como vou conseguir as informações. Bajulação não funciona, porque essas mulheres farejam mentiras a distância. Você não pode falar bem da comida, porque a comida é uma porcaria e elas sabem disso. Não é culpa delas. Elas recebem os ingredientes e ordens para prepará-los. De início, apenas passo na cozinha todos os dias, digo um alô, pergunto como vão e assim por diante. O fato de que um companheiro de trabalho, branco, esteja disposto a ser tão gentil e passar algum tempo no local de trabalho delas é incomum. Depois de três dias sendo gentil, Rozelle, de sessenta anos de idade, está flertando, e eu estou respondendo à altura. Contei a ela que moro sozinho, que não sei cozinhar e que preciso de mais algumas calorias por baixo da mesa. Não demora muito e Rozelle está me preparando ovos mexidos quando chega, às sete horas, e estamos tomando café da manhã juntos. Bato o ponto de saída às sete da manhã, mas em geral fico por lá mais uma hora. Em meus esforços para evitar a Srta. Ruby, também chego ao trabalho horas antes de bater o ponto de entrada e aproveito para obter o maior número de horas extras possível. Por ser o novo funcionário, sou encarregado do turno da noite — das nove às sete — de sexta a segunda-feira, mas não me importo.

Rozelle e eu concordamos que nossa chefe, a Sra. Wilma Drell, é uma lesma preguiçosa e burra, que devia ser substituída, mas que provavelmente não será porque é altamente improvável que alguém melhor aceite o emprego. Rozelle sobreviveu a tantos chefes que não se lembra mais de todos. Para ela, a enfermeira Nancy merece nota para passar. Trudy, do balcão de recepção, não. Antes que minha primeira semana esteja acabada, Rozelle e eu já avaliamos todos os outros empregados.

A diversão tem início quando começamos a falar dos pacientes.

— Você sabe, toda noite, na hora do comprimido, dou a Lyle Spurlock uma dose de salitre misturada em um cubo de açúcar. Qual é o esquema, Rozelle? — pergunto.

— Senhor, tende piedade — ela responde, com um sorriso que revela seus dentes enormes. Ela atira as mãos para o alto com falsa surpresa. Revira os olhos como se eu realmente estivesse cutucando uma casa de marimbondos.

— Você é um garoto branco curioso.

Mas vejo que toquei em um nervo e percebo que ela está louca para contar os podres.

— Não sabia que ainda se usava salitre — comento.

Ela está desembulhando lentamente um pacote de tamanho industrial de waffles congelados.

— Olhe aqui, Gill, aquele homem deu em cima de todas as mulheres que já estiveram aqui. E também comeu várias delas. Há uns anos, eles o apanharam na cama com uma enfermeira.

— O Lyle?

— Que o Senhor tenha piedade, meu filho. Aquele é um dos velhos mais safados do mundo. Não consegue deixar de botar as mãos em cima de uma mulher, por mais velha que seja. Já agarrou enfermeiras, pacientes, atendentes, senhoras da igreja que vêm cantar cantigas de Natal. Costumavam deixá-lo trancado durante as horas de visita, se não ele daria em cima das mocinhas de família. Uma vez, entrou aqui, procurando encrenca. Passei a mão num facão de carne e o ameacei. Nunca mais tive problema.

— Mas ele tem oitenta e quatro anos.

— Ele agora anda mais devagar. Diabetes. Teve que amputar um pé. Mas ainda tem as duas mãos e ele agarra qualquer mulher. Não eu, veja bem, mas as enfermeiras ficam longe dele.

A imagem do velho Lyle transando com uma enfermeira era boa demais para ignorar.

— E eles o apanharam com uma enfermeira?

— Isso mesmo. Ela não era nenhuma menina, veja bem, mas ele era trinta anos mais velho do que ela.

— Quem os apanhou?

— Você conheceu o Andy?

— Claro.

Ela olhou ao redor antes de me contar o caso que se tornara uma lenda havia anos.

— Bem, o Andy trabalhava na Ala Norte na época, agora ele está na dos Fundos. Sabe aquele depósito de materiais que fica no final da Ala Norte?

— Claro. — Eu não sabia onde ficava o depósito, mas queria o resto da história.

— Bem, costumava ter uma cama lá dentro, e Lyle e a enfermeira não foram os primeiros a usá-la.

— Conte.

— É isso mesmo. Você não acreditaria nas safadezas que já aconteceram por aqui, especialmente quando Lyle Spurlock ainda estava no auge da forma.

— Então, Andy os apanhou no depósito de materiais?

— Isso mesmo. A enfermeira foi demitida. Eles ameaçaram mandar Lyle para outro lugar, mas a família dele intercedeu e os convenceu a não mandarem. Foi uma confusão. Deus nos acuda.

— E começaram a dar salitre a ele?

— E já foi tarde. — Rozelle estava espalhando os waffles numa chapa de assar para botar no forno. Ela olhou em volta de novo, visivelmente se sentindo culpada de alguma coisa, mas ninguém nos observava. Delores, a outra cozinheira, lutava contra a máquina de fazer café e estava longe demais para nos ouvir.

— Sabe o Sr. Luke Malone, do quarto 14?

— Claro, ele está na minha ala.

— O Sr. Malone tinha oitenta e nove anos, estava confinado ao leito, virtualmente cego e surdo, e, todos os dias, passava horas olhando fixamente para um pequeno aparelho de televisão pendurado no teto.

— Bem, ele e a esposa estiveram no quarto 14 um tempo enorme. Ela morreu no ano passado, de câncer. Há cerca de uns dez anos, rolava alguma coisa entre a Sra. Malone e o velho Spurlock.

— Eles tiveram um caso?

Rozelle estava disposta a contar tudo, mas precisava de que eu a estimulasse.

— Não sei que nome você daria àquilo, mas eles estavam se divertindo um bocado. Spurlock, na época, ainda tinha os dois pés e era ligeiro. Eles traziam o Sr. Malone para cá na cadeira para jogar bingo, e Spurlock entrava de fininho no quarto 14, enfiava uma cadeira debaixo da maçaneta e se metia na cama com a Sra. Malone.

— Eles foram apanhados?

— Várias vezes, mas não pelo Sr. Malone. Ele não poderia tê-los apanhado nem se tivesse estado no quarto. E também ninguém nunca contou a ele. Pobre coitado.

— Isso é um horror.

— Isso é Spurlock.

Ela me mandou sair porque tinha que preparar o desjejum.



Duas noites depois, dei a Lyle Spurlock um placebo em vez de seu remédio para dormir. Uma hora mais tarde, volto ao quarto dele, me asseguro de que seu companheiro de quarto está dormindo e dou a ele duas revistas *Playboy*. Não existe nenhuma proibição expressa contra publicações desse tipo na Quiet Haven, mas a Sra. Wilma Drell e os poderes constituídos com certeza se encarregaram de eliminar todos os vícios. Não há álcool na instituição.

Há muitos jogos de cartas e bingo, mas não há apostas. Os poucos fumantes sobreviventes têm que sair para fumar. E a ideia de pornografia sendo consumida é virtualmente inconcebível.

— Não deixe mais ninguém ver — sussurro para Lyle, que agarra as revistas como um refugiado faminto agarra comida.

— Obrigado — diz, avidamente.

Acendo a luz ao lado de sua cama, dou-lhe uma palmadinha no ombro, falando: — Divirta-se. Mande bala, meu velho. — Lyle Spurlock agora é meu mais recente admirador.

Minha pasta de arquivo a respeito dele está ficando mais grossa. Ele está na Quiet Haven há onze anos. Depois da morte de sua terceira esposa, sua família evidentemente decidiu que não podia mais cuidar dele e o internou na “casa de repouso”, onde, de acordo com o livro de registro de visitantes, e para todos os efeitos, se esqueceram dele. Nos últimos seis meses, uma filha de Jackson apareceu duas vezes. Ela é casada com um empresário de shopping centers muito rico. O Sr. Spurlock tem um filho em Fort Worth que tem uma transportadora de frete ferroviário e nunca vê o pai. Nem escreve, nem manda cartões, de acordo com o registro de correspondência. Durante a maior parte de sua vida, o Sr. Spurlock foi dono de uma pequena empresa de instalações elétricas e acumulou poucos bens. Contudo, sua terceira esposa, uma mulher que também tinha tido dois casamentos anteriores, herdou seiscentos e quarenta acres de terras no Tennessee quando seu pai morreu aos noventa e oito anos de idade.

Seu testamento foi homologado no condado de Polk dez anos atrás e, quando o inventário de seu espólio foi concluído, o Sr. Lyle Spurlock herdou as terras. Existe uma chance bastante decente de que seus dois filhos não saibam de nada a respeito.

São necessárias horas de pesquisa tediosa nos registros de propriedade de terras do condado para encontrar essas pequenas

pepitas.

Muitas de minhas pesquisas não dão em nada, mas, quando encontro um segredo desse tipo, tornam as coisas emocionantes.



Hoje, estou de folga e a Srta. Ruby insiste em que saíamos para comer um cheeseburger. Seu carro é um Cadillac sedã 1972, com meio quarteirão de comprimento, vermelho berrante, com metragem quadrada interna suficiente para acomodar oito passageiros. Enquanto dou uma de chofer, ela fala, aponta e beberica seu Jimmy, tudo com um Marlboro aceso pendurado na janela. Passar do fusquinha para um Cadillac me dá a impressão de estar dirigindo um ônibus. O carro mal caberá na vaga do Sonic Drive-In, versão moderna de um clássico anterior e construído tendo em mente veículos muito menores. Mas consigo encaixá-lo, e pedimos cheeseburgers, fritas e Coca-Cola.

Ela insiste para que comamos lá mesmo e me contento em deixá-la contente.

Depois de várias “molhadas de garganta” no final da tarde e *highballs* de manhã cedo, fiquei sabendo que ela nunca teve filhos. Vários maridos a abandonaram no correr dos anos. Até agora ela nunca mencionou irmão, irmã, primo, sobrinha nem sobrinho. É incrivelmente solitária.

E, de acordo com Rozelle lá da cozinha, a Srta. Ruby era dona, até mais ou menos uns vinte anos atrás, do último bordel sobrevivente no condado de Ford. Rozelle ficou chocada quando contei a ela onde estava morando, como se o lugar fosse infestado por espíritos malignos.

— Não é lugar para um rapaz branco — declarou. Rozelle vai à igreja pelo menos quatro vezes por semana. — É melhor você sair de lá — advertiu. — Satã está dentro das paredes.

Não creio que seja Satã, mas, três horas depois do jantar, estou quase dormindo, quando o teto começa a estremecer. Há sons — determinados, regulares e destinados a terminar muito brevemente em satisfação. Há um som de estalos e diques muito parecido com o que uma cama barata de estrado de metal faz, arrastando-se devagar pelo piso. Então, um enorme suspiro de herói conquistador. Silêncio. O ato épico está encerrado.

Uma hora mais tarde, os estalidos metálicos recomeçam, a cama está de novo trepidando pelo piso. O herói desta vez deve ser maior

ou mais violento porque o barulho é mais alto. Ela, quem quer que seja, se mostra mais efusiva do que antes, e, por um longo e impressionante momento enquanto escuto com grande curiosidade e crescente erotismo, os dois abandonam todas as inibições e mandam ver, pouco se importando com quem possa estar ouvindo. Eles praticamente gritam quando acaba, e sinto-me tentado a aplaudir. Então, se calam e aquietam. Eu também. O sono volta. Cerca de uma hora mais tarde, nossa profissional está cuidando de seu terceiro cliente da noite. É sexta-feira, e me dou conta de que esta talvez seja a minha primeira sexta-feira no apartamento. Devido a meu acúmulo de horas extras, a Sra. Wilma Drell me mandou folgar esta noite. Não cometerei esse erro de novo. Mal posso esperar para contar a Rozelle que a Srta. Ruby não se aposentou de seu papel de cafetina, que sua velha casa de cômodos ainda é usada para outros propósitos e que Satã de fato está vivo e vai muito bem.

No final da manhã de sábado, ando até a praça, entro numa cafeteria e compro uns sanduichinhos de massa empanada com salsichas. Levo-os para a casa da Srta. Ruby.

Ela vem abrir a porta vestida em seu roupão, o cabelo eriçado, espetado em todas as direções, os olhos, inchados e vermelhos. Sentamo-nos à mesa de sua cozinha.

Ela faz mais café, um café horroroso de uma marca que ela compra pelo correio, e eu repetidamente recuso Jim Beam.

— As coisas estiveram muito barulhentas ontem à noite — comento.

— Não me diga. — Ela está mordiscando a ponta de um sanduíche.

— Quem está no apartamento em cima do meu?

— Está vazio.

— Não estava vazio ontem à noite. Tinha gente fazendo sexo e fazendo muito barulho.

— Ah, aquilo foi a Tammy. Ela é apenas uma de minhas garotas.

— Quantas garotas você tem?

— Não muitas. Eu costumava ter um bando.

— Ouvi dizer que isso aqui costumava ser um bordel.

— Ah, sim. — Ela mostra um sorriso orgulhoso. — Há uns quinze, vinte anos, eu tinha uma dúzia de garotas e nós cuidávamos de todos os mandachuvas de Clanton... políticos, o xerife, banqueiros e advogados. Eu os deixava jogar pôquer no quarto andar. Minhas garotas trabalhavam nos outros quartos. Foram bons tempos. — Ela está sorrindo para a parede, os pensamentos longe, em dias melhores.

— Com que frequência Tammy trabalha agora?

— Às sextas-feiras, às vezes aos sábados. O marido dela é motorista de caminhão, viaja nos fins de semana, e ela precisa do dinheiro.

— Quem são os clientes?

— Ela tem poucos. É cuidadosa e seletiva. Está interessado?

— Não. Só curioso. Então, posso esperar a mesma barulheira toda sexta-feira e sábado?

— É mais que provável.

— Não me disse isso quando aluguei o apartamento.

— Você não perguntou. Ora, deixe disso, Gill. Você não está realmente aborrecido. Se quiser, posso dar uma palavrinha com Tammy. Seria prático, bem pertinho. Ela poderia vir até seu quarto.

— Quanto ela cobra?

— É negociável. Vou acertar para você.

— Vou pensar no assunto.



Trinta dias mais tarde, sou chamado ao escritório da Sra. Drell para uma avaliação. Grandes companhias adotam esses procedimentos, que enchem seus vários manuais e compêndios e fazem com que se sintam como se estivessem sendo soberbamente administradas. A HVQH quer que cada novo empregado seja avaliado em intervalos de trinta, sessenta e noventa dias, depois uma vez a cada seis meses. A maioria das casas de repouso tem a mesma conversa nos manuais, mas raramente se dá ao trabalho de fazer as entrevistas.

Nós ficamos naquela velha conversa fiada a respeito de como estou me saindo, o que acho do trabalho, como estou me dando com os outros empregados. Até o momento, nenhuma reclamação. Ela me elogia por minha boa vontade para fazer horas extras. Tenho que admitir que ela não é tão má quanto imaginava inicialmente. Já me enganei antes, mas não com frequência. Ela ainda está na minha lista, mas desceu para número três.

— Os pacientes parecem gostar de você — observa.

— Eles são muito meigos.

— Por que você passa tanto tempo conversando com as cozinheiras na cozinha?

— Isso é contra as regras?

— Bem, não, é só meio estranho.

— Se incomodar, não tenho problema nenhum em parar. — Não

tenho nenhuma intenção de parar, não importa o que a Sra. Drell diga.

— Ah, não. Encontramos umas revistas *Playboy* debaixo do colchão da cama do Sr. Spurlock. Alguma ideia de onde vieram?

— Perguntou ao Sr. Spurlock?

— Perguntei, e ele se recusa a dizer.

Bom garoto, Lyle. — Não tenho ideia de onde vieram as revistas. Elas são contra o regulamento?

— Não gostamos desse tipo de imundície. Tem certeza de que não teve nada a ver com elas?

— Parece-me que se o Sr. Spurlock, que tem oitenta e quatro anos e paga pensão completa, quer ler a *Playboy*, então devia ser permitido que o fizesse. Que mal faz?

— Você não conhece o Sr. Spurlock. Nós tentamos mantê-lo calmo, sem excitações. Caso contrário, bem, ele dá muito trabalho.

— Ele tem oitenta e quatro anos.

— Como você sabe que ele está pagando pensão completa?

— Foi o que ele me disse.

Ela virou uma página como se houvesse muitas anotações em minha ficha. Depois de um momento, fechou a pasta e disse:

— Até agora tudo bem, Gill. Estamos satisfeitos com o seu desempenho. Pode ir.

Uma vez dispensado, fui direto para a cozinha e contei a Rozelle sobre os recentes acontecimentos na casa da Srta. Ruby.



Depois de seis semanas em Clanton, minha pesquisa está completa. Passei pente fino em todos os registros públicos, li e estudei centenas de exemplares do *Ford County Times*, que também ficam armazenados no prédio do tribunal. Nenhuma ação foi movida contra a Quiet Haven. Apenas duas reclamações sem importância estão registradas com a agência em Jackson, e ambas tiveram soluções administrativas.

Apenas dois residentes da Quiet Haven têm bens que valham alguma coisa. O Sr. Jesse Plankmore é dono de trezentos acres de pinheirais perto de Pidgeon Island, na região noroeste do condado de Ford. Mas o Sr. Plankmore não sabe mais disso. Ele saiu do ar anos atrás e agora deve sucumbir a qualquer momento. Além disso, sua esposa morreu há onze anos e o testamento foi homologado por um advogado local. Eu o li duas vezes. Todos os bens foram

deixados para o Sr. Plankmore e, com a morte dele, passarão para os quatro filhos. É seguro presumir que ele tenha um testamento idêntico, cujo original esteja trancado no cofre de um advogado.

O outro dono de imóveis é o meu amigo Lyle Spurlock. Com seiscentos e quarenta acres de terras não empenhadas em seu portfólio negligenciado, ele é uma das melhores perspectivas que vi em anos. Sem ele, eu daria início a minha estratégia de saída.

Outras pesquisas tiveram resultados reveladores e bons para bisbilhote, mas não tão valiosas. A Srta. Ruby, na verdade, tem sessenta e oito anos, três divórcios registrados, o mais recente há vinte e dois anos, não tem filhos, não tem ficha criminal, e seu prédio está avaliado pelo condado em 52 mil dólares. Há vinte anos, quando era um bordel em pleno funcionamento, a avaliação era o dobro disso. De acordo com uma velha história no *Ford County Times*, há dezoito anos, a polícia deu uma batida no local e prendeu duas de suas garotas e dois de seus clientes, um dos quais era membro da legislatura estadual, mas de outro condado. Outras reportagens se seguiram. O legislador havia renunciado em desgraça, depois se matara. A maioria em prol da moralidade fez um enorme estardalhaço e a Srta. Ruby perdeu seu negócio.

Seu único outro bem, pelo menos de interesse para o condado, é seu Cadillac 1972. No ano passado, a licença de emplacamento lhe custou 29 dólares.

É no Cadillac que estou pensando quando permito que ela me apanhe quando chego em casa do trabalho às oito da manhã.

— Bom-dia, Gill — diz ela, com a voz cavernosa dos pulmões carregados de alcatrão. — Que tal um Jimmy? — Ela está na varanda estreita na frente da casa, vestindo um conjunto medonho de pijama cor-de-rosa com roupão azul-lavanda, sapatos de borracha vermelhos e um vasto chapéu preto de abas largas que impediria a passagem de mais chuva que um guarda-chuva. Em outras palavras, vestindo um de seus trajes típicos.

Dou uma olhada no relógio, sorrio e digo: — Claro.

Ela desaparece dentro da casa e volta rapidamente com dois copos grandes de Jim Beam com gelo e soda. Há um Marlboro enfiado entre seus lábios vermelhos grudentos, e, enquanto ela fala, o cigarro balança rapidamente para cima e para baixo.

— Teve uma boa noite na casa de repouso, Gill?

— Normal. Teve um bom descanso por aqui?

— Passei a noite inteira acordada.

— Sinto muito. — Ela passou a noite inteira acordada porque dorme o dia inteiro, um velho hábito de sua vida anterior. Geralmente ela resiste ao uísque até cerca das dez da manhã, quando vai para a cama e dorme até o anoitecer.

Conversamos a respeito disso e daquilo, mais bisbilhotices a respeito de gente que nunca vou conhecer. Brinco com o drinque, mas tenho medo de não consumir a maior parte dele. Ela já questionou minha virilidade em várias ocasiões quando tentei escapulir sem apreciar devidamente o bourbon.

— Diga lá, Srta. Ruby, conheceu um homem chamado Lyle Spurlock? — pergunto num intervalo na conversa.

É preciso um bocado de tempo para que ela se lembre de todos os homens que conheceu, mas afinal diz que Lyle não está entre eles.

— Acho que não, querido. Por quê?

— Ele é um de meus pacientes, meu favorito, na verdade, e eu estava pensando em levá-lo ao cinema esta noite.

— Que amor de sua parte.

— Tem um programa duplo passando no drive-in.

Ela quase cospe uma golada de uísque no gramado, depois ri até perder o fôlego. Por fim, quando consegue se recuperar, diz:

— Você vai levar o velho para ver filmes pornô?

— Claro. Por que não?

— É engraçado.

Ela está achando uma graça enorme, os dentes grandes amarelados estão todos à mostra. Um gole de Jimmy, uma tragada no cigarro e ela agora está controlada.



De acordo com os arquivos do *Ford County Times*, o Daisy Drive-In exibiu sua versão ao ar livre de *Garganta profunda* em 1980, e a cidade de Clanton entrou em erupção.

Houve protestos, marchas, ordenações, ações judiciais atacando as ordenações, sermões, mais sermões e discursos de políticos. Quando a encrenca acabou e a poeira assentou, o drive-in ainda estava funcionando e ainda exibia filmes pornô sempre que queria, plenamente sustentado por uma interpretação da Primeira Emenda pela corte federal. Como forma de concessão, contudo, o dono concordou em só mostrar os filmes PARA ADULTOS nas quartas-feiras à noite, quando o pessoal da igreja estava na igreja. Nas outras noites, a programação era carregada de filmes de horror para adolescentes, mas ele prometeu passar tantos filmes dos estúdios Disney quantos conseguisse. Pouco importou. Um boicote imposto pelos cristãos estava em vigor havia tanto tempo, que o Daisy era

considerado, de maneira geral, uma influência maligna pela comunidade.

— Será que eu poderia pegar seu carro emprestado?

— Por quê?

— Bem — fiz um sinal de cabeça para meu triste fusquinha estacionado junto ao meio-fio. — É um tanto pequeno.

— Por que você não compra um carro maior?

Por pequeno que fosse, o fusquinha valia mais que o tanque dela. — Já andei pensando nisso. De qualquer maneira, poderia ficar apertado. Foi só uma ideia, não é importante. Vou compreender se não quiser emprestar.

— Deixe-me pensar no assunto. — Ela chacoalha o gelo e diz: — Acho que vou tomar mais um pouco. Você?

— Não, obrigado. — Minha língua está queimando e subitamente estou me sentindo grogue. Vou para a cama.

Ela vai para a cama. Depois de um longo sono, nos encontramos de volta na varanda ao cair da noite, e ela dá seguimento à conversa:

— Acho que vou tomar um Jimmy. Você?

— Não, obrigado. Tenho que dirigir.

Ela prepara um drinque e então saímos. Nunca, em momento nenhum, convidei-a expressamente para vir comigo e Lyle em nosso programa de rapazes, mas, depois que me dei conta de que ela não tinha intenção de permitir a saída do Cadillac sem a sua presença, falei “tudo bem”. Lyle Spurlock não vai se importar. Ela confessa, enquanto meio que flutuamos pela cidade num veículo que deve ser parecido com uma barca petroleira descendo o rio, que espera que os filmes não sejam obscenos demais. Ela diz isso com um bater de pestanas exagerado, e fico com a impressão de que a Srta. Ruby é capaz de encarar qualquer barbaridade que o Daysy Drive-In possa oferecer.

Abro uma fresta da janela para permitir que o ar fresco tenha a chance de diluir os vapores desagradáveis que emanam da Srta. Ruby. Para o programa noturno, ela decidiu tomar um banho a mais de seus vários perfumes. Ela acende um Marlboro, mas não abre nem uma frestinha de sua janela. Por um segundo, temo que a chama possa incendiar os vapores que engolfam o banco da frente e que sejamos ambos queimados vivos. O momento passa.

Enquanto seguimos para a Quiet Haven, regalo a Srta. Ruby com todas as bisbilhotices que ouvi na cozinha a respeito do Sr. Lyle Spurlock e seus olhos e mãos inquietos.

Ela afirma ter ouvido falar, anos atrás, sobre um cavalheiro idoso apanhado na cama com uma enfermeira e parece genuinamente entusiasmada com a perspectiva de conhecer tal

personagem. Mais um golinho de Jimmy, e ela afirma que talvez se lembre de ter tido um cliente chamado Spurlock, nos bons e velhos tempos.

O segundo turno é chefiado pela enfermeira Angel, uma mulher dura, muito religiosa, que atualmente é a número dois na minha lista de desafetos, mas é bem possível que venha a se tornar a primeira pessoa que farei com que seja demitida aqui. Ela imediatamente me informa que não aprova meus planos de levar o Sr. Lyle ao cinema. (Não contei a ninguém, exceto a Lyle e agora à Srta. Ruby, que filme vamos ver.) Reajo, dizendo que não importa o que ela aprove ou deixa de aprovar porque a senhora Wilma Drell, a Abelha Rainha número um, deu sua aprovação, a dita aprovação não sendo concedida voluntariamente antes que o Sr. Spurlock e sua filha (por telefone) tivessem criado um caso mais sério do que a Rainha podia enfrentar.

— A aprovação foi por escrito — digo. — Verifique o arquivo. Aprovado por W. Drell.

Ela remexe na papelada, resmunga incoerentemente, franze a testa como se estivesse sendo atacada por enxaquecas. Passados alguns minutos, Lyle e eu estamos saindo pela porta da frente. Ele está vestindo sua melhor calça e seu único paletó, um velho blazer azul-marinho brilhoso que ele tem há décadas, e anda com um manquejar cheio de determinação. Do lado de fora do prédio, agarro-lhe o cotovelo e informo:

— Escute, Sr. Spurlock, temos uma convidada inesperada conosco.

— Quem?

— Ela é conhecida pelo nome de Srta. Ruby. É minha senhoria. Pedi o carro dela emprestado e ela veio junto, era meio que o pacote ou nada. Desculpe.

— Tudo bem.

— Ela é boa pessoa. Vai gostar dela.

— Pensei que fôssemos assistir a filmes indecentes.

— É isso mesmo. Não se preocupe, eles não vão incomodar a Srta. Ruby. Ela não é exatamente uma senhora, se me compreende.

Lyle compreende. Com um brilho nos olhos, Lyle compreende perfeitamente. Paramos diante da porta do carona, eu apresento os dois, então Lyle se enfia no cavernoso banco de trás. Antes que estejamos fora do estacionamento, a Srta. Ruby está se virando e dizendo: — Lyle, querido, você gostaria de um golinho de Jim Beam? De sua grande bolsa vermelha, ela está tirando uma garrafa de um quarto de litro.

— Creio que não — responde Lyle e eu relaxo. É uma coisa levar Lyle para dar uma volta e assistir a um filme pornô, mas, se o

trouxesse de volta bêbado, eu poderia ter problemas.

Ela se vira em minha direção: — Ele é um doce — diz.

E lá vamos nós. Eu espero que a Srta. Ruby mencione o Sonic e, minutos depois, ela diz.

— Gill, eu gostaria de jantar um cheeseburger com fritas. Que tal darmos uma passada no Sonic?

Com esforço, consigo encaixar o Cadillac numa vaga estreita do Sonic. O lugar está lotado, e percebo os olhares divertidos de alguns dos outros clientes, todos sentados em veículos gritantemente menores e mais novos. Não sei se estão achando graça do Cadillac vermelho que mal cabe na vaga, ou se do estranho trio dentro dele. Não estou nem aí.

Já fiz isso antes em outras casas de repouso. Um dos maiores presentes que posso dar a meus amigos favoritos é liberdade. Já levei velhinhas a igrejas, a clubes campestres, a funerais e a casamentos e, é claro, a shopping centers. Já levei velhinhos a postos da Legião Americana, a jogos em estádios, bares, igrejas e cafeterias.

Eles ficam infantilmente gratos por essas pequenas excursões, esses gestos simples de gentileza que os tiram de seus quartos. Mas, infelizmente, essas incursões ao mundo de verdade sempre causam problemas. Os outros empregados, meus estimados colegas de trabalho, e os outros residentes ficam muito invejosos dos sortudos que conseguem escapar por algumas horas. Mas problemas não me incomodam.

Lyle diz que está satisfeito, sem dúvida, empanzinado de galinha dura e gelatina verde. Eu peço um cachorro-quente e um refresco, e logo estamos flutuando de novo pela rua, a Srta. Ruby mordiscando uma batata frita e Lyle, lá no fundo, em algum lugar, se deliciando com a paisagem do espaço aberto.

Abruptamente ele diz: — Eu gostaria de uma cerveja.

Eu entro no estacionamento de uma loja de conveniência.

— Que marca?

— Schlitz — diz ele, sem hesitação.

Compro uma embalagem de seis latas de trezentos e trinta mililitros, entrego a ele, e lá vamos nós de novo. Escuto o estalo de uma sendo aberta, então a grande golada.

— Você quer uma, Gill? — pergunta ele.

— Não, obrigado.

— Detesto o cheiro e o gosto de cerveja.

A Srta. Ruby põe um pouco de bourbon em seu Dr. Pepper e beberica.

Ela agora está sorrindo, creio que é porque tem companhia para beber.

No Daisy, compro três entradas por cinco dólares cada, não recebo ofertas para pagar de nenhum de meus companheiros, entramos pelo estacionamento de cascalho e selecionamos um lugar na terceira fila, bem longe de qualquer outro veículo. Conto seis outros carros. O filme já começou. Monto a caixa de som em minha janela, ajusto o volume de modo que Lyle possa ouvir todos os gemidos, então me abaixo bem em meu assento. A Srta. Ruby ainda está comendo seu sanduíche. Lyle desliza pelo banco traseiro até um ponto bem no meio, de modo que sua visão fique desimpedida.

O enredo logo se torna evidente. Um vendedor vai de porta em porta tentando vender aspiradores de pó. Seria de se esperar que um vendedor desse tipo fosse um sujeito bem apresentado e que, pelo menos, tentasse ter uma personalidade agradável. Mas o sujeito é seboso dos pés à cabeça, com brincos, tatuagens, uma camisa justa de seda com poucos botões e um sorriso zombeteiro e glutão que assustaria qualquer dona de casa respeitável. É claro que, neste filme, não há donas de casa respeitáveis.

Depois que nosso seboso vendedor entra pela porta da frente, arrastando um aspirador de pó inútil, a dona de casa o ataca, as roupas são tiradas e toda a sorte de sacanagens se segue. O marido os apanha no sofá e, em vez de arrebentar com o sujeito usando o tubo do aspirador, o maridão se junta a eles. Logo a coisa se torna uma diversão em família, com gente nua correndo para a sala, vinda de todas as direções. A família é uma dessas famílias de filme pornô, em que os filhos têm a mesma idade que os pais, mas quem se importa? Então, chegam os vizinhos e a cena se torna um festival frenético de cópulas, de maneiras e posições que poucos mortais são capazes de imaginar.

Eu deslizo ainda mais para baixo em meu assento, agora mal conseguindo ver acima do volante. A Srta. Ruby continua mordiscando sua comida, rindo baixinho de vez em quando de alguma coisa na tela, nem um pouco encabulada, e Lyle abre outra cerveja, o único som que se ouve vindo lá de trás.

Um caipira numa picape, duas filas atrás de nós, enfia a mão na buzina a cada vez que um momento de clímax é apresentado no filme. Exceto por isso, o Daisy está bastante sossegado e deserto.

Depois da segunda orgia, estou entediado e peço licença para visitar o banheiro. Vou andando pelo terreno de cascalho até um prédio maltratado, onde se vendem refeições rápidas e onde ficam os banheiros. A sala de projeção é um anexo meio capenga no andar de cima. O Daisy Drive-In com certeza já viu dias melhores. Pago um dólar por um balde de pipoca velha e não tenho pressa em voltar para o Cadillac vermelho. No caminho, nem me passa pela cabeça olhar para a tela.

A Srta. Ruby desapareceu! Uma fração de segundo depois que me dou conta de que o banco dela está vazio, escuto sua risadinha no banco de trás. É claro que a luz do carro não funciona, provavelmente não funcionou nos últimos vinte anos. Está escuro lá atrás, e eu não me viro.

— Tudo bem com vocês? — pergunto, como se fosse uma babá.

— Pode crer — responde Lyle.

— Tem lugar para mais um aqui — diz a Srta. Ruby. Depois de dez minutos, peço licença de novo e saio para uma longa caminhada, atravesso o terreno inteiro até a última fila de carros, passo por uma velha cerca, subo por um morrinho até junto de uma velhíssima árvore onde latas de cerveja estão espalhadas ao redor de uma mesa de piquenique quebrada, vestígios deixados para trás por adolescentes sem idade suficiente ou sem dinheiro para comprar entradas para o filme. Sento-me à mesa capenga e tenho uma boa visão da tela de longe. Conto sete carros e duas picapes, entre os espectadores pagantes. O mais perto do Cadillac da Srta. Ruby ainda buzina nos momentos exatos. O carro dela rebrilha sob o reflexo da tela. Até onde posso ver, está perfeitamente imóvel.

Meu turno de trabalho começa às nove e nunca chego atrasado. A rainha Wilma Drell confirmou por escrito que o Sr. Spurlock deveria voltar às nove e meia em ponto, de modo que, com trinta minutos de antecedência, dirijo-me de volta ao carro, interrompo o que está acontecendo no banco de trás, se é que alguma coisa estava acontecendo, e anuncio que está na hora de ir embora.

— Vou ficar aqui atrás — diz a Srta. Ruby, com risadinhas, falando um tanto arrastado, o que é estranho porque ela é imune ao álcool.

— O senhor está bem, Sr. Spurlock?

— Ótimo.

— Gostaram do filme?

Ambos caem na gargalhada e me dou conta de que estão bêbados. Eles riem o caminho inteiro até a casa da Srta. Ruby, e parece que tudo é muito divertido. Ela diz boa-noite enquanto passamos para o meu fusquinha. Quando o Sr. Spurlock e eu seguimos para Quiet Haven, pergunto: — O senhor se divertiu?

— Muitíssimo. Obrigado.

Ele está com uma Schlitz na mão, a número três pelas minhas contas, e seus olhos estão semifechados.

— O que vocês fizeram no banco de trás?

— Não muita coisa.

— Ela é boazinha, não é?

— É, mas cheira mal. Todo aquele perfume. Nunca imaginei que, um dia, estaria no banco traseiro de um carro com Ruby

Clements.

— O senhor a conhece?

— Descobri quem ela é. Eu morei aqui por muito tempo, meu filho, e tem muita coisa de que não me lembro. Mas houve uma época em que quase todo mundo sabia quem ela era. Um dos maridos dela era primo de uma de minhas esposas. Acho que é isso. Foi há muito tempo.

É impossível não amar cidades pequenas.



Nossa próxima excursão, duas semanas mais tarde, é ao campo de batalha da Guerra Civil, em Brice's Crossroads, a cerca de uma hora de Clanton. Como a maioria dos sulistas, o Sr. Spurlock afirma ter ancestrais que lutaram bravamente pela Confederação. Ele ainda guarda ressentimento e, às vezes, fica um bocado amargo com relação ao tema da Reconstrução (“nunca aconteceu”) e dos *carpetbaggers* ianques (“bando de canalhas ladrões”).

Saio cedo com ele numa bela terça-feira, e, sob o olhar vigilante e desaprovador da Rainha Wilma Drell, fugimos em meu fusquinha e deixamos Quiet Haven para trás.

Paro numa loja de conveniência e compro dois grandes copos de café dormido, alguns sanduíches e refrigerantes, e partimos para de novo lutar a guerra.

Sinceramente eu não poderia me interessar menos pela Guerra Civil, não sinto nem um pouco de todo este fascínio que as pessoas ainda têm por ela. Nós, o Sul, perdemos, e perdemos feio. O melhor é esquecer. Mas, se o Sr. Spurlock quer passar seus últimos dias sonhando com a glória confederada e o que poderia ter sido, darei o melhor de mim. No último mês, li uma dúzia de livros de guerra da biblioteca de Clanton, e há mais três em meu quarto na casa da Srta. Ruby.

Em certas ocasiões, ele é afiado e preciso com os detalhes — batalhas, gerais, movimentos de tropas — e, em outras, tem brancos.

Mantenho a conversa em meu último tópico de interesse — a preservação dos campos de batalha da Guerra Civil. Faço um discurso bombástico sobre a destruição de lugares sagrados, especialmente na Virgínia, onde Bull Run, Fredericksburg e Winchester foram dizimados pela especulação imobiliária. Isso o deixa inflamado, mas, pouco depois, ele cochila.

Ao chegar ao campo de batalha, visitamos alguns monumentos e marcos do combate. Ele está convencido de que seu avô, Joshua Spurlock, foi ferido durante uma manobra heroica na batalha em Brice's Crossroads. Sentamo-nos numa cerca de caibros de madeira e comemos sanduíches no almoço, e ele fica com o olhar perdido a contemplar a distância, numa espécie de transe, como se estivesse esperando pelo som de canhões e cavalos. Fala de seu avô, que morreu em 1932 ou 1934, com perto de noventa anos. Quando Lyle era menino, seu avô o encantava com histórias sobre matar ianques e ter levado tiros e combatido lado a lado com Nathan Bedford Forrest, o maior de todos os comandantes sulistas.

— Eles estiveram juntos em Shiloh — contou. — Meu avô, certa vez, me levou lá.

— Gostaria de ir de novo? — pergunto. Seu rosto se abre num largo sorriso, e é óbvio que ele adoraria ver de novo o campo de batalha.

— Seria um sonho — diz, de olhos úmidos.

— Posso dar um jeito de irmos.

— Quero ir em abril, quando a batalha foi combatida, de modo que possa ver Peach Orchard, Bloody Pond e Hornet's Nest.

— Então, está prometido. Iremos no próximo mês de abril. — Faltavam cinco meses para abril e, dado meu histórico até o momento, eu duvidava de que ainda fosse estar empregado na Quiet Haven. Mas, se não estivesse, nada me impediria de visitar meu amigo Lyle e de levá-lo para mais um passeio de carro.

Ele dorme a maior parte do caminho de volta a Clanton. Entre seus cochilos, eu explico que estou engajado num grupo nacional que trabalha para preservar os campos de batalha da Guerra Civil. O grupo é estritamente privado, não recebe nenhum auxílio do governo, e, sendo assim, depende de doações. Como ganho pouco, envio um cheque modesto a cada ano, mas meu tio, que tem mais dinheiro, envia um cheque maior a meu pedido.

Lyle fica interessado nisso.

— O senhor poderia incluí-lo em seu testamento — digo.

Nenhuma reação. Nada. Não insisto. Voltamos ao Quiet Haven, e eu o acompanho até o quarto. Enquanto tira o suéter e os sapatos, ele me agradece por um “dia maravilhoso”. Dou-lhe uma palmadinha nas costas e digo que também gostei muitíssimo e, na hora em que estou saindo, ele diz:

— Gill, eu não tenho testamento.

Aparento surpresa, mas, na verdade, não estou surpreso. O número de pessoas, especialmente as que estão em casas de repouso, que nunca se deram ao trabalho de fazer um testamento é espantoso. Faço uma expressão fingida de choque, depois de

desapontamento.

— Vamos conversar a respeito mais tarde, ok? Sei o que é preciso fazer — digo.

— Claro — ele fala, aliviado.



Às cinco e meia da manhã seguinte, os corredores estão desertos, as luzes, apagadas, todo mundo, ainda dormindo ou presume-se que esteja. Estou sentado no balcão da recepção, lendo sobre a campanha do Sul do general Grant, quando sou surpreendido pelo aparecimento súbito da Sra. Daphne Groat. Ela tem oitenta e seis anos, sofre de demência senil e está confinada à Ala dos Fundos. Como conseguiu passar pela porta trancada é algo que eu nunca vou saber.

— Venha depressa! — sibila para mim, os dentes faltando, a voz surda e fraca.

— O que aconteceu? — pergunto, enquanto me levanto de um salto.

— É a Harriet. Está caída no chão.

Corro para a Ala dos Fundos, digito o código, passo pela porta reforçada e corro pelo corredor até o quarto 158, onde a Sra. Harriet Markle vive desde que eu entrei na puberdade. Acendo a luz de seu quarto e lá está ela, no chão, claramente inconsciente, nua, exceto por meias soquetes pretas, caída em meio a uma poça nauseante de vômito, urina, sangue e seus próprios excrementos. O fedor me deixa de joelhos bambos, e já sobrevivi a muitos odores revoltantes. Como já estive na mesma situação antes, reajo instintivamente. Rapidamente saco minha pequenina câmera, tiro fotografias, enfio-a de volta no bolso e saio para buscar ajuda. A Sra. Daphne Groat não está em lugar nenhum à vista, e mais ninguém está acordado na ala.

Não há nenhuma atendente de serviço. Oito horas e meia antes, quando nosso turno começou, uma mulher chamada Rita havia se apresentado na recepção, onde eu me encontrava na ocasião, e depois seguido para a Ala dos Fundos. Ela estava sozinha no plantão, o que é contra o regulamento porque ali se exige que sejam dois atendentes.

Rita agora parece ter desaparecido. Corro até a Ala Norte, agarro um atendente chamado Gary, e juntos entramos em ação. Botamos luvas de borracha, máscaras sanitárias e rapidamente tiramos a Sra.

Harriet do chão e a colocamos de volta em sua cama. Ela está respirando, mas debilmente, e tem um corte grande logo acima da orelha esquerda. Gary se ocupa de lavá-la, enquanto eu limpo a sujeira do chão. Quando a situação está um pouco mais limpa, chamo uma ambulância e, então, ligo para a enfermeira Angel e para a Rainha Wilma. A esta altura, outros foram acordados e atraímos um bando de gente.

Rita não pôde ser encontrada em lugar nenhum. Dois atendentes, Gary e eu, para cinquenta e dois residentes.

Colocamos uma bandagem no ferimento da Sra. Harriet, vestimos com roupas de baixo e uma camisola e, enquanto Garry monta guarda junto a sua cama, corro até o posto de serviço da ala para checar a papelada. A Sra. Harriet não recebeu alimentos desde o meio-dia do dia anterior — quase dezoito horas — e seus medicamentos também não foram administrados. Rapidamente fotocopio todas as anotações e registros porque podem apostar que serão adulterados numa questão de horas. Dobro as cópias e as enfio no bolso.

A ambulância chega, e a Sra. Harriet é embarcada e levada embora. A enfermeira Angel e a Sra. Drell se reúnem nervosamente e juntas começam a folhear a papelada.

Retorno à Ala Sul e tranco as provas numa gaveta. Eu as levarei para casa dentro de uma hora.

No dia seguinte, um homem de terno enviado por algum escritório regional do grupo quer me entrevistar sobre o que aconteceu. Ele não é advogado — esses aparecerão mais tarde — e nem é especialmente inteligente. Começa por explicar a mim e a Gary exatamente o que ele pensa que nós vimos e fizemos durante a crise. Nós o deixamos falar à vontade. Ele prossegue e nos assegura de que a Sra. Harriet havia sido devidamente alimentada e medicada — está tudo lá nos registros — e que Rita tinha apenas saído para fumar um cigarro e se sentido mal, o que havia exigido que corresse até em casa por um momento, antes de voltar, apenas para encontrar a “desafortunada” situação com relação à Sra. Harriet.

Eu me faço de burro, minha especialidade. Gary faz o mesmo; para ele é mais natural, mas também está preocupado com seu emprego. Eu não estou. O idiota finalmente vai embora e o faz com a impressão de que chegou rapidamente à nossa cidadezinha caipira e habilmente apagou mais um incêndio para o velho e bom Grupo HVQH .

A Sra. Harriet passa uma semana no hospital com uma fratura de crânio. Ela perdeu muito sangue, e provavelmente há mais danos cerebrais. Mas como seria possível avaliá-los? Independentemente

disso, é uma bela de uma ação judicial, nas mãos da pessoa certa.

Devido à popularidade dessas ações judiciais e ao número elevado de abutres voando ao redor das casas de repouso, aprendi que se deve agir rapidamente. Meu advogado é um velho amigo chamado Dexter Ridley, de Tupelo, um homem cujos serviços eu uso de vez em quando. Dex tem cerca de cinquenta anos, um par de esposas e uma vida frugal. Há alguns anos, decidiu que não conseguiria sobreviver na profissão apenas preparando escrituras e cuidando de ações de divórcio sem parte culpada. Dex subiu de nível e se tornou um advogado de contencioso, embora raramente vá a julgamento. Seu verdadeiro talento é preparar e dar entrada em grandes ações judiciais, e então fazer estardalhaço e ameaçar até que o outro lado ofereça um acordo. Ele tem outdoors estampados com seu rosto sorridente espalhados por todo o norte do Mississippi.

Vou de carro até Tupelo num dia de folga, mostro a ele as fotos coloridas da Sra. Harriet nua e sangrando, mostro as cópias das anotações dos atendentes, tanto antes de serem adulteradas quanto depois, e fechamos negócio. Dex entra rapidamente em ação, contata a família de Harriet Markle e, menos de uma semana após o incidente, notifica o HVQH de que eles estão com um problema de verdade. Ele não fará menção a mim ou às fotos e registros furtados até ser forçado a fazê-lo.

Com informações de cocheira deste teor, o caso tem a probabilidade de ser resolvido rapidamente por acordo extrajudicial, e eu estarei de novo desempregado.

Por ordem do escritório central, a Sra. Wilma Drell subitamente se torna muito gentil e simpática. Ela manda me chamar e me diz que o meu desempenho melhorou tão radicalmente, que terei um aumento. De seis dólares por hora para sete, e não devo contar a mais ninguém. Dou a ela uma porção de agradecimentos entusiasmados e ela fica convencida de que agora somos aliados.

Tarde naquela noite, leio para o Sr. Spurlock uma matéria de revista sobre um construtor do Tennessee que está tentando destruir com buldôzers um campo de batalha esquecido da Guerra Civil para construir um pequeno shopping center e uns condomínios de prédios de segunda. Os moradores locais e o pessoal ligado à preservação estão lutando contra, mas o construtor tem dinheiro e políticos a seu favor. Lyle fica aborrecido e conversamos longamente sobre maneiras de ajudar os mocinhos.

Ele não menciona seu testamento e ainda é cedo demais para eu fazer algum movimento.



Em casas de repouso, aniversários são muito importantes, por motivos óbvios. É melhor você comemorá-los enquanto pode. Sempre há uma festa na cafeteria, com bolo, velas e sorvete, fotografias, música e coisa e tal. Nós, os funcionários, trabalhamos muito para criar animação, alegria e barulho, e damos o melhor de nós para fazer com que as festividades se estendam por no mínimo trinta minutos. Em cerca de metade das ocasiões, alguns membros da família estarão presentes, e isso eleva o moral. Se não há família presente, nós trabalhamos ainda mais. Cada aniversário pode ser o último, e creio que isso é verdade para todos nós. Porém, ainda mais verdadeiro para alguns.

Lyle Spurlock faz oitenta e cinco anos no dia 2 de dezembro, e sua filha falastrona de Jackson aparece, com dois de seus filhos e três de seus netos. Traz consigo o fogo de barragem costumeiro de reclamações, exigências e sugestões, tudo num esforço ruidoso e falho para convencer o pai adorado de que ela se importa tão profundamente com ele que tem que armar um barraco conosco. Eles trazem balões de gás e chapéus ridículos, um bolo de coco (o preferido dele) comprado pronto e vários presentes baratos embrulhados em caixas espalhafatosas, coisas como meias, lenços e chocolates velhos. Uma das netas liga um equipamento de som portátil e toca Hank Williams (que também afirma ser o favorito dele) como música ambiente. Outra monta uma exposição de fotos ampliadas do jovem Lyle no exército, o jovem Lyle na nave da igreja (no primeiro casamento), o jovem Lyle posando desta e daquela maneira ao longo de muitas décadas. A maioria dos residentes está presente, bem como a maioria dos funcionários, inclusive Rozelle da cozinha, embora eu saiba que ela está ali por causa do bolo e não por nenhuma afeição pelo aniversariante.

A certo ponto, Wilma Drell se aproxima demais de Lyle, que, como não tem tomado seu salitre, estende a mão para dar uma desajeitada e óbvia apalpadela em seu farto traseiro. Ele a agarra com vontade. Ela uiva de horror, e quase todo mundo cai na gargalhada como se fosse apenas parte da comemoração. Mas fica evidente para mim que a Rainha Wilma não achou graça. Então, a filha de Lyle reage mal e exageradamente, berrando com ele, estapeando-lhe o braço e censurando-o. Por alguns segundos, a atmosfera fica tensa. Wilma desaparece e não é mais vista durante o

resto do dia. Duvido de que ela tenha se divertido tanto em anos.

Uma hora mais tarde, a festa perde a animação e vários de nossos amigos começam a cabecear de sono. A filha e sua prole rapidamente arrumam suas coisas e não demoram a ir embora.

Abraços, beijos e tudo mais, *mas temos pela frente um longo caminho de volta a Jackson, papai*. A comemoração dos oitenta e cinco anos de Lyle logo se encerra. Eu o acompanho de volta até seu quarto, carregando seus presentes e falando sobre Gettysburg.

Pouco depois da hora de deitar, entro discretamente em seu quarto e entrego meu presente. Algumas horas de pesquisa e alguns telefonemas para as pessoas certas, e descobri que de fato houvera um capitão Joshua Spurlock que havia combatido com o Décimo Regimento de Infantaria do Mississippi na Batalha de Shiloh. Ele era de Ripley, Mississippi, uma cidade não muito distante de onde o pai de Lyle havia nascido, de acordo com a minha checagem dos fatos. Descobri uma companhia em Nashville que é especializada em peças e objetos antigos da Guerra Civil, tanto verdadeiros quanto falsos, e paguei a eles oitenta dólares pelo trabalho. Meu presente é um Certificado de Bravura em Combate, concedido ao capitão Spurlock, e flanqueado à direita por uma bandeira confederada e à esquerda pela insígnia oficial do Décimo Regimento. Não tem a intenção de ser nada além do que é — uma recriação muito bonita, mas absolutamente falsa de algo que, para começar, nunca existiu — mas, para alguém tão consumido pelo passado e pela glória como Lyle, é o maior de todos os presentes. Os olhos dele ficam cheios de lágrimas enquanto o admira.

O velho agora está pronto para ir para o céu, mas não tão depressa.

— Que belíssimo presente — murmura. — Não sei o que dizer. Muito obrigado.

— Foi um prazer, Sr. Spurlock. Ele foi um bravo soldado.

— Sim, foi mesmo.



À meia-noite em ponto, entrego meu segundo presente.

O companheiro de quarto de Lyle é o Sr. Hitchcock, um cavalheiro frágil e em franco declínio, que é um ano mais velho que Lyle, mas está em muito pior forma. Contam que ele viveu uma vida pura, livre de álcool, tabaco e outros vícios, mas, mesmo assim, não resta muito dele. Lyle andou atrás de mulheres a vida inteira,

conquistou muitas delas, e, em outros tempos, fumava como uma chaminé e bebia pesado. Depois de anos de trabalho nesse ramo, estou convencido de que o DNA é no mínimo metade da solução, ou metade do problema.

De qualquer maneira, na hora dos comprimidos, mediquei o Sr. Hitchcock com um remédio para dormir mais forte e ele está em outro mundo. Não vai ouvir nada.

A Srta. Ruby, que tenho certeza de que tem andado consumindo o Jimmy com a fidelidade habitual, segue minhas instruções perfeitamente e estaciona seu maciço Cadillac ao lado da grande caçamba de lixo junto da entrada dos fundos da cozinha. Quase se arrastando, ela sai bem devagar do lado do motorista, já se desmanchando em risadinhas, de copo na -mão. Do lado do carona, vejo pela primeira vez Mandy, uma das garotas “de mais classe” da Srta. Ruby. Mas não é um momento oportuno para apresentações.

— Pssst — sussurro, e elas me seguem pela escuridão, entram na cozinha, passam pela cafeteria parcamente iluminada, onde paramos por um segundo.

A Srta. Ruby apresenta orgulhosamente: — Gill, esta é Mandy.

Trocamos um aperto de mãos. — É um grande prazer — digo.

Mandy mal me dá um sorriso. O rosto dela diz: “Vamos tratar de acabar com isso logo.” Ela tem cerca de quarenta anos, é um tanto roliça, está muito maquiada, mas nem isso consegue esconder os desgastes de uma vida dura. Os trinta minutos seguintes vão me custar duzentos dólares.

Todas as luzes estão baixas na Quiet Haven, e lanço um olhar até o fundo do corredor sul para me assegurar de que ninguém está se mexendo. Então, Mandy e eu caminhamos rapidamente até o quarto 18, onde o Sr. Hitchcock dorme em estado comatoso, mas o Sr. Spurlock anda de um lado para o outro, esperando. Ele olha para ela, ela olha para ele. Eu digo um rápido “Feliz aniversário”, então fecho a porta e bato em retirada.

A Srta. Ruby e eu esperamos na cafeteria, bebendo. Ela trouxe o seu Jimmy. Eu tomo uns golinhos da garrafa e tenho que admitir que, depois de três meses, o bourbon não me parece mais tão mau quanto antes.

— Ela é um docinho — diz a Srta. Ruby, absolutamente encantada pelo fato de mais uma vez ter conseguido reunir duas pessoas.

— Uma garota bonita — digo, sem pensar. — Ela começou a trabalhar para mim quando abandonou os estudos no secundário. Uma família terrível. Depois disso, dois casamentos que não deram certo. Nunca deixou de trabalhar. Eu gostaria apenas de conseguir mantê-la mais ocupada. É tão difícil hoje em dia. As mulheres são

tão fáceis, tão sem-vergonha, que já não cobram mais.

A Srta. Ruby, uma cafetina de carreira não arrependida, está se lamentando pelo fato de que as mulheres de hoje em dia são fáceis. Reflito a respeito por um segundo, então tomo um golinho e me abstenho de comentar.

— Quantas garotas você tem agora?

— Apenas três, todas trabalham só parte do tempo. Costumava ter uma dúzia e as mantinha muito ocupadas.

— Bons e velhos tempos.

— É verdade, foram mesmo. Os melhores anos de minha vida. Você acha que poderíamos conseguir mais negócios por aqui, na Quiet Haven? Eu sei que, na prisão, eles estipulam um dia por semana para visitas conjugais. Já pensou em fazer o mesmo aqui? Eu poderia trazer duas garotas, uma noite por semana, e tenho certeza de que seria trabalho fácil para elas.

— Esta é provavelmente a pior ideia que ouvi nos últimos cinco anos.

Sentada em meio às sombras, vejo seus olhos vermelhos se virarem e olharem furiosos para mim.

— Peço desculpas — diz ela, em tom sibilante.

— Tome um gole. Há quinze homens confinados neste lugar, Srta. Ruby, a idade média é de, ah, digamos, oitenta anos. Para começar, cinco estão confinados ao leito, três estão inconscientes, três não conseguem sair de suas cadeiras de rodas, o que nos deixa com quatro que são capazes de andar. Dos quatro, eu apostaria um bom dinheiro que só Lyle Spurlock é capaz de alguma coisa em termos de sexo. Não se pode vender sexo numa casa de repouso.

— Já fiz isto antes. Este não é o meu primeiro rodeio. — E, com isso, ela me dá uma de suas típicas cacarejadas carregadas de fumaça e então começa a tossir. Afinal, ela recupera o fôlego, apenas tempo suficiente para acalmar as coisas com uma boa golada de Jim Beam.

— Sexo numa casa de repouso — ela ri. — Talvez seja esse o meu futuro.

Mordo a língua. Quando a sessão está acabada, passamos rapidamente por um round de despedidas desajeitadas. Observo o Cadillac até estar seguro, fora da propriedade e fora de vista, então finalmente relaxo. Eu, na verdade, já organizei encontro semelhante uma vez antes. Não é o meu primeiro rodeio.

Lyle está dormindo como criança quando vou espia-lo. Tirou a dentadura, a boca murcha, mas seus lábios estão virados para cima, num sorriso agradável. Se o Sr. Hitchcock se moveu nas últimas três horas, eu não saberia dizer. Ele nunca saberá o que perdeu.

Checo os outros quartos e cuido de minhas tarefas. Quando tudo

está silencioso, me acomodo na recepção com algumas revistas.



Dex diz que a companhia já mencionou mais de uma vez a possibilidade de oferecer um acordo na ação de Harriet Markle antes que seja ajuizada. Dex lhes deu fortes indicações de que tem informações privilegiadas com relação à ocorrência de uma ocultação de provas — documentos adulterados e outras peças comprobatórias que Dex sabe como mencionar muito habilidosamente ao telefone quando fala com advogados que representam essas companhias. O HVQH diz que gostaria de evitar a publicidade desfavorável de uma desagradável ação litigiosa. Dex lhes garante que vai ser mais desagradável do que eles imaginam. E a conversa vai e vem, no comportamento habitual dos advogados. Mas o resultado final para mim é que meus dias estão contados. Se minha declaração juramentada e fotos e registros surrupiados podem tornar mais rápido um bom acordo, assim seja. Feliz da vida, apresentarei as provas e seguirei adiante.

O Sr. Spurlock e eu jogamos xadrez na maioria das noites na cafeteria às oito horas, muito depois do jantar e uma hora antes de eu oficialmente bater o ponto.

Geralmente estamos sozinhos, embora um clube de tricô se reúna às segundas-feiras em um canto, um clube de estudos da Bíblia se reúna às terças-feiras em outro, e um pequeno grupo da Sociedade Histórica do Condado de Ford, de vez em quando, se reúna onde quer que possam juntar quatro cadeiras. Mesmo em minhas noites de folga, geralmente apareço por volta das oito para jogar algumas partidas. É isso ou beber com a Srta. Ruby e quase sufocar com a fumaça de seus cigarros.

Lyle vence nove partidas em cada dez, não que eu realmente me importe. Desde seu encontro com Mandy, seu braço esquerdo o tem incomodado. Ele sente dormência no braço e não é tão rápido com as palavras. Sua pressão sanguínea está ligeiramente alta e ele tem reclamado de dores de cabeça. Uma vez que tenho a chave da farmácia, medico-o com Nafred, um remédio para afinar o sangue, e Silerall, para vítimas de derrame. Já vi dúzias de derrames cerebrais, e meu diagnóstico é exatamente este. Um ligeiríssimo derrame, imperceptível para qualquer outra pessoa, não que alguém esteja prestando atenção. Lyle é um velho duro na queda, que não reclama, não gosta de médicos e preferiria levar um tiro a telefonar

para a filha, se queixar e choramingar a respeito da saúde.

— O senhor me disse que nunca fez um testamento — falo em tom casual enquanto examino o tabuleiro. Há quatro senhoras jogando cartas a quinze metros de distância, e creiam-me, não podem nos ouvir. Elas mal conseguem ouvir umas às outras.

— Estive pensando a respeito — diz ele. Seus olhos estão cansados. Lyle envelheceu desde seu aniversário, desde Mandy, desde o derrame.

— Qual é seu patrimônio? — pergunto, como se pouco me importe.

— Umas terras, só isso.

— De que tamanho?

— Seiscentos e quarenta acres, no condado de Polk. — Ele sorri enquanto me come duas peças.

— Qual é o valor?

— Não sei. Mas são minhas sem encargos. Eu não paguei por uma avaliação oficial, mas, de acordo com dois corretores especializados na área, a terra vale cerca de quinhentos dólares o acre.

— O senhor mencionou deixar algum dinheiro para ajudar a preservar os campos de batalha da Guerra Civil.

É exatamente o que Lyle quer ouvir. Seu rosto se ilumina, ele sorri para mim.

— Esta é uma grande ideia. Isso é o que quero fazer. — No momento, ele se esquece por completo do jogo.

— A melhor organização é um grupo da Virgínia, o Fundo de Defesa Confederado. O senhor tem que ter cuidado. Algumas dessas organizações sem fins lucrativos doam pelo menos metade do dinheiro para construir monumentos em homenagem às forças da União. Não creio que seja isso que o senhor tem em mente.

— De jeito nenhum.

Os olhos dele faíscam com ardor por um segundo, e Lyle está mais uma vez pronto para o combate.

— Não com meu dinheiro — acrescenta.

— Eu ficaria satisfeito de servir como seu fiduciário — digo, e movo uma peça.

— O que significa isso?

— O senhor nomeia o Fundo de Defesa Confederado herdeiro de seu patrimônio e, depois de sua morte, o dinheiro vai para um fundo, de modo que eu, ou qualquer outra pessoa que o senhor escolher, possa vigiar o dinheiro cuidadosamente e garantir que seja utilizado de acordo com as condições que o senhor impôs.

Ele está sorrindo. — É isso que eu quero, Gill. É isso.

— É a melhor maneira.

— Você não se incomoda, não é? Você ficaria encarregado de tudo quando eu morrer.

Seguro a mão direita dele e a aperto, olho-o firmemente bem nos olhos.

— Ficaria honrado, Lyle — digo.

Jogamos mais um pouco em silêncio, então aproveito para resolver alguns detalhes.

— E sua família?

— O que tem a minha família?

— Sua filha, seu filho, o que eles vão receber de seus bens?

A resposta dele é uma mistura entre um suspiro, um assobio e um bufar de desdém e, quando vem combinada com um revirar de olhos, sei imediatamente que os filhos serão deserdados. Isso é perfeitamente legal no Mississippi e na maioria dos estados. Quando você faz um testamento, você pode excluir todo mundo, exceto o cônjuge sobrevivente. E algumas pessoas, mesmo assim, ainda tentam.

— Não tenho notícias de meu filho há cinco anos. Minha filha tem mais dinheiro do que eu. Nada. Não vão receber nada.

— Eles sabem dessas terras que o senhor tem no condado de Polk? — pergunto.

— Creio que não.

Isso é tudo de que preciso. Dois dias depois, os boatos grassam pela Quiet Haven. “Os advogados vêm aí!” Graças principalmente a mim, os rumores têm corrido sem cessar sobre a grande ação judicial que está sendo movida pela família da Sra. Harriet Markle, em que a família trará tudo a público e receberá milhões. Em parte, é verdade, mas a Sra. Harriet não tem nenhum conhecimento do assunto. Ela está de volta a sua cama, uma cama muito limpa, bem alimentada e devidamente medicada, devidamente supervisionada e basicamente morta para o mundo.

Seu advogado, o Sr. Dexter Ridley, de Tupelo, Mississippi, chega no final de uma tarde com um pequeno séquito, que consiste de sua fiel secretária e dois assistentes jurídicos, ambos vestindo ternos escuros como o de Dexter e ambos de cara amarrada na melhor tradição jurídica. É uma equipe impressionante, e nunca vi tamanho rebuliço na Quiet Haven. Também nunca vi o lugar tão limpo, bem-arrumado e reluzente. Até as flores de plástico no balcão da recepção foram substituídas por flores de verdade. Ordens do escritório central. Dex e sua equipe são recebidos por um executivo júnior da companhia que é todo sorrisos. O motivo oficial para a visita é permitir que Dex tenha oportunidade de inspecionar, examinar, fotografar, medir e, de maneira geral, examinar tudo na Quiet Haven. Por uma hora, mais ou menos, ele faz tudo isso com

grande habilidade. Esta é a sua especialidade. Ele precisa “ter uma ideia do lugar” antes de processá-lo. De qualquer maneira, tudo não passa de encenação. Dex tem certeza de que a questão será resolvida por acordo, discreta e generosamente, sem que seja necessário de fato dar entrada na ação.

Embora meu turno de trabalho só comece às nove da noite, estou por lá, como sempre. A esta altura, tanto o pessoal quanto os residentes estão habituados a me ver a qualquer hora. É como se eu nunca saísse do trabalho. Mas estou pronto para ir embora, creiam-me.

Rozelle, trabalhando até mais tarde, está ocupada, preparando o jantar, não cozinhando, ela me recorda, apenas preparando. Fico na cozinha, importunando-a, fofocando e de vez em quando ajudando. Ela quer saber o que os advogados estão fazendo, e, como de hábito, posso apenas tecer especulações, mas o faço com uma porção de teorias. Às seis horas em ponto, os residentes começam a aparecer na cafeteria, e eu começo a carregar bandejas de comida insípida. Nós os servimos. Esta noite, a gelatina é amarela.

Precisamente às seis e meia, entro em ação. Saio da cafeteria e entro no quarto 18, onde encontro o Sr. Spurlock sentado em sua cama, lendo uma cópia de seu testamento.

O Sr. Hitchcock está no salão jantando, de modo que podemos falar.

— Alguma dúvida? — pergunto. O documento tem apenas três páginas; em certas passagens, é escrito com clareza e, noutras, tem tanto “legalês”, que seria capaz de confundir um professor de direito. Dex é um gênio para elaborar documentos desse tipo. Ele acrescenta exatamente a medida certa de linguagem clara para convencer a pessoa a assinar. Embora ele ou ela possa não saber exatamente o que está assinando, o conteúdo geral do documento parece perfeito.

— Creio que sim — diz Lyle, inseguro.

— Tem muitos termos legais — explico, prestativo. — Mas isso é obrigatório. O que diz em resumo é que está deixando tudo para o Fundo de Defesa Confederado, em fideicomisso, e que eu supervisionarei tudo. É isso o que quer?

— É, e obrigado, Gill.

— Sinto-me honrado. Vamos lá.

Não nos apressamos — Lyle está se movendo bem mais devagar desde o derrame — e, afinal, chegamos à área da recepção logo depois da porta. A Rainha Wilma, a enfermeira Nancy e Trudy, a recepcionista, foram todas embora há quase duas horas. Há calma enquanto o jantar está sendo servido. Dex e sua secretária estão esperando. Os dois assistentes jurídicos e o homem da

companhia também se foram. As apresentações são feitas. Lyle se senta e eu me posto a seu lado. Então, Dex metodicamente faz um sumário improvisado do documento. Lyle perde o interesse quase que imediatamente, e Dex percebe.

— É isso o que o senhor quer, Sr. Spurlock? — pergunta Dex, o advogado compassivo.

— É — responde Lyle, assentindo. Ele já está cansado de toda aquela terminologia legal.

Dex apresenta uma caneta, mostra a Lyle onde assinar, então acrescenta sua assinatura como testemunha e dá instruções à secretária para fazer o mesmo. Eles estão atestando que Lyle está “de plena posse de suas faculdades mentais e consciência”. Dex assina uma declaração obrigatória e a secretária saca seu selo de notária, autenticando o documento e dando-lhe a bênção oficial. Já estive nessa situação várias vezes e, creiam-me, a mulher seria capaz de autenticar qualquer coisa. Enfiem-lhe uma cópia xerox da Magna Carta debaixo do nariz, jurem que é original e ela a autenticará.

Dez minutos depois de assinar seu testamento, Lyle Spurlock está na cafeteria comendo seu jantar.



Uma semana mais tarde, Dex liga com a notícia de que está às vésperas de se reunir com os advogados da companhia numa conferência a sério para tratar do acordo extrajudicial.

Ele decidiu que lhes mostrará as fotos bem ampliadas que tirei da Sra. Harriet Markle, caída no chão numa poça de sangue e dejetos, nua. E descreverá as adulterações nos registros, mas não entregará as cópias. Tudo isso conduzirá a um acordo, mas também revelará à companhia minha cumplicidade no caso. Sou o infiltrado, o homem que passa informações, o traidor. E, embora a companhia não vá me despedir imediatamente — Dex os ameaçará —, já sei por experiência que é melhor tratar de ir embora.

Com toda possibilidade, a companhia vai demitir a Rainha Wilma e provavelmente também a enfermeira Angel. Assim seja. Raramente deixei um projeto sem fazer com que alguém fosse demitido.

No dia seguinte, Dex telefona com a notícia de que o caso foi resolvido por acordo extrajudicial, confidencial, é claro, no valor de quatrocentos mil dólares. Pode parecer pouco, dados os danos

causados pelas infrações cometidas pela companhia e a exposição pública se tudo fosse a julgamento, mas não é um mau acordo. É difícil provar os danos nesses casos. E não se pode dizer que a Sra. Harriet estivesse ganhando algum dinheiro e, portanto, que tivesse tido uma grande perda financeira. Ela não verá um centavo do dinheiro, mas podem apostar que seus parentes já estão brigando entre si. Minha recompensa é de dez por cento, como “taxa de corretagem”, sobre o total.

No dia seguinte, dois homens de ternos escuros aparecem e o medo toma conta da Quiet Haven. Longas reuniões são realizadas no escritório da Rainha Wilma. O lugar fica tenso. Adoro essas situações e passo quase a tarde inteira escondido na cozinha com Rozelle, enquanto os rumores se espalham. Apresento uma porção de teorias loucas e a maioria dos rumores parece se originar da cozinha. Por fim, a Sra. Drell acaba demitida e é acompanhada até a saída do prédio. A enfermeira Angel é também demitida e acompanhada até a saída do prédio. No final do dia, ouço o boato de que estão me procurando, de modo que saio por uma porta lateral e desapareço.

Voltarei dentro de uma semana mais ou menos, para me despedir de Lyle Spurlock e de alguns outros amigos. Porei em dia as bisbilhotices com Rozelle, lhe darei um grande abraço e prometerei aparecer de vez em quando. Darei uma passada na casa da Srta. Ruby, acertarei as contas do aluguel, recolherei meus pertences e concordarei em tomar um último drinque na varanda. Será difícil dizer adeus, mas eu faço isso com muita frequência.

E, assim, eu deixo Clanton depois de quatro meses e, enquanto dirijo em direção a Memphis, não posso deixar de sucumbir à presunção. Este foi um de meus projetos mais bem-sucedidos. Só a taxa de corretagem já é responsável por um ano bem lucrativo. O testamento do Sr. Spurlock efetivamente deixará todos os seus bens para mim, embora ele não se dê conta disso. (O Fundo de Defesa Confederado deixou de existir há alguns anos.) Ele provavelmente não voltará a tocar no documento antes de morrer, e eu aparecerei com frequência suficiente para garantir que a maldita coisa fique enterrada na gaveta. Depois que ele morrer, saberemos disso imediatamente porque a secretária de Dex checa os obituários diariamente, a filha dele aparecerá correndo, encontrará o testamento e terá um ataque. Logo, ela contratará advogados que entrarão com uma ação para contestar o testamento. Eles farão toda a sorte de acusações vis contra mim, e não se pode culpá-los.

Contestações de testamentos, no Mississippi, são julgadas por tribunais do júri, e não estou nada disposto a me submeter ao exame de doze cidadãos médios, enquanto tento negar que me

aproveitei de um velho em seus últimos dias de vida numa casa de repouso. Não, senhor. Nós nunca vamos a julgamento. Nós, Dex e eu, encerramos os casos por acordo muito antes do julgamento. A família geralmente nos compra por vinte e cinco por cento do valor do espólio. É mais barato do que pagar advogados por um julgamento e, além disso, na verdade, a família não quer passar pelo constrangimento de um julgamento em que tudo é revelado e eles são interrogados sobre quanto tempo deixaram de passar com seu querido morto.

Depois de quatro meses de trabalho duro, estou exausto. Vou passar um ou dois dias em Memphis, que é minha base de operações, depois embarcar em um voo para Miami, onde tenho um apartamento num condomínio em South Beach. Vou cuidar do meu bronzado por alguns dias, descansar e então começar a pensar em meu próximo projeto.



Garoto estranho



COMO A MAIORIA DOS BOATOS que se espalharam e tomaram conta de Clanton, este se originou na barbearia, numa cafeteria ou num escritório de escrivão no prédio do tribunal, e, depois que chegou às ruas, decolou. Um boato “quente” se espalharia ao redor da praça com uma velocidade que desafiaria a tecnologia e com frequência retornaria à sua fonte tão modificado e distorcido, que deixaria seu criador confuso. Essa é a natureza de boatos, mas, de vez em quando, pelo menos em Clanton, um deles se revela ser verdade.

Na barbearia, do lado norte da praça, onde o Sr. Felix Upchurch estivera cortando cabelos e dando conselhos ao longo de quase cinquenta anos, o boato foi trazido bem cedo, certa manhã, por um homem que geralmente sabia do que estava falando.

— Ouvi dizer que o filho caçula de Isaac Keane vai voltar para casa.

Houve uma pausa no corte do cabelo, na leitura dos jornais, no inspirar de fumaça de cigarros e na discussão sobre o último jogo dos Cardinais na noite anterior.

Então, alguém disse:

— Ele não é aquele garoto esquisito?

Silêncio. Então ouviu-se de novo o clique-clique das tesouras, o virar das páginas, uma tossida aqui e um pigarrear ali. Quando questões delicadas eram trazidas à baila pela primeira vez na barbearia, eram recebidas com uma cautela momentânea. Ninguém queria tomar a iniciativa para não correr o risco de ser acusado de bisbilhotice. Ninguém queria confirmar ou negar, porque um fato incorreto ou uma presunção errônea poderiam se espalhar rapidamente e causar prejuízos, especialmente em questões relacionadas a sexo. Contudo, praticamente não havia dúvida de que o retorno do filho caçula de Keane estava a ponto de ser debatido de uma dúzia de pontos de vista diferentes, mas, como sempre, os cavalheiros avançaram com cautela.

— Bem, eu sempre ouvi dizer que ele não gostava de garotas. — E o que você ouviu está certo. A filha da minha prima esteve na

escola com aquele garoto, disse que ele sempre foi meio afeminado, um verdadeiro maricas, e que assim que pôde, saiu daqui e foi para a cidade grande. Acho que foi para São Francisco, mas não digam que ouviram isso de mim.

(“Não digam que ouviram de mim” era a manobra de defesa destinada a desmentir o que acabara de ser dito. Uma vez devidamente desmentido, os outros então estariam livres para seguir em frente e repetir o que havia acabado de ser dito. Se a informação se revelasse falsa, o bisbilhoteiro original não poderia ser responsabilizado.) — Que idade ele tem? Uma pausa, enquanto os cálculos eram feitos. — Talvez trinta e um, trinta e dois. — Por que está voltando para cá? — Bem, na verdade, não sei com certeza, mas dizem que ele está muito doente, nas últimas, e que ninguém na cidade grande quer cuidar dele.

— Ele está voltando para casa para morrer? — É o que dizem. — Isaac deve estar dando voltas no túmulo.

— Dizem que a família tem mandado dinheiro para ele há anos para mantê-lo fora de Clanton.

— Pensei que eles tivessem acabado com todo o dinheiro de Isaac.

Diante disso, teve início uma digressão sobre o tópico do dinheiro de Isaac, seu legado, seus bens e suas dívidas, suas esposas, filhos e parentes, as misteriosas circunstâncias que cercaram sua morte. Por acordo coletivo, concluiu-se que Isaac tinha morrido bem na hora certa porque a família que ele deixara não passava de um bando de rematados idiotas.

— Do que o rapaz está doente?

Rasco, um dos maiores bisbilhoteiros da cidade e conhecido por sempre aumentar as coisas, disse: — Dizem que é aquela doença de boiolas. Não tem cura.

Bickers, aos quarenta anos e o mais jovem ali presente naquela manhã, quis saber: — Você não está falando de Aids, está?

— É o que dizem.

— O garoto está com Aids e vai voltar para Clanton.

— É o que dizem.

— Não pode ser.

O boato foi confirmado minutos mais tarde na cafeteria do lado leste da praça, onde uma garçonete espevitada chamada Dell servia o café da manhã há muitos anos. Os frequentadores do comecinho da manhã eram a mistura habitual de policiais fora de serviço e trabalhadores de fábricas, com um ou dois colarinhos brancos aqui e ali.

Um deles disse: — Dell, você ouviu alguma coisa sobre aquele caçula dos Keane estar voltando para casa?

Dell, que, com frequência, dava início a rumores benignos por puro tédio, mas, de maneira geral, tinha boas fontes, respondeu: — Ele já voltou, já está aqui.

— E ele está com Aids?

— Ele está com alguma coisa. Muito pálido, magro e abatido, já parece um defunto.

— Quando você o viu?

— Não o vi. Mas a empregada da tia dele me contou tudo, ontem à tarde. — Dell estava atrás do balcão, esperando que o cozinheiro lhe passasse a comida para servir, e todos os clientes do café estavam ouvindo. — O rapaz está doente, com certeza. E não tem cura, nada que ninguém possa fazer. Ninguém quer cuidar dele em San Francisco, de modo que voltou para casa para morrer. Muito triste.

— Onde ele está morando?

— Bem, ele não vai ficar morando na casa grande, com certeza. A família se reuniu e decidiu que ele não podia ficar lá. O que ele tem é muito contagioso e mortal, de modo que o puseram numa das velhas casas de Isaac, em Lowtown.

— Ele está morando com os negros?

— É o que ouvi dizer.

Isso levou algum tempo para ser absorvido, mas depois começou a fazer sentido. A ideia de um Keane morando do outro lado dos trilhos da estrada de ferro, no bairro dos negros, era difícil de aceitar, mas, ao mesmo tempo, parecia lógico que alguém com Aids não tivesse permissão para ficar no lado branco da cidade.

— Deus sabe quantos galpões e casas o velho Keane comprou e construiu em Lowtown. Creio que ele ainda é dono de algumas dúzias — Dell prosseguiu.

— Sabe com quem o garoto vai morar?

— Pouco me importo. Só o que não quero é que ele apareça por aqui.

— Ora, Dell. O que você faria se ele entrasse agora e quisesse tomar café?

Ela limpou as mãos num pano de prato, encarou o homem que fizera a pergunta, cerrou os maxilares e disse: — Olhe, eu posso me recusar a servir qualquer pessoa. Saiba que, quando se trata de meus clientes, penso nisso o tempo todo. Se ele entrar aqui, vou pedir-lhe para se retirar. Você tem que se lembrar que esse garoto tem uma doença altamente contagiosa, e não estamos falando de um resfriado comum. Se eu o servir, então um de vocês poderia comer no prato dele da próxima vez. Pensem nisso.

Eles pensaram a respeito por um longo tempo. Finalmente alguém perguntou:

— Alguém sabe quanto tempo ele vai viver?

A pergunta estava sendo debatida do outro lado da rua, no segundo andar do prédio do tribunal, nos escritórios do funcionário de registros, onde o grupo que aparecia de manhã cedo para tomar o café da manhã mordiscava folheados e se punha a par das últimas novidades. Myra, que era encarregada de arquivar as escrituras de terrenos, tinha concluído os estudos um ano antes de Adrian Keane, e é claro que eles sabiam, mesmo naquela época, que ele era diferente.

Ela estava com a palavra e era o centro das atenções.



Dez anos depois de ter-se formado, Myra e seu marido tinham ido passar umas férias na Califórnia e ela telefonara para Adrian. Eles haviam se encontrado para almoçar no Fisherman's Wharf e, com Alcatraz e a ponte Golden Gate ao fundo, passaram momentos muito agradáveis, conversando sobre seus tempos em Clanton. Myra assegurara a Adrian que nada tinha mudado em sua cidade natal. Adrian falara abertamente sobre seu estilo de vida. Era o ano de 1984, e ele, feliz da vida, tinha saído do armário, embora não estivesse num relacionamento sério com ninguém em particular. Estava preocupado com a Aids, uma doença de que Myra nunca tinha ouvido falar em 1984. A primeira onda da epidemia havia assolado a comunidade gay local e o número de mortes era triste e assustador. Estavam sendo defendidas mudanças no estilo de vida. Alguns morriam em seis meses, explicara Adrian a Myra e seu marido.

Outros conseguem sobreviver alguns anos. Ele já tinha perdido alguns amigos.

Myra descreveu mais uma vez o almoço em grandes detalhes para a plateia fascinada de uma dúzia de outros funcionários. O simples fato de ela ter realmente ido a San Francisco e atravessado a ponte de carro já a tornava especial. Eles tinham visto as fotografias, e mais de uma vez.

— Dizem que ele já está aqui — falou outro escrevente. — Quanto tempo ele tem de vida?

Mas Myra não sabia. Desde aquele almoço, cinco anos antes, ela não tivera mais nenhum contato com Adrian, e era mais do que evidente que agora ela não queria nenhum.



O fato de ele ter sido visto foi confirmado minutos mais tarde, quando o Sr. Rutledge entrou na barbearia para seu corte de cabelo semanal. Seu sobrinho entregava o jornal diário de Tupelo todas as manhãs ao raiar do dia, e todas as casas no centro de Clanton recebiam um exemplar. Ele pedalava sua bicicleta devagar pela rua Harrison e seguia ainda mais devagar quando se aproximara da casa do velho Keane. Não dera outra. Naquela mesma manhã, estivera cara a cara com um desconhecido de quem não se esqueceria tão cedo.

O Sr. Rutledge descreveu o encontro. — Joey disse que nunca tinha visto um homem tão doente, fraco e emaciado, a pele pálida como a de um defunto, com manchas nos braços, as faces encovadas, pouco cabelo. Disse que foi como olhar para um cadáver. — Rutledge raramente encontrava um fato que não pudesse aprimorar e a que acrescentar alguma coisa, o que era sabido por todos os outros. Ninguém ousou questionar se Joey, um garoto de treze anos com suas limitações, teria usado uma palavra como “cadáver”.

— O que ele disse?

— Joey disse “Bom-dia”, e o sujeito respondeu “Bom-dia”, e Joey entregou o jornal, mas teve cuidado de manter distância.

— Garoto esperto.

— E então montou em sua bicicleta e tratou de ir embora depressa. Não se pode contrair este negócio só pelo ar, não é?

Ninguém aventurou um palpite.

Às oito e meia da manhã, Dell tinha ouvido a notícia do encontro, e já havia especulações sobre a saúde de Joey. Às oito e quarenta e cinco, Myra e os funcionários do tribunal tagarelavam animadamente sobre a aparição fantasmagórica que havia assustado o entregador de jornais diante da casa do velho Keane.

Uma hora mais tarde, um carro de polícia fez o percurso até a rua Harrison, os dois policiais se esforçando loucamente para avistar o fantasma. Ao meio-dia, Clanton inteira sabia que havia um homem morrendo de Aids agora na cidade.



O acordo foi acertado sem que houvesse grandes negociações. Perder tempo em discussões seria inútil nas circunstâncias. De toda forma, as partes não estavam em pé de igualdade e, assim, não foi surpresa que a mulher branca tivesse conseguido o que queria.

A mulher branca era Leona Keane, tia Leona, para alguns, Leona, o Leão, para o resto, a velhíssima matriarca de uma família que havia muito estava em declínio.

A mulher negra era a Srta. Emporia, uma das duas únicas negras solteironas em Lowtown. Emporia também já estava idosa, com cerca de setenta e cinco anos, acreditava ela, embora nunca tivesse existido registro de seu nascimento. A família Keane era dona da casa que Emporia alugava havia séculos, e foi devido ao privilégio de ser proprietária que o acordo foi acertado tão rapidamente.

Emporia cuidaria do sobrinho e, por ocasião da morte dele, receberia escritura de propriedade plena do imóvel. A casinha cor-de-rosa na rua Roosevelt se tornaria dela, livre e isenta de quaisquer ônus. A transferência de propriedade não significaria nada para a família Keane, uma vez que eles vinham se desfazendo dos bens de Isaac Keane durante anos. Mas, para Emporia, a transferência significava tudo. A ideia de ser dona de sua casa adorada era muito mais importante e tinha muito mais peso do que quaisquer reservas que tivesse sobre cuidar de um garoto branco moribundo.

Uma vez que tia Leona jamais conceberia a possibilidade de ser vista do outro lado dos trilhos, acertou para que seu jardineiro levasse o garoto de carro e o deixasse em seu destino final. Quando o velho Buick de tia Leona parou defronte da casa da Srta. Emporia, Adrian Keane olhou para a casinha cor-de-rosa com sua varanda branca, suas samambaias, canteiros de flores transbordando com amores-perfeitos e gerânios, o minúsculo jardim demarcado por uma cerca de estacas de madeira pintada de branco, e olhou para a propriedade vizinha, uma casinha pintada de amarelo claro, igualmente bem cuidada e bonita. Olhou mais adiante na rua e viu uma fileira de casas pequeninas e estreitas, de aparência alegre e acolhedora, todas adornadas com flores e cadeiras de balanço. Então, olhou novamente a casinha cor-de-rosa e decidiu que preferia morrer ali a morrer na mansão triste e desagradável que acabara de deixar, a menos de um quilômetro de distância.

O jardineiro, que ainda estava usando luvas de poda para evitar

qualquer chance de infecção, rapidamente descarregou as duas caras malas de couro que continham os pertences de Adrian e se apressou em ir embora sem sequer uma palavra de despedida nem um aperto de mão. Ele tinha ordens estritas da Sra. Leona para trazer o Buick direto de volta para casa e esfregar o interior do carro com desinfetante.

Adrian olhou para um lado e outro da rua, observou algumas pessoas sentadas nas varandas se escondendo do sol, então pegou suas malas e entrou no jardim, seguiu pela trilha demarcada com tijolos até a escada. A porta se abriu e a Srta. Emporia se apresentou, com um sorriso.

— Bem-vindo, Sr. Keane.

— Por favor, nada dessa história de “senhor”. Prazer em conhecê-la — Adrian respondeu. Naquele ponto das formalidades, por uma questão de gentileza, um aperto de mãos teria sido obrigatório, mas Adrian compreendia o problema. Rapidamente acrescentou: — Olhe, não há nenhum perigo em dar um aperto de mão, mas vamos esquecer isso.

Para Emporia, aquilo estava ótimo. Ela tinha sido avisada por Leona que a aparência dele era assustadora. Rapidamente observou as faces encovadas, os olhos fundos e a pele mais branca que já tinha visto, fingiu ignorar o corpo ossudo vestido com roupas que agora estavam grandes demais. Sem hesitar, ela acenou para uma mesinha na varanda e disse:

— Gostaria de tomar um chá doce?

— Seria ótimo, obrigado.

As palavras dele soaram ligeiras, o sotaque sulista tinha sido abandonado havia muitos anos. Emporia se perguntou o que mais o rapaz teria perdido no caminho. Eles se acomodaram ao redor da mesa de vime e ela serviu o chá açucarado. Havia um pratinho com bolachas de gengibre. Ela se serviu de uma, ele, não.

— Como está seu apetite? — perguntou ela. — Sumiu. Quando fui embora daqui, há muitos anos, emagreci muito. Parei de comer todas aquelas frituras e nunca me tornei realmente uma pessoa de comer muito. Agora, com isso, não tenho mais muito apetite.

— Então, não vou ter que cozinhar muito?

— Acho que não. Está de acordo com isso, com o acerto? O que quero dizer é: parece que minha família a obrigou a engolir tudo isso à força, que é exatamente o que eles fazem. Se a senhora não estiver satisfeita, posso procurar outro lugar.

— Eu estou satisfeita com o acordo, Sr. Keane. — Por favor, me chame de Adrian. E como devo chamar a senhora?

— Emporia. Basta chamar pelo nome. — Combinado. — Onde você encontraria outro lugar? — perguntou ela. — Não sei. Agora é

tudo tão temporário. — Sua voz soava rouca, as palavras, lentas, como se falar exigisse um grande esforço. Ele vestia uma camisa azul de algodão, jeans e sandálias.

Emporia outrora havia trabalhado em um hospital e já tinha visto muitos pacientes de câncer em seus últimos dias. Seu novo amigo a fazia lembrar-se daqueles pobres coitados. Por mais doente que estivesse, contudo, não havia dúvida de que um dia ele havia sido um belíssimo rapaz.

— E você está satisfeito com a situação? — perguntou ela.

— Por que não estaria?

— Um cavalheiro branco, de família proeminente, morar aqui em Lowtown com uma velha solteirona negra.

— Quem sabe não vai ser divertido — disse ele e conseguiu dar seu primeiro sorriso. — Tenho certeza de que vamos nos dar bem.

Ele mexeu o chá. O sorriso desapareceu, o momento de amenidades passou. Emporia mexeu seu chá e pensou: pobre homem.

Ele tem poucos motivos para sorrir.

— Fui embora de Clanton por vários motivos — ele falou. — É um lugar ruim para pessoas como eu, homossexuais. E não é nada de maravilhoso para pessoas como você. Detesto a maneira como fui criado. Tenho vergonha da maneira como minha família tratava os negros. Eu odiava a intolerância desta cidade. Mal podia esperar para sair daqui. Além disso, queria a cidade grande.

— San Francisco?

— Primeiro, fui para Nova York, morei lá alguns anos, então consegui um emprego na Costa Oeste. Afinal, me mudei para San Francisco. Então, fiquei doente.

— Por que você voltou, se tem sentimentos desagradáveis com relação à cidade?

Adrian exalou como se a resposta pudesse demorar uma hora, ou como se, na verdade, ele não soubesse a resposta. Limpou o suor da testa, suor causado não pela umidade, mas pela doença. Tomou um golinho de seu copo. E, por fim, disse:

— Não tenho certeza. Vi muita gente morrendo ultimamente, fui a mais enterros do que deveria. Não conseguia suportar a ideia de ser enterrado em um mausoléu frio numa cidade distante. Talvez seja apenas aquela coisa de sulista. Todos nós acabamos voltando para casa.

— Isso é sensato.

— E, para ser honesto, meu dinheiro acabou. Os remédios são muito caros. Eu precisava de minha família, ou, pelo menos, de seus recursos financeiros. Há outros motivos. É complicado. Não queria ser um fardo para meus amigos, ser mais uma morte angustiante.

— E você planejava ficar lá, não aqui, em Lowtown?

— Creia-me, Emporia, eu realmente prefiro estar aqui. Eles não me queriam lá em Clanton. Durante anos, me pagaram para ficar longe. Eles me deserdaram, tiraram meu nome de seus testamentos, se recusavam a dizer meu nome. De modo que decidi que ia transtornar a vida deles uma última vez. Fazer com que sofressem um pouquinho. Fazer com que gastassem algum dinheiro.

Um carro de polícia passou devagar pela rua. Nenhum dos dois o mencionou. Adrian tomou mais um gole de chá e disse: — Você precisa de algumas informações, alguns dos fatos básicos. Tenho Aids há cerca de três anos e não vou viver muito mais tempo. Basicamente é seguro estar perto de mim. A única maneira de contrair a doença é com troca de fluidos corporais, de modo que vamos combinar agora que não teremos relações sexuais.

Emporia explodiu em gostosas gargalhadas, e logo Adrian se juntou a ela. Eles riram até ficar com lágrimas nos olhos, até a varanda sacudir, até estar rindo de estar rindo tanto. Alguns vizinhos apareceram e olharam para eles de longe. Quando afinal as coisas estavam sob controle, ela disse: — Eu não faço sexo há tanto tempo, que esqueci que existe.

— Bem, Srta. Emporia, posso lhe garantir que fiz o bastante por mim, pela senhora e pela metade de Clanton. Mas, para mim, esses tempos se acabaram.

— Para mim, também.

— Ótimo. Trate de manter as mãos longe de mim e eu farei o mesmo. Tirando isso, seria recomendável tomarmos algumas precauções.

— A enfermeira esteve aqui ontem e explicou as coisas.

— Ótimo. Roupa suja, pratos, comida, remédios, regras para usar o banheiro. Tudo isso?

— Sim.

Ele enrolou a manga da camisa esquerda e apontou para um hematoma escuro.

— Estas coisas às vezes abrem, e, quando isso acontece, ponho uma bandagem. Avisarei quando acontecer.

— Pensei que não fôssemos nos tocar.

— Certo, mas é para o caso de você não conseguir se controlar.

— Ela riu de novo, mas só um pouquinho. — Falando sério, Emporia, não sou um perigo.

— Compreendo.

— Tenho certeza de que sim, mas não quero que você viva com medo de mim. Acabei de passar quatro dias com o que resta da minha família e eles me trataram como se eu estivesse radioativo. Todas as pessoas aqui em volta vão fazer a mesma coisa. Estou

grato por você ter concordado em cuidar de mim e não quero que se preocupe. Não vai ser agradável daqui por diante. Eu já pareço estar morto e as coisas vão ficar piores.

— Você já viu acontecer antes, não é?

— Ah, sim. Muitas vezes. Já perdi uma dúzia de amigos nos últimos cinco anos. É horrível.

Ela tinha tantas perguntas que gostaria de fazer sobre a doença e seu estilo de vida, sobre os amigos dele e assim por diante, mas as deixou para mais tarde. Subitamente ele parecia cansado.

— Deixe-me mostrar-lhe a casa — disse.

O carro de polícia passou de novo pela rua, bem devagar.

Adrian observou e perguntou: — A polícia passa sempre tantas vezes por esta rua?

Quase nunca, ela teve vontade de dizer. Havia outras áreas de Lowtown em que as casas não eram tão bonitas e nem cuidadas, em que os vizinhos não mereciam confiança.

Havia bares com música, um salão de mesas de bilhar, uma loja de bebidas, grupos de jovens desempregados reunidos nas esquinas, e, nessas áreas, se via um carro de polícia várias vezes por dia.

— Ah, eles passam de vez em quando — ela respondeu.

Eles entraram, foram para a sala. — É uma casa pequenina — ela falou, quase na defensiva. Ele, afinal, havia sido criado numa bela mansão numa rua arborizada. Agora, estava num chalé construído por seu pai e de propriedade de sua família.

— É duas vezes o tamanho do apartamento em que eu morava em Nova York — disse.

— Não me diga.

— Estou falando sério, Emporia. A casa é linda. Vou ser feliz aqui.

Os assoalhos de madeira brilhavam bem encerados. A mobília estava perfeitamente centralizada ao longo das paredes. As janelas, limpas e reluzentes. Nada estava fora do lugar e tudo tinha o aspecto de bem cuidado. Havia dois pequenos quartos atrás da sala e da cozinha. O de Adrian tinha uma cama de casal com estrado de ferro que cobria metade do piso. Havia um minúsculo armário, uma penteadeira pequena demais até para uma criança e um aparelho de ar-condicionado compacto na janela.

— É perfeito, Emporia. Há quanto tempo você mora aqui?

— Hmm, talvez vinte e cinco anos.

— Fico muito contente de que vá ser sua, e brevemente.

— Eu também, mas não vamos ter pressa. Você está cansado?

— Estou.

— Gostaria de deitar um pouco? A enfermeira disse que você precisava dormir bastante.

— Tirar uma soneca seria bom.

Ela fechou a porta, e o quarto ficou em silêncio. Enquanto ele estava dormindo, um vizinho do outro lado da rua veio até a casa e se sentou com Emporia na varanda. O nome dele era Herman Grant e tinha tendência de ser curioso.

— O que aquele garoto branco está fazendo aqui?

Emporia já estava com a resposta preparada, uma que havia planejado alguns dias antes. As perguntas e os confrontos viriam e, ela esperava, iriam embora.

— O nome dele é Adrian Keane, é o filho caçula do Sr. Isaac Keane e está muito doente. Eu aceitei cuidar dele.

— Se ele está doente, por que não está no hospital?

— Não é esse tipo de doença. Não há nada que eles possam fazer no hospital. Ele tem que descansar e tomar uma porção de remédios todos os dias.

— Ele está morrendo?

— É provável que sim, Herman. Ele só vai piorar e depois vai morrer. É muito triste.

— Ele está com câncer?

— Não, não é câncer.

— O que é?

— É uma doença diferente, Herman. Uma doença que eles têm lá na Califórnia.

— Isso não faz sentido.

— Muitas coisas não fazem.

— Não compreendo por que ele está morando com você, aqui do nosso lado da cidade.

— Como eu disse, Herman, vou cuidar dele.

— Você está fazendo isso porque eles são donos da casa?

— Não.

— Você está sendo paga?

— Cuide da sua vida, Herman.

Herman se foi e seguiu rua abaixo. Não demorou muito e a notícia se espalhou.



O chefe passou na cafeteria para comer umas panquecas e logo Dell o levou para um canto.

— Só não compreendo por que o senhor não pode botar o rapaz de quarentena — disse ela em voz alta para que todos ouvissem, e

todos estavam escutando.

— É preciso ter uma ordem judicial para isso, Dell — respondeu ele.

O chefe era um homem paciente que tinha enfrentado muitas crises ao longo dos anos.

— Todos nós temos liberdade de ir e vir. Está escrito em algum lugar na Constituição.

— E se ele infectar alguém? O que vai dizer?

— Checamos com o departamento de saúde do estado. A Aids matou setenta e três pessoas no ano passado no Mississippi, de modo que eles já viram a doença antes. A Aids não é como o resfriado. A única maneira de se contrair é através de troca de fluidos corporais.

Silêncio, enquanto Dell e os outros clientes pensavam febrilmente sobre todos os diferentes fluidos que o corpo humano pode produzir. Durante a pausa, o chefe comeu uma boa garfada de panquecas e, depois que engoliu, disse:

— Olhe, não há necessidade de ficarem agitados. Estamos acompanhando as coisas de perto e atentamente. Ele não está incomodando ninguém. Basicamente tudo o que faz é se sentar na varanda, ele e Emporia.

— Ouvi dizer que as pessoas por lá já estão nervosas. — É o que dizem.

Na barbearia, um cliente regular disse: — Ouvi dizer que os pretos não estão muito satisfeitos lá naquelas bandas. Todo mundo já sabe que o garoto estranho está se escondendo numa das velhas casa alugadas de seu falecido pai. As pessoas estão revoltadas.

— Não se pode culpá-las. E se ele se mudasse para a casa ao lado da sua?

— Eu pegaria a minha espingarda e o manteria do outro lado da cerca, com certeza.

— Ele não está fazendo mal a ninguém. Por que toda essa confusão?

— Eu li um artigo ontem à noite. Eles estavam prevendo que a Aids se tornará a doença mais mortal da história do mundo. Matará milhões, principalmente na África, onde evidentemente todo mundo transa com todo mundo.

— Pensei que isso fosse em Hollywood.

— Lá também. A Califórnia tem mais casos de Aids do que qualquer outro estado.

— Não foi lá que o garoto Keane pegou a doença?

— É o que dizem.

— É difícil acreditar que tenhamos Aids aqui em Clanton em 1989.

No escritório do escrivão de registros públicos, enquanto todos comiam rosquinhas doces, uma senhora chamada Beth era o centro das atenções, porque seu marido era um policial da cidade e, na véspera, fora mandado para checar como iam as coisas em Lowtown. Ele passara de carro diante da casinha cor-de-rosa de Emporia Nester e não dera outra. Como diziam os rumores, sentado na varanda, estava um jovem branco pálido e emaciado. Nem o policial nem sua esposa jamais tinham conhecido Adrian Keane, mas, uma vez que metade da cidade estivera correndo para encontrar os velhos anuários do Colégio de Clanton, havia fotografias da turma de formandos em circulação. Uma vez que os policiais tinham sido treinados para identificar suspeitos rapidamente, ele tinha certeza quase que absoluta de que vira Adrian Keane.

— Por que a polícia o está vigiando? — perguntara Myra, um tanto irritada.

— Bem, meu marido esteve lá porque foi o que mandaram que ele fizesse — respondeu Beth, com certa aspereza.

— Não é crime ter uma doença, é? — rebateu Myra.

— Não, mas a polícia tem o dever de proteger o público, não tem?

— Então, quer dizer que, vigiando Adrian Keane e se assegurando de que ele fique na varanda, nós estaremos seguros, é isso o que está dizendo?

— Eu não disse isso, não ponha palavras na minha boca. Eu sei falar por mim mesma.

E assim por diante.



Ele dormia até tarde e ficava na cama por muito tempo, olhando fixamente para o teto revestido de tábuas pintadas de branco e se perguntando quantos dias ainda lhe restariam. Ao mesmo tempo, perguntava-se por que estava onde estava, mas sabia a resposta. Tinha visto tantos de seus amigos definharem. Meses antes, tomara a decisão de que os amigos ainda vivos não teriam o fardo difícil de ter que vê-lo definhando. Era mais fácil dizer adeus com um beijo rápido e um abraço forte, enquanto ainda podia.

Sua primeira noite na casinha cor-de-rosa fora a sucessão habitual de calafrios e suores, lembranças e pesadelos, breves cochiladas e longos períodos de olhar fixamente para a escuridão.

Estava cansado quando acordou e sabia que a fadiga nunca o deixaria. Finalmente tinha se levantado, se vestido e encarado os químicos. Havia mais de uma dúzia de frascos de comprimidos, todos arrumados numa fileira bem-arrumada, todos na ordem que os médicos haviam determinado. A primeira batelada incluía oito remédios e ele os engoliu com um copo de água. Teria que voltar várias vezes durante o dia para mais combinações e, enquanto apertava a rosca do frasco, pensou em como aquilo era fútil. As pílulas não eram avançadas o suficiente para salvar sua vida — a cura ainda estava muito distante —, mas destinadas unicamente a prolongá-la. Talvez. Por que se dar ao trabalho? O custo era de mil dólares por mês, um dinheiro que sua família pagava de má vontade. Dois amigos haviam cometido suicídio, e esse era um pensamento que nunca estava muito distante de sua mente.

A casa já estava quente, e ele se lembrava dos dias úmidos de sua infância, dos verões pegajosos dos quais não sentira saudades em sua outra vida.

OuvIU Emporia na cozinha e foi lá dizer alô. Ele não comia carne nem laticínios, de modo que concordaram em um prato de tomates fatiados colhidos na horta. Era uma refeição estranha para o café da manhã, mas tia Leona dissera para dar-lhe de comer o que ele quisesse. — Ele esteve fora muito tempo — ela dissera.

Depois, prepararam café instantâneo de chicória com açúcar e saíram para a varanda. Emporia queria saber de tudo sobre Nova York, uma cidade a respeito da qual tinha apenas lido e visto na televisão. Adrian a descreveu e falou sobre os anos que passara lá, a faculdade, o primeiro emprego, as ruas movimentadas, as infinitas lojas e estabelecimentos comerciais, os bairros étnicos, as massas de gente e a louca vida noturna. Uma senhora quase da mesma idade que Emporia deu uma parada diante da casa e cumprimentou:

— Olá, Emporia.

— Bom-dia, Doris. Venha se sentar conosco.

Doris não hesitou. As apresentações foram feitas, sem apertos de mãos. Doris era a esposa de Herman Grant, o vizinho do outro lado da rua, e uma amiga muito íntima de Emporia. Se Doris estava nervosa pela proximidade de Adrian, não demonstrou. Em poucos minutos, as duas estavam conversando a respeito do novo ministro, um homem de quem não tinham certeza se gostavam, e daí passaram para as bisbilhotices da igreja. Por algum tempo, se esqueceram da presença de Adrian, que se contentou em ouvir, achando graça. Quando acabaram com os assuntos da igreja, começaram a falar das respectivas famílias. Emporia, é claro, não tinha filhos, mas Doris tinha filhos suficientes pelas duas. Oito, a maioria dos quais espalhados pelo norte, com trinta e alguns netos e

mais bisnetos ainda pequenos. Toda a sorte de aventuras e conflitos foram debatidos.

Depois de ouvir por uma hora, Adrian aproveitou uma pausa para dizer.

— Escute, Emporia, preciso ir à biblioteca pegar uns livros. Provavelmente é longe demais para ir a pé.

Emporia e Doris olharam para ele com estranhamento, mas ficaram caladas. Mesmo um olhar casual para Adrian revelava um homem fragilizado demais para chegar até o final da rua. Naquele calor, o pobre garoto cairia desmaiado pertinho da casa cor-de-rosa.

Clanton só tinha uma biblioteca, perto da praça, e nunca sequer considerara abrir uma seção em Lowtown.

— Como você faz para ir aos lugares? — perguntou ele.

Era óbvio que Emporia não tinha carro.

— Eu telefono para o Preto e Branco.

— O quê?

— O Táxi Preto e Branco — respondeu Doris. — Usamos o tempo todo.

— Você não conhece o Preto e Branco? — perguntou Emporia.

— Estive fora da cidade por quatorze anos.

— Sim, é verdade. É uma longa história — disse Emporia, ajeitando o peso do corpo e se acomodando para a narrativa.

— Sim, é mesmo — acrescentou Doris. — São dois irmãos, ambos se chamam Hershel. Um preto e um branco, mais ou menos da mesma idade. Eu diria uns quarenta anos, não acha, Doris?

— Uns quarenta me parece certo.

— O mesmo pai, mas mães diferentes. Uma daqui. Uma de lá. O pai fugiu há muito tempo, e os Hershels sabiam da verdade, mas não conseguiam aceitá-la. Por fim, acabaram por se reunir e aceitar o que a cidade inteira já sabia. Eles são mesmo meio parecidos, você não acha, Doris?

— O branco é mais alto, mas o preto tem até olhos verdes.

— De modo que eles abriram uma companhia de táxi.

Compraram dois Fords com um milhão de quilômetros. Pintaram de preto e branco, e este é o nome da companhia. Eles apanham pessoas aqui e levam até lá para limpar, arrumar casas e fazer compras, e às vezes pegam pessoas lá e trazem para cá.

— Para quê? — perguntou Adrian.

Emporia olhou para Doris, que a encarou e então desviou os olhos. Adrian farejou algum maravilhoso segredinho escuso de cidade pequena e de jeito nenhum ia deixar passar.

— Digam-me, senhoras. Para que os táxis trazem brancos para o lado de cá dos trilhos?

— De vez em quando, eles organizam uns jogos de pôquer —

admitiu Emporia. — Pelo que ouvi dizer.

— Com mulheres disponíveis — acrescentou Doris, baixinho.

— E com uísque ilegal.

— Compreendo — disse Adrian. Agora que a verdade havia sido revelada, os três observaram uma jovem mãe andar pela rua com um saco de papel pardo de compras.

— Então, quer dizer que preciso apenas ligar para um dos Hershel e pegar um táxi para a biblioteca? — perguntou Adrian.

— Eu posso ligar para você. Eles me conhecem bem.

— Eles são bons rapazes — acrescentou Doris.

Emporia saiu da varanda e entrou. Adrian sorriu para consigo mesmo e tentou acreditar na história de dois irmãos chamados Hershel.

— Ela é uma doce mulher — falou Doris, se abanando.

— É mesmo, com certeza — respondeu ele.

— Só que nunca encontrou o homem certo.

— Há quanto tempo a conhece?

— Não muito. Trinta anos talvez.

— Trinta anos não é muito tempo?

Uma risadinha. — Talvez para você, mas algumas pessoas por aqui são gente com quem eu cresci e fui criada, e faz muito tempo que cresci e fui criada. Que idade você acha que eu tenho?

— Quarenta e cinco.

— Deixe de ser mentiroso. Vou fazer oitenta em três meses.

— Há quanto tempo está casada?

— Eu me casei quando tinha quinze anos. Faz muito tempo.

— E teve oito filhos.

— Tenho oito. Herman tem onze.

— Herman tem mais filhos que você?

— Ele tem três filhos por fora.

Adrian decidiu não explorar o conceito de *filhos por fora*. Talvez ele tivesse compreendido isso quando morava em Clanton, talvez não. Emporia voltou com uma bandeja de copos e uma jarra de água gelada. Para tranquilizá-la e facilitar as coisas, Adrian havia insistido, delicadamente, que ele usasse sempre o mesmo copo, prato, tigela, xícara, faca, garfo e colher a cada vez que precisasse. Ela serviu a água gelada com limão no copo que ele escolhera, uma estranha lembrança da feira rural de 1977.

— Falei com o Hershel branco. Ele estará aqui em um minuto — disse Emporia.

Eles bebericaram a água gelada, se abanaram, falaram do calor.

Doris disse:

— Ele acha que eu tenho quarenta e cinco anos, Emporia. O que você me diz disso? — indagou Doris.

— Os brancos não sabem ver idade.

O táxi chegou. Evidentemente o movimento andava fraco para uma terça-feira de manhã porque, de fato, o carro chegou menos de cinco minutos depois de Emporia ter ligado. Era um velho Ford Fairlane preto com portas brancas e capota branca, limpo, com rodas reluzentes e números de telefone pintados nos para-lamas.

— Você vai mesmo ficar bem? — perguntou Emporia, com grande preocupação.

— Claro. Vou ficar ótimo. Prazer em conhecê-la, Sra. Doris — disse ele, quase como um verdadeiro sulista.

— Até a vista — disse Doris, com um grande sorriso.

Adrian saiu da varanda, desceu a escada e estava a meio caminho da rua quando o Hershel branco saltou correndo do carro e gritou:

— Ah, não! De jeito nenhum você vai entrar no meu táxi! — Ele andou até a frente do carro e apontou furioso para Adrian. — Já ouvi falar de você!

Adrian se imobilizou, atordoado, sem conseguir responder.

Hershel continuou.

— Você não vai arruinar meu negócio!

Emporia correu até a escada. — Não tem problema, Hershel. Eu lhe dou a minha palavra — ela disse.

— Não basta, Srta. Nester. O problema aqui não é a senhora. Ele não vai entrar no meu táxi. A senhora devia ter me dito que era para ele.

— Ora, deixe disso, Hershel.

— Todo mundo na cidade sabe a respeito dele. De jeito nenhum. Mas de jeito nenhum mesmo! — Hershel saiu pisando duro até a porta aberta do motorista, entrou, bateu a porta e saiu, acelerando. Adrian observou enquanto o carro desaparecia mais abaixo na rua, então virou-se e subiu as escadas, passou pelas mulheres e entrou em casa. Estava cansado e precisava de uma soneca.



Os livros chegaram no fim da tarde. Doris tinha uma sobrinha que lecionava na escola primária e ela concordara em retirar o que Adrian quisesse. Ele finalmente decidira enfrentar o mundo ficcional de William Faulkner, um autor que fora obrigado a ler no colégio. Na época, Adrian acreditava, como todos os estudantes no Mississippi, que existia uma lei estadual que exigia que os

professores de inglês incluíssem Faulkner. Com dificuldade e esforço, tinha lido *Uma fábula*, *Réquiem para uma negra*, *Os invencíveis* e outros que tentara esquecer. Finalmente desistira e se rendera, numa derrota desconcertante na metade da leitura de *O som e a fúria*. Agora, em seus últimos dias, estava determinado a compreender Faulkner.

Depois do jantar, ou “ceia”, como era chamada, ele se sentou na varanda enquanto Emporia lavava a louça e começou pelo princípio, com *Paga de soldado*, publicado em 1926, quando Faulkner tinha apenas vinte e nove anos. Adrian leu algumas páginas e parou para um descanso. Ouviu os sons ao redor: as risadas suaves que vinham de outras varandas, os gritinhos de crianças brincando ao longe, uma televisão três portas adiante, a voz estridente e alta de uma mulher brigando com o marido.

Observou o trânsito lânguido das pessoas que passavam a pé pela Roosevelt e teve plena consciência dos olhares curiosos que lhe eram lançados sempre que alguém passava pela casa cor-de-rosa. Ele sempre sorria e cumprimentava de cabeça quando havia contato visual e ouvia alguns “alôs” relutantes em resposta.

Ao cair da noite, Emporia veio para a varanda e se acomodou em sua cadeira de balanço preferida. Nada foi dito por algum tempo. Nada precisava ser dito porque, àquela altura, eles haviam se tornado velhos amigos. Por fim, Emporia disse:

— Eu me sinto muito mal e aborrecida por causa de Hershel e seu táxi.

— Não se preocupe com isso. Eu compreendo.

— Ele é apenas um ignorante.

— Já vi coisa muito pior, Emporia, e você também.

— É possível. Mas não faz com que seja correto.

— Não, não faz.

— Posso lhe oferecer um chá gelado?

— Não. Eu gostaria de algo mais forte.

Ela pensou a respeito por um segundo e não respondeu.

— Olhe, Emporia, eu sei que você não bebe, mas eu bebo. Não sou nenhum grande bebedor, mas realmente gostaria de um drinque.

— Nunca tive álcool em minha casa.

— Então, vou beber na varanda. Bem aqui.

— Sou uma mulher cristã, Adrian.

— Conheço muitos cristãos que bebem. Dê uma olhada na *Primeira Epístola a Timóteo*, capítulo 5, versículo 23, onde São Paulo diz a Timóteo para tomar um pouco de vinho para acalmar o estômago.

— Você tem problemas no estômago?

— Tenho problemas por toda parte. Preciso de um pouco de vinho para fazer com que me sinta melhor.

— Não tenho muita certeza disso.

— Também faria com que você se sentisse melhor.

— Meu estômago está bom.

— Ótimo. Você bebe o chá e eu bebo o vinho.

— Onde você vai encontrar vinho? As lojas de bebidas estão fechadas.

— Elas fecham às dez. É lei estadual. Aposto que há uma não muito longe daqui.

— Olhe aqui, não posso lhe dizer o que fazer ou não fazer, mas seria um grande erro você ir à loja de bebidas a esta hora do dia. Você poderia não conseguir voltar.

Ela não podia imaginar um homem branco, especialmente um no estado dele, andando quatro quarteirões até a loja de uísque de Willie Ray, onde os jovens brigões ficavam reunidos à toa no estacionamento, comprando sua bebida e depois voltando para a casa dela.

— É uma péssima ideia.

Alguns minutos se passaram sem que uma palavra fosse dita. Um homem se aproximou a pé no meio da rua.

— Quem é aquele sujeito? — perguntou Adrian.

— Carver Sneed.

— Bom sujeito?

— Ele é direito.

Adrian, de repente, chamou-o em voz alta.

— Sr. Sneed?

Carver estava no final da casa dos vinte e, no momento, morava com os pais no final da rua Roosevelt. Ele não estava indo a lugar nenhum; na verdade, caminhava com o único propósito de dar uma espiada no “fantasma” que estava morrendo na varanda de Emporia Nester. Não havia planejado ficar cara a cara com o homem. Ele se virou para a cerca de estacas e disse:

— Boa-noite, Srta. Emporia.

— Este aqui é Adrian — disse Emporia, nada satisfeita com o encontro.

— Prazer em conhecê-lo, Carver — cumprimentou Adrian.

— Prazer.

Não havia sentido em perder tempo, pensou Adrian.

— Será que você me faria o favor de dar uma corrida até a loja de bebidas? — perguntou. — Eu gostaria de tomar um drinque e a Srta. Emporia não tem bebida alcoólica.

— Não vai encontrar uísque em minha casa — disse ela. — Nunca entrou.

— Eu lhe compro uma embalagem de seis latas de cerveja pelo trabalho — acrescentou Adrian.

Carver aproximou-se da escada e olhou para Adrian, então olhou para Emporia, que estava sentada com os braços cruzados na frente do peito e os maxilares cerrados.

— Ele está falando sério? — perguntou Carver a Emporia.

— Ele até agora não mentiu — respondeu ela. — Não estou dizendo que não vá mentir.

— O que você quer da loja? — perguntou Carver a Adrian.

— Eu gostaria de um vinho, de preferência um chardonnay.

— Um o quê?

— Qualquer tipo de vinho branco serve.

— Willie Ray não costuma ter muito vinho. Não há muita procura por vinho.

Adrian ficou subitamente preocupado com qual seria a definição de vinho daquele lado da cidade. A variedade que se encontrava do outro lado era bem limitada. Ele quase podia ver a garrafa de suco de frutas “batizado” com tampa de rosca.

— Willie Ray tem algum vinho com garrafa de rolha?

Carver refletiu por um momento, então disse: — Para que serve a rolha?

— Como vocês abrem as garrafas de vinho na loja de Willie Ray?

— Torcendo a tampa de rosca.

— Compreendo. E mais ou menos quanto custa uma garrafa de vinho na loja de Willie Ray?

Carver deu de ombros. — Não costumo comprar. Prefiro cerveja.

— Chute. Quanto?

— Boone's Farm deve lhe custar mais ou menos quatro dólares a garrafa.

Adrian tirou algum dinheiro do bolso direito do macacão. — Vamos esquecer o vinho. Quero que você me compre uma garrafa da tequila mais cara que puder encontrar na loja, entendeu?

— Como quiser.

— Compre seis latas de cerveja para você e me traga o troco. — Adrian estendeu o dinheiro, mas Carver permaneceu imóvel. Ele olhou para o dinheiro, olhou para Adrian e então para Emporia em busca de ajuda.

— Não tem perigo — falou Adrian. — Não se pode pegar a doença por mexer em dinheiro.

Carver continuava sem conseguir se mover, não conseguia se obrigar a estender a mão e aceitar o dinheiro.

— Não precisa se preocupar, Carver. — Emporia pareceu

subitamente ansiosa em ajudar a realizar a transação. — Pode confiar em mim.

— Juro que você vai ficar bem — disse Adrian.

Carver começou a sacudir a cabeça e então recuou. — Sinto muito — balbuciou, quase que para consigo mesmo.

Adrian enfiou o dinheiro de volta no bolso enquanto observava Carver desaparecer na noite. Suas pernas estavam fracas e ele precisava se sentar, talvez dormir. Lentamente agachou-se e acabou se sentando no degrau de cima, onde apoiou a cabeça no corrimão e por um longo tempo não disse nada. Emporia se mexeu atrás dele e entrou na casa. Quando voltou para a varanda, perguntou: — “Tequila” se escreve com “q” ou com “c”? — Ela passou raspando por ele, desceu a escada e saiu para o caminho.

— Não, Emporia. Por favor. Não estou mais com vontade de beber.

— Acho que é com “q”, estou correta? — Ela já estava na rua, calçando um velho par de tênis brancos e afastando-se a passos impressionantes.

— É “q” — gritou Adrian.

— Eu sabia — veio a resposta, duas portas abaixo.



Com frequência, os rumores eram completamente falsos, pura invencionice criada por aqueles que apreciavam ver suas mentiras circularem pela cidade ou encontravam prazer em criar encrencas.

O último teve início no segundo andar do prédio do tribunal, no cartório do arquivo de documentos públicos, onde os advogados entravam e saíam a todas as horas do dia. Quando um grupo de advogados se reunia para fazer escrituras, não faltava bisbilhotice. Uma vez que, no momento, a família Keane estava recebendo mais do que sua devida parcela de atenção, era apenas natural que os advogados desempenhassem um papel ativo nas discussões. Ainda mais natural que um deles criasse problemas.

Embora logo surgissem variações, o boato inicial dizia: Adrian tinha mais dinheiro do que a maioria das pessoas imaginava porque seu avô havia criado alguns fundos complicados antes que ele sequer tivesse nascido e, quando completasse quarenta anos, herdaria uma quantia considerável.

Mas, uma vez que ele não veria seu quadragésimo aniversário, a herança poderia ser transferida por uma disposição de última

vontade e testamento para qualquer beneficiário que ele quisesse. E a melhor parte: um advogado, cujo nome era desconhecido, havia sido contratado por Adrian para fazer seu testamento, com instruções para que essa misteriosa futura herança fosse deixada para (a) Emporia Nester, ou (b) um novo grupo de defesa de direitos gay que estava lutando para ser formado em Tupelo, ou (c) um namorado em San Francisco, ou (d) um fundo para bolsas de estudos só para estudantes negros. Que cada um escolhesse a opção que mais lhe agradasse.

Devido à sua complexidade, o boato teve pouca circulação e quase fracassou devido a seu próprio peso. Quando se bisbilhotava sobre, digamos, quem está de caso com a esposa de outra pessoa, a questão era bastante simples e facilmente compreendida, mas a maioria das pessoas não tinha experiência com fundos ou heranças que saltavam gerações e outras criações de advogados e, assim, os detalhes se tornaram bem mais confusos do que de hábito. Quando, afinal, Dell acabou com ele na cafeteria, o rapaz tinha direito a uma fortuna da qual Emporia receberia a maior parte, mas a família dele estava ameaçando entrar com um processo contestando.

Só na barbearia, uma voz iluminada pela razão se levantou para fazer a pergunta óbvia:

— Se ele tem dinheiro, por que está morrendo numa velha casinha em Lowtown?

A partir daí, seguiu-se uma acalorada discussão sobre quanto dinheiro ele realmente tinha. A opinião da maioria era de que tinha pouco, mas que estava contando com a herança dos fundos. Uma alma corajosa zombou, afirmando que era tudo um absurdo sem sentido e afirmando saber com certeza que o clã dos Keane era “tão pobre quanto Jó”.

— Vejam só a casa da família — falou. — Eles não têm dinheiro para pintar e são orgulhosos demais para mandar cair.



No final de junho, o calor alcançou novos píncaros, e Adrian passou a ficar sozinho, recolhido em seu quarto, perto do ar-refrigerado barulhento, que mal funcionava.

As febres começaram a ser mais frequentes, e ele simplesmente não conseguia sobreviver no ar sufocante da varanda. Em seu quarto, não vestia nada exceto roupa de baixo, que quase sempre ficava ensopada de suor. Lia Faulkner e escrevia dúzias de cartas

para os amigos de sua outra vida. E dormia, por breves períodos, ao longo do dia. Uma enfermeira vinha visitá-lo a cada três dias para um exame rápido e mais um suprimento de comprimidos, que agora ele jogava no vaso e puxava a descarga.

Emporia dava duro para tentar fazê-lo engordar, mas ele não tinha apetite. Uma vez que nunca cozinhou para uma família, ela tinha uma experiência limitada na cozinha. Sua pequena horta produzia tomates, abobrinhas, ervilhas, feijão-manteiga e melões-cantalupo, em quantidade suficiente para mantê-la alimentada ao longo do ano. De boa vontade, Adrian tentou apreciar as refeições generosas que ela preparava. Ela o convenceu a comer pão de milho — embora contivesse manteiga, leite e ovos. Emporia nunca conhecera alguém que se recusasse a comer carne, peixe, galinha e laticínios e mais de uma vez perguntou: — Todo mundo na Califórnia come assim?

— Não. Mas existem muitos vegetarianos.

— Mas você foi bem-educado, não foi criado assim.

— Não vamos falar sobre a maneira como fui educado, Emporia. Minha infância inteira foi um pesadelo.

Ela punha a mesa três vezes por dia, nas horas em que ele decidia, e eles se dedicavam a prolongar as refeições. Adrian sabia que era importante para ela certificar-se de que ele estivesse bem alimentado e comia tanto quanto conseguia. Tornou-se evidente, contudo, que, depois de duas semanas, ele ainda estava perdendo peso.

Foi durante o almoço que o pregador telefonou. Emporia, como sempre, atendeu ao telefone que ficava na parede da cozinha. Adrian certamente podia usar o telefone, mas raramente o fazia. Não havia ninguém com quem falar em Clanton. Ele não ligava para ninguém de sua família, e eles não lhe telefonavam. Havia amigos em San Francisco, mas estes, agora quase todos tinham sumido e ele não queria ouvir suas vozes.

— Boa-tarde, reverendo — disse ela e então deu as costas para Adrian, esticou o fio o máximo possível e se afastou. Conversaram rapidamente e ela desligou com uma despedida amável: — Vejo o senhor às três horas. — Então, foi se sentar e imediatamente deu uma mordida no pão de milho.

— Como vai o reverendo? — perguntou Adrian.

— Bem, eu acho.

— Ele vem visitar às três horas esta tarde?

— Não. Vou passar na igreja. Ele disse que quer falar comigo sobre alguma coisa.

— Tem alguma ideia do que seja?

— Você anda muito curioso ultimamente.

— Bem, Emporia, agora já moro em Lowtown há duas semanas e me dei conta de que a vida de todo mundo é assunto do interesse de todo mundo. É quase falta de educação não querer se intrometer um pouco. Além disso, os gays são mais abelhudos do que os heterossexuais. Você sabia disso?

— Nunca tinha ouvido falar nisso.

— É verdade. É fato comprovado. Assim, por que o reverendo não vem aqui e visita você? Isto não faz parte do trabalho dele, fazer visitas em casa, ver como anda seu rebanho, dar as boas-vindas a recém-chegados, como eu? Eu o vi há três dias na varanda do outro lado conversando com Doris e Herman. Ficava olhando para cá toda hora, com o maior entusiasmo. Você não gosta dele, não é?

— Eu gostava mais do outro.

— Eu também. E não vou à igreja com você, Emporia, de modo que, por favor, não me peça de novo.

— Só pedi duas vezes.

— Sim, e eu disse obrigado. É muito gentil de sua parte, mas não tenho interesse em ir à sua igreja nem a nenhuma outra. Não tenho certeza de que seria muito bem-vindo atualmente.

Ela não fez nenhum comentário.

— Tive um sonho na outra noite. Havia um serviço tipo *revival* na igreja, a igreja dos brancos, aqui em Clanton. Era uma daquelas cerimônias escandalosas com muita ameaça sobre o fogo do inferno e gente rolando no chão pelos corredores, desmaiando, e o coro cantando *Shall We Gather at the River* a plenos pulmões. O pregador no altar implorava e suplicava a todos os pecadores que se apresentassem e se entregassem. Você sabe do que estou falando.

— Vejo todo domingo.

— Eu entrei porta adentro, vestido de branco, parecendo pior do que estou agora, e comecei a andar pela nave na direção do pregador. Ele tinha uma expressão de terror no rosto, não conseguia dizer uma palavra. O coro parou de cantar no meio de um verso. Todo mundo se imobilizou enquanto eu continuava a andar pela nave, o que demorou muito tempo. Finalmente alguém gritou: “É ele! O sujeito que está com Aids!” E mais alguém berrou: “Corram!” De repente, tudo virou uma tremenda confusão. Houve a maior correria. Mães agarraram seus filhos. Eu continuei caminhando pela nave. Homens pularam pelas janelas. Eu continuei caminhando. Aquelas mulheres realmente grandes e gordas do coro, em suas túnicas douradas, caíam umas em cima das outras, tentando sair da igreja. Continuei caminhando na direção do pregador, até que finalmente, justo quando cheguei junto dele, estendi a mão. Ele não se moveu, não conseguia falar. A igreja estava vazia, não havia um

som. — Adrian tomou um gole de chá e enxugou a testa.

— Continue. O que aconteceu?

— Não sei, eu acordei e dei umas boas gargalhadas. Os sonhos podem parecer muito reais. Acho que alguns pecadores não podem ser redimidos.

— Não é isso o que a Bíblia diz.

— Obrigado, Emporia. E obrigado pelo almoço. Agora, preciso me deitar.



Às três da tarde, Emporia se encontrou com o reverendo Biler no escritório dele na igreja. Um encontro daqueles, num lugar daqueles, só podia querer dizer que havia encrenca e, depois das cortesias e amenidades iniciais, não demorou muito para que o reverendo fosse direto ao ponto, ou, pelo menos, a um deles.

— Ouvi dizer que você foi vista na loja de bebidas de Willie Ray.

Aquilo não foi nenhuma surpresa, e Emporia estava pronta. — Tenho setenta e cinco anos, sou pelo menos trinta anos mais velha que o senhor e, se decido ir comprar medicamentos para um amigo, vou lá e compro.

— Medicamento?

— É assim que ele chama, e eu disse à família dele que ele seria devidamente medicado.

— Chame como quiser, Emporia, mas os mais velhos estão incomodados com isso. Uma das senhoras mais idosas vista numa loja de bebidas. Que tipo de exemplo é para os jovens?

— É meu trabalho e não vai durar muito.

— Correm rumores de que você o convidou a vir aos cultos conosco.

Obrigada, Doris, pensou Emporia ainda em silêncio. Doris era a única pessoa a quem ela tinha contado que havia convidado Adrian a vir à igreja.

— Eu convido todo mundo a vir rezar conosco, reverendo. É isso o que o senhor quer. É isso o que a Bíblia diz.

— Bem, neste caso, é um pouco diferente.

— Não se preocupe. Ele não vem.

— O Senhor seja louvado. A paga do pecado é a morte, e este rapaz está pagando por seus pecados.

— Sim, está.

— E que segurança tem você, Emporia? Esta doença está se disseminando em nosso país, pelo mundo. É altamente contagiosa, e, para ser honesto com você, há graves preocupações em nossa comunidade quanto à sua segurança. Por que está correndo esse risco? Por que se expor dessa maneira? Não me parece coisa sua.

— A enfermeira me disse que estou segura. Eu o mantenho limpo, alimentado e medicado. E uso luvas de borracha quando lavo a roupa dele. O vírus contamina por relações sexuais e pelo sangue, e ambos estão sendo evitados. — Ela sorriu. Ele não.

Ele cruzou as mãos e as descansou sobre a mesa, numa pose muito piedosa. Mas a expressão do rosto estava dura quando disse: — Alguns dos nossos não se sentem à vontade perto de você.

Ela havia previsto tudo, menos isso, e, quando se deu conta do significado das palavras, ficou emudecida.

— Você toca no que ele toca. Você respira o mesmo ar, come da mesma comida, bebe a mesma água e o mesmo chá, e Deus sabe o que mais ultimamente. Você lava as roupas, os lençóis e usa luvas de borracha por causa do vírus. Isso não deveria lhe dizer como é grande o risco, Emporia? Depois você traz os germes para cá, para a casa do Senhor.

— Eu estou segura, reverendo. Sei que estou segura.

— Talvez sim, mas a percepção é tudo. Alguns de seus irmãos e irmãs aqui acham que você está louca em fazer isso e estão com medo.

— Alguém tem que cuidar dele.

— Isto é gente branca rica, Emporia.

— Ele não tem mais ninguém.

— Não vamos discutir. Minha preocupação é com a minha igreja.

— Também é minha igreja. Eu estava aqui muito antes de o senhor vir e agora está me dizendo para deixar de vir?

— Quero que você considere a possibilidade de tirar uma licença, deixar de vir até que ele morra.

Minutos se arrastaram sem que uma palavra fosse dita. Emporia, de olhos rasos d'água, mas cabeça alta, orgulhosa, olhava fixamente por uma janela e observava as folhas de uma árvore. Biler permaneceu imóvel, examinando as mãos. Quando finalmente ela se levantou, disse: — Então, vamos chamar de licença, reverendo. Vai começar agora e vai acabar quando eu decidir que acabou. E, enquanto eu estiver ausente, entrarei na loja de bebidas sempre que quiser, e o senhor e seus espiões podem fofocar à vontade.

Ele a seguiu até a porta.

— Não reaja com exagero, Emporia. Nós amamos você.

— Eu sinto o amor.

- E estaremos rezando por você e por ele.
- Tenho certeza de que ele vai ficar satisfeito ao saber.



O nome do advogado era Fred Mays e foi o único nas páginas amarelas que Adrian reconheceu. Falou rapidamente com ele por telefone e então lhe escreveu uma longa carta. Às quatro horas da tarde, numa sexta-feira, Mays e uma secretária estacionaram em frente à casinha cor-de-rosa. Mays tirou do carro sua maleta. Também tirou um caixote de vinho de uma das melhores lojas de bebidas do outro lado da cidade. Emporia atravessou a rua e foi visitar Doris, de modo que as questões legais pudessem ser tratadas com privacidade.

Ao contrário do que afirmavam os vários rumores que circulavam, Adrian não tinha quaisquer bens ou propriedades. Não havia nenhum fundo misterioso criado por parentes mortos muito tempo atrás. O testamento preparado por Mays precisou apenas de uma página e destinou o que restava das reservas cada vez menores do dinheiro de Adrian para Emporia. O segundo documento — e o mais importante — estipulava como seriam as providências para o funeral. Depois que tudo estava assinado e devidamente autenticado, Mays se demorou um pouco tomando uma taça de vinho e conversando um pouco sobre Clanton. A taça de vinho não durou muito. Mays e sua secretária pareciam ansiosos em encerrar a reunião. Eles se foram, com despedidas e acenos de cabeça, mas sem apertos de mãos, e, tão logo chegaram de volta ao escritório na praça, começaram a descrever o estado tenebroso do rapaz.

No domingo seguinte, Emporia se queixou de dor de cabeça e anunciou que não iria à igreja. Estava chovendo e o mau tempo lhe dava mais uma desculpa para ficar em casa. Eles comeram biscoitos na varanda e ficaram olhando a tempestade.

- Como está sua dor de cabeça? — perguntou Adrian.
- Está melhor. Obrigada.
- Certa vez, você me disse que não havia deixado de ir à igreja nem uma vez em mais de quarenta anos. Por que ficou em casa hoje?
- Não estou me sentindo muito bem, Adrian. É simples, só isso.
- Você e o pregador se desentenderam?
- Não.
- Tem certeza?

— Eu disse que não.

— Você tem andado meio estranha desde o dia em que foi se encontrar com ele. Acho que ele disse alguma coisa que ofendeu você e acho que foi alguma coisa que tem a ver comigo. Doris tem vindo aqui cada vez menos. Herman nunca vem. Isabelle não aparece há uma semana. O telefone não tem tocado como costumava. E agora você não foi à igreja. Se quiser saber o que eu acho, diria que Lowtown está lhe dando um gelo e é por minha causa.

Ela não negou nem discutiu. Como poderia? Ele estava dizendo a verdade, e qualquer objeção por parte dela pareceria falsa.

Os trovões fizeram as janelas estremecerem e o vento virou, trazendo a chuva para dentro da varanda. Eles entraram, Emporia foi para a cozinha, Adrian, para seu quarto, com a porta fechada. Ele tirou a roupa até ficar de cueca e se deitou na cama. Estava quase no fim de *Enquanto agonizo*, o quinto livro de Faulkner e um que Adrian tinha pensado seriamente em não ler por motivos óbvios. Mas acabou por achá-lo mais acessível que os outros e inesperadamente divertido. Acabou de lê-lo em uma hora e adormeceu.

No final da tarde, a chuva tinha parado; o ar estava límpido, fresco e agradável. Depois de um jantar leve de ervilhas com pão de milho, eles voltaram para a varanda, onde Adrian logo anunciou que seu estômago estava enfermo e que ele precisava beber um pouco de vinho, de acordo com as instruções de São Paulo a Timóteo, capítulo 5, versículo 23. Seu copo de vinho de escolha pessoal era uma caneca de café lascada com manchas permanentes de chicória. Ele havia tomado alguns golinhos, quando Emporia declarou:

— Meu estômago também está meio perturbado. Acho que vou experimentar um golinho.

Adrian sorriu e disse: — Maravilha. Eu vou buscar.

— Não. Fique sentado quieto aí. Eu sei onde está a garrafa.

Ela voltou com uma caneca semelhante e se acomodou em sua cadeira de balanço.

— Saúde — disse Adrian, satisfeito por ter companhia para beber. Emporia tomou um gole e estalou os lábios. — Nada mau — falou.

— É um chardonnay. Bom, mas não maravilhoso. O melhor que eles tinham na loja.

— Está bom — ela disse, ainda cautelosa. Depois da segunda caneca, ela começou a rir baixinho. Estava escuro e a rua, silenciosa. — Tem uma coisa que eu sempre quis perguntar a você — começou ela.

— Pergunte tudo que quiser.

— Quando você se deu conta de que era, sabe como é, diferente? Que idade tinha?

Uma pausa, um longo gole de vinho, uma história que ele já tinha contado antes, mas só para aqueles que compreendiam.

— As coisas foram bem normais até eu chegar mais ou menos aos doze anos. Clube de escoteiros, beisebol e futebol, sair para acampamentos e pescarias, aquelas coisas típicas de menino. Mas, à medida que a puberdade foi se aproximando, comecei a me dar conta de que não me interessava por meninas. Os outros garotos falavam sobre garotas e garotas, mas eu não gostava. Perdi o interesse por esporte e comecei a ler a respeito de arte, design e moda. À medida que fui ficando mais velho, os outros garotos se envolveram mais com garotas, mas eu não. Sabia que alguma coisa estava errada. Eu tinha um amigo, Matt Mason, um sujeito lindo de morrer que deixava as garotas loucas. Um dia, me dei conta de que também estava apaixonado por ele, mas, é claro, nunca disse a ninguém. Eu fantasiava a respeito dele. Aquilo me deixava louco; então, comecei a olhar para os outros garotos e a pensar a respeito deles. Quando tinha quinze anos, finalmente admiti para mim mesmo que era gay. Mas, àquela altura, os outros garotos estavam começando a falar de mim. Eu não podia esperar para sair daqui e viver da maneira que queria.

— Você tem algum arrependimento?

— Arrependimento? Não, não me arrependo de ser o que sou. Gostaria de não estar doente, mas todo mundo que tem uma doença terminal também gostaria.

Ela descansou a caneca na mesinha de vime e contemplou a escuridão. A luz da varanda estava apagada. Eles ficaram sentados nas sombras, balançando devagar.

— Posso lhe contar uma coisa particular? — perguntou ela.

— É claro. Irá comigo para o túmulo.

— Bem, de certo modo, eu era parecida com você, só que nunca gostei de garoto. Nunca pensei que fosse diferente e nunca achei que houvesse alguma coisa errada comigo. Mas nunca quis estar com homem nenhum.

— Você nunca teve namorado?

— Talvez, uma vez. Havia um rapaz que ficava rondando lá pela minha casa, e eu achava que precisava ter alguém, sabe. Minha família estava ficando preocupada porque eu estava com quase vinte anos e ainda era solteira. Fomos para a cama algumas vezes, mas eu não gostei. Na verdade, aquilo me deixou enojada. Eu não suportava ser tocada daquela maneira. Agora, você promete que não vai contar?

— Prometo. E para quem eu contaria?
— Confio em você.
— Seu segredo está seguro. Alguma vez contou a alguém?
— Céus, não. Não me atreveria.
— Alguma vez você teve intimidades com uma garota?
— Meu filho, naquela época, não se faziam essas coisas. Eles o mandavam para o asilo de loucos.

— E agora?

Ela sacudiu a cabeça e pensou no assunto. — De vez em quando, há bisbilhotices sobre um rapaz daqui que não se encaixa, mas isso é mantido em segredo. Você ouviu os boatos, sabe como é, mas ninguém se expõe e vive abertamente, sabe do que estou falando?

— Sei muito bem.

— Mas nunca ouvi falar de uma mulher por aqui que goste de outras mulheres. Desconfio de que elas mantenham isso escondido, se casem e nunca contem a ninguém. Ou que sejam como eu... Apenas se acomodem e digam que nunca encontraram o homem certo.

— Isso é triste.

— Eu não sou triste, Adrian. Tive uma vida feliz. Que tal só mais um pouquinho de vinho?

— Boa ideia. Ela saiu apressada para buscar, ansiosa para acabar com aquela conversa.



As febres voltaram e não foram mais embora. A pele dele vazava suor, então começou a tosse, uma tosse seca e penosa, que se apoderava dele como uma convulsão e o deixava fraco demais até para se mover. Emporia lavava e passava lençóis o dia inteiro e, à noite, não podia deixar de ouvir os sons dolorosos que vinham do quarto dele. Ela preparava refeições que ele não conseguia comer. Punha as luvas e o banhava em água fria, nenhum dos dois se incomodava com a nudez dele. Os braços e as pernas de Adrian agora pareciam cabos de vassoura, e ele não tinha mais forças para andar até a varanda. Não queria mais ser visto pelos vizinhos, de modo que ficava na cama, esperando. A enfermeira agora vinha todos os dias, mas não fazia nada senão tomar-lhe a temperatura, rearrumar os frascos de remédios e balançar a cabeça com expressão séria para Emporia.

Na última noite, Adrian conseguiu vestir um par de calças de

sarja e uma camisa de algodão branca. Guardou bem-arrumados os sapatos e roupas em suas duas malas de couro e, quando estava tudo em ordem, tomou o comprimido preto com um copo de vinho. Estendeu-se na cama, olhou ao redor do quarto, colocou um envelope sobre o peito, conseguiu dar um sorriso e fechou os olhos pela última vez.

Às dez horas da manhã seguinte, Emporia se deu conta de que não tinha ouvido nenhum som emitido por ele. Bateu de leve na porta do quarto e, quando entrou, lá estava Adrian, muito bem-vestido, ainda sorrindo, em eterno repouso.

A carta dizia:

Querida Emporia,

Por favor, destrua esta carta depois que a ler. Sinto muito por você me encontrar assim, mas este momento, afinal, era inevitável. A doença seguiu seu curso e minha hora tinha chegado. Eu apenas decidi apressar um pouco as coisas.

Fred Mays, o advogado, já cuidou dos últimos preparativos. Por favor, telefone para ele antes de qualquer outra pessoa. Ele ligará para o legista, que virá e me declarará legalmente morto. Uma vez que nenhuma das funerárias aceitou cuidar do meu corpo, uma ambulância do esquadrão de resgate me levará para um crematório em Tupelo. Lá, eles felizmente me incinerarão e colocarão minhas cinzas em uma urna feita para a ocasião. Uma urna comum, nada requintado. Fred então trará minhas cinzas para Clanton e as entregará ao Sr. Franklin Walker, da funerária daqui de Lowtown. O Sr. Walker concordou, com muita relutância, em me enterrar na seção negra do cemitério, o mais longe possível do jazigo da minha família.

Tudo isso será feito rapidamente e, espero, sem o conhecimento de minha família. Não quero aquelas pessoas envolvidas; não que elas venham a querer se envolver. Fred tem minhas instruções por escrito e planos para lidar com elas se for necessário.

Quando minhas cinzas forem enterradas, ficaria honrado se você quisesse dizer algumas palavras. Sinta-se à vontade para visitar meu cantinho de vez em quando e levar umas flores, mais uma vez nada de muito fino.

*Ainda há quatro garrafas de vinho na geladeira.
Por favor, beba-as em minha memória.*

*Muito obrigado por sua gentileza. Você tornou
meus últimos dias suportáveis e, às vezes, até
prazerosos. Você é um ser humano maravilhoso e
merece ser o que é.*

Com amor, Adrian

Emporia ficou sentada na beira da cama por muito tempo, enxugando os olhos e até dando palmadinhas no joelho dele. Então, se recompôs e foi até a cozinha, onde jogou a carta na lata do lixo e tirou o telefone do gancho.



FIM

Digitalização: Vera Lúcia Figueiredo
Correção: Doris Cunha